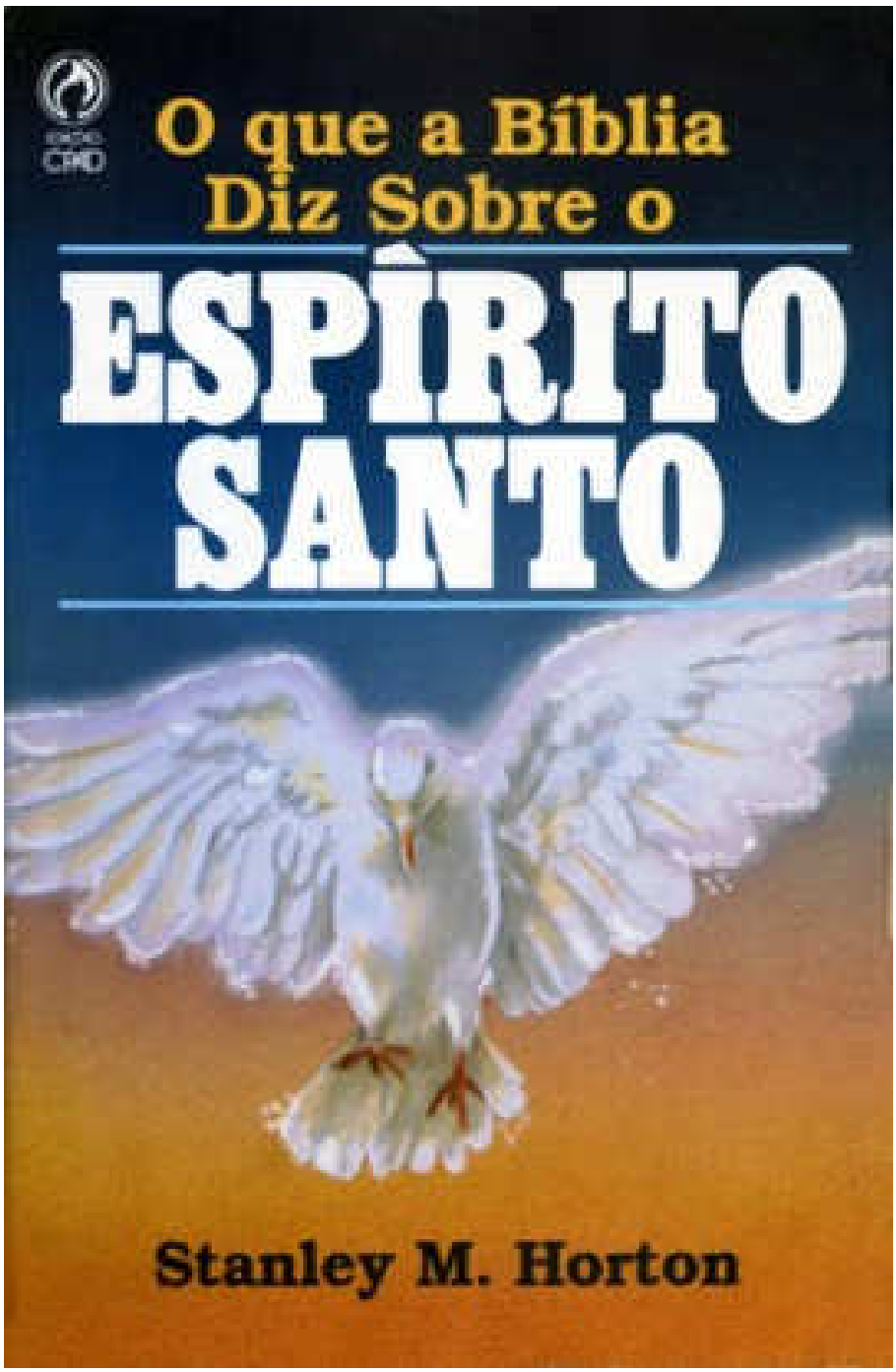

E-book digitalizado por: ***Levita Digital***
Com exclusividade para:

http://ebooksgospel.blogspot.com

http://www.ebooksgospel.com.br

Stanley M. Horton

O que a Bíblia Diz Sobre o ESPÍRITO SANTO

CPAD

Todos os Direitos Reservados. Copyright © 1993 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

Título do Original em Inglês:
What The Bible Says about The Holy Spirit
Gospel Publishing House, Springfield, Missouri, E.U.A.
Tradução: Gordon Chown

231.3
HORo Horton, Stanley M.
O que a Bíblia Diz sobre o Espírito Santo /Stanley M. Horton - Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1993. p. 320; cm. 14x21; v.l 1. Deus, o Espírito Santo. I. Título
CDD 231.3

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1993/1ª Edição
2ª Edição/1993
3ª Edição/1994
4ª Edição/1995

ÍNDICE

Prefácio

Introdução

1. O Espírito no Pentateuco

2. O Espírito na História de Israel

3. O Espírito nos Livros Proféticos

4. O Espírito na Vida e Ministério de Jesus

5. O Espírito nos Ensinamentos de Jesus

6. O Espírito em Atos dos Apóstolos

7. O Espírito no Dia-a-dia

8. O Espírito na Vida Cristã

9. O Espírito no Ministério da Igreja

10. O Espírito nas Demonstrações Sobrenaturais

Notas Bibliográficas

PREFÁCIO

No dia de Pentecoste, o apóstolo Pedro referiu-se aos fenômenos observados pelo povo. Disse: "E nos últimos dias, acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne" (Atos 2.17).

Qual estudioso da Bíblia poderá duvidar que estamos vivendo os últimos dias? Os indicadores bíblicos dos tempos do fim estão ao nosso redor. Para aqueles que não compreendem o plano profético de Deus, esses dias são de angústia. Para os filhos de Deus, no entanto, esses são dias de encorajamento e de esperança. A Bíblia nos dá a certeza de que poderemos esperar um grande derramamento do Espírito antes da volta de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

É compreensível que Satanás fará o possível para impedir a obra de Deus. Se não conseguir levar as pessoas a rejeitar o ensino das Escrituras, ele as incitará a ir além desse ensino. Dessa maneira, por meio do encorajamento à negligência ou ao fanatismo, ele espera impedir o plano de Deus.

Parte da resposta de Deus aos esforços de Satanás é a ênfase atualmente dada ao Espírito Santo por muitos autores. Sem desvalorizarmos os escritos que os estudiosos dedicados da Palavra têm fornecido, estamos especialmente gratos ao Dr. Stanley M. Horton por essa obra monumental. Ela preencherá admiravelmente uma grande lacuna existente na literatura pentecostal.

Santo. Conforme diz o autor: "O propósito desse livro é simplesmente passear pela Bíblia, livro por livro, e dar uma nova olhada naquilo que ela ensina sobre o Espírito Santo e a sua obra."

Nesta obra, você achará excelência exegética, firmeza doutrinária, e aplicação prática. Mais do que isso, porém, você achará o toque inspiracional que tornará muito deleitoso consultar esse livro, quer nas pesquisas, quer na leitura devocional.

Aqueles que conhecem o autor reconhecem que ele é um servo humilde e dedicado ao Senhor, que aprecia a Pessoa e a obra do Espírito Santo. Sua vida é uma manifestação do fruto do Espírito; seu ministério, uma manifestação do revestimento do Espírito.

Embora esse livro tenha sido escrito por um dos grandes estudiosos pentecostais dos nossos dias, as verdades grandiosas são tratadas de tal maneira que todos podem entender e tirar proveito da instrução contida nele. E depois de lê-lo, você terá a mesma impressão que tenho: a de que, na providência de Deus, esse livro veio à Igreja para um tempo como este.

Thos. F. Zimmerman
Superintendente Geral das Assembléias de Deus dos EUA

INTRODUÇÃO

"Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós" (At 15.28). Quão claramente isso indica a realidade do Espírito Santo e o relacionamento pessoal que com Ele desfrutavam os crentes do primeiro século!

O cenário foi o Concilio de Jerusalém, o primeiro da Igreja Primitiva. Então, surge a pergunta: Corno os judeus cristãos mantiveram comunhão com os que não eram circuncidados, que comiam alimentos impuros, e cuja origem era a cultura grega, altamente imoral naqueles dias? Apóstolos, presbíteros e os demais crentes reuniram-se para resolver a questão. Alguns judeus cristãos insistiam que os gentios convertidos deviam circuncidar-se e guardar a Lei de Moisés. Pedro lhes fez lembrar como Deus dera o Espírito Santo aos gentios na casa de Cornélio antes de terem a mínima oportunidade de realizar boas obras, e muito menos de cumprir a Lei! Paulo e Barnabé contaram a respeito dos milagres que Deus realizara através deles entre os gentios.

Tiago, irmão de Jesus, finalmente deu uma sábia palavra que agradou a toda igreja. Passaram, então, a escrever cartas sobre o que decidiram. Não disseram, no entanto: "Pareceu bem a Tiago, presbítero principal da igreja em Jerusalém"; nem disseram: "Pareceu bem a Pedro e aos apóstolos"; nem sequer: "Num consenso dos irmãos, indicado por um voto majoritário". Em toda a sua discussão (investigação, consideração, debate - Atos 15.7), estavam conscientes da presença de uma Pessoa divina entre eles, orientando-os, guiando-os para a verdade. Não se tratava, pois, de uma mera linguagem, quando disseram: "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós".

Essa consciência da realidade do Espírito Santo permeia a Bíblia inteira desde Gênesis a Apocalipse. Muitos escritores do Antigo Testamento se referem ao Espírito, e somente três dos livros do Novo Testamento não se referem a Ele (e esses são todos muito breves - Filemon, 2ª e *3ª* João).

É verdade que Jesus Cristo é a personagem-chave em todo o plano de Deus. O próprio Espírito Santo focaliza a atenção em Cristo e procura glorificá-lo (Jo 15.26; 16.14). Isso não significa, porém, que o Espírito Santo seja desconsiderado nalguma parte da Bíblia, nem que seja tratado como uma influência vaga ou uma energia imperceptível. Ele é reconhecido como uma pessoa real, com inteligência, sentimento e vontade.

Tanto explícita como implicitamente, a Bíblia trata o Espírito Santo como uma Pessoa distinta. "E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é ele que segundo Deus intercede pelos santos" (Rm 8.27). "O Espírito penetra todas as coisas" (1 Co 2.10). Desse modo, Ele age com inteligência e sabedoria. (Ver Efésios 1.17; Isaías 11.2). Ele tem emoções e pode ser entristecido ou ofendido (magoado, desgostado: Efésios 4.30; Isaías 63.10). Ele reparte dons "a cada um como quer" (1 Co 12.11). Ele guiou a Igreja Primitiva e dirigiu os principais movimentos missionários de forma nítida, específica e pessoal. (Ver Atos 13.2; 16.6). O apóstolo João até usa pronomes pessoais masculinos para indicar a pessoa do Espírito. (A palavra *espírito* em grego é sempre neutra, e exige, gramaticalmente, pronomes neutros).

Mais importante do que isso, a Bíblia deixa claro que homens e mulheres, os quais foram movidos pelo Espírito, conheciam-no de modo específico e pessoal. Se perguntássemos aos Juízes ou aos profetas do Antigo Testamento se o Espírito Santo veio sobre eles, nunca diriam: "Acho que sim", ou "Espero que sim". Lemos que "o Espírito do Senhor revestiu a Gideão, o qual tocou a buzina" (Jz 6.34). Esse não foi nenhum toque suave e secreto. Quando um leão jovem rugiu contra Sansão, "o Espírito do Senhor se apossou dele tão possantemente que o fendeu de alto a baixo, como quem fende um cabrito"

(Jz 14.6).

Quando o Espírito do Senhor veio sobre Saul, este profetizou e foi mudado em outro homem (1 Samuel 10.6,10). Amos, depois de dar uma série de ilustrações do tipo "causa e efeito", diz: "Bramiu o leão, quem não temerá? Falou o Senhor JEOVÁ, quem não profetizará?" (Am 3.8). O profeta era movido por uma compulsão interior tão forte quanto o medo que o leão põe no homem quando corre atrás dele. Miquéias sabia que era "cheio da força do Espírito do Senhor" (Mq 3.8), para lidar com os pecados de Israel.

No Novo Testamento, também, a realidade específica da atuação do Espírito Santo não é questão de meras suposições. Para a compreensão de João Batista, o Espírito veio sobre Jesus em forma visível, como de uma pomba. O som do vento e as línguas de fogo anunciaram a sua presença no dia de Pentecoste.

Embora suas outras manifestações à Igreja fossem invisíveis, não eram menos específicas. Em três ocasiões, está registrado claramente que os crentes falaram noutras línguas (Atos 2.4; 10.46; 19.6). Em outra oportunidade, o local onde estavam reunidos foi sacudido (Atos 4.31), e todos saíram dali para anunciar com ousadia a Palavra de Deus. O conforto (consolação) do Espírito Santo era um fator muito importante no crescimento da Igreja Primitiva (Atos 9.31). Não precisavam adivinhar se Ele estava presente ou não. Eles sabiam.

O Espírito Santo fornecia o calor, a dinâmica, e a alegria que caracterizavam todo o movimento do Evangelho no primeiro século. Cada parte da vida diária dos crentes, inclusive seu trabalho e sua adoração, era dedicada a Cristo Jesus como Senhor e estava sob a orientação do Espírito Santo. Isso não significa, é claro, que a própria mente ou inteligência deles não desempenhava algum papel, pois não eram movidos exclusivamente pela emoção. A emoção realmente tinha "um lugar vital, que a ênfase exagerada de muitos protestantes dos nossos dias não aprecia adequadamente".([1]) Esperava-se deles, no entanto, que perscrutassem as Escrituras; aceitassem provas razoáveis, e que fossem homens maduros no entendimento (pensamento). (Ver 1 Coríntios 14.20; Atos 17.11; 28.23.)

Mesmo assim, a totalidade da sua vida e adoração cristãs transcendia a dimensão meramente natural e humana. A dimensão sobrenatural fazia parte da totalidade da experiência. Na sua vida diária, não procuravam realizar algumas coisas no nível humano e outras no nível espiritual. As qualidades que precisavam, a fim de trabalhar juntos e testemunhar mediante suas próprias vidas, não eram dádivas comuns, mas o fruto do Espírito (Gálatas 5.22,23). Nunca supunham que se uma pessoa se esforçasse suficientemente, poderia viver uma vida virtuosa e agradar a Deus. Sabiam que precisavam da constante ajuda do Espírito. Na sua adoração, sabiam que eram totalmente insuficientes em si mesmos para louvar e glorificar o Senhor. Esperavam que houvesse cânticos e orações no Espírito, dons e ministérios do Espírito (1 Coríntios 14.15,26). Não reivindicavam bênçãos externas diariamente, mas cada dia era uma satisfação viverem e andarem no Espírito.

Essa experiência pessoal no Espírito Santo continua sendo uma das marcas registradas do Cristianismo. Num curso introdutório ao estudo das religiões comparadas, meu professor informou que há ramificações cristãs que dizem coisas boas. Algumas têm padrões morais elevados. Umas poucas enfatizam um único Deus verdadeiro. Outras até mesmo têm algum tipo de trindade (realmente uma tríade). Muitas apresentam algum tipo de salvação. Algumas até mesmo falam de uma ressurreição. Mas nenhuma delas oferece nada semelhante ao Espírito Santo. Todas elas deixam as pessoas fazer, com seus próprios esforços, as coisas boas que as religiões exigem. Seria a mesma coisa que pedir às pessoas que se levantassem do fundo do poço, puxando os cadarços dos seus próprios sapatos.

Jesus disse: "Não vos deixarei órfãos" (Jo 14.18). Passou a prometer um Consolador,

Ajudador, Advogado, Mestre e Guia. O Espírito Santo é todas essas coisas. Ele é um Amigo pessoal que é adequado para todas as nossas necessidades.

Um número cada vez maior de escritores e estudiosos reconhece esse fato. John V. Taylor, num livro recente, chama a atenção ao argumento de Trevor Ling que diferencia a religião do Antigo e do Novo Testamento das grandes religiões da Ásia, ao afirmar que "a natureza da experiência profética... o profeta, na experiência da revelação, é mantida consciente da natureza *pessoal* da realidade transcendente que dele se apoderou".([2])

A dependência do Espírito Santo e da sabedoria do alto talvez não tenha gozado de muita popularidade entre os ensinadores e filósofos dos tempos do Novo Testamento. Porém, Paulo advertiu Timóteo contra as oposições (objeções, contradições, antíteses) da falsamente chamada ciência (conhecimento) (1 Timóteo 6.20). Algumas das objeções talvez tenham sido dentro desse mesmo assunto: o de rejeitar a Pessoa do Espírito Santo e os relacionamentos pessoais com Ele. Não demorou, pelo menos até uns falsos mestres alegarem que o Espírito era apenas "a energia enxertada de Deus".([3]) Mas todas as objeções e antíteses desses mestres somente levam à confusão. A dependência de Cristo e do Espírito Santo é o único caminho para a paz.

Cada vez mais, o mundo tem tirado Deus do trono e colocado o próprio eu e a razão humana em seu lugar. A tendência é exaltar o ego com sucesso, dinheiro, posição social e fama. Até mesmo empreendimentos, para ajudar o próximo a aliviar os sofrimentos do mundo, são freqüentemente motivados pelo desejo da auto-satisfação por aquilo que temos realizado. Assim como Faraó nos tempos antigos, o mundo diz: "Quem é o Senhor, para que eu lhe obedeça?" (Ex 5.2). Para o homem secular dos nossos dias, é terrivelmente humilhante curvar-se diante de Cristo e aceitar que é um pecador e que nada pode fazer para salvar-se a si mesmo. Mas o fato permanece que "o alto e o sublime, que habita na eternidade, e cujo nome é santo, e que habita no alto e santo lugar (o Céu), ainda se deleita em vir habitar com o contrito e abatido de espírito" (Is 57.15).

O reconhecimento de que não somos auto-suficientes, mas totalmente dependentes de Cristo e do Espírito Santo, para fazer aquilo que agrada a Deus, e a disposição de dar a Ele todo o louvor, é o segredo do sucesso do Movimento Pentecostal hoje. Mais do que isso, os pentecostais se mantêm firmes numa questão que demarca os crentes bíblicos dos chamados liberais. A linha divisória não é simplesmente a aceitação do nascimento virginal, da Cruz, ou da Ressurreição. Trata-se, sim, de todos os aspectos sobrenaturais. Aqueles que se opõem ao Evangelho singelo de Cristo, os que procuram despir a Bíblia dos seus milagres, os que retalham o Novo Testamento e fazem de Jesus uma figura vazia - um ensinador pálido e enganado -, todos edificam suas teorias num preconceito anti-sobrenaturalista.

Esses anti-sobrenaturalistas argumentam que precisam remover da Bíblia o aspecto sobrenatural, a fim de tornar o Evangelho aceitável e aplicável ao homem moderno. Na realidade, a situação é inversa. Constantemente, conheço pessoas cujas vidas foram transformadas e revitalizadas pelo Espírito Santo. Um exemplo recente foi um sacerdote episcopal no Estado da Flórida. Quando lhe cabia, por dever, celebrar o rito fúnebre, falava rapidamente em voz baixa os trechos bíblicos tais como "os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares" (1 Ts 4.16,17). Esperava que ninguém entendesse o que dizia, porque ele não cria, e não acreditava que alguém pudesse crer nisso, tampouco.

Ele lia o livro do bispo Robinson, *Um Deus Diferente*, com outras obras dos teólogos e filósofos existencialistas da linha "Deus morreu", procurando, conforme ele dizia: "achar alguma desculpa para um intelectual como eu permanecer no ministério".

Certo dia, finalmente, concluiu que já dirigira seu último culto na igreja. Não queria

mais saber do ministério. Naquela noite, foi convidado para visitar um lar onde encontrou um grupo de cristãos cheios do Espírito. Na presença genuína do Espírito Santo, todos os seus argumentos e pressuposições se desfizeram. Ele aceitou a Cristo, recebeu o batismo no Espírito Santo, e ingressou num ministério pentecostal. Agora, ele ama a Bíblia e aguarda com alegria a vinda de Jesus. Poderiam ser contados centenas de incidentes assim.

Vale a pena notar, também, que todas as principais denominações nos Estados Unidos discordaram, no seu princípio, dos credos a favor do liberalismo e da crítica destrutiva à Bíblia. No entanto, poucas delas conseguiram manter excluído esse tipo de incredulidade. Hoje, os pentecostais estão na linha de frente, na batalha contra o adversário da verdade que também é o inimigo das nossas almas. O homem moderno precisa da plena iluminação que provém da Pessoa do Espírito, quando Ele habita em nós com poder.

Graças a Deus, porque hoje há um interesse cada vez maior pelo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo e pela Pessoa e obra do Espírito Santo. Há vários anos, quando eu estava no seminário, um dos meus professores perguntou a uma classe que estudava o Novo Testamento, com 100 alunos de cerca de 25 denominações diferentes: "Quantos de vocês ouviram um sermão sobre o Espírito Santo nesses últimos cinco anos?" Somente três ou quatro entre nós levantamos a mão. O professor acrescentou: "Nos últimos dez anos?" Mais dois ou três levantaram as mãos. Naquela época, havia poucos livros sobre o Espírito Santo. Atualmente, devido ao testemunho fiel dos pentecostais, a situação já não é assim. Prolifera-se a literatura sobre o Espírito Santo cada vez mais na Igreja.

O propósito desse livro é simplesmente passear pela Bíblia, livro por livro, e dar uma nova olhada naquilo que ela ensina a respeito do Espírito Santo e de sua obra. Depois, um capítulo final resumirá e aplicará aquilo que descobrirmos.

No Antigo Testamento, a principal ênfase recaía sobre o único Deus verdadeiro. Israel vivia no meio de povos politeístas. Era necessário prevenir-se contra o paganismo. Enquanto ídolos eram adorados "debaixo de cada árvore frondosa", conforme acontecia nos dias de Jeremias e de Ezequiel, Israel não estava pronto para a plena revelação da divindade do Messias e da pessoa do Espírito Santo. Esses assuntos, portanto, recebem mera alusão no Antigo Testamento.

Já nos tempos do Novo Testamento, os judeus tinham aprendido a lição. Eram conhecidos mundialmente como adoradores de Deus. Viera o tempo certo para o passo seguinte ser dado na revelação e no plano de Deus.

1
O ESPÍRITO NO PENTATEUCO

A Bíblia nos apresenta, quase imediatamente, o Espírito de Deus. "No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia [desabitada]; e havia trevas sobre a face do abismo [o oceano primitivo]; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas" (Gn 1.1,2). Assim, o Espírito de Deus está associado à atividade criadora de Deus.

Na realidade, a Bíblia atribui todas as obras de Deus, num sentido absoluto, a cada membro da Trindade, tanto individual como coletivamente. Cada uma das Pessoas Divinas tem sua função específica. Todas elas, no entanto, operam em perfeita harmonia e cooperação em todo tempo.

A criação é um exemplo perfeito. A Bíblia fala em Deus Pai como Criador do Céu, da Terra, do Mar, e de tudo quanto neles há (Atos 4.24). Também fala do Filho (o mesmo Verbo vivificante que se tornou carne e habitou entre nós) como o Agente secundário na criação. "Todas as coisas foram feitas por [através de] ele, e sem [à parte de] ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3). Aqui, a fraseologia é de Deus, falando através do Filho, assim como Ele expôs através dos profetas. Ele era o Verbo vivo através de quem Deus falou para levar os mundos a existir. Desde o princípio, Ele era o Mediador entre Deus e o homem (1 Timóteo 2.5).

O Espírito também é reconhecido noutras passagens. O Salmista diz: "Envias o teu Espírito, e são criados, e assim renovas a face da terra" (SI 104.30). O Espírito, portanto, está ligado tanto com a criação como com a providência contínua de Deus. (Ver também Isaías 40.12,13). Outros trechos que se referem ao Espírito também empregam terminologia que indica o fôlego de Deus (Jó 26.13; 33.4; Salmo 33.6).

A Bíblia também enfatiza que o Céu e a Terra foram criados por (seu poder e sabedoria (Salmo 136.5; Provérbios 3.19; 8.23-30; Jeremias 10.12; 51.15). Seu poder é retratado, ao mencionar, de um modo concreto, suas mãos e seus dedos (Salmos 8.3; 95.5; 102.25; Isaías 45.12; 48.13). Essas expressões são contrabalançadas pela ênfase de que todas essas coisas foram criadas pela sua Palavra (Salmos 33.6,9; 148.5).

Espírito, Vento, Sopro

A maioria dos estudiosos entende que *espírito* em Isaías 34.16 significa *sopro,* porque forma um paralelo com *boca.* Muitos encontram dificuldade em traduzir Gênesis 1.2 como "Espírito". A *Nova Bíblia em Ingles* (NEB), seguindo alguns estudiosos judaicos **e** a maioria dos estudiosos liberais, diz: "A terra era sem forma e vazia, havendo trevas sobre a face do abismo, e um vento poderoso que varria a superfície das águas", possivelmente para controlá-las.

O fato é que a palavra hebraica traduzida por *espírito* (ruach). da mesma forma que a palavra grega (pneuma), pode significar vento, fôlego ou espírito. É usada para representar uma gama de expressões relacionadas com a natureza, com a vida dos animais e do homem, e com Deus. Alguém calculou que há pelo menos 33 diferenças de sentido que esta palavra pode apresentar em seus diferentes contextos.(')

Em Êxodo 14.21 a palavra ruach é usada para identificar o forte vento oriental que soprou sobre o mar, até que os israelitas o atravessassem, em terra seca. A "viração do dia" (Gn 3.8) é o *vento* que se refere às brisas frescas da tarde. No deserto, "um vento do Senhor" trouxe codornizes do mar (Nm 11.31). Poeticamente, **o** salmista fala a respeito das "asas do vento" (Sl 18.10; 104.3). O Senhor também mandou "um grande vento" quando Jonas fugiu

em direção a Tarsis (Jn 1.4).

Gênesis 2.7 emprega uma palavra diferente para o fôlego de vida (Hebraico, "vive"). Mas em 6.17 emprega ruach para fôlego, e em 7.22 combina as duas palavras entre si ("fôlego do espírito de vida"), o que demonstra o estreito relacionamento entre as idéias de espírito e de fôlego. Jó também emprega essa palavra quando fala na sua respiração (Jó 9.18) ou do seu hálito (Jó 19.17).

Muitos escritores entendem que o sentido original da palavra usada para espírito (ruach) é vento, brisa, ar em movimento.([2]) Alguns insistem que ela, tanto no grego como no hebraico, sempre conserva esse significado básico de vento ou de fôlego; isto é, ar que se movimenta dentro ou fora do homem.([3]). Outros entendem que, quer seja traduzida por "espírito", ou por "fôlego", quando se relaciona aos seres vivos, é sempre a dádiva de Deus, que provém e volta para Ele (Gênesis 6.3,17; 7.15,22; Jó 33.4; 27.3; Salmo 104.29,30; Eclesiastes 12.7). Nesse sentido, "espírito" pode ser considerado uma energia vital, ou vivificante, que somente Deus possui de modo permanente, e isso pela sua própria natureza (Isaías 31.3; João 5.26).([4]) É geralmente aceito, portanto, que no Antigo Testamento a personalidade separada do Espírito Santo não é plenamente revelada. O Espírito Santo é comparado ao poder ou à presença pessoal de Deus em ação.([5])

A luz de tudo isso, a tradução "um vento poderoso" não parece apropriada em Gênesis 1.2. Os comentaristas liberais, que acham ser "o Espírito de Deus" uma tradução errônea, estão, possivelmente, influenciados por pressuposições naturalistas e evolucionárias. Alguns querem comparar o texto com Gênesis 8.1, onde realmente Deus fez passar um vento pela Terra, a fim de que as águas do Dilúvio diminuíssem.

Alguns liberais reconhecem que a tradução "poderoso" é insuficiente. Concordam que, se a palavra *Deits* for usada adjetivamente, como "um deus de um vento", "um vento divino", deve significar, no mínimo, "divino, sobrenatural, inspirador de reverente temor".([6])

O Espírito que Paira

As palavras bíblicas devem ser estudadas no seu próprio contexto. A fraseologia de Gênesis 1.2 não é semelhante àquela de Gênesis 8.1. O verbo é diferente. Gênesis 1.2 declara movia-se (continuamente) sobre a face das águas. A palavra movia-se é usada nesta forma somente em outro lugar (Deuteronômio 32.11). Ali, descreve uma ave-mãe pairando ou esvoaçando sobre seus filhotes de modo vibrante e protetor. (O significado não é incubando. Não há nenhum pensamento aqui de mitologia ou de chocar ovos.) Um "vento poderoso" não paira. É contraditório, quase absurdo, retratar um vento violento, que alguns até mesmo comparam a um furacão, pairando mansamente sobre as águas.O

Um exame mais próximo da realidade do primeiro capítulo de Gênesis demonstra que Deus é o sujeito da maioria de suas frases. Lemos que Ele criou, viu, chamou, fez, abençoou. O quadro inteiro é de Deus em ação, não qualquer um, mas o único e verdadeiro. Assim, vemos que o hebraico considera a palavra Deus como substantivo definido. Uma regra da gramática hebraica faz da palavra Espírito um substantivo definido também. ([8]) Assim sendo, a única tradução que se relaciona com o contexto é "o Espírito de Deus". Conforme já vimos, esse conceito se harmoniza com o ensinamento do resto da Bíblia, em que o Pai, o Filho, e o Espírito Santo operam em perfeita cooperação em toda obra da criação.

Gênesis, naturalmente, não enfatiza o assunto da Trindade, porque o mundo ainda não estava pronto para a sua revelação. Por causa do politeísmo que cercava Israel, era mais importante demonstrar que a criação teve sua origem no único Deus verdadeiro, para não

confundi-lo com os muitos deuses das nações daqueles dias. Pela mesma razão, Gênesis 1.2 não explica qual era a obra do Espírito de Deus. Decerto, era uma preparação para a ordem e o propósito que Deus ressaltou nos seis dias da criação que se seguiram. Deixa-nos saber que, embora tudo fosse trevas, Deus estava ativo. Embora a Terra ainda não possuísse sua forma, e fosse desabitada, não era um caos. Deus estava ali.

Ele, no entanto, mantém-se separado da sua criação. Age sobre ela, mas não se torna parte dela. A ênfase, no decurso da Criação, recai no fato de que tudo provém de Deus. A vida não surge por conta própria, mas é o resultado da Palavra criadora. A cada passo, Deus fala, cria, faz. Embora conclame o mar e a terra seca para produzirem seres vivos, Ele intervém para criá-los ou fazê-los.([9]) (Ver Gênesis 1.20,21,24,25).

A Criação do Homem

O clímax vem, quando Deus diz: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança" (Gn 1.26). Embora nada seja dito a respeito do Espírito Santo aqui, a Bíblia demonstra que a imagem e a semelhança têm a ver com a natureza espiritual e moral do homem. Paulo ora, para que os crentes sejam "corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior" e passa a conclamá-los a "revestir-se do novo homem, que segundo Deus [à imagem e semelhança de Deus] é criado em verdadeira justiça e santidade" (Ef 3.16; 4.24). É razoável, portanto, crer que o Espírito Santo era tão ativo em Gênesis 1.26-28 quanto Ele o era em Gênesis 1.2, ou talvez até mais.

Gênesis 2.7 oferece mais detalhes. Deus formou (moldou, formou assim como faria o oleiro) o homem do pó (úmido) da terra (vermelha), e soprou nas suas narinas o fôlego de vida (hebraico, "vidas"), e o homem foi feito alma (ser, pessoa, indivíduo) vivente. Mais uma vez, embora o Espírito Santo não seja mencionado, é razoável crer que Ele estava ativo juntamente com o Pai e o Filho.

Comentários mais antigos aceitam o plural hebraico, "fôlego de vidas", e entendem que se refere à vida animal e intelectual, ou à física e espiritual.([10]) A Bíblia revela, de fato, que o espírito do próprio homem provém de Deus e voltará para Ele (Eclesiastes 12.7; Lucas 23.46; ver também João 19.30 onde Jesus entregou seu espírito). Outros trechos também enfatizam que Deus é a origem da vida e que o seu Espírito a produz (Jó 27.3; 33.4). Se Ele a retirasse, toda a vida chegaria ao fim (Jó 34.14,15).([u]) \t Mesmo assim, possuir "fôlego de vida" é atribuída a todos quantos morreram no Dilúvio (Gênesis 6.17; 7.22), bem como a todos os animais que entraram na arca (Gênesis 7.15). Sendo assim, uma atitude mais lógica reconhece que o plural hebraico não fala aqui de tipos diferentes de vida. No Hebraico, o plural é freqüentemente usado para representar plenitude, ou algo que flui. (*Água* sempre está no plural em Hebraico). É usado, também, para alguma coisa que revela muitos aspectos ou expressões. (As palavras *face* e *céu* também estão sempre no plural em Hebraico). A atenção em Gênesis 2.7, portanto, não recai no tipo de vida tanto quanto na origem da vida. O "fôlego de vida" pode simplesmente significar o fôlego ou Espírito de Deus que produz a vida, que dá ao homem seu "fôlego vital" ou sua "faculdade da vida".([12]) De qualquer maneira, o Novo Testamento compara aquilo que Adão recebeu com o que Cristo é. Ele, o Último Adão, é mais do que uma alma vivente. Ele é um Espírito vivificante (1 Coríntios 15.45).

O Espírito Contendendo, Julgando

Depois de ter pecado, o homem foi cortado da comunhão que desfrutava no Jardim do Éden. No entanto, o Espírito de Deus continuava a lidar com o homem depois da Queda, conforme ressalta Gênesis 6.3, onde é proclamado um fim. "Não contenderá o meu Espírito

para sempre com o homem; porque ele [a humanidade] também é carne: porém os seus dias serão cento e vinte anos".

Esse versículo é difícil em muitos aspectos. Os 120 anos talvez se refira a um prazo de tolerância que Deus concederia à humanidade, antes de chegar o Dilúvio, para destruir a todos (menos Noé **e** sua família). A palavra contender é interpretada de várias maneiras: governar, julgar, proteger, permanecer em, ou agir em. A tradução "permanecer em", escolhida por algumas versões modernas (inclusive a RS V), bem como por algumas versões antigas, é mera conjectura. Nada parece haver no Hebraico que forneça base para ela. Mesmo assim, muitos estudiosos ainda a aceitam, e interpretam o versículo no sentido de que o Espírito de Deus (como princípio vital ou como o fôlego em Gênesis 2.7) não permaneceria (ou ficar estabelecido) no homem por causa do pecado e da fraqueza deste. A maioria daqueles que adotam esse ponto de vista, porém, está um tanto hesitante e incerto quanto a isso.([13])

A tradução governar é uma aplicação do significado "julgar". (O fato de os Juízes julgarem, veio a significar que governavam). Proteger é outro aspecto de "julgar" no sentido em que o juiz deveria proteger os fracos. Esse significado tem algum apoio das línguas semíticas cognatas.([14]) A maioria dos intérpretes modernos entende que "meu Espírito" significa o espírito que Deus soprou dentro do homem. Talvez seja possível, mas esse uso da palavra não se acha noutros lugares da Bíblia. Em todas as demais ocorrências, "meu Espírito" significa o Espírito Santo, o Espírito de Deus.([15])

Realmente, o significado mais simples do verbo, traduzido por "contender com", é "julgar entre". O nome D£ (juiz) é derivado da mesma raiz (Gênesis 49.16). Embora não seja a palavra mais comum para "julgar", é usada para o Senhor julgar e vindicar Israel (Deuteronômio 32.36; Salmos 50.4; 72.2; 135.14), bem como julgar o mundo (1 Samuel 2.10; Salmo 110.6). Esse significado parece encaixar-se melhor do que qualquer das outras palavras já propostas.

Em certo sentido, "julgar" também corresponde à interpretação tradicional de "contender com". Conforme indica Leupold, a humanidade antediluviana não ficara sem a Palavra de Deus, falada por homens piedosos tais como Enoque e Noé. O Espírito Santo agiria como juiz, usando a Palavra até àqueles dias, para instruir, exortar, repreender e convencer os homens. Nesse sentido, o espírito, ao julgar, estaria realmente contendendo com os homens para "refreá-los dos seus maus caminhos".([16])

Outra dúvida surge quando alguns escritores procuram ligar esse trecho com Judas 6, e dizem que os anjos que pecaram tiveram sua parte nas causas do Dilúvio. Essa idéia cria mais problemas, por causa da grande ênfase dada à humanidade e à carne (humana, fraca, frágil e irregenerada). Tem, pelo menos, pouca relevância no tocante ao Espírito cessar de julgar.

Abraão e os Patriarcas

Depois de o homem ter fracassado de novo na torre de Babel, quando, então, a nova variedade de idiomas provocou confusão e dispersão, o livro de Gênesis cessa de lidar com a humanidade como um todo. O final do livro diz respeito a Abraão e à linhagem escolhida que provém dele. A maioria das alusões ao Espírito Santo no restante do Antigo Testamento tem a ver exclusivamente com Israel.

Alguém tem dito: "A história da Bíblia é a narração de homens cheios do Espírito Santo".([17]) Esse fato talvez não seja muito aparente na história dos patriarcas, mas seria muito estranho se Abraão, a quem Paulo coloca como um dos maiores exemplos da fé (Romanos 4.1-22; Gálatas 3.6-18), não fosse um homem espiritual.

Há, na realidade, uma indicação de que Abraão era um homem espiritual, embora as circunstâncias sejam um pouco estranhas. Abraão chamara sua esposa de irmã (ela era, na verdade, sua meia-irmã) e permitira que ela fosse levada ao harém do rei Abimeleque. Os costumes da época exigiam, quando era feito um pacto, para permitir que um homem poderoso, com muitos seguidores, permanecesse num país vizinho, que o tratado fosse selado mediante a entrega em fiança de uma filha ou irmã como refém, para garantir o bom comportamento do hóspede. Deus levou em conta a situação real deles, e interveio para proteger Sara, ao advertir Abimeleque que a devolvesse ao marido dela. Posto que Abraão era profeta, ele oraria por Abimeleque (Gênesis 20.7).

Profeta significa porta-voz de Deus. (Veja Êxodo 7.1; 4.16 e note como as palavras profeta e porta-voz são usadas alternadamente. Veja também Deuteronomio 18.18-22). No entanto, os profetas eram homens espirituais: "os homens santos de Deus falaram inspirados [impulsionados, levados adiante] pelo Espírito Santo" (2Pel.21).

Abraão merecia o título de profeta, pois Deus falava freqüentemente com ele, para lhe dar orientação, e aos outros também. Os altares que ele edificava a Jeová eram convites à adoração pública, onde ele testificava da verdade do único Deus. Sua intercessão por Sodoma também o caracterizou como profeta. A maioria dos profetas intercedia, especialmente Moisés (Números 14.13-20; Deuteronomio 9.20), Samuel (1 Samuel 7.5; 12.19,23), Jeremias (7.16) e Amos (7.2,5).

Deus atendeu a oração de Abraão em favor de Abimeleque (Gênesis 20.17). Posteriormente, o salmista considerou e chamou de profetas os patriarcas Isaque, Jacó e José (Salmo 105.9-22). A respeito deles, esse Salmo diz: "Não toqueis nos meus ungidos, e não maltrateis os meus profetas". José, especialmente, foi reconhecido como o que tinha a unção que esse Salmo se refere. Depois de José ter interpretado o sonho de Faraó, este disse: "Acharíamos um varão como este, em quem haja o Espírito de Deus?" (Gn 41.38). Faraó viu que não havia outra explicação para a sabedoria e para o entendimento que esse escravo e ex-presidiário hebreu possuía. José era verdadeiramente um homem espiritual, equipado pelo Espírito de Deus para a obra a que foi chamado.

Edificando o Tabernáculo

Os israelitas que seguiram José até o Egito foram escravizados, e o homem que Deus escolheu para libertá-los também era cheio do Espírito. O próprio Deus reconheceu Moisés como o maior profeta daqueles tempos. Outros profetas naqueles dias teriam somente a experiência de Deus falar com eles por sonhos e visões, mas com Moisés Deus lhe falava "boca a boca", assim como um homem que conversa com um amigo (Números 12.6-8).

É verdade que, diante da sarça ardente, Moisés se queixou de não conseguir falar bem, e Deus designou Arão como profeta. Mesmo assim, era com Moisés que Deus falava, e esse, então, transmitia a mensagem a Arão. No entanto, logo Moisés passaria a ser profeta propriamente dito (Êxodo 3.4; 4.10-16).

Em cada diálogo entre Moisés e Faraó, Deus conversava antes com ele. No Sinai, Deus falou, de fato, diretamente com o povo, quando os Dez Mandamentos foram entregues (Êxodo 20.1-17). Porém, eles ficaram tão cheios de terror e de temor, por causa da voz de Deus e de tudo o que viram e ouviram, que passaram para o outro lado do vale. Depois, imploraram a Moisés que falasse com eles, em vez de Deus (Êxodo 20.18,19). Sendo assim, somente Moisés teve a licença de subir ao monte Sinai, onde recebeu a Lei escrita em tábuas de pedra, bem como as orientações para a construção do tabernáculo.

O tabernáculo foi um empreendimento que ensinou os israelitas a viver juntos, bem como um lugar onde Deus manifestou continuamente a sua presença. Todos podiam

participar. Aqueles que tinham maiores recursos traziam ouro ou prata; outros ofereciam o bronze (cobre). Precisavam de tecido nas cores azul, púrpura, escarlate e branco, mas também de peles de bode. Além disso, contribuíam com as suas habilidades (Êxodo 25.1-9; 35.5-9, 20-26). Mas em todas as situações, sempre há pessoas que nada possuem e nada sabem fazer. Estes se apresentavam para ser ensinados. Deus prometeu que encheria do Espírito Santo dois homens, Bezaleel e Aoliabe, para aprimorar as suas habilidades, e para também capacitá-los a ensinar os outros (Êxodo 31.2,3,6; 35.30,31,34).

Essa plenitude do Espírito seria a fonte de "sabedoria, e de entendimento, e de ciência, em todo o artifício". Noutras palavras, o Espírito lhes forneceria ajuda sobrenatural em conexão com as tarefas práticas de preparar utensílios, tanto úteis como belos, para o tabernáculo.

Sabedoria no Antigo Testamento geralmente significa a prática e a habilidade que possibilita a pessoa de alcançar as suas metas. Entendimento geralmente inclui percepção e decisões inteligentes. Conhecimento inclui o "Know-how" que determina o que precisa ser feito, e como deve ser realizado. Tudo isso vinha do Espírito. Bezaleel e Aoliabe não podiam depender somente das suas capacidades e habilidades naturais. Trabalhariam muito, mas, ao mesmo tempo, dependeriam do Espírito e receberiam ajuda da parte dele. Note, no entanto, que nem todos os artífices receberam a plenitude, mas somente aqueles dois que foram especialmente nomeados e escolhidos pelo Senhor.

Moisés e os Anciãos de Israel

Somente a partir de Números 11.10-30 é que a Bíblia menciona o Espírito Santo cooperando com Moisés. Os israelitas deixaram o Sinai, estavam no deserto, e murmuravam (se queixavam) do maná. Estavam enjoados daquele alimento no desjejum, no almoço e no jantar. Só pensavam nos peixes, melões, nas cebolas e no alho que antes comiam livremente no Egito. O maná, na realidade, não é tão ruim assim. Podia ser preparado de várias maneiras. Mas a incredulidade e a autocomiseração fizeram com que se esquecessem da escravidão que fazia parte daquelas comidas bem temperadas do Egito. A insensatez também os enchia de um espírito rebelde que não admitia as provisões e as orientações de Deus. Não desejavam entregar-se nas mãos de Deus. Em breve, a multidão inteira choraria por carne (inclusive a de peixes).

Moisés perturbou-se com isso. A pressão era muito forte. Ele disse a Deus que não se sentia capaz de cuidar sozinho dessa multidão que ainda estava na infância espiritual. Afinal de contas, se Deus o obrigava a carregar todo o fardo sozinho, seria melhor que o matasse logo. De qualquer forma, o encargo iria aniquilá-lo mais cedo ou mais tarde.

A resposta de Deus foi, em certo sentido, uma suave repreensão. Mandou Moisés escolher 70 anciãos entre os israelitas, homens maduros, de comprovada capacidade, e estabelecê-los como oficiais do povo. (Ver Êxodo 18.18-26). Levá-los-ia ao tabernáculo onde ficariam em pé, formando um semicírculo juntamente com Moisés. Então, o Senhor desceria e tomaria parte do Espírito que estava sobre Moisés, e a colocaria sobre eles, os quais o ajudariam a suportar o fardo do povo (Números 11.17).

Noutras palavras, Deus estava dizendo a Moisés: "O que leva você a pensar que o fardo é só seu, e que tem de suportá-lo com suas próprias forças? O Espírito de Deus é grande o bastante e plenamente suficiente para carregar o fardo e suprir todas as necessidades". E Moisés nada perderia ao fazer assim. O Espírito infinito não é diminuído quando é compartilhado com o próximo. Escritores antigos (tais como Orígenes) compararam o Espírito sobre Moisés com uma lâmpada usada para acender outras 70 sem perder nada do seu próprio brilho.

O modo como os 70 profetizaram não é descrito. Alguns insistem que eles caíram em algum tipo de frenesi (assim como o rei Saul quando resistia ao Espírito Santo: 1 Samuel 19.23,24).([18]) Essa idéia, porém, supõe erroneamente que era cedo demais, na História de Israel, para existir a profecia no sentido de exortação aos homens ou de súplica a Deus. O frenesi nunca era uma característica da profecia hebraica em si. Tudo quanto é indicado aqui é que os 70 cederam suavemente ao Espírito, e corresponderam de bom grado à sua iluminação.

A frase "mas depois nunca mais" (Nm 11.25) contém o verbo hebraico "acrescentar, fazer de novo". Deuteronômio 5.22 emprega o mesmo verbo, onde é traduzido "e nada acrescentou". O uso mais comum desse verbo é fazer de novo algo que a pessoa já fez antes. Logo, concorda-se em geral que a experiência desses anciãos era temporária. O Espírito veio sobre eles como unção para o serviço e para ensinar Moisés que ele podia e devia depender do Espírito. O ministério dos anciãos era ajudá-lo a levar o fardo e a responsabilidade de ensinar e exortar o povo. Moisés, no entanto, continuou sendo o profeta ou porta-voz principal de Deus em Israel.

Vivendo Abaixo dos seus Privilégios

Moisés aprendera a sua lição, conforme é revelado em sua resposta a Josué (Números 11.29), num incidente que se seguiu logo depois disso. Dois dos anciãos, Eldade e Medade, não atenderam à chamada de Moisés para irem ao Tabernáculo, mas o Espírito veio sobre eles da mesma forma. Mais do que isso, o Espírito continuou sobre eles enquanto profetizavam lá fora, no arraial de Israel. Então Josué correu até Moisés e relatou que, diferentemente dos demais, esses não cessaram de profetizar. (Aqui, o hebraico usa um particípio que indica a ação contínua.) Josué instou: "Moisés, meu Senhor, proíbe-lho" (fazê-los calar a boca, parar).

A resposta de Moisés foi uma suave repreensão a Josué. "Tens tu ciúmes por mim?" Noutras palavras: "Você zela, com ciúmes, de minha autoridade ou de meu ministério como profeta?" Moisés reconhecia que a atuação do Espírito não estava debaixo do seu controle, nem era limitada a locais ou horários específicos. Josué não devia pensar que a autoridade de Moisés estava sendo subvertida, porque esses dois não vieram ao Tabernáculo. Nem devia pensar que o ministério de Moisés estivesse sendo, dalguma maneira, ameaçado ou diminuído, porque o Espírito repousara sobre eles, e continuavam profetizando.

Moisés também reconhecia algo ainda mais importante, quando acrescentou: "Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito!" Moisés percebia que o povo, murmurador, rebelde, incrédulo, estava vivendo muito aquém dos seus privilégios. O nível apropriado para todo o povo de Deus seria todos serem como Eldade e Medade. Todos deveriam ser profetas, com o Espírito de Deus continuamente sobre eles. Posteriormente, Jeremias (31.31-34) e Ezequiel (36.25-27) vislumbraram um tempo, quando essa seria a situação de Israel. Joel (2.28,29) também profetizou que assim seria para toda a carne. No caso de Moisés, porém, foi um mero desejo que nunca se cumpriu. Só no dia de Pentecoste é que o Espírito veio, em cumprimento da profecia de Joel, ao derramar o poder sobre todos os que estavam reunidos no Cenáculo (Atos 2.4,16).

Israel Protegido pelo Espírito

O Espírito Santo não somente lidava com Moisés e o povo de Israel, mas também com os inimigos deles. Para alcançar as planícies de Moabe, no lado do Jordão defronte a Jerico, os israelitas contornaram aquele país. Em seguida, avançaram para o norte e alcançaram grandes vitórias sobre o povo de Gileade e Basã, no lado leste do rio Jordão. O

rei Balaque tinha medo de também ser derrotado (Números 22.2,3). Estava enganado, é claro; **o** passo seguinte seria Israel atravessar o Jordão para a Terra Prometida; mas Balaque não sabia disso. Reconhecia, isso sim, que Israel ganhava as vitórias, não por números ou equipamentos superiores. Forçosamente, era aquilo que Israel declarava: o Deus deles estava com eles.

Balaque resolveu, então, que a única maneira de parar com Israel seria virar o Deus deles contra eles. Por isso, enviou mensageiros em todas as direções, a procura de alguém que tivesse comunhão com Jeová. Finalmente, perto do rio Eufrates, não muito longe de onde moravam os parentes de Abraão, descobriram um profeta chamado Balaão (2 Pedro 2.15; Judas 11; Apocalipse 2.14), também conhecido por adivinho (Josué 13.22). Este era realmente um pagão, um conselheiro que usava vários meios para invocar espíritos, descobrir presságios, ou fazer encantações, tudo por dinheiro. Dalguma maneira, ouvira falar do poder de Jeová e, segundo parece, acrescentara o seu nome à lista dele.

Talvez pareça estranho que Deus usasse semelhante homem. Mas Jeová protegia o seu povo de um inimigo que os israelitas não conheciam, e seu propósito foi o de usar seu Espírito Santo para isso.

O pensamento de Balaque era o de pagar Balaão para obrigar Deus a amaldiçoar Israel, em vez de abençoá-lo. A Bíblia mostra que o Senhor lidou com Balaão de forma diferente. Primeiro, Ele demonstrou que um animal irracional tinha mais senso espiritual do que Balaão (Números 22.21-35). Segundo, Deus deu a ele um susto tão grande, que o mesmo nada diria diante do rei Balaque, senão o que o Senhor determinasse. Balaão cobiçava tanto o dinheiro que teria dito a Balaque tudo quanto este quisesse ouvir, se o preço fosse convidativo. Agora, porém, Deus podia contar com ele.

Balaão ainda pensava que podia persuadir Deus a amaldiçoar a Israel. Sua atitude paga é demonstrada pela sua maneira de abordar o problema. Mandou que fossem oferecidos sete sacrifícios no cume de uma montanha que dava vista para o arraial de Israel. Então, experimentou seus encantamentos (presságios). Mas a palavra de Deus era de bênção para Israel, e não de maldição.

Balaão passou, então, para outra montanha, e ofereceu mais sete sacrifícios. Os pagãos tinham a idéia de que os deuses precisavam de sacrifícios. Achavam, portanto, que se oferecessem o sacrifício certo no lugar certo, forçariam qualquer deus a fazer tudo quanto queriam. No conceito de Balaão, nada podia haver de errado com os sacrifícios. Sete era um número perfeito, e touros e carneiros eram os sacrifícios mais caros que se podia oferecer. Desse modo, ele chegou à conclusão que o local é que estava errado. Experimentaria outra montanha, portanto.

Novamente, Deus deu uma palavra de bênção. Experimentaram uma terceira montanha, e mais sete sacrifícios. Desta vez, porém, Balaão abriu mão dos seus encantamentos, olhou para o arraial de Israel, e o Espírito de Deus veio sobre ele. O Espírito fez mais do que colocar uma palavra em sua boca (assim como em Números 23.5,16). Dessa vez, a totalidade do seu ser fora afetada. Mediante o Espírito Santo, o Senhor revelou-se a ele, e a visão do Onipotente fê-lo prostrar-se diante de Jeová em reverente temor. (Note, no entanto, que a expressão "em êxtase" é grifada na Versão Corrigida, o que significa que não consta do texto hebraico. De fato, não se trata de êxtase ou frenesi aqui. Os olhos de Balaão permaneceram abertos. Tinha consciência daquilo que ocorria ao seu redor.)

Enquanto permaneceu prostrado diante do Senhor, seus olhos abriram-se de uma maneira diferente. Via as lindas tendas de Israel espraiando-se como pomares e jardins prósperos, tendo a vitória e a força como sua porção. Concluindo, ele repetiu para Israel a promessa que originalmente fora dada a Abraão em Gênesis 12.3: "Benditos os que te

abençoarem, e malditos os que te amaldiçoarem" (Nm 24.9).

Com isso, Balaque ficou muito zangado e ordenou que Balaão voltasse para casa, sem a recompensa prometida. Mas Balaão, ainda prostrado diante do Senhor, pronunciou mais uma profecia. Já não tentava manipular a Deus nem controlar os seus propósitos. Simplesmente, viu o futuro distante e declarou: "Uma estrela procederá de Jacó, e um cetro subirá de Israel" (Nm 24.17). A maioria dos escritores entende que esta profecia refere-se ao Messias. Levando em conta o contexto, no entanto, alguns há que entendem ser "estrela" e "cerro" substantivos coletivos que se referem a Israel e ao período em que os israelitas se levantariam e conquistariam Moabe.([19]) Ainda é possível, porém, nos determos na ênfase que Balaão deu ao futuro distante, e entender que Moabe tipifica os inimigos de Deus que serão vencidos por Cristo. De qualquer forma, fica claro que Balaão, nessa única ocasião, rendeu-se ao Espírito Santo. Infelizmente, essa rendição era apenas temporária. Sua cobiça pelo dinheiro foi forte demais para ele. Posteriormente, vendeu seus serviços aos midianitas e morreu, lutando contra Israel (Números 31.8).

Josué, Homem em quem havia o Espírito Santo

Em contraste com Balaão, cuja experiência foi tão fugaz, Josué era um homem em quem o Espírito Santo residia continuamente (Números 27.18). Balaão captou um mero vislumbre da bênção de Deus sobre Israel, e nunca aprendeu a dar a ela o devido valor para si mesmo. Josué foi um servo fiel, e escolhido por Deus para comandar a conquista de Canaã.

E provável que ele não tenha sido um dos 70 sobre os quais Deus colocou o Espírito Santo, diante do Tabernáculo. Esses são chamados anciãos. Josué é mencionado como um dos jovens escolhidos para serem servos de Moisés (Números 11.28). Mas em alguma ocasião, durante os 40 anos de peregrinações no deserto, foi cheio do Espírito Santo e de sabedoria (Deuteronômio 34.9). Mais importante ainda: aprendeu a depender do Espírito, para receber sabedoria (discernimento, capacidade para cumprir os propósitos de Deus e levá-los a efeito).

Vemos,portanto, que embora Moisés estivesse prestes a morrer, Deus já escolhera um líder pronto a assumir o seu lugar. Moisés tinha sido o profeta, o homem cheio do Espírito Santo, durante 40 anos. A entrada na Terra Prometida seria difícil, e não era fácil outra pessoa preencher a vaga deixada por Moisés. Josué era bem treinado. Já obtivera grandes vitórias (Êxodo 17.9-14). Mas a chave era o Espírito Santo. O mesmo poder que atuara em Moisés estaria também nele.

Alguns entendem que a frase "porquanto Moisés tinha posto sobre ele as suas mãos" (Deuteronômio 34.9) significa que o Espírito Santo veio sobre Josué, porque Moisés impusera as mãos sobre ele.([20]) Mas, por certo, não foi assim. Em Números 27.18 está claro que Josué já era cheio do Espírito Santo. A palavra *porquanto* (Deuteronômio 34.9) também pode significar "de modo que". Dessa maneira, a imposição das mãos, assim como a ordenação no Novo Testamento, era simplesmente o reconhecimento público do ministério que Deus já concedera. Como resultado da imposição das mãos, o povo atendeu a Josué e o aceitou como o sucessor de Moisés. Assim, com a liderança dada por Deus, os israelitas podiam prosseguir a caminhada.

2
O ESPÍRITO NA HISTÓRIA DE ISRAEL

Ao lermos os Livros Históricos, não encontramos menção específica ao Espírito Santo, antes de chegarmos a Juízes. Embora Josué fosse cheio do Espírito, havia uma quietude em sua vida, mais do que manifestações exteriores perceptíveis. Às vezes, no entanto, parece que Josué falhava, em depender do seu próprio discernimento, ao invés de buscar a orientação que o Espírito Santo poderia lhe dar (Josué 7.2-4; 9.14). Esses eram os casos excepcionais, no entanto. De um modo geral, Josué obedecia ao Senhor, viu cumpridas muitas promessas de Deus, e deixou para Israel o desafio de servir ao Senhor, e a Ele somente (Josué 24. 14,15).

Tudo ia bem, enquanto viviam Josué e os que tinham atravessado com ele o Jordão e observaram a glória e o poder de Deus. Em três grandes campanhas, Josué subjugou a terra de modo que ela "repousou da guerra" (Josué 11.23). Passou, então, a dividir a terra entre as tribos. Mas nem todas as cidades cananéias foram conquistadas, nem os israelitas cumpriram a ordem de Deus, de expulsá-los (Números 33.55; Josué 23.12,13). Na realidade, cada tribo recebeu a incumbência de completar a conquista do seu próprio território. Conforme o Senhor relembrou a Josué, ainda havia muita terra a ser possuída (Josué 13.1).

Individualmente, as tribos também deixaram de obedecer ao Senhor nessa questão. Uma vez após outra, o livro dos Juízes registra que nenhuma tribo expulsou os cananeus (Juízes 1.21,27-31,33). Algumas das cidades eles não puderam conquistar. Mas os cananeus, aos quais venceram, foram obrigados a trabalhar, cortando lenha ou trazendo aguados poços (Josué 9.23). À medida que Israel se tornava mais forte, poderia ter expulsado os cananeus, mas preferia aceitar o dinheiro deles como tributo (Josué 16.10; 17.13; Juízes 1.28). Somente em bem poucas ocasiões é que deram o passo de fé e viram o poder de Deus manifestado novamente. Durante a maior parte do tempo, ficavam bem satisfeitos em acomodar-se e desfrutar da sua nova prosperidade. Infelizmente, os israelitas nunca aprenderam como lidar com a prosperidade.

Com esse aumento da prosperidade, veio o declínio espiritual. A geração velha ficou tão envolvida com os seus prazeres que a adoração veio a ser uma formalidade. O treinamento dos filhos, ou foi negligenciado, ou o mau exemplo dos pais tornou suas palavras sem sentido. Como resultado, surgiu uma nova geração "que não conhecia ao Senhor, nem tão pouco a obra que fizera a Israel" (Jz 2.10).

Isso não significa que esses jovens nunca ouviram falar sobre o Senhor ou sobre os milagres. Sabiam a respeito do livramento do cativeiro egípcio. Sem dúvida alguma, tinham ouvido repetidas vezes a história da queda de Jerico. Mas a palavra *conhecer* (Juízes 2.10) significa mais do que "saber a respeito de". O fato trágico é que, embora tivessem ouvido falar dessas coisas, não conheciam pessoalmente ao Senhor. Nada tinham visto do seu poder milagroso em suas próprias experiências.

Como resultado, a geração jovem foi atraída pelas festanças, pela embriaguez, e pela moralidade relapsa da cultura cananéia, bem como pelo prestígio dos seus antigos templos e lugares altos. Quando assim acontecia, Deus retirava as suas bênçãos e enviava exércitos inimigos para executar seus juízos sobre as várias tribos. Esses inimigos eram os próprios cananeus cuja religião e imoralidade os israelitas tinham seguido. Assim aconteceu repetidas vezes no tempo dos Juízes.

Embora as tribos de Israel tivessem uma liderança estabelecida, na forma de anciãos e sacerdotes, esses eram de pouca ajuda. Na realidade, esses também eram, na maioria das

vezes, influenciados pelos costumes cananeus. Uma comparação entre Juízes 10.6,7; 13.1; 16.31; e 1 Samuel 4.18; 7.1 demonstra que os 40 anos do sacerdócio de Eli em Silo coincidiram parcialmente com o juizado de Jefté em Gileade e de Sansão em Dã. Torna-se evidente, portanto, que a permissividade e a influência paga, que caracterizavam Eli e seus filhos, eram por demais comuns durante todo aquele período. Passara-se o tempo, conforme o livro dos Juízes declara duas vezes, em que "cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos" (17.6; 21.25).

Juízes Escolhidos por Deus

Até mesmo os que Deus escolhera, para ajudar e livrar o povo durante esse período, não estavam totalmente isentos de suas fraquezas. Mas o Espírito Santo operava, às vezes, a despeito delas. Parece, na realidade, que Deus escolhia pessoas que não eram importantes nem famosas, a fim de deixar claro que o poder era dele, e não dos homens. Parece que Deus freqüentemente escolhe os humildes e desprezados como seus agentes, para trazer a libertação e a restauração espiritual: "as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes... para que nenhuma carne se glorie perante ele" (1 Co 1.27,29). Quando esses homens e mulheres eram despertados e movidos pelo Espírito Santo, reconquistavam para Deus os corações do povo, levavam os israelitas para a vitória, e os inspiravam a servir a Deus.

Os Juízes, portanto, não eram simplesmente heróis nacionais. Nem faziam tentativas de consolidar o seu poder ou fundar uma dinastia. Quando o povo desejou que Gideão fosse o seu rei, este se recusou: "Sobre vós eu não dominarei, nem tão pouco meu filho sobre vós dominará: o Senhor sobre vós dominará" (Jz 8.23). Deus era o Rei deles. Ele era, também, o Salvador, e o Espírito Santo atuava nos homens e nas mulheres para levar ao povo o seu poder redentor e salvífico, e para governar em nome dele.C) As vidas política e espiritual do povo estavam estritamente ligadas entre si. Na realidade, demonstra-se que cada parte da vida deles se relacionava com o Senhor, com o único Deus verdadeiro. Não lhes era permitido dividir suas vidas, no sentido de colocar a religião numa parte, e os negócios e a política na outra. Em tudo precisavam da ajuda que somente viria através do derramamento do Espírito Santo.([2])

Conforme já notamos, os períodos de alguns Juízes coincidiam parcialmente entre si. Outros Juízes (Tola, Jair, Ibzã, Elom e Abdom) recebem uma referência mínima. Obviamente, a intenção do livro não é dar relato completo.([3]) Parece, pelo contrário, concentrar sua atenção sobre os Juízes que foram, conforme declarações específicas, movidos pelo Espírito Santo.

Alguns supõem que a atuação do Espírito Santo sobre esses Juízes era somente na esfera física. Os Targuns judaicos até mesmo falavam do Espírito Santo sobre os Juízes como "o Espírito do heroísmo". Mas fica evidente em muitos casos, conforme veremos, que os Juízes fizeram mais do que ganhar vitórias e realizar proezas. Julgavam ou governavam o povo, e refreavam a idolatria. Para isso, precisavam de sabedoria, entendimento e conhecimento, mediante o Espírito do Senhor. A salvação e a redenção, e não uma mera vitória sobre os inimigos, eram o propósito real daquilo que o Espírito fazia através dos Juízes.([4])

O Espírito do Senhor é primeiramente mencionado em conexão com Otniel. Este, pelo Espírito, julgava e governava Israel. Ele foi usado pelo Espírito, ainda, para livrar Israel de um invasor mesopotâmico ou arameu, do Norte (Juízes 3.10).([5])

Alguns comentaristas acham que onde lemos: "O Espírito *veio* sobre ele", o original pode ser traduzido "estava sobre ele". Com isso, dão a entender que o Espírito Santo já estava sobre Otniel antes do Senhor chamá-lo. Mas o verbo hebraico realmente indica a

seqüência histórica. O Espírito Santo passou a vir sobre ele e permaneceu, enquanto Otniel realizava sua obra de julgar, governar e livrar. Vale a pena notar, no entanto, que Otniel já era um herói em Israel antes de Deus chamá-lo para ser juiz. Muito anteriormente, Otniel aceitara o desafio de Calebe, para conquistar Quiriate-Sefer (Cidade do Livro), e, em troca, receberia sua filha como esposa (Josué 15.15-17; Juízes 1.11-13). E provável que atos de fé e de obediência antecedam o dom do Espírito. (Ver Atos 5.32).([6])

A maior parte do livro de Juízes é dedicada a Débora, Gideão, Jefté e Sansão. Destes, Débora é incomum em muitos sentidos. Não somente era juíza, mas também profetisa (Juízes 4.4,6). Miriã, antes dela, também profetizou. Movida pelo Espírito, ela dirigiu as mulheres de Israel com música e louvores, enquanto batiam tamborins e dançavam, diante do Senhor (Êxodo 15.20). O ministério de Miriã foi temporário, porém. A inveja que ela teve de seu irmão mais novo, Moisés, levou-a a criticá-lo injustamente. Deus a feriu de lepra, e embora a tenha curado depois de sete dias, encerrou seu ministério. Seu nome não **é** mais mencionado até sua morte (Números 12.1-15; 20.1).

A Sabedoria de **Débora**

Como profetisa, Débora era porta-voz de Deus, e falava conforme era inspirada (levada adiante) pelo Espírito Santo (2 Pedro 1.21). O dom profético a qualificava a liderar, julgar e governar a nação. (Ver Deuteronômio 17.18,19).

Débora foi, na realidade, a única a ser reconhecida e aceita como juiz antes de obter qualquer vitória militar ou de livrar o povo de Deus dos seus inimigos. Sendo assim, muitos comentários supõem que a única obra verdadeira nos tempos dos Juízes era produzir um tipo de êxtase ou entusiasmo divino. Assim não acontecia no caso de Débora. Ela se assentava debaixo de uma palmeira entre Rama e Betel (provavelmente cerca de 24 Km ao norte de Jerusalém) e o povo vinha a ela com seus problemas, suas disputas e questões. Vinham, porque reconheciam estar ela em comunhão com o Senhor. Ela era casada, e não há indicação de que desprezava seu marido.

Mas ela achou tempo para esse ministério. O Espírito Santo lhe dava continuamente sabedoria para exortar o povo, consolá-lo, desafiá-lo e solucionar seus problemas. Ela não precisava de persuasão para fazer isso, para encorajar a sua fé. Muitos a consideram a mais espiritual entre os Juízes.

Quando o Espírito Santo determinou que chegara a hora de Deus libertar Israel dos cananeus, que então o oprimia, ela chamou Baraque, para comandar o exército. A fé dele não estava à altura da de Débora; no entanto, ele insistiu que ela o acompanhasse. Ele não era covarde, mas via a força do inimigo, e queria ter a certeza de ter junto de si alguém que estava em comunhão com Deus. Outros também tiveram medo dos exércitos bem-equipados dos cananeus, e se recusaram a juntar-se com Débora e Baraque. Sobre os habitantes de Meroz (na tribo de Naftali) ela solicitou uma maldição porque "não vieram em socorro do Senhor" (Jz 5.23).

Vestimentas do Espírito

Gideão, em contraste com Débora, precisou ser encorajado repetidas vezes. Pertencia a uma família de pouca importância na tribo de Manasses. (A tribo de Efraim, embora descendesse do filho mais novo de José, assumiu a liderança e fez com que a tribo de Manasses se sentisse marginalizada e esquecida). Deus encorajou Gideão por meio de uma prova com um velo de lã e do sonho de um midianita, a fim de que ele assumisse a liderança e cresse que receberia a vitória. Obedeceu, inclusive, ao anjo que lhe apareceu e destruiu a idolatria na casa de seu pai.

Esse ato de fé e de obediência não demorou a ser seguido por uma experiência muito rara com o Espírito Santo. Lemos: "O Espírito do Senhor revestiu a Gideão" (Jz 6.34). Nesta passagem, a palavra hebraica é bem diferente daquela que é traduzida por "veio sobre" em Juízes 3.10. "Revestiu a Gideão" significa "vestiu-se de Gideão".

Muitos estudiosos bíblicos não alcançam o significado total desse fato. A interpretação mais comum de Juízes 6.34 é que o Espírito Santo revestiu Gideão. Keil não chega à altura, quando diz que o Espírito Santo "desceu sobre ele, e colocou-se ao seu redor como se fosse uma armadura, ou um equipamento forte, para Gideão tornar-se invencível e invulnerável no seu poder".([7]) Semelhantemente, A.B. Davidson diz que subentende "o envolver completo de todas as faculdades humanas na dimensão divina".([8]) Knight, embora ofereça a tradução correta do texto hebraico, interpreta-o no sentido de que Gideão "vestiu-se do Espírito do Deus vivo! A ação poderosa que então realizou ao livrar Israel não era apenas sua própria ação; era também a ação salvífica de Deus".([9])

O Targum judaico explica simplesmente que o Espírito da força do Senhor veio sobre Gideão. Alguns escritores modernos tratam do assunto como apenas mais uma manifestação repentina ou violenta do Espírito Santo,([10]) ao passo que outros (tais como Bertheau, Fuerst e Ewald) oferecem uma interpretação semelhante à de Keil.

Uns poucos reconhecem, no entanto, que o hebraico somente pode significar que o Espírito Santo encheu Gideão. Ele não se revestiu do Espírito Santo, o Espírito Santo revestiu-se de Gideão.([11]) Para Gideão estar vestido do Espírito Santo, é mais provável que foi usada outra forma do verbo hebraico. Gideão era apenas a roupa, "o manto exterior do Espírito Santo que governa, fala e testifica nele".([12])

Usado a Despeito dos Erros

O declínio moral e espiritual que sobreveio com as repetidas apostasias de Israel fica cada vez mais óbvio à medida que chegamos até o tempo de Jefté e de Sansão. Jefté era, de fato, um dos desprezados deste mundo. O pai era um líder em Gileade, mas a mãe, uma prostituta (possivelmente uma das sacerdotisas cananéias que eram prostitutas supostamente "sagradas", como parte da sua religião). Os irmãos dele o expulsaram, quando ficou adulto, e ele foi forçado a se tornar um valente, ou saqueador independente, a fim de sobreviver. Edificou uma boa reputação pela sua liderança; quando os amonitas do leste ameaçaram Gileade, seus irmãos lhe rogaram que voltasse e fosse seu cabeça e líder.

Jefté procurou resolver a situação por meio de uma carta aos amonitas. Mas quando estes se recusaram a respondê-la, tornou-se necessário agir. Então, o Espírito do Senhor veio sobre Jefté e ele avançou rapidamente para a batalha. A frase hebraica usada a respeito do Espírito Santo sobre Jefté é a mesma que foi usada quando Ele veio sobre Otniel (Juízes 3.10; 11.29). Jefté, no entanto, deixou de depender do Espírito Santo e tentou negociar com o Senhor, por meio de um voto estulto. Mesmo assim, o Espírito Santo não o abandonou e a vitória foi alcançada.

Sansão, o Nazireu

Sansão tinha todas as vantagens que Jefté não possuiu. Seus pais eram piedosos. O anjo do Senhor apareceu a eles, proibindo a mãe de beber vinho ou bebida forte, e de comer qualquer coisa impura, porque o filho seria nazireu desde o nascimento (Juízes 13.7,14). A medida que Sansão crescia, o Senhor o abençoava. Mas o modo dele agir depois de crescido não foi fácil de entender. Conforme diz Keil:

"A natureza dos atos que praticava parece muito menos aquilo que esperaríamos de um herói impulsionado pelo Espírito de Deus. Suas ações não somente levam a marca da

aventura, da temeridade e da teimosia, ao serem examinadas exteriormente, como também quase todas elas estão associadas com casos de amor; de modo que Sansão desonrava e esbanjava estultamente o dom a ele confiado, tornando-o subserviente às suas concupiscências, e, portanto, o dom abrira o caminho para sua ruína, sem ter trazido nenhuma ajuda essencial ao seu povo."([13])

Os teólogos liberais, também olhando superficialmente os atos de Sansão, às vezes, chamam as visitações do Espírito Santo sobre ele de "crises de fúria demoníaca", "excessos" ou "anormalidades".([14])

Aqueles que consideram anormais as atividades do Espírito Santo não percebem a realidade. Não precisamos olhar isso exteriormente. Do ponto de vista divino, que é sensível para com os modos pacientes de Deus lidar com o seu povo, observamos em Sansão uma lição prática da graça e do poder do Espírito Santo que brilha com mais fulgor por causa do seu triste cenário. De novo, Keil expressa muito bem o caso:

"Por intermédio de Sansão, o nazireu, entretanto, não somente o Senhor decidiu colocar diante do seu povo um homem muito acima da geração caída por possuir poder heróico, fé firme e sólida confiança no dom que Deus lhe confiara, abrindo diante de todos a perspectiva de renovação das suas próprias forças, de modo que, por esse exemplo, ele despertasse a força e a capacidade que ainda dormitavam na nação; mas Sansão iria exibir diante de toda a sua geração um quadro, de um lado, da força que o povo de Deus podia adquirir para vencer os inimigos mais fortes, mediante a fiel submissão ao Senhor Deus e, por outro lado, da fraqueza em que esse povo se encontrava por causa da infidelidade à aliança e pelo convívio com os pagãos".([15])

Impulsionado para uma Ação Poderosa

Geralmente, demasiada atenção é dada aos cabelos de Sansão. Pelo contrário, a totalidade da atenção recai na maneira do Senhor tê-lo abençoado e começado a impulsioná-lo ou excitá-lo à ação. O verbo *impelir* (Juízes 13.25) tem a idéia de empurrar ou impulsionar. Subentende, também, que ele foi movido e despertado da dimensão natural para a sobrenatural. Isso não significa, como alguns supõem, que o Espírito Santo tomou posse dele e o forçou a fazer coisas que estavam totalmente fora do seu controle.([16]) Significa, pelo contrário, que quando o Espírito Santo vinha sobre ele, não podia contentar-se em aceitar as coisas conforme estavam. Era impulsionado a tomar medidas no poder do Espírito Santo.

Três vezes mais, a Bíblia menciona o Espírito Santo vindo sobre Sansão (Juízes 14.6,19; 15.14). Em cada um desses casos é usado um verbo ainda diferente daqueles que foram empregados anteriormente. Esse verbo significa "cair com ímpeto" sobre alguém, ou "irromper sobre". Exatamente, quando Sansão precisava, o Espírito Santo trazia-lhe uma grande explosão de poder e força. Está subentendido, também, o fato que o Espírito Santo agiu exatamente no momento certo. Mas nesse caso, também, não se quer dizer que Sansão foi forçado a fazer alguma coisa contra a sua vontade. Ele tinha pleno controle das suas faculdades, e simplesmente cedia ao tremendo poder do Espírito Santo, que aprendera a esperar. Mesmo depois de sua falta de consagração tê-lo finalmente alcançado, lemos que ele disse: "Sairei ainda esta vez como dantes, e me livrarei" (Jz 16.20). Cada vez que dava um passo de fé, esperava que o Espírito de Deus avançasse juntamente com ele, e, até àquela ocasião final, não foi decepcionado.

Em todos os casos, portanto, a cooperação de Sansão com o Espírito Santo era o segredo da sua força. Não há, na realidade, nenhuma indicação de que Sansão era um homem gigantesco ou que tinha músculos incomuns ou impressionantes. Os filisteus

ficaram completamente perplexos, por não entenderem a origem da força de Sansão, que não teria sido o caso, se ele fosse um modelo de cultura física.

A Bíblia não diz especificamente, tampouco, que a força de Sansão se achava nos seus cabelos propriamente ditos. Sansão contou a Dalila que ele era um nazireu de Deus. Os cabelos eram o símbolo exterior do voto e da consagração. Lemos que, depois das sete trancas dos seus cabelos terem sido rapadas, retirou-se dele a sua força. Quando, porém, Sansão acordou, a Bíblia não diz que fracassou, porque seus cabelos foram cortados, mas porque "já o Senhor se tinha retirado dele" (Juízes 16.20).

Quando os cabelos dele cresceram de novo, suas forças não voltaram automaticamente. Sansão fez deles um símbolo da renovada consagração a Deus e da obra de libertação para a qual Deus o chamara. Orou, então, e pediu a Deus que o fortalecesse, ou lhe desse forças uma vez mais. "Com força" (Juízes 16.30) é, na realidade, uma frase hebraica mais freqüentemente usada a respeito do poder de Deus, especialmente no livramento e no julgamento. Poderíamos traduzi-la: "com a força de Deus". A vitória de Sansão não se devia, em nenhuma medida, à sua própria força. Pelo contrário, veio através doutra atuação poderosa do Espírito de Deus, que lhe trouxe o vigor que conhecera em todas as ocasiões anteriores.

No Livro de Juízes, o Espírito Santo nunca é apresentado como uma mera influência proveniente de um Deus distante. O próprio Deus sempre está pessoalmente presente com poder, no seu Espírito. Para aqueles que eram receptivos diante dele, Ele também se apresentava, assim como Isaías profetizou que Ele viria ao Messias: como "o Espírito de sabedoria e de inteligência, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor" (Is 11.2). Havia, portanto, uma plenitude à disposição, mas nem todos se apropriavam dela.

Samuel, Saul e Davi: Ungidos pelo Espírito Santo

Embora Samuel fosse um juiz e um profeta, não é especificamente declarado que o Espírito Santo o impeliu. Nos livros de Samuel, a atenção recai muito mais na maneira do Espírito Santo ungir os reis.

O símbolo dessa unção era ungir com óleo. Os profetas, às vezes, eram ungidos com óleo (1 Reis 19.16), a fim de consagrá-los e separá-los para o seu ministério. Os sacerdotes eram sempre ungidos com óleo (Êxodo 30.30; 40.13-15; Levítico 8.12,30; 16.32). Os reis freqüentemente o eram (1 Samuel 10.1; 16.3,13; 2 Samuel 5.3; 1 Reis 1.34; 19.15; 2 Reis 9.3). O óleo usado era urn tipo especial, um óleo santo que não devia ser imitado, feito de azeite de oliva composto com quatro especiarias (Êxodo 30.23,24). Era usado para ungir vasos e utensílios sagrados no Tabernáculo e no Templo, e simbolizava a consagração deles ao serviço de Deus. Mas naqueles trechos que tratam de pessoas, o óleo representa claramente a unção do Espírito Santo. Em toda a Bíblia, o óleo continua sendo um símbolo importante do Espírito Santo. Fala da verdadeira unção, "a unção do Santo" (1 João 2.20) que, no Novo Testamento, se estende a todo aquele que crê.([17])

Samuel, profeta e juiz, certamente era um homem cheio do Espírito Santo. Deus lhe falava freqüentemente, e o classificava com Moisés (Números 12.6-8). Quando Samuel era jovem, Deus estava do seu lado e se revelava repetidas vezes a ele, dando-lhe profecias que não demoraram para ser cumpridas. Sendo assim, Israel o aceitou como profeta, e foi estabelecido como um porta-voz de Deus no período mais crítico da história israelita. A arca tinha sido roubada. Silo e seu templo tinham sido destruídos (Jeremias 7.12; 26.6,9). Os filisteus dominavam a terra.

O Reavivamento Une as Tribos

Depois de 20 anos do ministério de Samuel, vemos Israel "lamentando após o Senhor", ao invés de meramente seguir após a arca. (Comparar 1 Samuel 4.21,22 e 7.2.) Isto é, o ministério de Samuel fez o povo voltar das formas religiosas para o próprio Senhor. Isso levou finalmente a um reavivamento espiritual que levou todas as 12 tribos à união, pela primeira vez, desde Josué.

Muitos dos Juízes governavam apenas umas poucas tribos; Sansão, somente uma. Samuel persuadiu todas as tribos a abandonar a idolatria que se infiltrara entre elas, e servir somente ao Senhor. Em seguida, reuniu-as todas em Mizpá, onde jejuaram e confessaram os seus pecados (1 Samuel 7.6). Os filisteus entenderam que se tratava de um comício político. A política dos filisteus tinha sido a de manter os israelitas separados, e impedir sua unificação. Quando surgiu o exército filisteu, os israelitas não se dispersaram.

Pediram que Samuel orasse. Samuel ofereceu um cordeiro como holocausto, e Deus trovejou contra os filisteus, lançando-os em confusão. Para Israel, sobrou apenas a tarefa de fazer uma limpeza daquilo que sobrou do exército inimigo. A partir de então, Samuel julgava o povo, e viajava num circuito regular (1 Samuel 7.15-17). De novo, a obra do Espírito Santo fica em evidência, embora Ele não seja mencionado.

Perto do fim da vida de Samuel, Israel queria um rei. Samuel não se contentou com isso. Sentiu-se rejeitado, e sabia que o povo queria um rei por um motivo errado. Mas Deus lhe deu um ministério de profeta e de intercessor por Israel.

Saul é Ungido

Uma comparação entre a unção de Saul e a de Davi ressalta algumas semelhanças e diferenças relevantes. Em ambos os casos, Deus preparou Samuel de antemão para ungi-los. Nos dois casos também, Deus deu, depois da ação simbólica do derramamento do óleo, um derramamento verdadeiro do Espírito Santo.

Saul, no entanto, parece mais surpreso com a unção do que Davi. Saul, embora fosse homem maduro, não tinha aprendido a buscar o Senhor. Foi o servo dele quem sugeriu que procurasse Samuel como vidente (aquele que vê com discernimento sobrenatural) ou profeta (lSamuel9.6,9). Depois de ungi-lo, Samuel disse a Saul que este se encontraria com várias pessoas, e, em seguida, com um grupo de profetas com saltérios (harpas triangulares pequenas), tambores, flautas e harpas (liras semelhantes a guitarras). Iriam profetizar (falar em prol de Deus com cânticos). O Espírito do Senhor viria sobre Saul, e este profetizaria com eles, e "seria transformado em outro homem" (1 Sm 10.6).

Na realidade, uma mudança interior sobreveio antes que Saul se encontrasse com os profetas. Tão logo ele deixou Samuel, Deus lhe mudou o coração (1 Samuel 10.9). Por algum tempo, passou, então, a profetizar entre esses profetas.

Outros trechos indicam que o ministério dos profetas aumentou durante esse período (provavelmente depois do reavivamento espiritual registrado em 1 Samuel 7). Um bom número de profetas reuniu-se em redor de Samuel, que era seu chefe nomeado por Deus (1 Samuel 19.20). Referências posteriores falam de escolas de profetas onde os homens se reuniam para aprender dos profetas. O ensino era parte importante do ministério deles. E a adoração também. Anteriormente, notamos como Miriã, sob a inspiração profética, tocava tamboril (ou tanta), enquanto dirigia as mulheres na adoração. Sob a liderança de Samuel, muitas músicas e muitos instrumentos musicais foram acrescentados, e esses profetas aprendiam a render-se ao Espírito Santo, enquanto tocavam seus instrumentos e cantavam louvores a Deus.

Sem dúvida, isto abriu o caminho para a ênfase aos instrumentos musicais e aos

cânticos que Davi acrescentou à adoração oficial dirigida pelos sacerdotes e levitas. Não parece haver precedente para isso. Começou como uma espontânea atuação do Espírito de Deus. Sendo assim, profetizar em cânticos não dizia respeito à previsão do futuro. Tampouco as profecias de homens tais como Moisés e Samuel, ou até mesmo Isaías e Jeremias, eram assim. A profecia era o falar em prol de Deus. A profecia feita com música e com cânticos era simplesmente cantar e tocar para a glória de Deus, sob a inspiração do Espírito Santo.

Davi apreciava isso de tal maneira que separou levitas para esse ministério ungido pelo Espírito Santo e incentivou o uso de uma variedade ainda maior de instrumentos musicais (1 Crônicas 25.1-7). Especificamente, profetizavam "louvando e dando graças ao Senhor", porque eram "instruídos no canto do Senhor" (1 Cr 25.3,7). Isto parece indicar que esperavam a unção do Espírito Santo nos cânticos que aprendiam de Davi.

Saul, ao ajuntar-se ao grupo dos profetas, transbordou em cânticos, não por causa do entusiasmo deles, não por causa de um impulso de seu próprio interior, não porque tivesse algum talento musical adormecido que aquela música inspirada havia nele despertado, mas porque ele mesmo fora impelido pelo Espírito Santo. Dessa maneira, fora preparado pelo Espírito Santo para a tarefa que lhe aguardava. Embora Israel tivesse errado, ao pedir um rei, Deus deu à nação um elemento de estatura física e de parecer apresentável, o exato tipo que o povo queria. Mas Ele fez mais do que isso. Preparou-o, transformou-o, e lhe deu do seu Espírito. Os israelitas não poderiam dizer mais tarde que Deus não fizera por eles tudo quanto era possível.

Davi é Ungido

A experiência de Davi foi diferente, pois quando Samuel o ungiu, "desde aquele dia em diante o Espírito do Senhor se apoderou de Davi" (1 Sm 16.13). O mesmo verbo é usado aqui, para a vinda do Espírito Santo, como é usado no caso de Sansão e do rei Saul. Foi com o mesmo ímpeto de grande poder. Há, porém, uma leve diferença na preposição usada, e uma grande diferença na experiência de Davi. O Espírito Santo veio *sobre* Sansão e Saul. A experiência de ambos foram temporárias e intermitentes. Era quase como se o Espírito Santo não estivesse presente com eles (muito embora Ele estivesse ali). O Espírito Santo veio *para* Davi (ou, provavelmente, *para dentro dele).* O caso do filho de Jessé foi diferente, também, no fato de não ter havido nenhuma reação ou sinal externo. Essa quantidade de poder encheu o íntimo de Davi e começou a preparação para a liderança que Deus lhe daria posteriormente. Mas essa experiência não terminou após alguns poucos minutos. No dia seguinte, aquele impetuoso movimento do Espírito Santo ainda estava presente. "Em diante" é, literalmente, "para cima". Era uma experiência ascendente, uma experiência crescente.

Parece significante, também, que nada é dito a respeito de que foi dado a Davi um novo coração ou foi transformado em outro homem.

Evidentemente, Davi já conhecia o Senhor. O Salmo 23 provavelmente foi escrito quando ele era mais velho, mas certamente reflete a experiência da sua juventude. Como menino, pastor nas colinas de Belém, contemplava o seu rebanho e dizia: "O Senhor é o meu pastor". Nas longas vigílias da noite, sob as estrelas cintilantes, seu coração clamava: "Os céus manifestam a glória de Deus e o firma-mento anuncia a obra das suas mãos" (SI 19.1). O coração de Davi já estava transformado, já estava aberto quando veio o Espírito Santo. Daí, então, fluíram os cânticos que nos deram uma grande parte do hinário sacro de Israel e da Igreja, o livro dos Salmos.

Somente por mais duas vezes a Bíblia menciona a vinda do Espírito Santo sobre

Saul, depois de sua experiência inicial. Saul não foi aceito por todos, no momento em que foi escolhido rei. Por isso, voltou ao campo. Mas, certo dia, chegaram notícias da ameaça dos amonitas, de que vazariam os olhos direitos dos homens de Jabes-Gileade, como preço de um tratado de paz. Quando Saul soube disso, o Espírito Santo veio sobre ele com grande ímpeto, e ele liderou Israel numa grande vitória que o estabeleceu no seu trono (1 Samuel 11.6,15).

Saul, no entanto, não confiou no Senhor. Com medo e teimosia, ofereceu um sacrifício que levou Deus a retirar da família dele o direito da sucessão. Os filhos de Saul não teriam direito ao trono. Um homem segundo o coração de Deus tomaria o lugar de Saul; um homem que cumpriria toda a vontade de Jeová (1 Samuel 13.14; Atos 13.22). Uns poucos anos mais tarde, Saul desobedeceu de novo, a despeito de ter sido relembrado da unção do Senhor. Dessa vez, Deus retirou de Saul o direito de serrei. A partir de então, Saul reinou sem o apoio nem a autoridade de Deus (1 Samuel 15.1,19,26). Fracassou, porque não compreendia que a religião espiritual promovida no Antigo Testamento não era mera questão de ver milagres e de obter vitórias. Era questão de obediência e de fé.

Depois de Samuel ter ungido a Davi, o Espírito do Senhor retirou-se de Saul (1 Samuel 16.14). Logo, o Espírito Santo estava com ele (disponível para ele) entre os grandes ímpetos de poder; assim como também estivera com Sansão. Esse trecho também deixa claro que, quando o Espírito do Senhor se retira, **o** próprio Senhor também vai embora. (Ver Juízes 16.20).

Um Espírito Mau da Parte do Senhor

Quando o Espírito do Senhor se retirou, Deus não deixou Saul simplesmente sozinho para seguir seu próprio caminho. "Um espírito mau da parte do Senhor" o assombrava (aterrorizava) (1 Sm 16.14,16,23; 18.10; 19.9). Isso é difícil para a nossa compreensão. Não é indicado que esse espírito era um demônio, porque viera da parte do Senhor. Alguns entendem que **o** espírito mau era da parte do Senhor no sentido restrito de ter sido *permitido* por Deus. Mas o texto hebraico parece mais enfático do que isso. Na realidade, em 1 Samuel 18.l0 a expressão é abreviada para mau espírito de Deus, e em 19.9 para *mau espírito do Senhor* (Jeová). Vinha com bastante freqüência (1 Samuel 16.23), e pelo menos em uma ocasião levou Saul a "profetizar" (1 Samuel 18.10).

É possível que uma chave para o entendimento disso se ache em Isaías 45.7 onde Deus diz: "Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal". Aqui, o mal é o inverso da paz (que inclui **o** bem-estar, a saúde, a prosperidade e a bênção) e não o inverso do bem. Deus nunca é o autor do mau moral, do pecado. Mas é o Deus santo que envia juízos contra os pecadores, assim como Ele fez contra o Egito (Êxodo 12.12).

A palavra *mal* também é traduzida por adversidade, aflição e calamidade. Deus freqüentemente se referia aos seus juízos, dizendo que traziam o mal (1 Reis 21.20; 22.18; Jeremias 4.6; 6.19). Mais tarde, Sofonias (1.12) profetizou o juízo divino contra as pessoas descuidadas que se acomodavam em seus pecados e que diziam: "O Senhor não faz bem nem faz mal". O espírito que o Senhor enviou sobre Saul não era, portanto, nem um espírito mau nem um demônio no sentido do Novo Testamento, mas um espírito de julgamento. Alguns o comparam com 1 Reis 22.19-23. Outros entendem que é como um anjo da vingança.

A causa desse juízo contra Saul foi, portanto, plenamente sobrenatural. O que ele tinha não era mera doença, enfermidade, ou distúrbio mental. Esse espírito de juízo o atingiu, precipitando-se sobre ele e para dentro dele. A graça de Deus foi retirada, mas o juízo divino permaneceu em operação.

Alguns entendem que a música de Davi, que aquietava a Saul, demonstra que a dimensão natural afeta a sobrenatural.([14]) E verdade que a Bíblia não estabelece uma clara distinção entre ambas, e nem nós conseguimos estabelecê-la dentro da nossa experiência. Devemos lembrar-nos, porém, que Davi não era um harpista comum. Era ungido pelo Espírito Santo.

O Profetizar de Saul

O "profetizar" de Saul sob a influência desse espírito sobrenatural de juízo também é de difícil compreensão (1 Samuel 18.10). E provável que não fosse profecia normal. A mesma forma desse verbo, às vezes, é aplicada às manifestações de delírios e de ira dos profetas pagãos. Posto que esse espírito de juízo aterrorizava Saul (16.14), é possível que esse "profetizar" também assumisse a forma de elocuções incontroláveis.

Devemos reconhecer, também, que esse "espírito de juízo" não está na mesma categoria do Espírito do Senhor, embora Saul tivesse profetizado sob sua influência. Esse espírito que foi enviado da parte do Senhor era sujeito à vontade do Senhor. O Espírito Santo, porém, é o próprio Deus agindo diante de uma situação.C[9])

Um evento ainda mais estranho é o "profetizar" de Saul diante de Samuel, quando esse estava perseguindo Davi(l Samuel 19.20-24). Três vezes, Saul enviou mensageiros para prender Davi. Quando, no entanto, vieram a Samuel, que estava em Rama, e dirigia um grupo de profetas. O Espírito do Senhor veio também sobre os mensageiros de Saul e eles começavam a profetizar. A inspiração e a bênção do Senhor levou-os a esquecer-se de sua missão, ou a mudar de idéia a respeito disso.

Em seguida, o próprio Saul resolveu ir até Samuel e prender Davi. Vestido com suas vestes reais, esperava descer até lá e intimidá-los. Mas o Espírito do Senhor veio sobre ele antes que encontrasse Samuel, e começou a profetizar. Ao chegar diante de Samuel, despiu-se de seus vestidos reais e esteve "nu" (vestido somente com sua túnica), prostrado, e profetizou durante toda a noite.

Aqui a situação é bem diferente da ocasião em que o Espírito Santo veio sobre ele pela primeira vez, depois de ter sido ungido. No caso presente, o Espírito Santo veio sobre (e não "precipitou-se sobre") ele antes que ele se encontrasse com os profetas. Desta vez, resistia ao Espírito Santo. Ao invés de ser preparado para a realeza, ele se despiu de seus vestidos reais. Ao invés de profetizar entre os profetas, deitou-se no chão. Não há evidência de que assim tenha feito com o intuito de se humilhar diante de Deus. Até mesmo seu "profetizar", nesse caso, tenha sido mais como delírios provenientes de sua resistência ao Espírito. Assim, Deus mostrou que Ele era soberano, e Davi teve a oportunidade de escapar.

Davi e os Salmos

Que o Espírito Santo continuou a habitarem Davi é indicado em sua oração, quando ele pediu perdão a Deus, depois do seu grande pecado: "Não retires de mim o teu Espírito Santo" (SI 51.11). A sua verdadeira atitude de arrependimento nessas coisas está em nítido contraste com o rei Saul, que às vezes reconhecia seu pecado depois de ter sido pego em flagrante, mas que nunca demonstrou genuíno arrependimento. Pelo contrário, Saul voltava imediatamente a fazer as mesmas coisas.

E relevante, pois, que Davi reconhece o Espírito de Deus como o Espírito Santo. É provável que não tenha usado o nome com pleno reconhecimento da personalidade distintiva do Espírito Santo, que é o que vemos no Novo Testamento. Mas certamente vê que o Espírito Santo está pessoalmente ativo em relação às necessidades dele.

A totalidade do Salmo 51 é digno de estudo nessa conexão, especialmente os

versículos imediatamente antes e depois do versículo 11. "Cria em [para] mim um coração puro [sem mistura]" (v.10). *Criar* é uma palavra usada na Bíblia exclusivamente a respeito da atividade sobrenatural de Deus, sem precedentes. Davi não poderia fazê-lo por conta própria. O mesmo versículo continua: "Renova [restaura] em mim [no íntimo do meu ser] um espírito reto [firme, inabalável, fiel, fidedigno]". Trata-se do seu espírito humano que o pecado despojara do seu firme propósito de fazer a vontade de Deus e de estar pronto para avançar juntamente com Ele. "Não me lances fora da tua presença" (v. 11). A presença de Deus forma um paralelo com a do seu Espírito Santo. Mediante o Espírito Santo, Davi tomava consciência da presença de Deus. O fato que o Espírito Santo ainda lidava com ele demonstrava-lhe que Deus ainda não o expulsara, nem o abandonara completamente. (Ver 1 Coríntios 9.27). "Torna a dar-me a alegria da tua salvação" (v.12). Durante um ano, pensava que tinha encoberto o seu pecado. Mas foi somente quando Nata o repreendeu que despertou para a realidade: a alegria já se fora. "E sustém-me [ajuda-me] com um espírito voluntário [teu Espírito generoso]" (v.12). O Espírito que é santo também é generoso.([20]) (A palavra *voluntário* é a mesma palavra que fala de corações dispostos e de ofertas voluntárias em Êxodo 35.5,22). Davi queria a ajuda do Espírito Santo para sustentá-lo, não meramente para guardá-lo de resvalar de novo, mas de sorte que Davi pudesse ensinar os outros e levar os pecadores ao Senhor (v.13).

A oração de Davi foi atendida. Não somente o Senhor o restaurou, mas ele pôde assim dizer, no fim da sua vida: "O Espírito do Senhor falou por mim [em mim], e a sua palavra esteve em minha boca" (2 Sm 23.2). Davi ainda era o ungido de Deus, "o suave salmista [em tocar harpa e cantar] de Israel" (2 Sm 23.1).

Davi se recusara por duas vezes a matar o rei Saul porque ele era o ungido do Senhor. Ora, Davi era o ungido (Hebraico, meshiach. Messias) num sentido muito melhor. Nessa condição, ele se tornou um tipo que apontava para o futuro Davi maior, que é o verdadeiro Messias, o Profeta, Sacerdote e Rei ungido por Deus.

Há apenas algumas poucas e curtas referências sobre o Espírito Santo em relação a Davi. 1 Crônicas 28.12 indica que a planta do templo veio a Davi pela inspiração divina do Espírito Santo.([21])

No Salmo 139.7, Davi perguntou: "Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua face?" Não queria dizer, com isso, que chegaria a fazer tal coisa. Simplesmente está reconhecendo que o Espírito Santo, o poder, e a presença de Deus estão em todos os lugares.

O Salmo 143.10 reconhece que o Espírito de Deus é bom. O versículo pode ser traduzido: "Ensina-me [faz-me realmente aprender] a fazer a tua vontade, pois és o meu Deus; guie-me o teu bom Espírito por terra plana" (onde não haverá tropeços, nem impedimentos à retidão, nem barreiras ao progresso espiritual).

Uma referência adicional, em 1 Crônicas 12.18, indica que o Espírito Santo veio sobre (vestiu como roupa, encheu) Amasai para dar uma palavra de encorajamento a Davi. (A mesma palavra hebraica é usada no tocante a Amasai quando foi usada para Gideão em Juízes 6.34).

Salomão

Embora Salomão conhecesse a inspiração e o dom da sabedoria que provêm do Espírito Santo, fala uma só vez a respeito do Espírito. Em Provérbios 1.23, a Sabedoria exclama: "Eis que abundantemente derramarei sobre [para] vós o meu Espírito, e vos farei saber [por experiência própria] as minhas palavras". A sabedoria aqui personificada é a sabedoria divina, a sabedoria da parte de Deus. *Derramar* é mais freqüentemente usado no

sentido de derramar uma torrente de palavras. E usado, também, para um derramamento maior do Espírito Santo no futuro, derramamento este que tem ligação com um derramamento de palavras pelas quais o Espírito Santo se expressa.

Reis e Crônicas

O Espírito Santo é mencionado no restante dos livros dos Reis e das Crônicas somente em conexão com os profetas. Quando o reino foi dividido, após a morte de Salomão, os reis das 10 tribos do norte (que adotaram o nome de Israel) caíram muito no nível espiritual. Todos adoravam os bezerros de ouro que Jeroboão havia exigido em Betel e Dã. Muitos caíram na mais grosseira idolatria. Mesmo em Judá, embora houvesse reavivamentos sob o reinado de Asa, de Josafá, de Ezequias e de Josias, a maioria dos reis afundou-se em práticas idolatras. Sendo assim, embora os reis tenham conduzido a trajetória da História, os profetas falavam em prol de Deus e lançavam as bases para o futuro.

Isso se vê na própria estrutura dos livros dos Reis. Esses reis são apresentados mediante uma fórmula fixa. Outra fórmula fixa menciona a conclusão do reino deles. Os reis, como um todo, são apenas o arcabouço nos livros dos Reis. Para apresentar os profetas, no entanto, não há fórmula fixa. De repente, estão aí, como se **a** estrutura de Reis fosse quebrada para os profetas serem introduzidos na situação. (Ver 1 Reis 17.1).

Todos os profetas verdadeiros, naturalmente, eram inspirados e movidos pelo Espírito Santo (2 Pedro 1.21). Um dos profetas antigos sobre quem veio o Espírito Santo, conforme a narrativa, foi Azarias (2 Crônicas 15.1-8). Encorajou Asa a afastar os ídolos e ajudou no seu reavivamento. Sua mensagem lembrava Asa das condições nos tempos dos Juízes. Conforme acontecia tão freqüentemente, as mensagens dos profetas fundamentavam-se na Palavra de Deus já revelada até então.

Mais tarde, o Espírito do Senhor veio sobre Jaaziel para encorajar Josafá a confiar em Deus, permanecer firme, e deixar o Senhor lhes dar a vitória. Dessa vez, não haveria necessidade de Judá lutar (2 Crônicas 20.14-17).

Ao mesmo tempo, aproximadamente, Deus estava atuando através de Elias no norte de Israel, para levar o povo a uma decisão. Quando após três anos e meio sem chuva, Elias se encontrou com Obadias, servo do rei Acabe, Obadias temia que o Espírito do Senhor arrebatasse Elias para longe (1 Reis 18.12). Isso nos lembra de como o Espírito de Deus mais tarde arrebatou Ezequiel (Ezequiel 37.1) e Filipe (Atos 8.39). Obadias, pelo menos, reconheceu o Espírito de Deus como um tremendo poder. (Ver também 2 Reis 2.16). Mas a evidência de que o Espírito estava realmente guiando Elias surgiu quando o fogo desceu do céu e consumiu o sacrifício no monte Carmelo, e o povo disse: "Só o Senhor é Deus!" (1 Rs 18.36-39).

Elias precisava aprender mais uma lição, no entanto (1 Reis 19). Os milagres necessariamente não convencem os incrédulos. Ele esperava que o fogo vindo do céu convertesse a própria Jezabel. Quando não aconteceu assim, Elias ficou muito frustrado, e fugiu. Com as energias de duas refeições sobrenaturais, foi andando durante 40 dias até à região do monte Sinai. Ali, Deus permitiu que ele soubesse sobre as manifestações do seu Espírito, as quais não eram necessariamente dramáticas e exteriores. O fogo, o terremoto, e o vento forte não tinham sentido para Elias. Mas depois, no silêncio que se seguiu, uma voz mansa e delicada fez com que Elias soubesse que não estava sozinho, que 7.000 não tinham dobrado os joelhos diante de Baal, e que Deus ainda tinha trabalho para ele realizar. Deixasse, portanto, sua auto-piedade e se pusesse a trabalhar.

Elias era de tal maneira caracterizado pelo Espírito Santo que Eliseu, quando soube que Elias estava para ser tirado dele, pediu-lhe uma porção dobrada do seu Espírito (2 Reis

2.9). Não se referia, com isso, ao espírito humano de Elias, nem ao seu entusiasmo, mas ao Espírito de Deus que estava sobre ele. Além disso, ao pedir uma porção dobrada do Espírito, não estava pedindo uma quantidade dupla do Espírito (embora alguns comentaristas indiquem que Deus operou duas vezes mais milagres registrados na Bíblia através de Eliseu do que através de Elias). Na realidade, a dupla porção era a porção do herdeiro. Muitos profetas, e várias escolas de profetas, foram levantados através do ministério de Elias. Eliseu pediu o privilégio de ser o sucessor de Elias no seu ministério e na liderança das escolas dos profetas. Isso lhe foi concedido, e os demais profetas reconheceram que o Espírito de Elias estava sobre ele. (Ver 2 Reis 2.15).

O povo tinha Eliseu como um santo homem de Deus (2 Reis 4.9). E os reis também, bem como Naamã, o general do exército sírio (2 Reis 5.14,15). Em certa ocasião, no entanto, ficou tão envolvido pela incredulidade que pediu que um trovador viesse cantar e tocar diante dele. Enquanto adorava ao Senhor, criava sua própria atmosfera de fé, e "veio sobre ele a mão do Senhor" (2 Rs 3.15). A expressão "a mão do Senhor" é freqüentemente usada para referir-se ao poder do Senhor, e muitas vezes subentende a atuação do Espírito Santo. A "mão do Senhor", geralmente, refere-se ao poder do Senhor, e com freqüência subentende a atuação do Espírito Santo.

Durante os tempos de Elias, Deus também usou o profeta Micaías para advertir Acabe da batalha que traria a sua morte (1 Reis 22.17-23). Outros profetas tinham encorajado Acabe a acreditar que voltaria vitorioso. Micaías, porém, disse que foram impelidos por um espírito mentiroso para provocar o juízo divino contra Acabe. Zedequias, um dos outros profetas, esbofeteou a face de Micaías, perguntando: "Por onde passou de mim o espírito do Senhor para falar a ti?" (1 Rs 22.24). Obviamente, Zedequias considerava-se o único que realmente era inspirado pelo Espírito Santo. O passar dos fatos comprovou que Micaías era o profeta verdadeiro. Mesmo assim, a observação de Zedequias indica que as pessoas entendiam ser a verdadeira profecia inspirada pelo Espírito Santo.

A Bíblia ressalta mais uma pessoa dessa época que tinha a plenitude do Espírito Santo (2 Crônicas 24.20). Quando o rei Joás e seu povo se afastaram do Senhor, o Espírito Santo "vestiu-se" de Zacarias e os repreendeu. Por isso, Joás mandou apedrejá-lo até à morte - martírio esse ao qual Jesus chamou a atenção por ser o último registrado na Bíblia Hebraica, porque ela coloca os livros de Crônicas no término (Mateus 23.35; Lucas 11.51).

Jó

Jó é o mais antigo livro da Bíblia; ele também faz referência ao Espírito Santo. Em Jó 26.13: "Pelo seu Espírito ornou [abrilhantou] os céus", é expressão que muitos intérpretes entendem ter o Espírito Santo usado o vento para esse fim. "O sopro de Deus no meu nariz" forma um paralelo com o "alento em mim" (Jó 27.3). "O espírito no homem" (Jó 32.8,18) é, indubitavelmente, o espírito humano, mas o trecho (juntamente com Jó 33.4) reconhece que o homem deve este espírito ao Espírito Santo (como em Gênesis 2.7).

Eliú (que começa a falar em Jó 32.6) acha, porém, que seu próprio espírito recebeu uma medida maior de sabedoria e de poder do Espírito Santo do que a medida que os três amigos de Jó possuíam. Nesse sentido, Eliú sugere que tem um dom carismático [22]. Mas isso é ignorado, entretanto, no modo de agir de Deus com Jó e seus três amigos no restante do livro.

3
O ESPÍRITO NOS LIVROS PROFÉTICOS

Todo o Antigo Testamento considera a profecia a atividade principal do Espírito Santo junto de seu povo. O desejo de Moisés de que todos fossem profetas dependia de Deus colocar o seu Espírito sobre o povo (Números 11.29). A profecia de Joel diz, falando da parte de Deus: "Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão" (Jl 2.28). Essa era a principal garantia de que a aliança de Deus seria finalmente cumprida e que Israel realmente seria o povo de Deus. (Ver Êxodo 6.7; 2 Samuel 7.24; Isaías 32.15; 44.3-5; Jeremias 31.31-34; Ezequiel 11.19; 36.25-28).([1])

Joel, cuja mensagem coincide com a juventude de Joás, quando o sacerdote Joiada estava na regência, enfatiza uma chamada ao arrependimento (1.14; 2.12-17). Deus promete que, depois da contrição, haveria a restauração (2.25) e o reavivamento (2.28.29).

Joel fala de sinais que só aconteceriam muito depois (2.30,31) e registra juízos contra o Egito e Edom que, na ocasião, eram inimigos de Judá (3.19). Por essa razão, alguns afirmam que a profecia de Joel sobre o derramamento do Espírito Santo somente teria cumprimento no futuro, **e** que deveria se cumprir somente com relação aos judeus no Dia do Senhor.([2])

Sobre toda a Carne

*Um e*xame mais minucioso, no que Joel declara, demonstra, entretanto, que o profeta não compreendeu o intuito da promessa de Deus, pois não podemos limitá-la somente aos judeus. Os profetas do Antigo Testamento não souberam qual seria o intervalo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, pois "toda a carne" claramente significa toda a raça humana. (Ver Gênesis 6.12,13; Deuteronômio 5.26; Jó 12.10; 34.14,15; Salmos 65.2; 145.21; Isaías 40.6; Jeremias 25.31; Zacarias 2.13).([3])

Nem a expressão "vossos filhos e vossas filhas" restringe a Israel este derramamento. Simplesmente demonstra que não há acepção no tocante à idade ou ao sexo. Essa frase, portanto, pretende remover as limitações, e não tem pretensão de restringir somente aos judeus este acontecimento.([4])

Os velhos teriam sonhos (proféticos) e os jovens visões (proféticas) é uma ênfase a mais sobre a remoção das limitações. A distinção entre os sonhos e as visões não é relevante aqui, pois o Antigo Testamento freqüentemente emprega as duas palavras alternadamente. Mas o padrão cultural, que naqueles dias dava à idade a primazia, já não deve mais ser seguido. Todos têm oportunidades iguais para o ministério do Espírito Santo.

As restrições sociais também devem ser removidas. O Espírito Santo seria derramado na mesma proporção sobre os servos (escravos) e servas (escravas). Isso também era algo inédito nos tempos do Antigo Testamento. Os judeus, entretanto, não creriam nisso. Interpretariam a promessa no sentido de "servos de Deus" e não literalmente de "escravos". Os fariseus desprezavam o povo simples, e muito mais os escravos (João 7.49). Um dos seus ditados era: "A profecia não reside senão nos sábios, nos poderosos e nos ricos".([5])

Bênçãos para Todos

O propósito de Deus, na realidade, sempre tem sido o de trazer bênçãos a todos (Gênesis 3.15; 12.3; 22.18; João 3.16). Ele não escolheu Abraão com o propósito de excluir as outras pessoas. Elas já estavam separadas da bênção divina por causa dos seus pecados.

Deus o escolheu para iniciar uma linhagem que levaria até o Messias, o

"descendente" maior de Abraão (Gálatas 3.16). Os judeus são um povo escolhido, não para o favoritismo (Atos 10.34), mas para o serviço. Deus pretendia usá-los para que preparassem o caminho da vinda de Cristo, de modo que todos os homens pudessem ser salvos. Noutras palavras, Deus escolheu Abraão e Israel pela mesma razão que enviou o seu Filho: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira..." (Jo 3.16).

O derramamento do Espírito Santo é, portanto, para todos: judeus ou gentios, ricos ou pobres, jovens ou velhos, cultos ou incultos, independentemente de raça, cor, ou nacionalidade. E esse derramamento não seria um evento realizado de uma vez por todas. O verbo hebraico indica ação progressiva ou repetida, o que significa que o derramamento do Espírito Santo seria de geração a geração. Poderia, é claro, ser rejeitado ou desconsiderado, mas estaria sempre disponível.([6])

Depois (Joel 2.28) pode significar após o arrependimento e a restauração. Pode, também, referir-se, especificamente, ao versículo 23. A restauração que possibilita a vinda do Espírito Santo deve, à luz do contexto bíblico, ser um retorno à comunhão com Deus pelo sacrifício de Cristo na cruz. Logo, era necessário o Calvário antes do Pentecoste.

Alguns estudiosos do hebraico vêem esse fato indicado em Joel 2.23. A segunda metade do versículo pode ser traduzida: "Pois Ele vos dará o Mestre para justiça, e fará descer para vós chuvas, as primeiras chuvas e as chuvas posteriores, como outrora". ([7]) Logo, *depois* faz o derramamento abundante do Espírito Santo "uma segunda e última conseqüência do dom do Mestre da justiça".([8])

O envio das chuvas literais nos dias de Joel, portanto, não somente cumpriu a sua profecia de restauração após o arrependimento da nação; era, ainda, a garantia da promessa a mais de que Deus derramaria o seu Espírito depois que o Mestre da Justiça, o Messias, viesse. O único limite seria nossa disposição de receber.

Miquéias, Cheio do Espírito Santo

Somente Miquéias e Isaías, na "era dourada da profecia" de Israel, mencionam o Espírito Santo. Oséias (9.7) tem, de fato, uma breve declaração sobre o profeta que é um insensato e o homem que é um louco (comporta-se como demente); todavia, referem-se aos "reincidentes" que haviam se corrompido sobremaneira (Oséias 9.9). O próprio Oséias era totalmente dedicado a Deus, e aprendeu em seu coração quebrantado o amor que Deus sente por seu povo, o qual havia reincidido no erro.

Aquilo que Miquéias diz a respeito de sua própria chamada era, indubitavelmente, o caso de todos os legítimos profetas de Deus: "Decerto eu estou cheio de poder do Espírito do Senhor, e cheio de juízo [justiça, inclusive decisões certas] e de ânimo [força corajosa], para anunciar a Jacó a sua transgressão [rebelião, culpa], e a Israel o seu pecado" (Mq 3.8). No meio de uma sociedade corrompida, Deus o encheu do seu Espírito Santo para que discernisse o que era certo e errado diante de Deus. Em seguida, o Espírito Santo lhe deu poder, coragem, e força para confrontar-se com a situação. (Comparar João 16.8). Em que contraste encontrava-se ele em relação aos falsos profetas que se desculpavam pelo pecado, se a paga fosse justa, de fato!

Miquéias pergunta ainda: 'Tem-se restringido [ficado impaciente, descontente] o Espírito do Senhor?" (2.7). Sua pergunta pede uma resposta negativa. Deus não é impaciente. Ele não se tornou insatisfeito. Isto é: seus atos de juízo sobre Israel não são o resultado de alguma mudança no seu caráter. Ele é o mesmo Deus de bondade que sempre tem sido. O povo é que havia mudado. Levantara-se contra Deus como se Ele fosse um inimigo (2.8). Não queria escutar a Palavra do Senhor. Realmente, "se houver alguém que siga o seu espírito de falsidade, mentindo e dizendo: Eu te profetizarei [gotejarei palavras]

acerca do vinho e da bebida forte [alcoólica]; será esse tal o profeta [pregador] desse povo" (2.11). Os falsos profetas estavam dispostos a falar do tipo de concupiscência e prazer que muitos desejavam ouvir. Mas o povo não entendia que o Espírito Santo foi dado, não para promover os prazeres carnais, mas para lidar com o pecado.

Um Sinal de Julgamento

Isaías teve dificuldades com os sacerdotes e os leigos que zombavam dele. Quando falava a respeito do juízo e das glórias futuras, diziam que não eram criancinhas (Isaías 28.9). Já tinham ouvido profecias a esse respeito. Para eles, as profecias de Isaías eram como o ABC, ou a conversa de criancinhas. (Isaías 28.10, em Hebraico, transmite um som semelhante a "tsav ltsav, tsav ltsav, cav lcav, cav lcav", como se estivesse repetindo letras do abecedário ou falando uma linguagem incompreensível).

A resposta de Isaías é: "por lábios estranhos e por outra língua, falará a esse povo". Com isso, o profeta desejava dizer que se o povo não aprendesse a lição da parte do Senhor, aprendê-la-ia dos invasores assírios, cujo idioma seria incompreensível aos ouvintes (Isaías 33.19). Deus pretendia que as profecias e a esperança da vinda do Messias e do Espírito Santo fossem de repouso e de refrigério. Mas, agora, aquilo que o povo identificava como linguagem incompreensível, ficaria como um sinal de juízo contra ele. O povo ouviria, e, por causa da rejeição à mensagem de Isaías, "cairia para trás" e seria preso. Isso se cumpriu, quando Senaqueribe conquistou as cidades de Judá (Isaías 36.1) e, segundo registro, enviou cerca de 200.000 deles para o cativeiro, provavelmente na Babilônia.

A primeira menção que Isaías faz do Espírito Santo, está também ligada ao seu modo de lidar como pecado. Todos os que restassem de Sião seriam santos (dedicados a Deus, consagrados a Jeová). "Quando o Senhor lavar a imundícia [excremento] das filhas [habitantes, homens e mulheres] de Sião, e limpar o sangue [poças de sangue provenientes dos assassinatos] de Jerusalém do meio dela, com o espírito de justiça, e com o espírito de ardor" - como preparativo para a glória (messiânica) vindoura (Isaías 4.3-5).

Alguns entendem que essa última expressão se refere a um vento ardente e purificador,([9]) mas é Deus quem realiza a obra. Seu Espírito traz o fogo da ira divina para castigar a iniqüidade e para destruir os malfeitores, a fim de iniciar a era messiânica.

O Espírito Santo sobre o Messias

O clímax do quadro messiânico retratado por Isaías, tanto nas partes iniciais do livro, como nas finais, trata do Espírito de Deus repousando sobre Ele (11.1-5; 61.1-4). Na primeira parte do seu livro, Isaías fala do Messias como Rei. Ele revela um quadro maravilhoso, a partir de 7.14.

Naquela ocasião, o rei Acaz planejava solicitar à Assíria ajuda militar. Isaías desejava que o rei confiasse no Senhor (7.11) e o recomendou que pedisse um sinal sobrenatural (milagre) das profundezas (em direção ao Seol) ou das alturas em cima (o Céu). Acaz, no entanto, que já se decidira, fingiu ser demasiado piedoso para pôr Deus à prova. Com isso, Isaías irrompeu com uma condenação, não meramente contra Acaz, mas contra a casa (família, linhagem) de Davi: "Portanto, o mesmo Senhor vos [plural: toda a casa e linhagem de Davi] dará um sinal [sobrenatural, milagroso]: Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome EMANUEL [Deus conosco]" (7.14).

O trecho que se segue é de difícil interpretação, mas fica claro que este versículo 14 se refere a um milagre pelo menos tão grande como aquele que foi oferecido ao rei Acaz. Virgem (hebraico, almah), às vezes, tem sido traduzida como "mulher jovem", porque não é uma palavra comum para virgem. Entretanto, a palavra comum (bethulah) significa uma

virgem de qualquer idade, desde uma menina pequena até uma senhora idosa. A palavra que Isaías usa aqui se refere a uma virgem em idade de se casar. (Ver Gênesis 24.16, onde a palavra é usada para Rebeca). O nome EMANUEL também dá ênfase a "conosco". Ele é o Deus conosco, que veio para estar ao nosso lado, de modo especial.

Para os judeus, a Terra Santa era a morada de Deus, mas em Isaías 8.8 é o termo de Emanuel. (Ver João 1.11, onde Ele vem para o que é seu, para seu próprio lugar, para sua própria terra, e o seu próprio povo não o recebe).

O passo seguinte, no quadro que Isaías desdobra, mostra que o Menino que nasceu da virgem tem o governo sobre seus ombros (9.6,7). Seu nome será Maravilhoso (uma maravilha milagrosa), Conselheiro (um nome tradicionalmente dado tanto a Deus como ao seu Espírito), Deus Poderoso (heróico, corajoso - subentende o Deus que alcança uma grande vitória para o seu povo), Pai (ou Autor, ver João 1.1,3) da Eternidade e Príncipe da Paz (o Príncipe que trará paz, bênçãos e bem-estar espiritual; o Príncipe que introduzirá a era gloriosa que está para vir). Estabelecerá o trono de Davi e o tornará eterno. O próprio Deus dedica-se, cheio de zelo, para levar isso a efeito.

O capítulo seguinte confirma que o "Deus poderoso" realmente se refere à natureza divina do Filho prometido. Em 10.20,21, "o -Deus forte" aparece em paralelo com o "Santo de Israel".

O Sétuplo Espírito

Em seguida, em Isaías 11.1-5, esse Filho nascido de uma virgem é identificado como um rebento (um broto novo) do tronco (resto de árvore derrubada) de Jessé, e das suas raízes um renovo (hebraico netser ou nezer. palavra essa que tem a mesma raiz que Nazaré e Nazareno). Noutras palavras, antes do tempo em que esse Filho, nascido de uma virgem, chegasse a ser Deus conosco, a glória do reino davídico já teria passado, e a família de Davi teria sido derrubada e reduzida à pobreza. Quando, porém, o Menino crescesse, viria sobre Ele algo melhor do que a glória terrestre: "E repousará [continuamente] sobre ele o Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de inteligência, e espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor" (11.2). Conforme indicou certo estudioso bíblico, o Espírito do Senhor é como a haste central de um candelabro de sete braços, ou lampadário. As demais manifestações do Espírito Santo acham-se em três grupos: *primeiro,* relacionadas com a mente e o intelecto; *segundo,* relacionadas com a vida prática, e *terceiro,* relacionadas diretamente com Deus.([10])

Cada aspecto desse sétuplo Espírito é relevante. Como o Espírito do Senhor. Ele é o Espírito da profecia, o Espírito que opera na redenção. Sabedoria é o discernimento capaz de ver através de uma situação e visualiza as coisas como são. (Compare João 2.24,25, onde Jesus sabe o que há dentro do homem). Inteligência é a capacidade de discernir entre o bem e o mal, independentemente das aparências externas. Conselho é a capacidade de ponderar os fatos e de chegar às conclusões certas. Fortaleza é a coragem e o poder para cumprir a vontade de Deus. Conhecimento é o conhecimento pessoal de Deus que advém da comunhão com Ele em amor. O temor do Senhor é uma reverência que exalta a Deus e que é o princípio de toda a sabedoria (Jó 28.28; Salmos 111.10; -Provérbios 1.7; 9.10). O Menino nascido de uma virgem, o novo Davi, teria tudo isso como sua possessão permanente, desde o momento em que o sétuplo Espírito descesse sobre Ele. (Ver Apocalipse 4.5; 5.6, onde o sétuplo Espírito não somente arde diante do trono de Deus, como também é ativo, mediante a autoridade do Cordeiro que foi morto).([u])

Porque o Espírito Santo estará sobre Ele, não "julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos" (11.3). Tudo o que os homens comuns

podem fazer é decidir na base do que recebem através dos seus sentidos; sendo assim, os Juízes e os jurados freqüentemente cometem enganos. Mas o Filho ungido pelo Espírito Santo não cometeria nenhum engano.

A parte seguinte do capítulo (11.6-9) passa adiante, para as condições no Milênio. Os profetas não conheciam o intervalo de tempo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Mas a ênfase de Isaías recai sobre o fato de que o ministério do Espírito Santo através do

Messias continuaria, e que as condições ideais para o porvir também seriam geradas pelo Espírito Santo.

Naquele dia, Isaías acrescenta, "o Senhor dos Exércitos será por coroa gloriosa, e por grinalda formosa, para os restantes de seu povo; e espírito de juízo [justiça], para o que se assenta a julgar, e por fortaleza [força corajosa, como em Isaías 11.2] para os que fazem recuar a peleja até à porta" (Is 28.5,6). Percebemos, com isso, que o mesmo sétuplo Espírito que repousa sobre o Messias também ficará disponível ao povo.

O Servo Ungido

A parte seguinte do livro de Isaías fala freqüentemente do Servo do Senhor; Aquele que realiza a sua obra. Israel fora chamado para servo de Deus (Isaías 41.8), mas Jeová tinha uma obra de salvação que o povo israelita não podia realizar. Dentre eles, portanto, surgiria Aquele, o Servo do Senhor, o que realmente cumpriria a totalidade da obra de Jeová e que levaria a efeito a sua salvação.

Isaías 42.1 o apresenta como o *Escolhido,* em quem Deus se deleita. Jeová colocaria sobre Ele o seu Espírito, pelo qual Ele produziria juízo (as decisões de Deus que são a base da religião verdadeira e prática) entre os gentios (todas as nações do mundo). Esse Servo seria o mediador do concerto de Deus, seria luz para os gentios (42.6), abriria os olhos dos cegos, e tiraria os presos da prisão do pecado, para a liberdade (42.7).

Em Isaías 61.1 esse mesmo Servo do Senhor ([12]) diz a respeito de si mesmo: "O Espírito do Senhor JEOVÁ está sobre mim; porque o Senhor me ungiu para pregar boas novas aos mansos [pobres, humildes]; enviou-me para restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos [prisioneiros tomados nas batalhas espirituais contra o pecado e Satanás], e a abertura [soltura, libertação] de prisão aos presos". Além disso, Ele proclama "o ano aceitável do Senhor [o ano ou período da graça de Deus, demonstrado pelas suas bênçãos] e o dia da vingança do nosso Deus" (61.2). Mais uma vez, Isaías, assim como Joel, não percebe o intervalo de tempo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo.

A ênfase nesse trecho, no entanto, recai sobre o ano aceitável do Senhor, sobre as boas novas que o Servo ungido traria. E possível que "o ano aceitável" seja uma maneira de dizer que o Messias faria algo maior e mais profundo do que o Ano do Jubileu representava para Israel. No Ano do Jubileu, heranças perdidas eram recebidas de volta (Levítico 25.10-13). A vinda do Servo ungido importaria em seu povo entrar nas bênçãos de Deus e na herança que Ele tem para os seus.

Tudo isso subentende a salvação que Ele traz. Esse Servo, em Isaías 61.1, não é somente Aquele de Isaías 42; Ele é o Servo que tomou sobre si as nossas enfermidades, levou sobre si as nossas dores, e por cujas pisaduras somos sarados; Aquele que sofreu e morreu em nosso lugar pela nossa redenção (Isaías 52.13 a 53.12).

Ele é Aquele, também, que foi enviado por Deus com seu Espírito, conforme Isaías 48.16 (onde o hebraico significa "o Senhor JEOVÁ me enviou e enviou o seu Espírito"). Deus o comissionou e o enviou para cumprir o propósito divino, e ser o *Restaurador* de Israel e *Luz* para os gentios (Isaías 49.6). E Ele o que tem a língua erudita (porque Ele é ensinado por Deus) para encorajar os cansados (aqueles que estão exaustos ou prontos a

desistir), e também o que dá as costas aos que o ferem (Isaías 50.4,6). Ele recupera aqueles que estavam desesperançosamente, sem mais recursos próprios (Isaías 42.3); e Ele mesmo "não faltará [não passará a ser luz sombria] nem será quebrantado [esmagado], até que ponha na terra o juízo [estabeleça a justiça e a religião prática]; e as ilhas [inclusive todas as terras distantes] aguardarão [com expectativa] a sua doutrina [a respeito dele mesmo]" (42.4).

O Espírito Santo no Presente e **no Futuro**

Isaías tinha o hábito de sair do meio apóstata de Israel, em pensamento, para as glórias futuras, e retornava em seguida.

Vemos esse tipo de alternância nos trechos que abordam o relacionamento entre o Espírito de Deus e o povo. Isaías 30.1 trata da rejeição do Espírito de Deus pelo povo rebelde e pelos líderes inescrupulosos nos seus dias. O capítulo 32.15, entretanto, fala do futuro derramamento do Espírito Santo que tornaria o deserto em campo fértil (como o Carmelo). Está subentendida uma transformação tanto da terra como do povo (32.16-18), com todo o mundo desfrutando de algo melhor do que conhecera antes.

Isaías 34.16 interliga a Palavra do Senhor ao Espírito Santo, com garantias de que o Deus que, é o Criador, cumpriria suas promessas, assim como Ele proveu toda a sua criação. (Ver Salmo 33.6,9,11). Isaías 40.7,8 também trata do Espírito Santo e da Palavra, mas de modo muito diferente. Compara o Espírito Santo, que traz julgamento a humanidade, com o vento secante que murcha a erva e as flores. Depois, contrasta essa obra com a Palavra de Deus que permanece eternamente.

Outro tipo de contraste pode ser visto entre Isaías 40.13 e 44.3. No primeiro versículo, o Espírito de Deus é reconhecido como soberano, que compartilha da criação, que não precisa de ninguém para lhe dar conselho ou sabedoria, e que parece quase inabordável na sua grandeza. No segundo versículo, o mesmo Espírito, com toda a sua bênção, é derramado como água sobre um homem sedento ou como rios sobre a terra seca. A restauração exterior do povo e da terra passa, então, a ser vinculada diretamente com a salvação e com a renovação espiritual (44.5,6).

Ainda outro contraste se acha em Isaías 59.19-21. O versículo 19 fala do grande poder de Deus que varre tudo diante dele. O significado é semelhante à tradução usual, mas é melhor interpretar o hebraico assim: "E temerão o nome do Senhor desde o oeste e a sua glória desde o nascente do sol, porque Ele [Deus] virá como o rio [Eufrates] estreitado, com o Espírito do Senhor impulsionando-o".

O trecho anterior tem a ver com o julgamento divino sobre os inimigos de Deus. Quando Ele avança contra eles, nenhum inimigo poderá ficar em pé diante dele. Assim como o rio Eufrates, que, ao chegar a uma parte estreita entre ribanceiras altas, reduplica a sua força e empurra tudo diante dele, também o Espírito Santo é a força motriz contra os inimigos de Deus, e varrerá todos eles para longe. Em contraste a isso, o Redentor (o Parente-Redentor que restaura a herança) virá a Sião, aos de Jacó (os judeus) que deixaram sua transgressão (rebelião) voltando-se para Deus. Portanto, a aliança de Deus é que o seu Espírito está sobre eles (desde que foram restaurados a Deus) **e** as palavras que o Espírito Santo colocar em suas bocas não se desviarão (não serão removidas) para sempre (59.21).

A Rebeldia Entristece o Espírito Santo

Há ainda outro trecho em Isaías que se refere ao Espírito Santo (63.7-16). O profeta refere-se, primeiramente, à benignidade de Deus para com seu povo e como "em toda a angústia dele foi ele angustiado, e o anjo da sua face os salvou; pelo seu amor, e pela sua

compaixão ele os remiu; e os tomou [levantou], e os conduziu todos os dias da antigüidade. Mas eles foram rebeldes, e contristaram o seu Espírito Santo" (63.9,10). É relevante que o Espírito Santo aqui é tratado como uma Pessoa que pode ser entristecida (Efésios 4.30), conforme concordam a maioria dos estudiosos **e** comentaristas bíblicos mais experientes.

Esse mesmo Espírito Santo estava em Moisés (63.11). Muitos entendem que, pelo fato de o Espírito estar em Moisés, em Miriã, nos 70 anciãos e em Josué, Ele permanecia no meio de Israel. Logo, quando os israelitas murmuravam, entristeciam o Espírito Santo. A ênfase dada no versículo 12 a Moisés, no entanto, parece significar que o Espírito Santo estava especificamente nele. Logo, quando Números 11.17 fala do Espírito sobre o legislador, não nega que ele também era cheio do Espírito Santo.

Isaías 63.14 faz uma comparação entre o rebanho que desce ao vale (guiado pelo bom pastor aos pastos verdejantes **e** às águas tranqüilas) e Israel que é guiado pelo Espírito Santo até o repouso (Canaã). Através dos líderes cheios do Espírito Santo, foram levados à vitória e à bênção. O verdadeiro Guia, no entanto, sempre era o Espírito Santo.

A Mão Poderosa de Deus

As experiências de Ezequiel são incomuns, e menciona o Espírito Santo mais do que qualquer um dos profetas ainda não estudados até aqui. Jeremias, ao contrário, não faz referência ao nome do Espírito Santo, embora mencione a mão do Senhor (Jeremias 1.9; 6.12; 15.6; 16.21, por exemplo). E, em Ezequiel, a mão do Senhor freqüentemente forma um paralelo com o Espírito Santo (Ezequiel 1.3; 3.14,22,24; 8.1; 11.1).

Há pequena diferença entre as expressões "o Espírito de Deus" e o "dedo de Deus" em Mateus 12.28 e Lucas 11.20. A mão do Senhor e o braço do Senhor são freqüentemente usados como símbolos do poder do Senhor. Devido a ênfase que damos hoje à mansidão do Espírito Santo, é fácil esquecer-nos de que a Bíblia tem muito mais a dizer sobre o poder do Espírito, conforme acabamos de ver nos escritos de Isaías, o qual demonstra que o Espírito significa poder, quando *os ais* são pronunciados contra Israel por haver se afastado de Deus, para buscar socorro no Egito: "Porque os egípcios são homens, e não Deus; e os seus cavalos são carne, e não espírito" (Is 31.3).

Devemos nos lembrar, também nesses casos, que essas experiências de poder não subentendem frenesi, misticismo ou êxtase, no sentido comum dessas palavras. A mão de Deus estava sobre Elias (1 Reis 18.46). Mesmo assim, a simplicidade de sua fé e oração forma um forte contraste com o frenesi e as contorções pagas dos profetas de Baal que gritavam e uivavam (1 Reis 18.26,28,36,37). Ezequiel, também, embora suas experiências com o Espírito Santo demonstrem mais variedade do que a maioria das pessoas, nunca caiu em êxtase, da maneira dos profetas pagãos.

Através de Ezequiel, o Espírito Santo trouxe edificação, e não confusão.

A primeira menção ao Espírito Santo no livro de Ezequiel está em conexão com os querubins que o profeta viu na sua visão de Deus (Ezequiel 1.12,20,21; 10.17). Cada querubim tinha quatro rostos que representavam a totalidade da criação divina, e, desse modo, indicavam que Jeová está acima de toda a sua criação. Ao lado dos querubins havia rodas postas em ângulo reto, umas ligadas às outras, de modo que pudessem ir em qualquer direção (o que indica que Deus nem sequer precisa voltar-se para chegar até onde estamos). As rodas e os querubins se movimentavam em harmonia e união quando o Espírito se movimentava.

Alguns entendem que o Espírito aqui é meramente o fôlego de Deus; porém o hebraico não diz: "um espírito", mas "o Espírito". ("O espírito delas", 1.20, também é "o Espírito.") Trata-se de um quadro simbólico, portanto, que mostra ser Deus não somente

Soberano sobre a sua criação, mas que também o seu Espírito se movimenta em torno de sua obra para cumprir os seus propósitos.

Erguido pelo Espírito Santo

Outras passagens mostram como o Espírito Santo atuava sobre Ezequiel, pessoalmente (Ezequiel 2.2; 3.12,14,24; 8.3; 11.1,5,24; 37.1; 43.5).

Na primeira ocasião, o Espírito Santo o fez ficar de pé para escutar a mensagem de Deus (2.2). A mesma coisa aconteceu em 3.24; só que dessa vez Deus mandou Ezequiel ficar em sua casa. O Senhor lhe removeria a capacidade da fala, a não ser quando estivesse com uma mensagem de Deus para o povo. Dessa forma, o povo rebelde reconheceria que Ezequiel só falava quando profetizava, e que ele era realmente um enviado de Deus.

Noutras ocasiões, o Espírito Santo o erguia (3.12,14; 8.3; 11.1,24; 43.5). Uma vez (3.12,14) o Espírito Santo o levantou e o arrebatou; ele foi na tristeza e no ardor do seu próprio espírito até os judeus exilados em Tel-Abibe, ao leste da Babilônia, e sentou-se no meio deles. Mais tarde, a forma de uma mão o agarrou pelos seus cabelos, e o levantou entre a terra e o céu, e o trouxe, "em visões de Deus", até Jerusalém (Ezequiel 8.3). Ali, o Espírito o ergueu de novo e o levou até a porta oriental do templo (11.1). Finalmente, o Senhor ergueu-o e levou-o "em visão do Espírito de Deus" à Caldéia (Babilônia). Então a visão foi retirada dele (11.24).

Vários anos mais tarde, numa visão da glória de Deus no futuro templo milenar, ele caiu sobre o seu rosto, em profundo temor (43.3). Depois, o Espírito o levantou e o trouxe para o átrio interior, onde pôde ver que a glória enchia o templo.

Surgem duas perguntas aqui: Qual é a natureza do Espírito? e qual é a natureza do "erguimento" e das visões?

Alguns escritores dizem que o Espírito Santo entrou em Ezequiel, ao passo que o vento o levava para longe.([13]) Outros, porque o hebraico diz "Espírito", ao invés de "o Espírito", em várias passagens, entendem que a ênfase recai sobre o poder ou a energia, e que somente num sentido vago há referência ao Espírito Santo. O poder, no entanto, vem de Deus. Conforme diz Davidson a respeito de Ezequiel 2.2, onde o Espírito Santo fez Ezequiel ficar em pé: "Embora Deus deseje que o homem fique em pé, ereto, diante dele, é somente o Espírito da parte de Deus que capacita o homem a tomar essa posição certa".([14])

Vemos, ainda, que em 11.5 o Espírito que veio sobre Ezequiel é o Espírito do Senhor. Quando o Espírito veio sobre Ezequiel e entrou nele (2.2), o efeito não foi diferente (nos dois casos, Ezequiel fica preparado para ouvir a Palavra do Senhor); parece óbvio que se trata do mesmo Espírito. Também em 11.24 Ezequiel é trazido numa visão pelo Espírito de Deus, e em 37.1 é levado pelo Espírito do Senhor. Essas passagens, também, formam paralelos com outras em que o Espírito é mencionado. Todas, portanto, se referem ao Espírito Santo.

Visões Dadas por Deus

O significado das visões e de como o Espírito ergueu Ezequiel é mais difícil. Quando o profeta vai até os exilados em Tel-Abibe, é impulsionado a agir, e até vai de um lugar para outro. Quando, porém, o Espírito o leva a Jerusalém, é em "visões de Deus". Porque a "forma de uma mão" agarrou-o pelos cabelos da cabeça, e Ezequiel foi levado até várias partes do templo e dos seus átrios, muitos entendem que foi transportado fisicamente a Jerusalém. E declarado, ainda, que Ezequiel escavou na parede do templo e passou por uma porta (8.7-9).

Visão, ainda, não é a palavra comum para uma manifestação profética. Nalguns casos

é traduzida "semelhança" (10.1) ou "feição" (41.21) e podia significar "uma coisa que se vê", "uma vista". (Ezequiel 23.15 diz que os príncipes têm *o parecer,* a mesma palavra). Sendo assim, as "visões de Deus" podem simplesmente significar aparecimentos ou manifestações do Senhor.

Há discordâncias com esse ponto de vista, no entanto. Ninguém em Jerusalém podia ver Ezequiel, enquanto este observava o que acontecia ali. E ninguém em Jerusalém tomou consciência da glória que, segundo Ezequiel viu, afastava-se do templo e da cidade. Posteriormente, a mão do Senhor levou-o e deixou-o num vale, amplo e plano, cheio de ossos secos (37.1). Esses ossos, segundo é declarado, representam a totalidade da casa de Israel (todas as 12 tribos) espalhada entre as nações (37.11-14). Logo, o vale não deve ser considerado um determinado local geográfico, mas um retrato da humanidade como um todo. Ezequiel é levantado espiritualmente até um lugar onde Deus lhe pôde mostrar essa visão.

Noutra ocasião, o Espírito o levanta e o traz ao átrio interior do futuro templo milenar (43.5). A aparência da glória ali é a mesma que nas visões que vira antes (43.3). Posto que o templo milenar ainda não existe, fica claro que Ezequiel teve uma visão e que foi erguido a um nível espiritual mais alto para vê-lo (o templo), mas não foi fisicamente transportado para dentro dele. Mas tudo quanto poderíamos dizer a respeito de como Ezequiel foi transportado para Jerusalém no capítulo 8 é comparar o acontecido com a experiência de Paulo, na sua visão do paraíso e do terceiro céu: "Se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe" (2 Co 12.3). Podemos ter a certeza, no entanto, que Ezequiel experimentou o poder do Espírito Santo de forma extraordinária.

Um Novo Espírito no Povo de Deus

O restante das referências ao Espírito Santo em Ezequiel trata da futura restauração de Israel (11.19,20; 18.31,32; 36.26,27; 37.14; 39.29). A repetida ênfase nessas passagens é dada ao novo coração e espírito que Deus colocaria no seu povo. Em seguida, Deus deposita o seu Espírito nele.

Primeiro, Deus fala em dar aos seus um só coração, bem como um novo espírito (11.19). O novo espírito possibilitaria uma nova união entre o povo, além de qualquer coisa que ele já tivesse possuído antes. Deus também tiraria o coração de pedra, insensível e endurecido para com a Palavra e o Espírito Santo. Seria substituído por um coração de carne; ou seja: por um coração sensível e receptivo às coisas de Deus.([15]) (O coração de carne aqui simplesmente significa um coração que funciona corretamente, conforme a intenção original de Deus; mas, pelo que é comum no Antigo Testamento, o coração inclui a mente). Então, à medida que andarem em obediência e fé, serão verdadeiramente o povo de Deus, e Ele será seu Deus (11.20).

Deus desejava que Israel desfrutasse desse novo coração e espírito já nos dias de Ezequiel. Conforme o povo se comportasse, o juízo seria necessário, de imediato. Entretanto, Deus ainda chamava os seus ao arrependimento, a abandonar os seus atos de rebeldia e a passar a ter novo coração e espírito. Jeová não tinha prazer em trazer juízo e morte; logo, eles deviam voltar a Ele e viver (18.30-32). Isso quer dizer que poderiam receber um novo coração e um espírito como meio de voltar para Deus e deixar que Ele os renovasse pelo seu Espírito.

Ezequiel 36.25-27 vai mais adiante. Fala da purificação que Deus faria, depois de trazer Israel de volta à sua própria terra. Ali, Deus lhes daria novo coração e espírito, e substituiria o coração de pedra deles, conforme lhes prometera. Então, colocaria o seu Espírito dentro deles para capacitá-los a uma vida de obediência e fé, naquela terra. Ele faria

isso, não porque Israel o merecesse, mas para que todos soubessem que Ele era Jeová, o Deus que cumpre as suas promessas (36.32,36).

A mesma mensagem é transmitida na visão do vale dos ossos secos. Deus perguntou a Ezequiel se aqueles ossos podiam reviver. Ezequiel não desejava responder que era impossível, de modo que disse: "Senhor JEOVÁ, tu o sabes." Então, Deus ordenou que profetizasse sobre os ossos, e, pelo poder da palavra profética, eles se juntaram e houve a restauração física: Porém, "não havia neles espírito" (37.8). Deus ordenou Ezequiel que profetizasse a segunda vez, e falasse ao vento em nome de Jeová, pedindo o fôlego de vida para aqueles corpos (37.9). Pelo poder da profecia, o fôlego entrou neles, e se puseram em pé, com vida. Depois de explicar que os ossos representavam as 12 tribos de Israel dispersas entre as nações sem nenhuma esperança de retorno, Deus mostrou que aquele fôlego de vida (ou "espírito") representava o seu Espírito (37.14). Assim como no capítulo 36, a promessa se referia à restauração de sua terra do estado de incredulidade. Em seguida, Deus realizaria uma obra de purificação, e lhes daria o seu Espírito.

Em 39.28,29, Deus explica novamente que essa restauração de Israel faria com que ele fosse santificado entre muitas nações. Saberiam que Ele é o Senhor (veriam que Ele é o tipo do que declara ser), quando se completasse a restauração. A expressão "conhecer o Senhor" é semelhante à do livro de Êxodo, e parece que Ezequiel trata esse retorno como o último. Então, Deus acrescenta que nunca mais esconderia deles o seu rosto (como fez depois do primeiro êxodo): "quando eu houver derramado o meu espírito sobre a casa de Israel".

Antes de passarmos adiante, vale a pena notar o rio, em Ezequiel 47.1-12. Porque a água é freqüentemente uma figura ou um símbolo do Espírito Santo, muitos entendem que aqui temos uma "correnteza de reavivamento", em que nos lançamos cada vez mais profundamente na vida do Espírito. Sem dúvida, há lições espirituais a serem aprendidas nessa passagem, mas Ezequiel o retrata como um rio literal que traria vida ao Mar Morto e transformaria o deserto da Judéia em terra aprazível.([16]) Assim acontecerá no Milênio.

Em Daniel, os babilônios falam do "espírito dos deuses santos" dentro dele (4.8,9,18; 5.11,14). Trata-se do modo pagão de reconhecerem os dons proféticos de Daniel, bem como seu conhecimento e sabedoria. Fora dessas passagens, Daniel não se refere ao Espírito Santo.

Ageu, também, só registra uma breve declaração sobre o assunto, mas ela é relevante. Ele diz que assim como Deus pactuou com Israel, quando os israelitas saíram do Egito, também o seu Espírito permaneceria (tomaria posição) entre eles. Por isso, tinham de perder o medo. Essa é uma das mais claras declarações no Antigo Testamento de que o Espírito Santo é eterno, e de que Ele é divino e imutável.([17])

Não por Força nem por Violência

Zacarias nos oferece outro trecho relevante sobre o Espírito Santo. É a quinta visão, numa série de oito, e todas elas foram dadas para encorajar aqueles que reedificavam o Templo, depois de sua destruição pelos babilônios. Essas visões conduzem para além dos acontecimentos que cercavam a edificação do Templo, no entanto. Todas as oito têm em vista a obra e os dias do Messias. Deus queria que Zorobabel e os judeus, os quais voltaram da Babilônia, soubessem que o que faziam tinha significado mais abrangente. Era parte de um grande plano que seria consumado na obra do Messias. Um breve estudo sobre as mesmas nos ajudará a colocar a quinta visão no seu contexto.

A primeira visão (Zacarias 1.8-11) mostra um grupo de cavaleiros entre as murtas num vale profundo (talvez uma alusão à humildade e à segurança do povo de Deus). Por

meio deles, o mundo está em paz, o que indica a certeza da vitória do povo de Deus. Os cavaleiros são dirigidos por alguém montado num cavalo vermelho, um Ser que é mais do que os homens e os anjos, pois é o Messias revelado como Protetor e Restaurador do seu povo.

A segunda visão (1.18-21) mostra quatro chifres, que representam quatro potências mundiais, e quatro ferreiros (trabalhadores em madeira ou metal). Os quatro chifres provavelmente representam a Babilônia, a Medo-Pérsia, a Grécia e Roma (assim como em Daniel 2 e 7), embora alguns entendam que são a Assíria, o Egito, a Babilônia, e a Medo-Pérsia.([18]) Os quatro ferreiros representam as mesmas potências mundiais que, cada uma por sua vez, executam o juízo divino sobre as potências anteriores.

A terceira visão (2.1-13) retrata um agrimensor (o Messias) com um cordel de medir, e indica que através dele haverá o cumprimento das promessas divinas de expansão, de paz, e de glória para Jerusalém. Através dele, também, muitas nações (gentias) seriam acrescentadas a Jerusalém e ao povo de Deus (2.11).

A quarta visão (3.1-10) mostra Josué, o sumo sacerdote naqueles dias (Esdras 2.2; 3.2), vestido de roupas sujas (cobertas de excremento) que representavam os pecados do povo. Embora o adversário o acuse, as roupas imundas lhe são tiradas, e as limpas e belas são vestidas nele. Segue a explicação que esse é um retrato da obra do Messias, do "Renovo", ou seja: do rebento do tronco de Davi (assim como em Isaías 11.1; 53.2; Jeremias 23.5).

De modo especial, a quinta visão (4.1-14) enfatiza o Espírito Santo como o Doador do poder (Atos 1.8), e ela vem imediatamente após o perdão dos pecados. As demais visões apresentam a destruição dos pecadores e a remoção do pecado. Demonstram, no entanto, que as atividades as quais levarão isso a efeito, no fim dos tempos, ainda eram controladas nos dias de Zacarias.

A quinta revelação dá um passo além do da quarta visão. Isso é visto no fato de que o mensageiro angelical despertou Zacarias a um estágio mais elevado e de consciência espiritual, a fim de receber a visão. (Note que Zacarias não estava adormecido no versículo 1). É indicada, ainda, pelo fato de Zacarias ter considerado a visão de difícil compreensão.![19]. Muitos comentaristas modernos têm mais dificuldade em compreendê-la do que o próprio profeta, e há muitas divergências a respeito da interpretação dos detalhes. ([20])

Quarenta e Nove Luzes

Uma das dificuldades é a de retratar a própria visão. Zacarias vê um candelabro ou lampadário de ouro maciço. (Velas de sebo ou de cera não eram usadas nos dias do Antigo Testamento). O lampadário (castiçal) tinha sete lâmpadas. Acima delas, havia um grande vaso de onde sete *canudos* levavam azeite até às site lâmpadas. Na realidade, o texto hebraico diz: "sete sete canudos para as lâmpadas". Essa repetição do número *sete* tem sido interpretada como: um canudo por lâmpada, 7 ao todo; ou dois canudos por lâmpada, 14 ao todo; ou, sete canudos por lâmpada, 49 ao todo. A última interpretação parece ser a melhor, pois a expressão *sete sete* é melhor entendida distributivamente, conforme o uso do hebraico. A maioria dos comentaristas, que assim entendem, percebe nos sete canudos para cada uma das lâmpadas um quadro de plenitude do suprimento.

Outra dificuldade em retratar esse quadro é que a Bíblia não declara como as lâmpadas estão dispostas entre si. Elas provavelmente não formavam aquela linha reta que se vê no candelabro do Templo de Herodes. Talvez estivessem num círculo abaixo da bacia, "em braços de igual cumprimento, saindo como ramos, em intervalos regulares, da haste

central".([21]) Dessa maneira, as lâmpadas jorravam suas luzes em todas as direções.

Parece, no entanto, que a beleza do lampadário de ouro era ofuscada pelos sete canudos para cada lâmpada. *Canudo* significa um tubo longo, um lábio ou biqueira. As descobertas arqueológicas demonstram que tais lâmpadas eram muito simples. Eram bacias pequenas, rasas, em forma de concha, com as bordas apertadas e voltadas para as extremidades, onde os pavios estavam colocados.

A melhor maneira para se compreender esse quadro que a expressão "sete sete" significa seria a de que o grande vaso de azeite em cima tinha sete biqueiras. A partir daí, um suprimento contínuo de óleo fluía para as lâmpadas, as quais estavam dispostas de tal maneira que cada uma ficava embaixo de cada biqueira. Em seguida, o sentido distributivo se aplicaria às lâmpadas, de modo que cada uma tinha sete biqueiras para os pavios, dando um total de 49 luzes. Esse quadro retrataria não somente a plenitude do suprimento, mas também uma totalidade de luz que se espalha para todo o mundo. (Comparar Atos 1.8 e Mateus 24.14). A luz concedida pelo Espírito Santo e pela Palavra deveria espalhar-se até os confins da Terra, até a consumação dos séculos.

A Palavra que Deus dirigiu a Zorobabel a esse respeito foi: "Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (4.6). *Força* e *poder* ("violência") são usados alternadamente no Antigo Testamento. Às vezes, denotam poder, bravura, coragem e fortidão inerentes; às vezes, poder dos exércitos, das riquezas, da organização e doutros meios externos. Jamais todos os tipos juntos de força e poder humanos foram suficientes para realizar a obra de Deus.

Não se tratava de nenhuma alteração no modo de Deus realizar as coisas. Seu Espírito tem sido o meio de concretizar o seu plano em todas as etapas, a partir da Criação. Mesmo quando Deus usava exércitos humanos, a vitória sempre era do Senhor. (Compare Êxodo 17.9-15, onde Josué vencia, enquanto Moisés levantava as mãos para o céu). "Pelo meu Espírito" é um princípio fundamental que todos os cooperadores da obra do Senhor devem manter em mente.

Não pode haver dúvida, portanto, de que o óleo é figura ou símbolo do Espírito Santo, e que as lâmpadas representam aqueles através de quem o Espírito dá luz ao mundo.([22]) Porém, há pouca concordância entre os comentaristas a respeito do que o lampadário representa. Alguns intérpretes modernos omitem arbitrariamente o trecho entre os versículos 6a e 10b, e dizem que as sete lâmpadas são os sete olhos de Deus.([23]) Assim, o lampadário representaria Deus ou Cristo, e as lâmpadas seriam símbolos do Espírito. Mas isso dificilmente se encaixa no contexto, embora Calvino tenha entendido que as lâmpadas representam as "graças ou os vários dons do seu Espírito", e que o número sete indica a perfeição.([24])

Alguns comentaristas judaicos e a maioria dos dispensacionalistas modernos entendem que o lampadário é Israel, ou Israel restaurado durante o Milênio. Os dispensacionalistas vêem aqui um contraste entre o único lampadário dessa visão e os sete lampadários separados que o livro do Apocalipse usa para representar as sete igrejas da Ásia e, através delas, a Igreja como um todo (Apocalipse 1.12).í[25]

A maioria, no entanto, concorda com Keil, ao entender que as lâmpadas ardentes são "símbolo da Igreja ou da Nação de Deus que faz a luz do seu Espírito, ou do seu conhecimento, brilhar diante do Senhor e raiar na noite do mundo distanciado de seu Criador".([26]) Por isso, o Novo Testamento freqüentemente se refere aos discípulos ou à Igreja como luzes (Mateus 5.14; Lucas 12.35; Apocalipse 1.20).

Há também duas oliveiras na revelação; uma de cada lado do lampadário. Cada uma tem um tubo de ouro através do qual passa o óleo. *Tubos,* no versículo 12, é uma expressão

diferente daquela do versículo 2, no entanto. Aqui, o significado é um conduto. Mesmo assim, o hebraico pode significar que ou o óleo no vaso é concedido pelas oliveiras, ou o óleo na bacia realmente fornece às árvores (chamadas ungidos, ou filhos do óleo, no versículo 14) o seu óleo.

Se o vaso supre as árvores, podemos entender que a luz é mantida por Deus, e não pelo príncipe Zorobabel, ou sua administração civil, nem pelo sacerdote Josué, ou seu estabelecimento religioso.

Se, por outro lado, as árvores suprem a bacia, deve ser reconhecido que os "filhos do óleo" representam mais do que Zorobabel e Josué, mais do que a Igreja e o Estado. Pelo contrário, retratam aquele ministério real e sacerdotal que o Espírito Santo ordena, ministério esse que acha no Messias a sua plenitude [27]. Mas, seja como entendamos a direção do fluxo do óleo, podemos ver **o** Messias como a verdadeira fonte, o Doador do Espírito Santo.

A última parte do livro de Zacarias também prevê a primeira e a segunda vinda de Cristo. Em conexão com as vitórias finais **e** a restauração futura, Deus promete: "E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei [abundantemente] o Espírito de graça e de súplicas [pedindo favor]; e olharão para mim, a quem traspassaram; e o prantearão como quem pranteia por um unigênito" (12.10).

O Espírito Santo, como o Espírito da graça, derrama a graça (favor imerecido) de Deus em grande medida. Como o Espírito de súplicas, Ele atua sobre as pessoas para que correspondam àquela graça **e** busquem o favor que Deus lhes oferece. A graça, também, deve ser interpretada em relação Àquele que foi traspassado, ou seja: de acordo com o amor redentor de Deus, manifestado na morte de Cristo no Calvário. Certamente não existe maior amor do que esse, e não haverá maior tristeza do que aquela em Israel, quando esse povo descobrir a quem traspassaram.

Chuvas Têmporas e Serôdias

Ao olhar para trás, no Antigo Testamento, é notável ler em Oséias que Deus "a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra" (Os 6.3). "Chuva" [ou chuva têmpora] aqui é melhor interpretada como uma forma verbal que significa "saturando". Isto é, Deus virá como as chuvas serôdias, saturando a terra.

Essa expressão forma um paralelo com as promessas do Antigo Testamento sobre o derramamento do Espírito Santo (Isaías 32.15; 44.3; Ezequiel 39.29; Joel 2.28; Zacarias 12.10). Mas é possível que o contexto aqui tenha conexão com a morte e a ressurreição de Cristo (Oséias 6.1,2). É antecedida, pelo menos, pelo retorno ao conhecimento de Deus (e à comunhão pessoal com Ele). Oséias, na realidade, nos conclama a prosseguir em nosso conhecimento do Senhor de uma maneira que nos faz lembrar as palavras de Jesus: "Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8.31,32). O derramamento do Espírito Santo depois da morte e da ressurreição de Cristo pode, portanto, ser classificado como chuvas serôdias.

A Palestina tem um verão prolongado, sem chuvas. No outono, as chuvas têmporas vem em conexão com o arado e o plantio. Na primavera, as chuvas serôdias vêm preparar a safra para a colheita. Nesse sentido, quando Deus derramou o seu Espírito no dia de Pentecoste, era como as chuvas serôdias. A colheita começou com os 3.000 convertidos e tem continuado por toda a história da Igreja. O derramamento atual do Espírito e dos seus dons traz milhões de pessoas a Cristo, em todo o mundo.

Entretanto, a vinda do Espírito Santo sobre as pessoas em vários lugares, ao longo dos dias do Antigo Testamento, pode ser chamada de chuvas têmporas. A obra do Espírito

Santo no Antigo Testamento era preparatória, como no momento do arado e do plantio. Poucos profetas tiveram crédito no que diziam. Jeremias teve apenas um que acreditou nele, pelo que sabemos (Baruque, o seu secretário). Ezequiel comparava a revelação de Deus e da sua vontade como um belo cântico que o povo escutava, parecendo, às vezes, gostar dele, mas nada fazia a respeito dele (Ezequiel 33.31,32).

Mesmo assim, o Antigo Testamento nos oferece uma considerável compreensão da obra do Espírito, bem como um amplo alicerce para o derramamento do Espírito Santo no Novo Testamento.([28])

O Espírito Santo e a Palavra de Deus

Um dos temas mais importantes, ressaltado no Antigo Testamento, é o estreito relacionamento entre o Espírito Santo e a Palavra de Deus (Provérbios 1.23; 2 Samuel 23.2; Miquéias 3.8). Os profetas que transmitiam a Palavra de Deus eram considerados seus agentes principais. Conforme diz Amos (3.7): "Certamente o Senhor JEOVÁ não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas." É verdade a existência de falsos profetas que alegavam ser inspirados (1 Reis 22.24); 2 Crônicas 18.23; Jeremias 28.1-4. Mas seguiram seus próprios espíritos (Ezequiel 13.3), pois o Senhor não os enviara. Os eventos, bem como o juízo divino, demonstraram que eram falsos. Mas a Palavra de Deus ardia nos corações dos verdadeiros profetas, mesmo diante da forte oposição e indiferença (Jeremias 20.9).

Alguns profetas, como homens do Espírito, foram também escritores da Bíblia (reconhecendo, aqui, que Moisés era profeta, bem como Davi). A declaração de que o Espírito falou por Davi indica que Ele foi o Inspirador dos Salmos que o filho de Jessé escreveu (2 Samuel 23.2). A mesma coisa se diz da inspiração pelo Espírito nos escritos de Isaías (Isaías 59.21). Jesus confirmou isso, ao citar o Salmo 110.1, dizendo que foi escrito por Davi na inspiração do Espírito Santo (Mateus 22.42,43). E Pedro também, na sua referência ao Salmo 41.9 (Atos 1.16). Paulo, ainda, atribui as palavras e os escritos de Isaías ao Espírito Santo, da mesma maneira (Atos 28.25, referindo-se a Isaías 6.9,10).

Neemias, perto do término do Antigo Testamento, dedica mais atenção à leitura e ao ensino da Palavra, e Esdras também (Neemias 8.1,8,9; Esdras 7.10). Neemias, em sua oração, reconheceu que Deus deu seu Espírito para *instruir* os israelitas no deserto (9.20). Menciona, também, o Espírito nos profetas advertindo os israelitas daquela época, mas subentende que gerações futuras poderiam aprender disso (9.30).

Deus levantou Malaquias, quando Neemias fez sua segunda visita a Jerusalém (432 a.C). Malaquias, porém, foi o último dos profetas literatas. O ensino parece ter predominado no ministério dos sacerdotes, dos rabinos e dos escribas, desde então, até os dias do Novo Testamento. Mas o Espírito Santo continuou sendo a fonte de poder, força, milagres e ajuda, bem como da revelação divina. O Antigo Testamento revelava o fato de que a sabedoria e o treinamento correto não poderiam ser obtidos, a não ser mediante o Espírito. As profecias dos acontecimentos futuros mantinham diante deles a esperança de que ainda havia algo para acontecer. O que já possuíam não era tudo o que Deus tinha para eles. Haveria ainda mais.

O ESPÍRITO NA VIDA E NO MINISTÉRIO DE JESUS

O que aconteceu com a religião judaica nos 400 anos após Malaquias? A opinião comum é que degenerou em observâncias de formas e cerimônias vazias. Realmente, assim aconteceu. Os fariseus anularam muitas exigências da Lei por meio das tradições que desenvolveram (Mateus 15.3,6; Marcos 7.8-13). Os saduceus também tiveram as suas tradições, bem como os essênios que copiaram os Rolos do Mar Morto.

Lucas, no entanto, desde o início do seu evangelho, deixa claro que os judeus não perderam completamente nem o conceito nem a experiência do Espírito Santo. O Espírito atuou nos eventos que antecederam e acompanharam o nascimento de Jesus, bem como no seu próprio nascimento, vida e ministério. Na realidade, embora as referências ao Espírito Santo no ministério de Cristo sejam muito relevantes, o evangelho de Lucas menciona o Espírito mais freqüentemente nos dois primeiros capítulos do que em todo o restante do livro.

Cheio do Espírito Santo e Esperando o Messias

O fato de que um número considerável de judeus ainda se apegava à vida e à esperança ensinadas pelos profetas, é refletido em todo o registro do nascimento de Cristo. Na classe sacerdotal, Zacarias e Isabel, pais de João Batista, são exemplos de destaque. Na plebe, Simeão e Ana são representantes típicos dos muitos que esperavam a consolação (conforto, encorajamento) de Israel (Lucas 2.25) e que aguardavam com expectativa a redenção de Jerusalém (Lucas 2.38). Isto é: esperavam a salvação e a restauração que, segundo os profetas prometeram, viriam nos dias do Messias. (Os judeus, às vezes, chamavam o Messias de Consolador.)

Era, sem dúvida, em favor da "consolação de Israel" que Zacarias orava, quando queimava incenso no altar, diante do Santo dos Santos. (Não é provável que orasse para ser pai. Estava ali como representante do povo). Mas, assim como tantas pessoas dos seus dias, ansiava pela redenção de Israel. Quando lhe apareceu o anjo Gabriel, trouxe-lhe a promessa de um filho, mas não de um filho qualquer. Esse iria "preparar ao Senhor um povo bem disposto" (Lucas 1.17).

O anjo também garantiu que João Batista seria grande aos olhos de Deus; não beberia vinho nem outras bebidas alcoólicas, mas seria cheio do Espírito Santo (ver Efésios 5.18) desde o ventre materno. Isto é: desde o seu nascimento (não dentro da madre, mas ao sair do ventre) o Espírito estaria nele e sobre ele.

João Batista, portanto, combinaria em si mesmo o que havia de melhor nos santos e nos profetas do Antigo Testamento. Devia ser um nazireu que expressasse e testemunhasse da total dedicação a Deus durante toda a sua vida. Ele devia ser guiado, ensinado, preparado e movido pelo Espírito Santo na sua própria vida pessoal e no seu ministério. Além disso, tinha de ir adiante do Senhor no espírito e no poder de Elias. Quando essa expressão foi aplicada a Eliseu (2 Reis 2.15), significava que os demais profetas reconheciam ser ele o sucessor que Deus escolhera para substituir Elias. João Batista seria o herdeiro e o sucessor de Elias (e de todos os profetas) num sentido grandioso. O próprio Jesus reconheceu João Batista como o Elias que havia de vir (Mateus 17.10-13). Nesse contexto, Jesus declara aos seus discípulos que, se escutassem a interpretação dele ao invés daquela dos fariseus, saberiam que João Batista era o real cumprimento de Malaquias 4.5,6.

O mesmo é subentendido nas palavras do anjo em Lucas 1.16 que citam Malaquias 4.6. Jesus declarou, ainda, que João Batista era mais do que um profeta. Era o mensageiro prometido em Malaquias 3.1. Como tal, não havia nenhum que fosse maior do que ele.

Mesmo assim, era um profeta do Antigo Testamento, pois ele, pessoalmente, nunca entrou naquela comunhão para a qual preparou o caminho (Mateus 11.9-11).

Os pais de João Batista também compartilharam das bênçãos do Espírito Santo que vieram ao seu filho. Quando Maria visitou Isabel, sua saudação fez a criança pular no ventre de sua mãe pelo poder do Espírito Santo (Lucas 1.41). Com isso, o Espírito veio sobre Isabel e ela exclamou em voz alta e pronunciou a bênção divina sobre Maria, e sobre o filho desta que seria o Messias.

Depois que João Batista nasceu, Zacarias também foi cheio do Espírito Santo (Lucas 1.67). Com a unção do Espírito, profetizou e deu graças pela salvação que Deus havia providenciado. Ela cumpriria as promessas feitas a Abraão e possibilitaria ao povo de servir ao Senhor com alegria. João Batista seria profeta do Altíssimo, e cumpriria a mensagem de Isaías a respeito da voz que clama no deserto (Isaías 40.3).

A atividade do Espírito Santo é vista de forma mais atuante, quando Maria e José levaram o Menino Jesus ao Templo (Lucas 2.2 í-35). Na mesma ocasião, Simeão os encontrou ali. Isso não era coincidência, porém. O Espírito Santo dirigia esse humilde homem de Deus. O Espírito também o preparara, prometendo-lhe que não morreria antes de ver o Cristo (o Messias, o Profeta, Sacerdote e Rei que estava para vir) do Senhor. Depois, ele veio pelo Espírito (guiado, dirigido) ao Templo naquele momento. Pelo Espírito, também, Simeão reconheceu que o Menino, do qual a mãe apresentava a oferta dos pobres, era Aquele cuja vinda esperava. Então ele, fez um pronunciamento profético que identificou Jesus como a Luz predita para os gentios (as nações) e a glória do povo de Deus, Israel. Profetizou, também, a grande angústia que Maria sofreria (profecia esta que foi cumprida na cruz).

Imediatamente depois disso, veio Ana, uma mulher piedosa pertencente à tribo de Aser (uma das 10 tribos do norte). Ela era profetisa; guiada pelo Espírito Santo, encontrava-se no Templo naquele momento, e deu graças ao Senhor (Lucas 2.36-38). Como profetisa, levou as boas novas a outras pessoas que aguardavam a redenção de Israel.

Jesus, o Filho de Deus

Marcos, que não registra algum pormenor sobre o nascimento de Jesus, inicia seu evangelho chamando-o Filho de Deus. Lucas, que registra muitos detalhes, faz a mesma declaração (Lucas 1.35). Mateus subentende a mesma coisa, mas só depois a deixa clara (Mateus 2.15; 16.16).

Mateus registra a genealogia de José, através de quem Jesus era o herdeiro legítimo do trono de Davi. (A herança legal era tão importante para os judeus como a natural. Mateus enfatiza que Jesus cumpriu a Lei, bem como as profecias. Por isso, o Messias precisava ter o direito legal ao trono. Foi também por essa razão que Mateus chamou a atenção ao fato de José ter tomado Maria como sua esposa, e se casado em Nazaré, antes de Jesus nascer.) Mateus tem o cuidado de deixar claro, no entanto, que José não era o pai de Jesus. José ficou surpreso e chocado pelo fato de Maria estar grávida. (Os noivos não se viam entre o noivado e o casamento). Duas vezes é declarado que o filho era "do [da parte do] Espírito Santo" (Mateus 1.18,20). É identificado, ainda, como o cumprimento de Isaías sobre o nascimento virginal do menino Emanuel (que o texto grego interpreta como "conosco está *o* Deus").

Lucas registra a genealogia de Maria, e os acontecimentos que ela guardou cuidadosamente em seu coração (Lucas 2.51). Enfatiza ainda que Jesus nasceu do Espírito Santo.

Quando o anjo Gabriel disse a Maria que ela teria um filho que seria chamado Filho

do Altíssimo (do próprio Deus) e que herdaria o trono de Davi, ela se expressou surpresa, como poderia acontecer, visto que não tinha marido. Mas o anjo respondeu que o Espírito Santo viria sobre ela, e o poder do Altíssimo (isto é: de Deus) a cobriria como sombra (ou nuvem), de modo que o Santo que nascesse dela seria chamado Filho de Deus (Lucas 1.35).

O cobrir com uma sombra relembra a nuvem da presença de Deus que envolveu Moisés no monte Sinai e o Tabernáculo (Êxodo 24.18; 40.34,35). Sugere, também, o Espírito sobre as águas, no princípio da criação (Gênesis 1.2). Mas, embora a concepção de Jesus tenha sido mediante o Espírito Santo, não há indicação de que o Espírito tenha contribuído de si mesmo. Conforme indica Alford, o mundo não foi criado pelo Espírito Santo, mas por Deus, mediante o Filho (João 1.3). Logo, o ato criativo que possibilitou o nascimento virginal foi por Deus, mediante o Espírito Santo.(') Jesus era e é o Filho de Deus, não somente porque Ele é, por sua própria natureza, o Filho eterno (João 3.16; 8.58; Hebreus 1.2,3), mas porque seu nascimento foi o resultado de um ato criador da parte do Pai.

Só mais tarde é que a Teologia trata disso. (Ver Romanos 8.3, onde a Bíblia diz que Deus enviou seu filho na *semelhança* da carne do pecado; e Gálatas 4.4 diz que Deus enviou o seu filho, nascido de mulher. Ver também Romanos 1.3; Hebreus 10.5).([2]) O único fator que é enfatizado aqui é o do nascimento virginal e do poder sobrenatural que o tornou possível.

O nascimento virginal e a atuação do Espírito Santo nesse assunto não deixam, porém, de ser parte importante do Evangelho. O próprio Deus estava de novo no fluxo da vida e da história humanas, para realizar atos específicos que promoveriam o seu plano e trariam a salvação. Os que negam o nascimento virginal ou dizem não ter importância, simplesmente revelam ser "anti-sobrenaturalistas". Em geral, eles tentam explicar forçosamente os milagres de Jesus, sua ressurreição e sua Segunda Vinda.

A razão de Jesus ter sido milagrosamente concebido no ventre de Maria pelo poder do Espírito é provavelmente uma indicação de que o Espírito estava com Ele e habitava nele daquele momento em diante. Há, e sempre haverá, comunhão perfeita entre os membros da Trindade. Jesus disse que Ele estava no Pai, e o Pai nele (João 14.10,20). Pela sua própria natureza, portanto, o Espírito Santo estava nele. Mas isso não impediu que Jesus tivesse uma experiência distinta com o Espírito, quando este veio sobre Ele, após seu batismo por João.

O Poderoso Batizador

João Batista viveu no lugar predito por Isaías. *(Deserto,* Isaías 40.3, em hebraico é *Arabá,* o nome do vale do baixo Jordão, próximo do Mar Morto). Conforme a profecia, conclamava ao arrependimento e batizava aqueles que vinham e confessavam os seus pecados. Recusava-se, porém, a batizar, a não ser depois que a pessoa tivesse se arrependido sinceramente. Quando vinham os fariseus e os saduceus, João Batista, como um profeta cheio do Espírito Santo, reconhecia que não havia mudança nas atitudes deles. Exigia que produzissem frutos ou evidências do arrependimento, antes de batizá-los. Eram presunçosos e autoconfiantes, pelo fato de serem descendentes de Abraão. João, porém, mostrava-lhes que isso não os protegeria do julgamento vindouro, e declarava: "E eu, em verdade, vos batizo com [em] água, para o arrependimento [isto é: por causa do arrependimento, visto que já indicara que seu batismo não podia produzir arrependimento]; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; cujas alparcas não sou digno de levar; ele vos batizará com [em] o Espírito Santo, e com [em] fogo" (Mt 3.11).

Batizado com o Espírito Santo e com Fogo

Todos os quatro evangelhos registram a profecia de João de que o que estava pra vir batizaria com o Espírito Santo (Mateus 3.11; Marcos 1.8; Lucas 3.16; João 1.33). Mateus e Lucas acrescentam que Ele também batizaria com fogo.

O batismo com o Espírito Santo é, naturalmente, o cumprimento da promessa do derramamento do Espírito (Joel, porém, acrescenta um novo fator não mencionado no Antigo Testamento. O Espírito não somente seria derramado sobre eles, mas também ficariam imersos nele, saturados nele. Conforme diz Barclay: "Se a vida é monótona, inadequada, fútil, terrena, é porque os crentes negligenciaram o Espírito Santo e deixaram de entrar na dimensão da vida dominada pelo Espírito, através desse batismo que somente Cristo tem o poder de dar".([3])

O batismo com fogo tem sido interpretado de várias maneiras. A maioria dos críticos, que negam a inspiração e a integridade da Bíblia, diz que João profetizou só o batismo com fogo, e a idéia do batismo com o Espírito Santo foi acrescentada posteriormente. Outros dizem que, com "Espírito", João quis dizer fôlego ou vento, e que a proclamação dele dizia respeito a um só batismo que traria um sopro de juízo ardente, ou que seria como um vento de juízo, limpando a eira.([4])

Fica claro, no entanto, que a mensagem de João não é exclusivamente de juízo. Ele veio preparar o caminho do Senhor, pois ainda era possível fugir da ira vindoura, havia possibilidade de darem bons frutos. Somente a palha "seria queimada (Mateus 3.7,10,12). Basicamente, a mensagem de João era de boas novas. O reino (governo) de Deus estava para ser manifestado. Não existe motivo para os críticos dizerem que a promessa de João era exclusivamente de juízo.([5])

Aqueles que aceitam o batismo com o Espírito Santo e com fogo também estão divididos entre si na sua interpretação, Alguns dizem que é um só batismo, com dois elementos ou aspectos: o Espírito Santo e o fogo ao mesmo tempo. Outro dizem que é um batismo duplo: *no Espírito,* para os justos; *no fogo,* para os ímpios.

Aqueles que sustentam ser o batismo com o Espírito Santo e com fogo uma só obra com dois elementos, agindo ao mesmo tempo, chamam atenção ao fato de que a preposição "em" é realmente usada antes de "o Espírito", mas não antes de "fogo". Indicam, também, que João aguardava a vinda daquele que batizaria os seus ouvintes tanto *no Espírito Santo* como *em fogo.* Baseados nisto, dizem que o Messias batizaria todos na mesma experiência do Espírito Santo e do fogo. Para aqueles que se arrependerem, será uma bênção pra salvação e santificação. Para os ímpios, será um castigo.

Há várias dificuldades para aceitarmos esse ponto de vista. Primeiro, porque, quando uma preposição não é repetida antes de um segundo substantivo, esse fato comumente coloca os dois substantivos na mesma categoria. Há, porém, exceções.([6]) Segundo, porque algumas autoridades reconhecem que João proclamava a vinda daquele que traria "não somente o Espírito Santo, mas também o fogo do julgamento divino".([7])

É verdade, também, que João Batista dirigia-se ao povo como se o julgamento fosse acontecer naqueles dias. Obviamente, ele não via diferença entre o batismo com o Espírito Santo e com fogo. João pertencia ao grupo dos profetas do Antigo Testamento, para os quais não foi revelado o intervalo de tempo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Freqüentemente falavam, sem saber, nos eventos ligados com as duas vindas. Há, no entanto, indícios de que o Messias devia primeiramente sofrer antes de reinar. Sua alma devia fazer (sua pessoa) uma oferta pelo pecado, antes de o beneplácito do Senhor prosperar em sua mão (Isaías 53.10). Zacarias falou em coroas múltiplas sobre a cabeça do sumo sacerdote Josué, numa simbologia, para demonstrar que o Messias devia primeiramente fazer sua obra sacerdotal antes de reinar como sacerdote (Zacarias 6.11-13; ver também

Lucas 24.25,26; Filipenses 2.8-11).

Foi difícil para os discípulos entender isso. Ele lhes transmitiu uma parábola, para demonstrar que demoraria muito tempo antes que voltasse para estabelecer o seu reino (Lucas 19.11,12, "um país *longínquo).* Mesmo assim, antes da sua ascensão, ainda perguntaram:

"Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?" A resposta dele foi que não pertencia a eles saber os tempos e as datas. Alguns acontecimentos são mantidos sob a vontade e direção do próprio Pai (At 1.6,7). Noutras palavras, não nos compete saber disso. (Atos 1.8, isso sim, nos compete).

Não é de se estranhar, portanto, que João deixou de fazer uma distinção entre a ocasião do batismo com o Espírito Santo e a do batismo com fogo. Mas Jesus tornou clara a distinção. Disse aos discípulos antes de sua ascensão: "Na verdade, João batizou com [em] água, mas vós sereis batizados com [no] Espírito Santo, não muito depois destes dias" (Atos 1.5). Dessa maneira, Ele identificou o batismo no Espírito com o acontecimento no dia do Pentecoste. Mas Ele reconhecia que o fogo do juízo viria no fim, como Paulo também ensinou (2 Tessalonicenses 1.8).

O Propósito do Fogo

O propósito do batismo com fogo é uma questão polêmica. Muitos dos que sustentam um único batismo com o Espírito Santo e com fogo, dizendo que o fogo e o Espírito atuam juntos para afetar a pessoa batizada, entendem que o fogo significa a purificação ou a santificação do crente. Mas a obra do batismo com o Espírito Santo não parece ser primariamente de santificação. Paulo ordenou os crentes, que foram cheios do Espírito, considerarem-se mortos para o pecado e vivos para Deus. Não devem permitir que o pecado reine em seu corpo (Romanos 6.11,12). É verdade que, mediante o Espírito, devemos mortificar (fazer morrer) as ações do corpo, a fim de que vivamos. Mas, em grego, trata-se do tempo presente contínuo. *Devemos continuar mortificando* as obras malignas do corpo, e assim *continuaremos a viver* (Romanos 8.13). É verdade, também, que estamos mortos, e que nossa vida está oculta com Cristo em Deus (Colossenses 3.3). Mas o próprio fato de termos essa posição em Cristo significa que temos uma responsabilidade pessoal de mortificar (mediante ação direta) nossos membros na

Terra (ou seja: aquilo que é terrestre em nós), que Paulo identifica com as concupiscências da carne e do espírito (Colossenses 3.5). O próprio Jesus associa o *bati*smo no Espírito com o poder para o serviço, mais do que com a purificação ou a santificação (Atos 1.8). A santificação (dedicação, consagração a Deus e à sua vontade) virá, tanto através de atos específicos de autodisciplina, como também através da cooperação contínua com o Espírito Santo, à medida que Ele aplica a Palavra (conforme veremos posteriormente).

Zelo Ardente

Os que entendem ser o Espírito e o fogo uma só experiência, identificam o fogo com zelo ou entusiasmo, juntamente com iluminação e dons espirituais.([8]) Muitos deles realmente possuem "fogo ardente" nesse sentido. Romanos 12.11 fala do fervor, do zelo ardente no Espírito. 1 Tessalonicenses 5.19 ordena os crentes não apagarem o fogo do Espírito. O mesmo fervor é subentendido na "ousadia" que veio como resultado da plenitude do Espírito (Atos 4.31). Essa ousadia é confiança, liberdade, coragem e zelo ardente, maravilhosos e jubilosos. Realmente, temos o direito de pedir que Deus mande esse fogo!

A Bíblia não fala de um *batismo* com fogo, quando se dirige aos crentes, no entanto.

O evangelho de João, que se dirige aos cristãos, menciona apenas o batismo com o Espírito Santo (João 1.33). Em João, a água, e não o fogo, é o principal símbolo do Espírito. Jesus também, ao falar com seus discípulos, menciona somente o batismo com o Espírito Santo (Atos 1.5).

Muitos identificam as línguas de fogo no Pentecoste com um batismo de fogo.([9]) Essas línguas, no entanto, precederam **o** batismo pentecostal, e nada tinham a ver com ele. Quando os 120 foram cheios do Espírito Santo, o sinal foi falar noutras línguas, e não a manifestação do fogo (Atos 2.4). Na casa de Cornélio, o dom do Espírito, recebido pelos gentios, é identificado com o batismo no Espírito Santo. É chamado o "mesmo" dom (idêntico). Mas não há menção do fogo (Atos 10.44,45,47; 11.15-17). Em Atos, está declarado que Estêvão e Barnabé eram cheios do Espírito Santo e de fé, mas nada é dito a respeito do fogo (Atos 6.5; 11.24). De fato, nada é dito no livro dos Atos, em algum lugar, a respeito dos crentes ficarem *cheios de fogo.* A terminologia é sempre que foram *cheios do Espírito Santo.*

O Fogo do Juízo

Quando Jesus fala sobre o fogo, refere-se ao do juízo ou da destruição, especialmente o Inferno *(gehenna),* que é o lago de fogo. (Mateus 5.22; 18.8,9). O mesmo se aplica às epístolas (1 Coríntios 3.13; 2 Tessalonicenses 1.8; Hebreus 12.29; 2 Pedro 3.7).

No contexto da profecia de João Batista a respeito do batismo com o Espírito Santo e com fogo, a Bíblia mostra que ele acabara de advertir a respeito da ira vindoura (Mateus 3.7). Os versículos contextuais dessa promessa do batismo com fogo falam de árvores cortadas e lançadas no fogo, e de palha queimada com fogo inextinguível (fogo que, pela sua própria natureza, nunca será apagado; noutras palavras: o lago de fogo). Seria estranho, se o fogo em Mateus 3.10 e 12 significasse uma coisa, ao passo que, sem a mínima explicação, significasse outra bem diferente no versículo 11.([10]) Desde a antigüidade, muitos têm reconhecido que o batismo no fogo realmente significa julgamento,([n]) embora essa idéia tenha causado controvérsia.

Nesse sentido, também, conservemos em mente que João Batista não sabia a diferença cronológica entre o batismo com o Espírito Santo e com fogo. Quando ele foi lançado no cárcere, provavelmente isso o perturbava. Jesus curava os enfermos e perdoava pecados, mas não trazia juízo. Na realidade, Herodes e Herodias, que mereciam o juízo, eram os que mantinham João Batista no cárcere. Por isso, ele enviou dois discípulos para perguntar se Jesus realmente era Aquele que estava para vir, ou se era apenas outro precursor semelhante a ele. Jesus, então, mostrou aos discípulos que realizava de fato as obras do Prometido (Mateus 11.1-6; ver também Isaías 29.18,19; 35.5,6; 61.1).

Jesus deixava claro que não viera desta vez para condenar **o** mundo, mas, sim, para salvá-lo (João 3.17). Em Nazaré, quando leu Isaías 61.1,2, deliberadamente fechou o livro antes de chegara "o dia da vingança do nosso Deus" (Lucas 4.19,20). Sua espada era para estabelecer a linha divisória entre os que o aceitavam, e os que não o desejavam. Não era a do juízo nem da destruição (Mateus 10.34; Lucas 12.51).

O Espírito como Pomba

Ao ser batizado por João Batista, no Jordão, Jesus se identificou com a humanidade. Em seguida, Deus proclamou que Ele era seu Filho, ao enviar o Espírito Santo em forma de pomba, e João ouviu uma voz do Céu que dizia: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3.17). O nome "Davi" significa "amado". Logo, isso podia traduzir que Jesus é o Davi maior, o Davi de Deus. A palavra "amado" também está vinculada com

"unigênito" (isto é, *único*, no sentido de um só daquele tipo, sem igual). Também há um paralelo no relacionamento entre Abraão e Isaque. Na grande provação de Abraão, Deus ordenou-o a tomar seu filho, seu único filho, a quem amava, e oferecê-lo como sacrifício (Gênesis 22.2). O Novo Testamento, referindo-se ao incidente, chama Isaque de "unigênito" de Abraão (Hebreus 11.17).

Todos os quatro evangelhos registram essa descida do Espírito como uma pomba (Mateus 3.16,17; Marcos 1.10,11; Lucas 3.21,22; João 1.32-34). Lucas acrescenta que o Espírito Santo desceu em forma corpórea, como uma pomba. Isto é: houve um aparecimento real e visível que parecia uma pomba. Mateus e Lucas declaram que o Espírito, como uma pomba, veio sobre Jesus. João afirma que permaneceu sobre Ele. Mas alguns manuscritos antigos de Marcos, e pelo menos um de Lucas, dizem que o Espírito, como pomba, desceu *para dentro* dele. É claro que essa é apenas uma outra maneira de enfatizar que o Espírito não se afastou de Jesus, depois de vir sobre Ele.

A expressão "em quem me comprazo" indica que a descida do Espírito era um sinal da aceitação e aprovação do Pai pelo Filho, no ministério que Ele iniciaria. A expressão também pode ser traduzida: "em quem me deleito". (Marcos e Lucas mostram que a voz foi primeiramente dirigida a Jesus). Mas essa expressão de deleite pode ter prenunciado a cruz. Isaías 53.10 diz que o Senhor se agradou ou se deleitou em moê-lo (esmagá-lo), referindo-se à sua morte sacrificial (viçaria). Essa, talvez, seja uma das razões pelas quais a descida do Espírito Santo em forma de uma pomba é seguida, pouco depois, pelo reconhecimento de Jesus como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1.36). Esta ave, para os judeus, era mais do que um símbolo de mansidão **e** de paz. Era, também, a oferta pelo pecado, que os pobres ofereciam no lugar do cordeiro (Levítico 5.7). Jesus é o próprio Cordeiro de Deus, como substituto dos pobres, dos necessitados, dos pecadores, e isso inclui todos nós (Romanos 3.23).

Identificando Aquele que Batiza

Além disso, a descida do Espírito Santo foi um sinal para João Batista, de que Jesus era Aquele que batizaria com o Espírito Santo. João não sabia disso, na ocasião em que Jesus veio ao Jordão para ser batizado nas águas. Quando, portanto, João sugeriu que ele precisava ser batizado por Jesus, falava a respeito do batismo nas águas, e não no Espírito. João conhecera o impulso e a orientação do Espírito durante sua vida. Mediante o Espírito e a Palavra, desafiava as pessoas a arrepender-se. Mediante o Espírito, sentia a farsa dos que vinham para ser vistos, mas que não tinham intenção de arrepender-se. Porém, quando Jesus chegou ao Jordão, João sentiu sua própria necessidade.

Isaías, diante de uma visão da majestade, da glória e da santidade de Deus, sentiu-se um homem de lábios impuros (6.3,5). Pedro, diante de uma pesca que ele, como pescador, reconhecia ser milagrosa, considerou-se um pecador (Lucas 5.8). Mas Aquele que viera para ser batizado, havia se despido da glória que antes compartilhava com seu pai (Filipenses 2.6,7). Não havia auréola nem qualquer outra coisa que o distinguisse de qualquer outro homem em Nazaré. Jesus ainda não operara algum milagre. Mas a presença de Cristo fez com que João Batista, cheio do Espírito Santo, percebesse que possuía alguma falta (Mateus 3.14). Precisava do batismo de arrependimento, assim como também os outros que vinham até ele. Só depois de o Espírito Santo ter vindo sobre Jesus, em forma de uma pomba, é que a atenção de João Batista foi atraída a outro batismo, que contrastava com o dele.

As palavras de João Batista 1.31-33 traçam uma linha divisória entre o batismo nas águas e o no Espírito. Lucas também apresenta distinção entre o batismo de Jesus e a descida do Espírito sobre Ele. O texto grego diz, literalmente: "Jesus, tendo sido batizado, e

continuando a orar, os céus se abriram, e o Espírito Santo desceu" (Lc 3.21,22). Isso quer dizer que foi somente após o batismo nas águas, enquanto Jesus orava, é que o Espírito Santo veio sobre Ele.

Mateus mostra que foi ao sair Jesus da água (Mateus 3.16). Marcos confirma ter sido "logo que saiu da água" (Marcos 1.10). Então, Jesus estava, no mínimo, na ribanceira. Aqueles que retratam Jesus ainda de pé na água, com o Espírito Santo, em forma de pomba, sobre Ele, ignoram uma lição importante.

Distinto do Batismo nas Águas

A ênfase de Lucas sobre a oração de Jesus, após sair da água, é também importante. A oração e o louvor freqüentemente precediam **a** vinda do Espírito Santo sobre os crentes, no Novo Testamento. (Ver Lucas 24.53; Atos 1.14; 4.24,31; 8.15; 10.30). É interessante perceber que alguns reconhecem essa diferença, embora não queiram admitir algum paralelo entre a experiência de Jesus aqui e a dos discípulos no Pentecoste, e depois.([12])

É verdade que a vinda do Espírito Santo sobre Jesus era incomparável. Sua experiência ia além da de qualquer pessoa, antes ou depois, porque Deus não lhe deu o Espírito "por medida" (João 3.34). A vinda do Espírito Santo sobre Jesus também foi o cumprimento das promessas feitas há muito tempo (Isaías 11.2; 42.1; 61.1). Não devemos, portanto, ignorar algumas semelhanças. O Espírito Santo também veio sobre nós, a fim de permanecer conosco. (João 14.16). Embora seja Jesus o que batiza, o Espírito Santo vem a nós da parte do Pai (João 14.16,26).

Identificado com a Humanidade

Tenhamos em mente, também, que o Espírito Santo veio sobre Jesus, após Ele ter se identificado com a humanidade através do batismo nas águas. Posteriormente, quando Satanás o tentou a transformar as pedras em pães, Ele se recusou. A sua aceitação romperia aquela identificação conosco. Se Ele tivesse transformado as pedras em pães, seria fácil para Ele utilizar seu poder divino para impedi-lo de sentir fome, dor ou cansaço. Até mesmo seus sofrimentos na cruz não teriam sido reais. Mas Ele ocupou o lugar entre nós como homem, de modo que pudesse ser tocado pelo sentimento das nossas fraquezas e identificar-se conosco (Hebreus 4.15).

Certamente, não havia intenção da parte do Pai de romper aquela identificação com o homem, quando Ele enviou o Espírito Santo a Jesus. Aquilo que aconteceu com Jesus era necessário, não porque Ele era Deus, mas porque também era homem. Como homem, Ele devia ministrar no poder do Espírito. Como homem, Ele devia sofrer e morrer. Quando o Pai disse: "Este é meu Filho amado", reforçava **o** fator de que a humanidade de Jesus não diminuiu, de maneira alguma, a sua divindade. Jesus continha dentro de si a totalidade das qualidades humanas bem como a das divinas, sem interferir uma nas outras. Ele era o Deus-homem, não no sentido de ser metade Deus e metade homem. Ele era plenamente Deus, 100% Deus. Ele era, também, plenamente homem, 100% homem.

Sobre o Deus-homem, Jesus, o Espírito veio prepará-lo para um ministério entre os homens, bem como identificá-lo como Aquele que batiza com Espírito Santo. Logo, embora as experiências não sejam exatamente paralelas, a verdade é que Jesus não começou seu ministério terrestre antes que o Pai enviasse o Espírito. Semelhantemente, Jesus mandou seus discípulos aguardar ou permanecer em Jerusalém e não começar seu ministério antes que o Espírito Santo viesse sobre eles (Lucas 24.49; Atos 1.4).

Guiados pelo Espírito Santo

Tendo em vista a plena humanidade de Jesus e a sua identificação conosco, é digno de nota que, tão logo o Espírito veio sobre Jesus, Ele se submeteu à orientação do Espírito Santo (Mateus 4.1; Lucas 4.1). Primeiro, Ele foi levado pelo Espírito ao deserto (isto é, seguiu do rio Jordão para as colinas ermas) para ser tentado pelo diabo. Marcos emprega um verbo enfático: O Espírito o impeliu (expulsou violentamente). Essa não seria uma experiência agradável. Jesus sentia a pressão da tentação como nós a sentimos. Assim, um ímpeto do poder do Espírito o trouxe do Jordão para o deserto. Jesus já estava na plenitude do Espírito, mas, nessa experiência, o Espírito o movimentou, quase o carregou. Durante 40 dias, o Espírito continuava a guiá-lo. Ele estava tão cheio do Espírito Santo, que nem sequer sentia fome, a não ser depois de passado aquele período (Mateus 4.2).

Em sua tentação, Jesus não empregou seu poder divino para derrotar o diabo. Continuou a se identificar conosco como um homem cheio do Espírito; derrotou Satanás pelos mesmos meios que nos estão disponíveis • a Palavra, ungida pelo Espírito. Eva, tentada pela concupiscência da carne (o apetite), dos olhos (o desejo), e a soberba da vida, fracassou (Gênesis 3.6; 1 João 2.16).

Nesse sentido que, segundo João, perfaz o *mundanismo* (1 João 2.15), Jesus obteve uma completa vitória para nós. Ele venceu o mundo (João 16.33). Nós podemos fazer o mesmo, mediante a nossa fé (1 João 5.4).

Nessa vitória há, também, um paralelo com a chamada e o ministério de alguns profetas do Antigo Testamento. Assim como o Espírito encheu Miquéias, a fim de que ele advertisse contra o pecado (3.8), também o Espírito Santo encheu Jesus e o enviou imediatamente para a batalha contra o pecado e Satanás. Jesus não recebeu a plenitude do Espírito só para operar milagres, mas para prepará-lo a realizar toda a obra de Deus. Recebeu o Espírito sem medida, porque foi enviado para transmitir a Palavra de Deus e porque o Pai, por amor a Ele, lhe deu todas as coisas (João 3.34,35). Por isso a realização de todo o plano de Deus está nas mãos dele.

Mateus, Marcos e Lucas não mencionam o final do primeiro ano do ministério de Jesus (que foi realizado principalmente na Judéia). Porém, registram o grande ano de sua popularidade na Galiléia. Mateus diz que só depois da prisão de João Batista é que Jesus foi para a Galiléia, não que temesse ser preso.

Ele estava na Judéia, território sujeito ao governador (ou procurador romano)Pilatos. A Galiléia era governada por Herodes. Lucas deixa claro que Jesus era guiado pelo Espírito. Foi para a Galiléia, pela virtude do Espírito Santo (Lucas 4.14).

João introduz outro fator. Os fariseus ouviram dizer que Jesus batizava mais discípulos do que João Batista. Isso indica que surgia a oposição dos líderes religiosos em Jerusalém. Para Jesus, a atitude mais sábia era retirar-se. Os quatro evangelhos registram que Jesus evitava o que pudesse levá-lo à prisão ou à morte antes do tempo. Falava em parábolas, não para esclarecer a mensagem, mas para obscurecê-la diante dos seus inimigos. Eles teriam o coração endurecido, ao passo que seus discípulos podiam perguntar e aprender a verdade, através das suas respostas (Mateus 13.10-12; Lucas 8.10). Por esse motivo, seus inimigos frustravam-se em suas esperanças de prendê-lo. Dificilmente usariam parábolas como evidência contra Ele na justiça.

O evangelho de João demonstra que Jesus não se retirou para escapar da oposição dos fariseus. Embora o evangelista não o diga nessa ocasião, Jesus foi guiado pelo Espírito Santo. Esse fato é mostrado pelo itinerário que Ele escolheu no retorno à Galiléia. Os judeus, geralmente, evitavam o caminho mais curto, através da Samaria, e passavam pelo vale do Jordão e pela Peréia. Mas quanto a Jesus, "era-lhe necessário passar por Samaria" (João 4.4). Trata-se de um ímpeto interior, da voz do Espírito Santo que impunha uma

necessidade divina sobre Ele. Deus tinha um encontro preparado, e Jesus devia estar próximo do poço de Jacó, no momento em que chegasse certa mulher samaritana, de má fama; ela acharia a água da vida, e espalharia as boas novas (João 4.14,15,28,29).

Ministrando através do Espírito

Jesus não somente era guiado pelo Espírito, como também o seu ministério foi realizado pelo Espírito Santo. Nos evangelhos, não há muita informação de que o Espírito Santo tenha revestido Jesus para o ministério. Porém, uma vez que é um fato constatado, não havia necessidade para tantas repetições.

Quando Jesus voltou para a Galiléia, o poder do Espírito Santo se manifestou primeiramente no seu ministério de ensino e, depois, no de cura. Em Cafarnaum, antes da realização de qualquer milagre, o povo se maravilhava diante dos seus ensinos. A unção do Espírito em suas palavras, levou o povo a contemplar a sua autoridade, algo que nunca acontecera no tempo em que escutaram os escribas (alegavam ser os mais entendidos nas Escrituras).

As notícias desse ministério espalharam-se rapidamente. Em Nazaré, Jesus leu Isaías 61.1,2, e declarou abertamente que essa profecia do Espírito sobre o Servo de Deus e seu ministério cumpria-se nele e através dele mesmo (Lucas 4.18,21).

Mais tarde, quando os fariseus conspiraram contra Jesus, e procuravam uma maneira para matá-lo, ele se retirou de novo. Mas isso não impediu o seu ministério. As multidões o seguiam, e Ele curava a todos (Mateus 12.15). A Bíblia especifica isso como um cumprimento de Isaías 42.1-4, que profetiza a vinda do Espírito Santo sobre o Servo Ungido de Deus, e permaneceria sobre Ele, a fim de trazer as misericórdias de Deus e a sua vitória.

Regozijando-se no Espírito Santo

Depois da volta dos 70 discípulos, enviados por Jesus à Peréia, Ele se alegrou "no Espírito Santo" (Lc 10.21). Alguns textos antigos registram apenas "no espírito". Mas pouca diferença faz, porque Lucas, quando emprega a expressão "em espírito" ou "no Espírito", refere-se ao Espírito Santo, e está claro que é este o sentido dos demais.([13]) (Note também que o grego não distinguia entre as letras minúsculas e maiúsculas, como hoje fazemos).

Essa alegria é outro motivo da operação constante do Espírito na vida e no ministério de Jesus. Nunca lemos a respeito dele contando piadas. Há um senso de humor em suas palavras e parábolas. Mas nunca há frivolidade, humor às expensas de outras pessoas. Ele estava sempre ocupado na obra de seu Pai, não tinha tempo para tais coisas. Havia uma colheita necessária de ser realizada antes que fosse tarde demais (João 4.32-36). Mas o Espírito Santo lhe deu algo melhor do que o que o mundo chama de felicidade. Ele lhe deu gozo, verdadeiro gozo que somente aqueles que são guiados pelo Espírito conhecem.

Essa expressão de alegria em Lucas 10.21 era mais do que uma sensação agradável. Ele se regozijou por causa do que Deus fizera através dos 70. Os sábios e prudentes (os experientes intérpretes da Lei, os líderes religiosos e os principais dos sacerdotes) desprezavam a gente humilde que Jesus escolhera como missionários. Mas, através dessa gente, Deus revelou a sua graça, o seu poder, e a sua salvação. Seus nomes estavam escritos no Céu (Lucas 10.20). Além disso, todos precisavam reconhecer que o que os 70 realizaram, não fora feito mediante o poder, autoridade, ou posição oficial deles. Necessariamente, o poder tinha que vir de Deus.

Em toda a vida de Jesus, há uma ênfase de alegria, mesmo quando Ele enfrentava a cruz (Hebreus 12.2). Parte desse contentamento era o antegozo do futuro. Mas outra parte era em razão da vida que Ele evidenciava no Espírito. Através do Espírito Santo, Ele

desfrutava a paz e a alegria. Através do Espírito, Ele também as transmite a nós (João 14.27; 15.11; Gálatas 5.22).

Blasfêmia Contra o Espírito Santo

Os trechos que tratam do pecado contra o Espírito Santo nos oferecem mais evidências da parte de Jesus de que seu ministério foi realizado mediante o poder do Espírito (Mateus 12.24-32; Marcos 3.22-30; Lucas 11.15-20; 12.10).

Desde o início de seu ministério, Jesus expulsava os demônios e atraía a atenção de todos e os enchia de admiração (Marcos 1.27,28). Nessa ocasião, um endemoninhado, cego e surdo, foi trazido a Jesus, e Ele o curou (Mateus 12.22). Então o povo atônito perguntou: "Não é este o Filho de Davi?" Os fariseus encolerizaram-se e proclamavam que Jesus expulsava demônios pelo poder de Beelzebu (Satanás), o príncipe dos demônios.

Jesus, então, mostrou a tolice deles, dizendo que um reino dividido contra si mesmo (desunido) é devastado; uma cidade ou casa dividida não subsiste. Se Satanás expulsa os demônios, está contra si mesmo; como, pois, o seu reino ficará em pé? Além disso, se Ele expulsava os demônios por Beelzebu, então qualquer filho (discípulo) dos fariseus, para expulsar um demônio, faria o mesmo. Mas se Ele expulsava os demônios pelo Espírito Santo, logo o reino (governo e poder reais) de Deus havia chegado. Portanto, o Reino operava em favor deles (Mateus 12.28).

Marcos acrescenta que esses fariseus não eram galileus, mas escribas (peritos na Lei de Moisés) enviados de Jerusalém (para vigiar Jesus e fazê-lo contradizer-se ou descreditá-lo). Lucas emprega uma expressão diferente, e diz "o dedo de Deus", ao invés de "o Espírito de Deus". É semelhante às referências do Antigo Testamento que falam na mão de Deus para expressar o seu poder. Sem dúvida, Jesus empregava as duas expressões, para representar o poder do Espírito Santo. No entanto, a acusação de que Ele expulsava os demônios pelo poder de Satanás, era muito grave para deixar por isso mesmo, depois dessa explicação. O povo necessitava uma advertência, para não mais escutar os fariseus e depois perder a esperança da salvação eterna. Jesus esclareceu, ainda, que ninguém podia permanecer neutro: "Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha" (Mt 12.30).

Uma Advertência Severa

A advertência sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo é de difícil interpretação. Mateus diz: "Todo o pecado e blasfêmia [conversa ofensiva, calúnia] se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens. E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem [blasfemar contra Ele], ser-lhe-á perdoado, mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro". Segue-se outra exortação para que o povo escolha entre Ele e os fariseus, os quais procuravam desviar sua atenção dele: "Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto bom, ou fazei a árvore má, e o seu fruto mau".

Marcos 3.29 enfatiza a mesma coisa de forma diferente: "Qualquer, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca obterá perdão, mas será réu do eterno juízo [castigo]". "Réu de" significa culpado de, merecedor de, envolvido em. Muitos manuscritos antigos dizem, ainda, "um pecado eterno", ao invés de condenação ou castigo eterno. Sendo assim, é possível entender que os que blasfemam contra o Espírito Santo são culpados do pecado eterno, ou estão envolvidos em pecado eterno. Marcos mostra porque Jesus transmitiu essa advertência. Seus inimigos diziam que Ele tinha um espírito imundo (impuro, maligno, mau).

Lucas não registra essa advertência, logo após a crítica dos fariseus. Mas mostra que

Jesus a repetiu posteriormente: "Todo aquele que me confessar [reconhecer publicamente] diante dos homens, também o Filho do homem o confessará diante dos anjos de Deus. Mas quem me negar [repudiar] diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus" (Lc 12.8,9). Esse é um tema que se acha freqüentemente no Novo Testamento (João 9.22; 12.42.43; Romanos 10.9,10; 2 Timóteo 2.12; 1 João4.2,15;2João7).E Jesus acrescentou: "E a todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem ser-lhe-á perdoada, mas ao que blasfemar contra o Espírito Santo não lhe será perdoado" (Lc 12.10).

Uma Distinção Importante

Todos esses trechos distinguem claramente entre as pessoas de Jesus e do Espírito Santo. Distinguem, também, entre as declarações blasfemas contra Jesus, como o Filho do homem, e o Espírito Santo. A maioria dos comentaristas entende que a blasfêmia contra o Filho do homem era ignorar que o humilde Jesus cumpriria as gloriosas promessas do Messias vindouro.

Depois da cura do coxo, na Porta Formosa do Templo, Pedro lembrou que os Judeus, na presença de Pilatos, negaram "o Santo e o Justo", pediram a libertação de um homicida, e mataram o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dos mortos. Mas acrescenta que os israelitas, bem como seus governantes, agiram assim por ignorância. Logo, havia arrependimento para eles (Atos 3.13-19). O pecado deles era grande, mas não imperdoável.

Paulo também, ao lastimar que havia sido um blasfemador, perseguidor e opressor (insolente, arrogante, envergonhando, maltratando e ofendendo os cristãos), reconheceu que alcançara misericórdia, porque agira na incredulidade (1 Timóteo 1.13). Logo, embora tenha, em certo sentido, não somente blasfemado a Cristo, mas a obra do Espírito Santo, em e através da Igreja, não cometeu o pecado imperdoável.

A blasfêmia contra o Espírito Santo é distinguida, portanto, das coisas faladas contra Jesus ou seu corpo, a Igreja, quando as declarações blasfemas provêm da incredulidade que brota da ignorância. Isto é: o que as pessoas dizem, após serem ensinadas erroneamente, pode ser perdoado.

Uma Rejeição Total

Fica claro, porém, que a blasfêmia contra o Espírito Santo é algo deliberado. Mateus registra que o atribuir as obras de Jesus ao poder de Satanás é pecado imperdoável. Elas são o testemunho do Espírito Santo a respeito de Jesus como Messias e Salvador. Os fariseus, conhecedores das Escrituras, recusavam a salvação por intermédio de Jesus. "E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (At 4.12). A total rejeição da obra do Espírito Santo relativa a Jesus, fecha, portanto, a porta da salvação. E não haverá uma segunda oportunidade. Depois da morte, nada mais existe para o descrente, senão a condenação (Hebreus 9.27). É agora ou nunca.

Marcos considera a blasfêmia contra o Espírito idêntica a que dizia ter Jesus um espírito imundo. Noutras palavras, diziam que o Espírito Santo dentro dele era um espírito imundo. Com isso, também se recusavam a aceitar que o Espírito, o qual fora dado a Jesus, após o seu batismo, provinha de Deus. Repudiavam, também, o testemunho que o Pai dera sobre seu Filho. Assim como em Mateus, tratar o Espírito Santo como um espírito maligno, era resistir suas influências que visavam nos levar à salvação. Chamá-lo de danoso e impuro era separar-nos de toda a esperança.

Lucas, ao informar que a blasfêmia contra o Espírito Santo é um paralelo da total negação e repúdio de Jesus diante dos homens, também indica que a blasfêmia contra o

Espírito é algo deliberado. Na realidade, é a rejeição do testemunho que o Espírito Santo deu de Jesus, testemunho este que nos conclama a confessar Cristo como Salvador e Senhor. Logo, o único resultado será que Cristo rejeitará a muitos, sem nenhuma oportunidade de perdão.

A tradução possível de Marcos 3.29: "envolvido num pecado eterno", leva alguns a entender que a blasfêmia contra o Espírito Santo é imperdoável somente enquanto a pessoa estiver envolvida nela. Isto é: enquanto resistir o testemunho do Espírito Santo de que Jesus é Senhor e Salvador. Aqueles que se envolveram nesse pecado no texto em estudo eram fariseus. Posteriormente, lemos a respeito de um grupo de fariseus que creram (Atos 15.5). Mas nem todos eles repudiaram Jesus durante o seu ministério. (Nicodemos é um exemplo: João 3.1). Outros, como Paulo, se opunham a Ele somente por causa da ignorância.

Deve ser reconhecido, ainda, que essa blasfêmia contra o Espírito Santo não era algo dito num momento de ira, desânimo, ou até mesmo de rebeldia. Nem era algo que surgia da incredulidade proveniente de ensinamentos errôneos ou da compreensão errada da Bíblia. Era a rejeição deliberada ao Espírito Santo, como se Ele fosse maligno e proveniente do Inferno. Por detrás disso havia, também, uma resolução firme no sentido de desviar outras pessoas de Jesus.

Uma vez que as pessoas endurecem o coração, assemelham-se aos rebeldes empedernidos do Antigo Testamento, que chamavam o mal de bem, e o bem de mal; colocavam as trevas no lugar da luz, e a luz em vez das trevas (Isaías 5.20). Não fazem distinção entre o bem e o mal. Chegam mesmo a odiar o bem e a amar o mal (Miquéias 3.2). Conforme disse Jesus, preferem as trevas à luz, porque as suas obras são más (João 3.19,20). Assim, fecham a porta contra Deus e a mensagem da salvação.([M])

A declaração de Jesus: "Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é conseqüentemente chegado a vós o reino de Deus" (Mt 12.28), acrescenta outro aspecto à gravidade da blasfêmia contra o Espírito Santo. Ao atribuírem a Satanás a obra do Espírito, em e através de Jesus, rejeitavam a totalidade do governo de Deus que professavam esperar. Esse reino já estava em evidência, pois o Rei estava no meio deles. Eles, porém, se opunham a Deus e, portanto, privavam-se das promessas da bênção e da salvação.

Eles, da mesma maneira que os principais sacerdotes e os fariseus do Sinédrio que tramaram a morte de Jesus, não queriam que Deus trouxesse quaisquer mudanças. Estavam satisfeitos com o *status quo* (João 11.47,48). Essa é uma das razões por que não receberiam perdão nessa vida: por não o pedirem.([15]) Isso pode ser aplicável hoje, quando os homens rejeitam o governo de Cristo que opera através do Espírito Santo na Igreja e por meio dela. Pertencem a mesma classe desses fariseus. Nesse sentido, a blasfêmia contra o Espírito Santo envolveria a apostasia total. (Ver Hebreus 6.4-6,8; 10.26-31).([16]) Tenhamos em mente, no entanto, que Mateus, Marcos e Lucas indicam que esse pecado é blasfemar o Espírito Santo à medida que Ele opera através de Jesus.([17]) Além disso, somente Deus sabe se, em qualquer caso específico, é pecado deliberado ou fruto da ignorância. Conhecemos alguns que atribuíram ao diabo a experiência pentecostal. Mais tarde, o Senhor abriu seus corações e mentes, e foram batizados com o Espírito Santo e acharam edificante o dom de línguas.

O ESPÍRITO NOS ENSINAMENTOS DE JESUS

Jesus não apresentou ao povo muitos ensinamentos sobre o Espírito Santo. A maior parte dessa doutrina foi transmitida em particular aos seus discípulos, especialmente durante as últimas horas antes de ir ao Getsêmani, conforme registra o apóstolo João. Os demais evangelhos, no entanto, também contêm algumas declarações significantes.

Conforme já notamos, Jesus reconhecia a inspiração do Espírito Santo nos escritos do Antigo Testamento (Marcos 12.36; Mateus 13:14; Lucas 20.42), bem como a obra do Espírito no tocante ao Messias. Mas, nesses evangelhos, Ele deu aos seus discípulos ensinamentos específicos no tocante a quatro coisas sobre o Espírito Santo. Em primeiro lugar, Ele reconhecia que o Espírito é uma dádiva de Deus, a chave para tudo quanto o Senhor tem para nos dar (Mateus 7.7-11; Lucas 11.9-13). Em segundo lugar, Ele prometeu que o Espírito estaria com seus discípulos para ajudá-los no ministério e ungi-los, mesmo no meio da perseguição (Mateus 10.16-20; Marcos 13.9-11; Lucas 12.11,12; 21.12-15). Em terceiro lugar, Ele ordenou que batizassem os crentes em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Mateus 28.19). Em quarto lugar, Ele determinou que esperassem em Jerusalém até serem revestidos de poder do alto (Lucas 24.49), do poder do Espírito Santo que os transformaria em testemunhas (Atos 1.8). Além disso, há referências a símbolos tais como o óleo nas lâmpadas das virgens (Mateus 25.3,4,8), que é considerado uma figura do Espírito Santo presente no coração do crente.([1])

O Doador de Boas Dádivas

Lucas 11.13: "Pois se vós, sendo maus [malfeitores, pessoas fracas que nem sempre têm as melhores intenções], sabeis dar boas [úteis, benéficas] dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?", vem como um clímax do ensino de Jesus a respeito da oração. Os discípulos vieram a Ele, pedindo-lhe que lhes ensinasse a orar. Ele lhes transmitiu o Pai Nosso (realmente, a oração dos discípulos, uma oração-modelo que lhes mostrou as coisas em favor das quais sempre deviam unir-se em oração). Em seguida, para evitar que tornassem essa oração uma formalidade ou um cerimonial, Ele lhes falou uma parábola para mostrar-lhes que nossas orações devem envolver necessidades reais, e que devemos comparecer diante de Deus com fé. Para enfatizar essa verdade, Jesus disse com clareza: "Pedi [continuai pedindo], e dar-se-vos-á; buscai [continuai buscando], e achareis; batei [continuai batendo], eabrir-se-vos-á. Porque qualquer que pede [que continua pedindo, que é um *pedinte]* recebe [continua recebendo]; e que busca [que continua buscando, que é um buscante] acha [continua achando]; e a quem bate [que tem por costume bater às portas] abrir-se-lhe-á". Nada há de errado trazermos diante do Senhor todas as nossas necessidades. E é certo colocarmos a mesma necessidade diante do Senhor uma vez após outra. Demonstramos a fé persistente, não por meio do pedir uma só vez e então desistir, mas por causa do continuar a pedir.

Em seguida, Jesus fez várias comparações, a fim de demonstrar que podemos vir a Ele livremente e com ânimo. Não precisamos ter medo de pedir a Deus aquilo que necessitamos. Nenhum pai terrestre daria uma pedra a um filho que pedisse pão, nem uma serpente venenosa em vez de peixe, ou um escorpião no lugar de ovo. Se nossos pais, que estão muito aquém da bondade de Deus, sabem nos dar coisas boas, não devemos ter medo de pedir ao Pai a melhor de todas as dádivas, o dom do Espírito Santo. Além disso, confiemos nele, quando pedirmos o batismo com o Espírito Santo. Se chegarmos a Ele, solicitando com persistência, Ele nos dará aquilo que precisamos, e não algo ruim, menos do que o melhor, mas o próprio Espírito Santo.

Mateus 7.11, ao invés de mencionar o Espírito Santo, segue a mesma linha de raciocínio, e registra: "...quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará *bens* aos que lhos pedirem". Jesus incluiu, assim, todas as boas dádivas, úteis e benéficas que provêm de Deus. Conforme Tiago 1.17: "Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação". Isto é, Deus não tem fases como a lua, que, às vezes, é luminosa e, às vezes, escura. Ele é sempre a mesma fonte de luz e de bênçãos. Suas boas dádivas incluem o suprimento das necessidades materiais, porque Ele sabe que precisamos de coisas tais como alimento e roupa (Mateus 6.25-33). As boas dádivas também incluem todas as coisas necessárias para vivermos, até chegarmos na Glória (Romanos 8.32). Sendo assim, Lucas cita as palavras de Jesus que enfatiza o Espírito Santo como a dádiva que resume e, em certo sentido, inclui todas as demais boas dádivas.([2]) Ou, noutras palavras, o Pai enviou o Filho como a Palavra Viva para revelar a sua natureza e o seu caráter, **e** para realizar a sua obra de salvação em nosso favor. Depois, o Pai enviou o Espírito Santo para nos trazer dádivas e para continuar a sua obra em e através de nós.([3])

Pedindo o Dom do Espírito

Alguns escritores afirmam que não precisamos buscar o batismo com o Espírito Santo, pois Ele já habita nos nascidos de novo. Entendem que essa promessa do dom do Espírito já se cumpriu. ([4]) Outros reconhecem que devemos insistir e, quando oramos, se crermos (continuarmos crendo) que receberemos as boas dádivas da parte de Deus, nós as receberemos (Marcos 11.24). Não se pode negar que os 120 oraram (Lucas 24.53; Atos 1.14), nem que Pedro pediu para que outras pessoas recebessem o Espírito Santo (Atos 8.15). Mesmo assim, alguns dizem que tudo o que precisamos fazer agora é seguir o exemplo dos Gálatas e aceitar pela fé (Gálatas 3.13,14).([5])

Não é provável, no entanto, que a fé dos Gálatas fosse passiva. Nem existe maneira de comprovar que não pediram conforme a promessa que ouviram. Depois do Pentecoste, Pedro disse ao Sinédrio: "E nós somos testemunhas acerca destas coisas (especialmente da ressurreição), nós e também o Espírito Santo, que Deus deu àqueles que lhe obedecem" (At 5.32). O mais provável é que aquela obediência incluísse o pedir com fé.

Deus dá algumas bênçãos, tais como o sol e a chuva, sobre os maus e os bons sem discriminação (Mateus 5.45), mas os dons do Espírito exigem o desejo que brota do coração preparado (1 Coríntios 12.31; 14.1). O próprio Espírito Santo exige esse zelo!([6]) Nosso desejo por Ele, o clamor do nosso coração para conhecer melhor a Cristo, devem fundamentar todas as nossas orações (Salmos 42.1; Filipenses 3.10).([7])

Embora a oração pelo batismo com o Espírito Santo seja dirigida ao Pai, Jesus, como o batizador, participa dessa concessão. O Antigo Testamento indica que o Pai derramaria o Espírito Santo, não somente sobre os homens, mas também sobre o Messias. O Novo Testamento revela que uma das razões pelas quais o Messias recebeu a plenitude do Espírito, era para distingui-lo como quem compartilha desse direito de conceder. (João 1.33). Lucas registra que Jesus participa da doação de plenitudes especiais para necessidades específicas. (Comparar Lucas 12.11,12 com Atos 4.8), onde o texto grego indica que Pedro recebeu uma nova plenitude do Espírito Santo, ao enfrentar o Sinédrio. Leia também Lucas 21.15, onde Jesus promete que Ele mesmo nos daria as palavras em circunstâncias idênticas. Entendemos que Jesus assim faz, ao outorgar a plenitude do Espírito. Oramos, portanto, ao Pai e ao Filho para pedir o Espírito Santo.([8])

Enviados com o Espírito Santo

Ao enviar seus discípulos, Jesus não lhes prometeu facilidades. Advertiu-lhes,

também, que não esperassem a boa acolhida para o Evangelho, por mais poder que acompanhasse a sua pregação. Não se tratava de pessimismo, mas de realismo. O ministério deles não seria uma expressão de otimismo superficial, mas das promessas de Deus, promessas estas que davam a garantia da vitória a despeito da oposição ininterrupta. As portas do inferno não prevaleceriam contra a Igreja, a qual inclui todos os verdadeiros crentes, todos quantos pertencem a Jesus (Mateus 16.18). Mesmo assim, a ela (ou seja: o povo de Deus) precisaria enfrentar os poderes do Inferno, e ter a certeza de estar vestindo a sua armadura (Efésios 6.11-18). Não esperemos que a oposição diminua à medida que nos aproximamos do fim dos tempos, porque "nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos" (2 Tm 3.1).

Tanto as advertências como os incentivos que Jesus deu aos seus discípulos são, portanto, apropriados para os dias de hoje. Ele os enviou (depois do Pentecoste) como ovelhas entre lobos (Mateus 10.16). Mas tinham a garantia de que, se Jesus os enviava, podiam contar com a presença dele (João 15.16; 16.2; Mateus 28.20).

Ao saírem, precisariam de toda a sabedoria e de toda a mansidão que pudessem obter (Mateus 10.16). Mesmo assim, os homens os prenderiam e os entregariam aos concílios religiosos (tais como o Sinédrio) e os chicotearíam nas suas sinagogas. Mas o resultado não seria a derrota. Mesmo quando fossem trazidos diante de governadores e reis, por causa de Jesus, o resultado seria um testemunho vivo em favor deles (e não contra eles) e dos gentios.

As suas prisões e julgamentos diante dos tribunais tornar-se-iam em oportunidades para o testemunho, mediante a obediência a Mateus 10.19. Quando os crentes fossem presos por causa da divulgação das boas novas sobre Jesus, não deviam preocupar-se nem ficar ansiosos sobre o que deviam dizer, nem de como o falariam. No momento exato, ser-lhe-ia dado o que falar: "Porque não sois vós quem falará, mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós" (Mateus 10.20). Isto é, seriam cheios do Espírito Santo, que daria tanto a sabedoria como as palavras para o testemunho que glorificaria a Jesus.

Jesus repetiu essa advertência no monte das Oliveiras, após os discípulos lhe perguntarem sobre os sinais do fim. Ele os advertiu que a atenção excessiva aos sinais poderia enganá-los: primeiro, porque viriam muitos enganadores (Marcos 13.5,6) e, segundo, porque guerras e rumores de guerras caracterizariam toda aquela época. As pessoas ficariam alarmadas, pensando que o fim estivesse próximo, quando, na realidade, deveriam estar mais preocupadas com a disseminação do Evangelho (Marcos 13.8). Durante esse decurso, conforme Jesus dissera antes, seriam levados diante dos governantes por amor a Cristo, a fim de testemunharem diante deles. Isso seria importante na disseminação do Evangelho a todas as nações (Marcos 13.10). E, mais uma vez, Jesus advertiu os discípulos que não se preocupassem antes do tempo, pois deviam esperar que o Espírito Santo lhes desse o que dizer, quando viesse o momento de falar.

Lucas 12.11,12 assemelha-se com Mateus 10.17-20, e acrescenta o pensamento de que o Espírito Santo lhes ensinaria (instruiria) o que dizer. Lucas 21.12-15, conforme Marcos 13.9-11, acrescenta que deviam propor no coração (tomar uma firme decisão) não preparar antecipadamente a sua defesa. Jesus (mediante o Espírito Santo) lhes daria palavras que seus adversários não poderiam resistir nem contradizer.

Essas promessas se cumpriram quase imediatamente depois do Pentecoste. A cura do coxo trouxe a oportunidade do ensino à multidão no templo (Atos 3). Os líderes religiosos, então, prenderam Pedro e João e os guardaram no cárcere durante a noite. Foi um teste para eles. Ficariam preocupados durante a noite sobre o que diriam, ou aguardariam as promessas e iriam dormir tranqüilamente? Creio que dormiram. No dia seguinte, quando enfrentaram o Sinédrio, Pedro não tinha uma defesa preparada. Ao invés disso, em cumprimento da

promessa de Jesus, o Espírito Santo lhe deu uma nova plenitude (conforme indica o grego) e as palavras que devia pronunciar. Como resultado, ao invés de se defender, o que provavelmente teria feito, se tivesse se preocupado a respeito, deu testemunho de Jesus, da sua ressurreição e da salvação que é através dele. A ousadia do apóstolo, e sua maneira clara, nítida e franca de apresentar a verdade deixaram os membros do Sinédrio atônitos. E estando entre eles o homem que fora curado, nada tinham que dizer em contrário (não podiam contradizer; a mesma palavra usada em Lucas 21.15). Note, também, que o Espírito deu somente o que era *necessário* dizer (Lucas 12.12). Se tivessem preparado sua defesa, provavelmente teriam falado demais.

Isso comprova que o Espírito tem mais solicitude com a divulgação do Evangelho do que com a segurança dos que o divulgam.([9]) Proclamar o Evangelho na sabedoria e no poder do Espírito, às vezes, deixam as pessoas em situações difíceis. Estêvão, cheio do Espírito Santo, deu o testemunho de Jesus, quando foi preso. Porque o Sinédrio não conseguiu resistir nem contradizer as palavras dele, os seus membros se enfureceram e o mataram (Atos 7.54,55,57). Paulo, também, depois de muitas oportunidades para pregar a reis e governantes, derramou seu sangue através de uma espada romana (2 Timóteo 4.6). Paulo não procurava o martírio, pois, geralmente, retirava-se, quando vinha a perseguição. Mesmo assim, martírios como o dele existiram, não somente nos primeiros séculos, mas no decurso de toda a história da Igreja. Em casos inumeráveis, as palavras de Jesus têm provado ser verdadeiras. Reavivamentos têm surgido nas prisões. Carcereiros têm se convertido. Os que morreram pelo Evangelho têm inspirado multidões de outros crentes.

Enviados com Poder

A Grande Comissão, conforme Mateus registra, enfatiza a autoridade de Jesus: "É-me dado todo o poder [autoridade] no céu e na terra" (Mateus 28.18). Com essa autoridade Jesus lhes transmitiu **o** poder (grande poder) que lhes pertenceu pelo Espírito Santo (Atos 1.8). O principal propósito do poder é ensinar (fazer discípulos, estudantes genuínos que anseiam por aprender mais a respeito de Jesus e da Palavra). A ênfase não recai sobre **o** *ir*. "Portanto ide" seria melhor traduzido por "tendo ido, portanto". O Senhor toma por certo que iriam. Ele cuidaria disso através da perseguição e de vários outros meios. Mas a ordem é: seja onde for, devem fazer discípulos.

O mandamento não recai sobre o batizar. Pelo contrário, ao obedecerem o mandamento de ensinar, ou fazer discípulos, eles os batizariam no nome (no serviço e na adoração) do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

A palavra *nome* está no singular, porque significa um título para cada um. (Compare a palavra *nome* que está no singular em Rute 1.2: "o nome dos seus dois filhos"). A repetição da expressão *"e do"* mostra que cada um é respeitado como uma pessoa em particular, dentro do Deus Único. O assunto em pauta é o batismo nas águas. Os discípulos batizavam por Jesus (João 4.2). Ele é Aquele que batiza com o Espírito Santo. Sendo assim, a Igreja Primitiva, como um todo, reconhecia que não eram necessárias qualificações específicas para se batizar nas águas. Qualquer crente podia fazê-lo. (Ver 1 Coríntios 1.14-17).

Aqui, Jesus não dedicou muita atenção ao batizar. Rapidamente, Ele enfatiza que fazer discípulos era a questão de ensiná-los a observar tudo quanto Ele lhes tinha ordenado, o que certamente destacaria o mandamento do amor (João 15.12,17). Então, Ele estaria com eles (e conosco) até a consumação dos séculos.

O relato de Marcos é semelhante ao de Mateus. Novamente não é enfatizada a idéia do *ir*. *A* ordem é que, por onde quer que fossem, pregassem (proclamar publicamente) o

Evangelho a toda criatura (Marcos 16.15). Aqueles que cressem e fossem batizados, seriam salvos (não meramente convertidos, mas finalmente receberiam sua salvação eterna, sua herança através de Cristo). Os descrentes seriam condenados (ao castigo eterno). Com isso, Marcos não faz do batismo um meio de se receber a graça da salvação. Tal idéia iria contra Romanos 10.9,10; Efésios 2.8,9,13. O batismo é simplesmente um ato de obediência a Cristo, como testemunho dele. Conforme Pedro ressalta, o batismo nas águas não salva, assim como as águas do Dilúvio salvaram a Noé. Mas o fato de que Noé sobreviveu ao Dilúvio provou sua fé em Deus antes do Dilúvio. Assim, o batismo nas águas não remove de nós a imundícia da carne. Somos lavados no sangue de Jesus (Apocalipse 1.5; 7.14) e com a lavagem da (na) água, pela Palavra (Efésios 5.26). Sendo assim, o batismo nas águas é a resposta ou o testemunho de uma boa consciência que já foi purificada antes do batismo (1 Pedro 3.20,21).

Estes Sinais Seguirão

Marcos escreve: "E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome [pela minha autoridade] expulsarão os demônios; falarão novas línguas; pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão". Logo após a ascensão de Jesus, depois de terem partido, pregaram em todos os lugares, e o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra com os sinais (milagrosos) que se seguiram (exatamente como Ele prometera).

Infelizmente, alguns interpretam a expressão "pegarão nas serpentes" como um mandamento de pegarem em cobras venenosas para comprovar a sua fé. A expressão não é um mandamento, mas uma simples declaração de fatos. Além disso, embora "pegar em" seja um dos significados da palavra grega, não é o único. Outros sentidos legítimos são: "tirar", "remover", "varrer para longe", "vencer", sem nenhuma ligação com "pegar em" ou "erguer". (Veja Mateus 24.39, onde é usada para o Dilúvio que *levou embora a todos;* João 10.18, onde é usada no sentido de *tirar a vida;* João 11.48, no sentido de *conquistar uma cidade;* e Colossenses 2.14, onde fala em tirar do caminho a relação de ordenanças). É certo que os cristãos primitivos não capturaram cobras. Quando Paulo pegou, acidentalmente, em uma delas, sacudiu-a para dentro do fogo (Atos 28.5). Mais importante do que isso: o texto de Marcos 16 indica a vitória sobre as ondas do diabo, e a serpente simbolizava o mal e Satanás (Apocalipse 12.9; 20.2).

Falar noutras línguas e varrer para longe as "serpentes" são atividades normais dos crentes. Por outro lado, a expressão seguinte tem a forma grega *"se"*, que indica a impossibilidade de beber veneno. Mesmo assim, Deus protegerá os que assim fizerem, mas não deliberadamente, no decurso da propagação do Evangelho. Nenhuma dessas coisas pretende ser um meio de testar ou comprovar a nossa fé, nem sequer o falar em línguas. São, simplesmente, sinais que seguem os cristãos os quais crerem suficientemente para obedecer ao mandamento de pregar o Evangelho a toda criatura, conforme indica Marcos 16.20. (Não estamos olvidando o fato que há críticos modernos os quais lançam dúvidas sobre os 12 últimos versículos de Marcos). Há, no entanto, evidências que são muito antigas, e não há razão por que o próprio Marcos não os tivesse escrito. De qualquer maneira, tudo quanto esses versículos dizem está em harmonia com o restante do Novo Testamento.

O relato de Lucas sobre a Grande Comissão conclama à proclamação das boas novas do arrependimento e do perdão dos pecados em todas as nações (24.47). Jesus declara que essa obra devia começar em Jerusalém. Mas, primeiramente, Ele enviaria sobre eles a promessa do Pai (o Espírito Santo). Deviam, portanto, esperar em Jerusalém até serem revestidos do poder. Esse fato é ressaltado também em Atos dos Apóstolos.

Nascido do Espírito

O evangelho de João oferece mais ensinamentos a respeito do Espírito Santo e da sua obra do que os outros três. A principal ênfase acha-se em João 14 a 16, onde o Espírito Santo é chamado o Consolador (Paracleto) e o Espírito da Verdade. Mas os ensinamentos anteriores são fundamentais.

Quando Nicodemos veio ao Mestre, de noite, Jesus foi direto ao âmago de sua necessidade, e lhe disse: "Aquele que não nascer de novo [de cima], não pode ver o reino de Deus (João 3.3). Cristo descreveu esse novo nascimento como "nascer da água e do Espírito" (3.5) e com a expressão, repetida duas vezes "nascido do Espírito" (3.6,8).

A ênfase recai sobre a obra do Espírito Santo, ao trazer vida nova ao cristão; vida de cima, vida do Céu, da parte de Deus. Mas a expressão"nascer da água e do Espírito" é de difícil interpretação. Há quatro opiniões comuns quanto ao significado da água. Alguns entendem que se trata do batismo nas águas. Outros sustentam que é a água do nascimento natural, outros afirmam que é a Palavra e, ainda outros, o próprio Espírito Santo.

As igrejas, as quais alegam que a vida espiritual vem através dos sacramentos, entendem, que a água se refere ao batismo nas águas. Alguns ensinam que a água do batismo representa a morte, pois a água acolhe o corpo como um túmulo. Dessa forma, a água leva a efeito a morte, e o Espírito Santo traz novamente a vida.([10]) Alguns se referem ao batismo como um rito de iniciação, que é a porta de entrada à nova vida, e que traz consigo todos os dons espirituais.([11]) Outros se referem ao batismo como uma lavagem sacramentai, o sinal e O meio do novo nascimento e da nova vida, levados a efeito pelo Espírito Santo. Isto é: o sacramentalista trata a água do batismo como um meio necessário para receber a salvação, o Espírito Santo e os dono espirituais. Diz que a pessoa recebe tudo isso ao ser batizada.([12]) A maioria deles, no entanto, enfatiza que os sacramentos por si só não são a origem da nova vida. A fonte verdadeira da vida espiritual é o Espírito Santo, mesmo para o sacramentalista.([13]) Mesmo assim, conforme já foi observado, a água do batismo, longe de ser a agência ou o canal da vida e da purificação no Espírito, é um ato simbólico, mediante o qual damos testemunho da purificação e da vida já recebidas.

Entre os que não identificam a água de João 3.5 com a do batismo, alguns entendem que é uma explicação do que significa nascer de novo, colocando a ênfase sobre *de novo.* Entendem que a água simboliza o primeiro nascimento, o nascimento físico (que é acompanhado pelo "rompimento das águas"). O Espírito Santo, portanto, traz o segundo nascimento. Mas, embora "nascer de novo" seja uma, interpretação legítima do grego, e embora a idéia seja certamente incluída em João 3.3, o significado mais comum é "nascer de cima". Nesse mesmo capítulo, a mesma palavra grega, que aqui é traduzida por "de novo", é usada para descrever Jesus como Aquele que vem "de cima" (João 3.31). No mesmo versículo, a palavra é explicada no sentido de "do céu". Tiago 1.17 também a traduz por "de cima".

Além disso, João 1.12,13 mostra a diferença entre o nascimento natural e o espiritual. Os que recebem o direito de se tornarem filhos de Deus são os que crêem no nome de Jesus, e o nascimento que os torna herdeiros de Deus não é o do sangue (não é baseado nas linhagens humanas), nem o da vontade da carne (das nossas tentativas de satisfazer a Deus, mediante os fracos esforços humanos), nem o da vontade de um homem (de um marido), mas de Deus. Sendo assim, o novo nascimento é exclusivamente de Deus, e tanto a água como o Espírito devem referir-se ao que vem do Senhor.

Tendo em vista esses fatos, alguns entendem que a água simboliza a Palavra (como em Efésios 5.26). Essa é uma forte possibilidade, pois a Bíblia fala em nascer de novo,

mediante a Palavra de Deus, conforme o evangelho pregado pelos apóstolos (1 Pedro 1.23,25). Tiago também declara: "Segundo a sua vontade, ele [Deus] nos gerou pela palavra da verdade" (Tg 1.18).([14]) Jesus disse, ainda, que seus discípulos já estavam limpos (tinham tomado banho integral, espiritualmente falando) antes da Última Ceia (João 13.10). Ele, então, explicou que estavam limpos mediante a Palavra (o Evangelho) que lhes falara (João 15.3); ou seja, a Palavra vinda através do Espírito Santo (João 3.34; 6.63).([15])

Outros, simplesmente, entendem que a água simboliza a purificação em geral, ou a relacionam com a purificação mediante o sangue.([16])

O Próprio Espírito Santo

Ao lermos o evangelho de João, no entanto, observamos que a água simboliza o Espírito Santo, especialmente no seu poder vivificante (João 4.14; 7.38). É verdade que a letra *e* pode também significar ***a*** *saber,* de modo que João 3.5 pode ser traduzido "nascer da água, a saber: do Espírito". Nicodemos interpretou erroneamente a palavra de Jesus, quando lhe falou da necessidade do nascer de novo (ou: de cima). Se entendermos que a água é o Espírito Santo, não há problema. A água, a saber: o Espírito Santo, vem de cima, do Céu, e está totalmente fora da dimensão das coisas terrestres.([n])

João 3.6-8 demonstra ainda que nem a água nem o Espírito podem ser vinculados ao batismo nas águas. O novo nascimento vem de cima. Jesus, então, enfatiza o contraste com o nascimento natural. Era no nascimento físico que Nicodemos pensava. Assim como Paulo, ele era um fariseu dos fariseus, orgulhoso por ser um filho de Abraão. Confiava em sua posição diante de Deus, e em sua obediência à Lei, para salvá-lo. No Antigo Testamento, ninguém era salvo por ser judeu ou porque oferecia os sacrifícios certos. Eram necessárias a fé e a fidelidade. Sendo assim, o nascimento físico somente podia produzir um resultado natural. Seria necessário o Espírito Santo para trazer a vida eterna.

Para explicar melhor o nascimento celestial, Jesus o compara com a atuação do vento: "O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito" (3.8). Posto que o Espírito, assim como o vento, não pode ser limitado a um só lugar ou a uma só direção, é impossível supor que o batismo nas águas seja o meio da sua operação.([18]) Na realidade, tanto o Espírito como a Palavra são necessários. O Espírito lança mão da Palavra e a aplica ao coração, para produzir arrependimento e fé e, assim, a vida eterna. Mas não podemos limitar suas operações a qualquer canal. Aquele vento tem um jeito de assoprar diferente, maravilhoso e misterioso.

Vivendo no Espírito Santo

Nascer do alto não é uma finalidade em si mesma. É apenas o primeiro passo em direção a um viver no Espírito. A mulher, à beira do poço, Jesus se apresentou como o Doador da água que se transforma numa fonte que jorra para a vida eterna (João 4.10,14). Assim, Ele vai além da promessa de um novo nascimento, para a promessa de uma vida no Espírito, trazendo não somente algumas gotas d'água, mas uma fonte, ou poço artesiano, que flui continuamente, porque provém de fontes superiores.([19])

Embora Jesus não explicasse à mulher samaritana a natureza da água, o significado fica claro em João 7.37-39. Ali, no último dia da Festa dos Tabernáculos, Jesus chamou a multidão a chegar-se a Ele e beber da água. A Festa dos Tabernáculos comemorava os 40 anos que Israel passou no deserto. Ela tinha o propósito de lembrar aos israelitas que eram tão dependentes de Deus quanto seus antepassados nos dias em que Jeová os alimentou com maná e lhes deu água. Como parte das cerimônias, o Sumo Sacerdote derramava água de um

cântaro, para simbolizar a água concedida por Deus. Jesus, porém, chamou a multidão para si mesmo. Ele tinha o Espírito sem medida (João 3.34). O transbordar do seu Espírito estava à disposição, para satisfazer a sede das almas.

Em seguida, Jesus fez mais do que oferecer ao povo o que Ele podia dar naquele momento. Prometeu que aquele que nele cressem (continua crendo, é crente), rios d'água viva correriam do seu ventre (do mais íntimo do seu ser). "E isto disse ele do Espírito que haviam de receber [receber ativamente, tomar]; os que nele cressem [por um ato de fé]; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado" (Jo 7.39).

Isso se refere ao que aconteceria a partir do Pentecoste. Durante o ministério de Jesus, os discípulos dependiam diretamente dele. O Espírito Santo fazia sua obra em e através de Jesus, em prol deles. Logo, o Espírito Santo estava apenas *com* os discípulos, mas não *dentro* deles (João 14-17). Viviam num período transicional, em que o Espírito Santo não era oferecido a todos; era a mesma situação do Antigo Testamento. Posto, no entanto, que *dado* não consta da maioria dos manuscritos gregos antigos, o texto diria: "o Espírito ainda não havia" ou: "ainda não era Espírito". Significa que o tempo do Espírito (conforme as profecias de Joel e de outros profetas do Antigo Testamento) ainda não chegara.

Esse fato acrescenta uma nova dimensão à promessa do derramamento do Espírito Santo sobre toda a carne (Joel 2.28). Chama a atenção, também, para outra importante diferença entre a experiência dos fiéis no Antigo Testamento e o que aconteceu no dia de Pentecoste. Mesmo quando o Antigo Testamento diz que o Espírito vinha sobre as pessoas, há indícios freqüentes de que Ele também estava dentro delas. (Ver 1 Samuel 16.13 até 2 Samuel 23.2) Aqui, porém, Jesus prometeu que o Espírito Santo daria mais do que uma plenitude interior. Há o fluir para fora, um derramar ao derredor, além de um derramar sobre. Isso vai além de qualquer experiência do Antigo Testamento. E não é limitado aos sacerdotes, aos reis, aos profetas, ou às pessoas com capacidades especiais, conforme acontecia tão freqüentemente no Antigo Testamento. A promessa está à disposição de todo aquele que crê. Precisamos apenas exercer a nossa fé e receber o dom prometido (melhor, *tomá-lo).*

Adorando em Espírito e em Verdade

À mulher samaritana, à beira do poço, Jesus deu ainda mais explicações a respeito da vida espiritual. Adorar no Espírito é uma parte muito importante dessa vida. A humanidade começou seu fracasso através da adoração (Romanos 1.21), e essa continua sendo o lugar onde começa a apostasia.

A própria mulher levantou a questão de que se era certo adorar no Monte Gerizim ou em Jerusalém (razão esta que era a principal diferença entre os judeus e os samaritanos naqueles dias). A pergunta estava fora de contexto, mas Jesus não a desconsiderou. Ele respondeu de tal maneira que voltou ao assunto, a necessidade do Espírito e da vida que somente Ele concederia.

Em breve, nenhuma das duas localidades seria necessária para a adoração ao Pai: "Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (Jo 4.23,24).

Os verdadeiros adoradores não são os que vão até os lugares exatos e proferem as orações certas. São os que reconhecem a natureza de Deus. Pela sua própria natureza, Ele é Espírito, e se o adorarmos em verdade, devemos não somente reconhecer a sua natureza, mas harmonizar a nossa adoração com a sua natureza. Logo, devemos adorar "em espírito",

pois essa é prioridade nesse trecho.([20]) "Em espírito", no entanto, conforme acontece tão freqüentemente, significa "no Espírito". Nosso próprio espírito não se harmoniza com a natureza de Deus como Espírito. Logo, precisamos abrir nosso coração ao Espírito Santo e deixá-lo adorar através de nós, para sermos verdadeiros adoradores de Deus. Paulo vê a mesma coisa nas suas epístolas. (Isso será estudado posteriormente).

Ao responder à pergunta da mulher, Jesus afirma que Deus é Espírito, presente em toda parte. Os crentes do Antigo Testamento sabiam disso. Adoravam a Deus na Babilônia e em Susã tão bem como em Jerusalém. Até mesmo Salomão, na dedicação do Templo, reconhecia que Deus não estava limitado àquele lugar, pois nem o céu dos céus pode contê-lo (1 Reis 8.27). Logo, a localidade ou a forma de adoração não importa, desde que seja impelida e inspirada pelo Espírito.([21]) Essa sempre é a autêntica adoração.

Participando da Vida de Cristo mediante o Espírito Santo

Outro trecho bíblico o qual demonstra que as cerimônias e os sacramentos não outorgam o Espírito ou a vida espiritual é João 6.63,64: "O espírito [o Espírito Santo] é o que vivifica [dá vida], a carne para nada aproveita [não tem valor, não realiza nada]; as palavras que eu vos disse são espírito e vida. Mas há alguns de vós que não crêem".

Por detrás dessas palavras há um longo capítulo que enfatiza Jesus como o pão do Céu, o verdadeiro maná que dá vida eterna ao mundo. Os que vêm a Ele nunca passarão fome, e os que nele crêem nunca terão sede (6.32-35). Crer nele é a chave. "Aquele que crê [é crente, continua crendo] em mim tem [continua tendo] vida eterna" (6.47). A vida eterna já é definida como o tipo de vida que o Pai possui, e que Ele tem dado ao Filho para possuí-la por seu próprio direito e natureza (5.25). Sendo assim, a vida eterna é a vida de Cristo em nós, que possuímos somente à medida que cremos. (Comparar João 15.1-6).

O problema está no crer. Muitos conheceram Jesus e presenciaram seus milagres, mas recusaram a obra do Espírito Santo e não creram (6.29,30,36). Crer é mais do que aceitar o fato de que Jesus existe, ou até mesmo os acontecimentos da sua morte e ressurreição. Jesus comparou o crer com o comer e o beber da sua carne e do seu sangue - sua vida que se tornou disponível através do Calvário (6.51,53-57). Aqueles que comem [continuam a mastigar com prazer] a sua carne e bebem o seu sangue, têm a vida eterna. Isso significa que permanecem (habitam, vivem) em Cristo, e Ele neles (6.54,56).

A idéia de mastigar continuamente a carne de Jesus e beber o seu sangue levou os judeus a murmurar, desgostosos. Os olhos deles se fixavam no corpo físico de Jesus (6.42) e na sua carne e no seu sangue literais (6.52). Quando se queixaram, Jesus deu a entender que Ele subiria ao céu, de modo que seu corpo físico já não estaria disponível na Terra (6.62). É o Espírito Santo, pois, o que nos possibilita a mastigar continuamente a sua carne e a beber o seu sangue (6.63). Ele age através das palavras de Jesus e de torná-las o canal de transmissão da vida concedida por Cristo.([22])

Ele procede assim, não de algum modo místico, mas na sua função de Espírito Ensinador, o que nos guia em toda a verdade (João 16.13). Isso nos leva a considerar a Ceia do Senhor como uma festa memorial, assim como a Páscoa. A primeira Páscoa foi, efetivamente, um sacrifício protetor da morte. Semelhantemente, o sacrifício de Cristo na cruz foi o oferecimento de uma vez por todas do seu corpo e sangue em nosso favor (Hebreus 10.12). Jesus disse a respeito da Ceia: "Fazei isto em memória de mim". Comer o pão e beber o vinho "anuncia" [proclama] a sua morte até que Ele venha (1 Coríntios 11.24-26). Fica claro, portanto, que o pão e o vinho são símbolos, lições práticas, pelos quais testemunhamos a nossa fé, e pelos quais proclamamos nossa contínua apropriação dos benefícios da sua vida que foi "derramada" por nós no Calvário. Conforme diz 1 João 1.7:

"Se andarmos [continuarmos andando] na luz, como ele na luz está, temos [continuamente] comunhão uns com os outros [entre nós e Deus], e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica [continua purificando] de todo o pecado".

O discernimento do Espírito Santo é também necessário, se o objetivo da Ceia do Senhor é trazer um testemunho que realmente glorifique a Cristo. Alguns coríntios adoeceram e morreram, não porque deixaram de celebrar corretamente a Ceia do Senhor, mas por causa de sua atitude indigna; não se apropriavam dos benefícios da cruz nem da ajuda do Espírito para evidenciar os seus frutos. O apetite carnal os deixou indignos de testemunhar de Cristo. Ao descuidarem das necessidades dos que passavam fome, ignoravam o amor derramado no Calvário, e, dessa forma, tomavam-se incapazes de proclamar seu verdadeiro significado na Ceia do Senhor. (Ver Romanos 5.8; João 15.12,17). Também não discerniram o corpo do Senhor (o corpo de Cristo) em seus irmãos. Precisavam julgar-se a si mesmos, e esperar uns pelos outros (1 Coríntios 11.29-33; 10.16,17).([23])

O Consolador que Vem para Ficar

Depois da Ultima Ceia, Jesus falou aos seus discípulos a necessidade de sua morte, ressurreição e ascensão. Seu ensino sobre o Espírito Santo é de vital importância a essa altura. Ele os deixaria, porém jamais se esqueceria dos que o amaram. Ele rogaria ao Pai, que lhes desse outro Consolador (Paracleto) que nunca os abandonaria (João 14.16).

O Consolador é identificado por Jesus como o Espírito da Verdade (João 14.17; 15.26; 16.13; 1 João 4.6). A verdade era o que Jesus proclamava da parte de Deus (João 1.17; 8.40,45,46; 18.37), e Ele próprio é a Verdade (14.6). A Palavra de Deus também é a verdade (17.17). O Espírito Santo guia para toda a verdade (16.13), e é também a Verdade (1 João 5.6).

O Consolador é identificado como o Espírito Santo enviado pelo Pai em nome de Jesus (isto é, invocando o seu nome). Como o Espírito da Verdade, Ele ensinaria aos discípulos todas as coisas, e traria à memória deles tudo quanto Jesus dissera (João 14.26). Ele também testificaria ao mundo a respeito de Jesus, e capacitaria os crentes a fazê-lo de igual modo (João 15.26,27; ilustrado em Atos 5.32). Como Consolador e Guia em toda a verdade, Ele também convenceria o mundo sobre o pecado, mostraria os acontecimentos futuros (relacionados com a vinda de Cristo e com a consumação dos séculos), e glorificaria a Jesus, ao receber as palavras de Cristo (que são de Deus) e transmiti-las aos seus discípulos (João 16.13-15).

Assim como Jesus mostrou (explicou, revelou, interpretou, tornou conhecida a natureza e a vontade) o Pai, o Espírito Santo explicaria, revelaria, interpretaria, tornaria conhecida a natureza e a vontade de Jesus (João 16.12,13).([24]) Ele é, portanto, o Portador e o Ensinador da verdade que há em Jesus. Ele mostra que Cristo é o Revelador do Pai, o Salvador, o Perdoador dos pecados, **o** Senhor ressurreto, o Batizador no Espírito, o Rei vindouro e o último Juiz. Para os discípulos, seus ensinos, o desdobramento da verdade em Jesus e sua obra de lembrá-los as palavras de Cristo, garantiam a exatidão de sua pregação e teologia, e assim lhes deram a certeza da inerrância do Novo Testamento a respeito da doutrina [(25)].

O mesmo Mestre continua sua obra de ensino em nós, não mediante novas revelações, mas através de um novo entendimento, de uma nova compreensão, nova iluminação. Mas Ele faz mais do que nos mostrar a verdade. Ele nos leva à verdade, e nos ajuda a colocá-la em prática e torná-la real e eficaz em nossa vida, de modo que Cristo habite em nós, e nós realizemos a sua obra de uma maneira que o glorifique.([26])

O apóstolo João classifica a obra do Espírito Santo, ao ensinar o crente, como uma unção que nos capacita e nos ensina a pôr em prática a verdade; e Ele age assim de uma maneira superior às possibilidades de um mero ensinador humano (1 João 2.20,27). O verdadeiro teste dessa manifestação, no entanto, não é **o** zelo, o entusiasmo, nem quaisquer evidências externas, mas a maneira como o Espírito Santo exalta a Jesus através da unção. [(27)]. Ensinadores humanos, que não são ungidos pelo Espírito Santo, despojam Jesus das glórias e do poder que a Ele pertencem. Deixam-no totalmente podado e sem varonilidade, até o ponto de Ele nem sequer ser a sombra do Deus-Homem que é revelado na Bíblia. Na realidade, eles fazem das suas filosofias humanistas o molde, e tentam colocar Jesus dentro dessa forma. O Espírito Santo sempre mostra Jesus sendo tudo quanto a Bíblia diz que Ele é.

O Consolador: Ajudador e **Advogado de Defesa**

Há a controvérsia a respeito da palavra *Consolador*, que também é traduzida por *Advogado*, quando se aplica a Cristo glorificado (1 João 2.1).

A palavra grega em epígrafe, *parakletos*, é derivada de *para*, "para o lado de", e *Kaleo*, "chamar ou convocar". É passiva na sua forma e seu antigo significado (antes do Novo Testamento) era "alguém chamado para ajudar, socorrer, ou aconselhar alguém" [(30)] No passado, a maioria dos teólogos católicos entendia que esta palavra significava um advogado ou consultor jurídico da defesa (que oferece mais aconselhamento do que defesa no fórum).([31]) Alguns, ainda hoje, insistem que o sentido de advogado de defesa é o único apropriado, especialmente em João 15.26 e 1 João 2.1 ,([32])

O Espírito Santo, no evangelho de João, não é um procurador, nem sequer um intercessor. Mesmo em João 16.8-11 Ele não é um advogado e nem um promotor que procura obter uma prova de culpabilidade que enviará o réu ao Inferno. Pelo contrário, Ele é o Ensinador, o Representante de Cristo que convence os homens a respeito da verdade, a fim de levá-los ao arrependimento. Nem seria um Advogado ou Consultor Jurídico de defesa, quando os discípulos fossem levados diante de governantes e reis. Ele é Aquele que lhes *ensina* o que dizer, de modo que glorifiquem a Cristo e testifiquem dele, ao invés de se defenderem (Lucas 12.12). Na realidade, Ele não é um tipo de advogado da defesa ou consultor jurídico para os discípulos, mas o Ensinador que fala em prol de Cristo e completa a sua revelação.([33])

O reconhecimento do Consolador como o porta-voz e intérprete de Jesus na atualidade, tem relação com a palavra *intérprete* em Gênesis 42.23, onde José falou com seus irmãos, através de um intérprete; e em Jó 33.23, onde fala de um mensageiro angelical, como mediador. Essa mesma palavra tem o sentido de ensinador em Isaías 43.27, e é traduzida por *embaixador* em 2 Crônicas 32.31. Os targuns judaicos traduzem a palavra por uma forma de paracleto, usada para traduzir a *testemunha* no céu (Jó 16.19) e o Redentor (Jó 19.25). Isso indica que a idéia de porta-voz e intérprete tinha um sentido comum de paracleto entre os judeus do século I.([34])

Na realidade, um *paracleto* no seu significado original não era um advogado, nem qualquer outro tipo de profissional, mas, sim, um amigo que comparecia em favor de alguém ou que agia como mediador, intercessor, conselheiro ou ajudador. Esse fato foi reconhecido pelos pais da Igreja Primitiva, os quais perceberam que o uso dessa palavra requeria um significado ativo como Ajudador ou Consolador.([35])

No entanto, não queriam dizer Consolador no sentido moderno de consolar alguém nas aflições e no luto. O Novo Testamento apresenta a promessa do consolo aos que choram (Mateus 5.4), cura para os quebrantados de coração (Lucas 4.18), alegria para os tristes

(João 16.20), consolo para os que participam dos sofrimentos de Cristo (2 Coríntios 1.5,7), e um dia futuro em que Deus enxugará dos nossos olhos todas as lágrimas (Apocalipse 7.17; 21.4). Mas o consolo do Espírito Santo significa muito mais do que isso.

Uma ilustração bíblica acha-se em Atos 9.31, onde lemos que "as igrejas... eram edificadas, e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e *consolação* do Espírito Santo". O contexto demonstra que o Espírito Santo realizou essa multiplicação mediante a unção da Palavra e do ato de vivificar, fortalecer, santificar, encorajar e dar ousadia aos crentes. No Consolador vemos, portanto, a combinação das idéias de um Ensinador e Ajudador que transmite a verdade de Cristo e que outorga poder para a disseminação do Evangelho e o crescimento da Igreja.

Nesse sentido, também, o Espírito Santo é verdadeiramente "outro Consolador", conforme Jesus disse que Ele seria (João 14.16). Noutro sentido, sem nada tirar da promessa da Segunda Vinda, Jesus indica em João que Ele mesmo vem a nós no Espírito Santo, pois este manifesta a nós tanto o Pai como o Filho (João 14.18,20,23).([36]) Quando Jesus diz: "Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós" (João 14.18), Ele quer dizer que virá mediante o Espírito Santo. Mesmo assim, ao chamar o Espírito de *outro*

Consolador, Jesus faz uma nítida distinção entre Ele mesmo **e o** Espírito Santo, como pessoa distinta. Jesus não é o Espírito. Como Senhor ressurreto, Ele *envia* o Espírito Santo (João 15.26; 16.7). Com "outro", o grego quer dizer um do mesmo tipo. Isto é: o Espírito Santo vem fazer por nós tudo quanto Jesus fazia pelos seus discípulos, **e** mais ainda. Jesus era o Consolador deles. Eles **o** chamavam de Rabi, Mestre (ou Ensinador). Quando não sabiam orar, Ele os ensinava. Quando não conseguiam responder às perguntas ou às objeções dos escribas e dos fariseus, Ele estava bem presente para ensiná-los. Quando precisavam compreender aquilo que a Bíblia tinha para dizer a respeito dele e da sua posição no plano de Deus, Ele abria as suas mentes e aquecia os seus corações (Lucas 24.32,45). Quando não conseguiam acalmar a tempestade ou expulsar um demônio, Ele estava presente com o poder para ajudá-los. O Espírito, como outro Consolador, é um Mestre e Ajudador do mesmo tipo.

Repreender, Declarar Culpado, Convencer

A maior parte do que Jesus ensinava sobre o Espírito Santo, tinha a ver com seu relacionamento com o crente. João 16.8-11 é o principal trecho que trata do relacionamento entre o Espírito **e** o mundo (a humanidade em geral). Ele "convence o mundo do pecado, **e** da justiça e do juízo". Alguns interpretam o texto no sentido de simplesmente proclamar o veredito, ou de declarar o mundo culpado no tocante a essas coisas.([37]) Mas a mesma palavra *convencer* é usada em Tito 1.9, onde o bispo (superintendente ou, como diríamos, *pastor* de uma igreja local) deverá saber, mediante "a fiel palavra, que é conforme a doutrina [ensinamentos bíblicos sadios e corretos], para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para *convencer* os contradizentes [que falam contra o evangelho]". O significado da palavra é visto também em 1 Coríntios 14.24,25, onde o dom da profecia convencerá o incrédulo de tal maneira que este adorará a Deus e reconhecerá a presença dele em sua vida. João 8.9 mostra, no seu contexto, pessoas convencidas pela própria consciência.

O mundo quer desconsiderar o pecado, a justiça e o juízo. Os mundanos ou estabelecem seus próprios padrões de *certo* e de *errado,* e desconsideram os princípios do Evangelho, segundo os quais serão julgados (Romanos 2.5-12,16), ou exaltam o pecado; senão, fazem de tudo uma questão de preferência pessoal, e eliminam totalmente a distinção entre o certo e o errado. Poucos, hoje, pensam no Inferno e no Juízo. Assim, fazem-se cegos

quanto à sua necessidade do Evangelho. O Espírito Santo faz mais do que simplesmente proclamar os fatos do Evangelho. Ele os apresenta de tal maneira que as pessoas ficam convictas no tocante a essas coisas, e sentem a necessidade da salvação oferecida por Cristo. (Note que a maior parte dos três primeiros capítulos de Romanos é ocupada com a revelação de que todos, quer judeus, quer gentios, precisam do Evangelho).

Todo esse empenho de convencer o mundo e de causar um impacto que levará os homens ao arrependimento, é feito com relação a Cristo e à sua vitória na cruz. Será feito, também, de tal maneira que demonstrará a essência daquilo que cada um realmente é.([38])

O primeiro assunto a respeito do qual o mundo precisa de convicção da parte do Espírito é o pecado - não apenas os pecados, mas o *pecado.* O mundo talvez admite que algumas coisas são pecados. As danosas à sociedade ou à saúde talvez sejam condenáveis. Mas as reconhecidas como pecado variarão de local a local, de cultura a cultura, e de indivíduo a indivíduo. A Bíblia não lida com transgressões específicas. Conclama ao arrependimento e à confissão dos pecados que devem ser purificados e lavados. Mas o próprio pecado é o problema real, e a sua essência é a incredulidade.

Os incrédulos talvez não acreditem que a incredulidade deles é muito grave. Mas a incredulidade estava na raiz do pecado de Eva quando deu ouvidos às palavras da serpente: "É assim que Deus disse?" e "Certamente não morrereis" (Gn 3.1,3). A incredulidade impediu Israel de entrar na terra prometida (Números 14.11; Hebreus 3.17,19). A incredulidade levou Moisés a atribuir honra a si mesmo, ao invés de atribuí-la a Deus, de modo que ele, também, não entrou em Canaã (Números 20.10,12).

Quando Jesus veio, as pessoas nada precisavam cometer para serem condenadas. Por não crerem nele, já estavam condenadas (João 3.18). Os pecados as impediam de vir a Cristo, mas o verdadeiro pecado era a incredulidade (João 3.19,20). Através de Cristo, o perdão foi colocado à disposição de todos os que crêem. Agora, a única razão para que as pessoas morram nos seus pecados é a incredulidade (João 8.24). Além disso, a morte de Jesus nos mostra a atrocidade do pecado, e o Espírito nos tornou conscientes de que nossa incredulidade realmente é pecado. Aquele que não conheceu o pecado foi feito pecado por nós (2 Coríntios 5.21). Logo, na cruz ficamos convictos sobre o que o pecado realmente é. Então, uma vez que a incredulidade está fora do caminho, o sangue purificador de Jesus anula todos os demais pecados.

Além da convicção do pecado, o mundo precisa ser convencido pelo Espírito no tocante à justiça - não sua própria justiça ou falta dela, mas daquilo que a justiça realmente é conforme é vista em Jesus. A sua justiça aqui inclui uma retidão que é sempre honesta, justa e imparcial, que sempre faz o que é certo diante de Deus. Uma vez que somos convictos do pecado, precisamos saber que há um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo, que é a propiciação (ou oferta pelos pecados) por nossos pecados bem como pelos de todo o mundo (1 João 2.1,2).

O que o Espírito usa para nos convencer da justiça de Cristo é o fato que a morte não conseguiu detê-lo e que, pela sua ressurreição e ascensão, Ele agora está à destra do Pai, intercedendo por nós (Hebreus 7.25; Romanos 1.4,16).

Finalmente, o mundo precisa ser convencido pelo Espírito no tocante ao juízo. O evangelho de João apresenta um conflito contínuo entre a fé e a incredulidade. Está para vir um fim, o dia de juízo. O mundo imagina que todas as coisas permanecem como eram (ou que sempre existiram) desde o princípio da Criação (2 Pedro 3.4). A filosofia da uniformidade, que domina boa parte da ciência moderna, não é nenhuma novidade, nem limitada aos homens da ciência. O pensamento humano procura evitar a idéia de um verdadeiro início ou de um verdadeiro fim do Universo que atualmente existe. Só o Espírito

Santo leva os homens a ver a verdade.

O mundo precisa se convencer do juízo, através do reconhecimento de quem é o príncipe deste mundo, e que o juízo nunca recairia sobre os homens, pois o lago de fogo foi preparado para o diabo e os seus anjos (Mateus 25.41). Deve-se reconhecer que o juízo é, em essência, a condenação de Satanás, e que ele já está condenado. A vitória que Cristo alcançou na cruz selou o destino de Satanás (Hebreus 2.14), e garantiu ao homem um julgamento com justiça (Atos 17.31). Conclui-se, portanto, que todos precisam ser convencidos pelo Espírito de que estão debaixo do domínio de Satanás, conforme Jesus ressalta ao chamá-lo de príncipe deste mundo (João 12.31; 14.30; 16.11; ver também 1 João 5.19; Efésios 2.2).

O livro de Atos está repleto de exemplos de como o Espírito Santo levava a efeito essa convicção, mediante a pregação dos apóstolos. No Dia do Pentecoste, enquanto Pedro falava em um pronunciamento profético, houve arrependimento do pecado que a incredulidade deles cometeu contra Jesus (2.22,23); manifestação da justiça, mediante o reconhecimento de que Deus não permitiu que seu Santo visse a corrupção, mas o ressuscitou para sentar-se no seu trono (2.27,30-33,36); bem como a convicção do juízo (2.40). Mediante a mesma, o povo foi levado primeiramente ao desespero (2.37) e depois à rendição e a alegre aceitação da verdade (2.41).([39]) Assim aconteceu também, quando Pedro pregou no templo (Atos 3.14,15,19,21), diante do Sinédrio (4.10-12), e na casa de Cornélio (10.39-42). Assim sucedeu com Paulo (13.27-30,37,41).

Uma Nova Criação

Jesus, durante seu ministério, fez muitas promessas sobre o Espírito Santo. Então, no dia da Ressurreição, ao entardecer, apareceu aos seus discípulos e disse: "Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós". Então assoprou sobre eles e disse: "Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos" (João 20.19-23).

Há várias interpretações sobre esta passagem. Os liberais freqüentemente afirmam que esse é o pentecoste joanino, como se João nunca tivesse ouvido falar do Pentecoste, e como se ele achasse que esse era o cumprimento da promessa do batismo com o Espírito Santo. O livro dos Atos é específico, ao mencionar João em conexão com o Pentecoste, para o argumento supra ter fundamento. E improvável que um morador de Éfeso, na data em que foi escrito o evangelho de João, pudesse cometer esse engano.

Outros entendem que, como o texto grego não tem "o", e diz apenas "recebei Espírito Santo", Jesus não se referia ao Espírito Santo, mas ao sopro de Deus, o símbolo do poder.([40]) Parece evidente, no entanto, que em João, como em Lucas, a presença ou i ausência do artigo é irrelevante. (Ver João 4.23,24).

Ainda outros declaram que os discípulos nada receberam nessa ocasião. O assoprar é apenas mera ação simbólica para conscientizá-los que o Espírito vindo no Pentecoste, seria o de Jesus. Noutras palavras, o assoprar era profético, e ainda que a ordem tivesse sido dada, o Espírito Santo não fora nem dado, nem recebido.([41])

A principal dificuldade em afirmar que essa ocasião foi realmente um recebimento do Espírito Santo, é que João indicara anteriormente que a atuação plena do Espírito não começaria senão após a glorificação de Jesus. (João 7.39). Pedro, no dia do Pentecoste, também esclarece que o derramamento do Espírito Santo era uma evidência de que Jesus já estava "exaltado pela destra de Deus" (Atos 2.33). Além disso, Paulo afirma que Deus não concedeu a

Jesus o lugar de Cabeça do corpo místico, a Igreja, senão após a sua glorificação

(Efésios 1.20-23). Como cristãos, temos o privilégio de estarmos assentados com Ele nos lugares celestiais; fato impossível de acontecer senão após a Ascensão. Jesus ainda disse que conviria (seria benéfica) aos discípulos a partida dele: "...porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei. E, quando Ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo" (Jo 16.7,8). Quarenta dias depois, Jesus esclareceu, antes de sua ascensão, que os discípulos não haviam recebido a promessa do Pai; ainda não tinham sido batizados com o Espírito, e que Ele ainda não viera sobre eles (Atos 1.4-8).([42]) Aliás, há quem estranhe que Jesus tenha dado esse mandamento na ausência de Tome, e pergunta por que a Bíblia não vai adiante para informar que os discípulos receberam o Espírito nessa ocasião.([43]) Não há a mínima evidência de que eles fizeram alguma coisa antes, como resultado.

Uma Outorga Real

A linguagem empregada em João 20.21-23, no entanto, não se enquadra na idéia de que nada aconteceu. O ato de assoprar forma um paralelo com o assoprar de Deus em Gênesis 2.7. Quando Jeová assoprava, algo acontecia. Quando o Senhor conclamou o sopro sobre os cadáveres na visão de Ezequiel (37.8-10), a vida entrou neles. Quando Jesus repreendia a enfermidade ou tocava nas pessoas, elas eram curadas. É ridículo supor que Jesus assopraria sobre eles ou daria uma palavra de ordem, sem nada acontecer. A autoridade de Jesus era tal, que bastava Ele falar, e tudo se fazia, conforme reconheceu um centurião romano (Mateus 8.8). Além disso, o emprego da palavra *receber* é o mesmo usado na promessa do recebimento do Espírito Santo (Atos 8.15,17; Romanos 8.15; 1 Coríntios 2.12). A forma grega da palavra indica aqui, também, que o Espírito Santo não foi meramente prometido, e que o assoprar era mais do que um ato tipológico. O mandamento, no sentido de receber, indica que o Espírito Santo seria dado naquela ocasião.C[14]

As outras dificuldades podem ser explicadas. O fato de que Jesus disse: "também eu vos envio a vós", e eles não foram senão depois do Pentecoste, não passa de um paralelo com as demais expressões da Grande Comissão (Jesus as repetiu mais de uma vez). Ele, simplesmente, declara aqui que os enviava da mesma maneira que o Pai o enviara. Tratava-se de uma declaração da autoridade que Ele lhes dava, conforme indica João 20.23. (O significado ali é que, para todos os discípulos, a autoridade divina apoiaria a sua pregação. Quando oferecessem a promessa da remissão ou perdão dos pecados, os que cressem realmente seriam perdoados. Os que não cressem, continuariam condenados).

Alguns tentam esclarecer a questão de que Jesus devia subir ao céu antes do derramamento do poder, ao explicarem que houve duas ascensões: uma, na qual Jesus ascendeu imediatamente após a sua morte, para apresentar o seu sangue de uma vez por todas diante do Pai (Hebreus 9.12,14), e a outra, depois dos 40 dias após a Ressurreição. Alguns entendem que Paulo quis dizer que as aparições pós-Ressurreição aconteceram depois de uma ascensão (1 Coríntios 15.5-7).([45])

Embora isso seja possível, Hebreus 9.24 não faz distinção entre a apresentação do seu sangue, e a sua glorificação. Alguns entendem que a ordem de Jesus a Maria de não tocá-lo, porque Ele ainda não subira, subentende uma ascensão entre João 20.17 e 20.19 ou, pelo menos, antes de 20.27. O fato é, porém, que a palavra *tocar* em 20.17 [deter] significa "agarrar", "segurar em", e a forma grega do verbo indica uma ordem de suspender algo que se realiza. Evidentemente, Maria fez a mesma coisa que as outras mulheres, ao encontrarem Jesus no caminho, e "abraçaram os seus pés" [seguraram nele pelos pés] (Mt 28.9). Jesus pediu a Maria que não o tocasse, pois ainda não subira ao Pai. Ela tinha, porém, algo a fazer. Devia contar aos discípulos que haveria uma ascensão (do monte das Oliveiras).

A única indicação de uma ascensão antes de João 20.19 encontra-se em João 16.16-

22. Trata-se de uma mensagem sobre a partida de Jesus e do seu retorno aos discípulos. Tem conexão com sua ida ao Pai, à semelhança de João 16.7. Dentro de pouco tempo, ao verem Jesus de novo, eles se regozijariam. Em João 20.20, lemos: "De sorte que os discípulos se alegraram, vendo o Senhor". O verbo "alegrar-se" é o mesmo usado em 16.22. Isso significa, também, que João 16.7 não pode ser usado contra uma outorga real do Espírito Santo em 20.20; embora a ênfase em 16.7 seja o enviar o Consolador para convencer o mundo. Realmente, foi o que aconteceu no Pentecoste, mas isso não exclui uma concessão direta do Espírito Santo por Jesus antes daquele dia.

Uma Medida do Espírito é Dada

A maioria dos que reconhecem ser 20.22 uma concessão do Espírito, entende que certa medida do Espírito foi outorgada. Em resposta, alguns argumentam que, sendo o Espírito Santo uma pessoa, é impossível reparti-lo. Entendem que receber o Espírito Santo é possuir tudo dele, ao ponto de não conseguirmos mais nada dele, senão dedicar-lhe mais de nós mesmos. No entanto, se dedicamos o máximo de nós mesmos, Ele pode nos dar mais de si mesmo. Paulo disse: "Porque para mim o viver é Cristo, **e** o morrer é lucro" (Fl 1.21). Por "lucro", ele queria dizerem Cristo. Isto é: viver significa Cristo (nele), e morrer significa mais de Cristo. Certamente era possível receber uma medida do Espírito Santo no dia da Ressurreição, e uma experiência transbordante no dia de Pentecoste.

A luz disso, João 7.39 e Atos 1.4-8 não excluem a possibilidade de uma concessão prévia de uma medida do Espírito Santo. João 7.39 refere-se claramente àquela experiência transbordante. Os rios das águas vivas não fluiriam, até Cristo ter subido, e a dispensação do Espírito Santo ter começado. Pedro também identifica o batismo com o Espírito Santo no dia de Pentecoste com o derramamento sobre toda a carne prometido por Joel (Atos 2.16-18). O cumprimento daquela profecia obviamente não ocorreria com uns poucos discípulos num recinto fechado, nos quais Jesus assoprou. No entanto, a profecia não exclui o recebimento de uma medida do Espírito Santo antes do Pentecoste.

Atos 1.4-8 também indica que o poder (grego, *dynamis*, tremenda força) viria sobre eles depois do batismo pentecostal. A ênfase em João 20.21-23 recai sobre a autoridade, mais do que sobre o poder operante. Obviamente, o que os discípulos receberam antes não era o *batismo* com o Espírito Santo, nem o derramamento do Espírito Santo, mas o próprio Espírito Santo.

Alguns, os quais reconhecem esse fato, dizem que o que os discípulos receberam foi uma medida do Espírito que ainda estava dentro dos limites do Antigo Testamento. Isto é, os discípulos receberam apenas o que os fiéis do Antigo Testamento recebiam quando o Espírito Santo vinha sobre eles para algum propósito ou função específica. Aqueles que assim dizem, fazem essa declaração porque crêem que o Espírito dado em Pentecoste trazia regeneração, e porque identificam o batismo com o Espírito Santo com a regeneração ou o novo nascimento.([46]) O Antigo Testamento, no entanto, foi abolido no Calvário (Efésios 2.15) e a *morte* de Cristo fez o Novo Testamento entrar em vigor (Hebreus 9.15-17). A ênfase em Atos 1.8 também recai no poder para servir, e não na regeneração.

Alguns fogem da questão, dizendo que talvez os discípulos tenham recebido um maior revestimento do Espírito visando algum propósito que a Bíblia não revela.([47])

Ainda outros entendem que a concessão do Espírito Santo ou resultava da regeneração ou, pelo menos, corresponde ao que o crente recebe quando nasce de novo.([48])

É verdade que a Igreja, como o corpo de Cristo, não foi constituída como a conhecemos, a não ser depois da Ascensão (Efésios 1.19,22; 2.6; 4.15,16), ou seja, no dia de Pentecoste. Mas é verdade que Jesus disse aos discípulos que seus nomes estavam escritos

no Céu (Lucas 10.20). Estavam purificados, tendo recebido já um banho espiritual mediante a Palavra de Cristo (João 13.10; 15.3). A sua fé fora vivificada, a sua purificação pela Palavra foi realizada pelo Espírito em Jesus, o Espírito que estava com eles, mas não dentro deles (João 14.17). Quando viram o Senhor e creram nos benefícios do Calvário, o Espírito veio habitar neles assim como Ele habita em todos os que agora são regenerados. Conforme disse Paulo: "Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rm 8.9). Ele fazia um contraste entre os que estão na carne, que vivem sem o Espírito Santo, e os que o Espírito dá vida, ou seja: os que Ele tem trazido a regeneração (Romanos 8.10).

Vê-se uma ilustração, quando Moisés é enviado ao Egito para ordenar a Faraó que libertasse Israel, o "primogênito" de Deus, isto é, o herdeiro das suas promessas. Mas o primogênito de Moisés não fora circuncidado; ele não levava o sinal do Concerto. Por isso, Deus quase matou a Moisés, antes que sua esposa se dispusesse a circuncidar seu filho (Êxodo 4.22-26). Pelo Novo Concerto, todos nós somos herdeiros de Deus, e o novo nascimento (regeneração pelo Espírito) tomou o lugar da circuncisão (Gálatas 6.15). Mas os discípulos, que já eram herdeiros mediante a morte de Jesus (Hebreus 9.15-17), não tinham o Espírito Santo. Ele não teria dito: "Assim também eu vos envio a vós", se não os aceitasse. Mas eles não tinham o testemunho do Espírito Santo de que eram filhos e herdeiros de Deus (Romanos 8.16,17; Gálatas 4.6,7). Gálatas 4.5 também indica relacionamento, assim como João 20.21. Jesus nem sequer deixaria passar o dia da Ressurreição sem tornar real esse novo relacionamento com Ele na própria experiência deles, pelo Espírito Santo.

Essa era, afinal de contas, uma situação diferente. Depois disso, todos os que creram receberam o Espírito Santo como nós o recebemos na regeneração; e tinha seu testemunho quanto à filiação deles e ao fato de pertencerem a Cristo. Os discípulos de Jesus não precisavam esperar até o Pentecoste para receberem essa garantia.

Embora o fato não seja explicitamente declarado, temos certeza de que Tome recebeu a mesma concessão do Espírito Santo quando exclamou: "Senhor meu, e Deus meu!" (Jo 20.28).

Concessão sem Limite aos Onze

A concessão não foi limitada apenas aos 11 apóstolos. A identificação de Tome como um dos doze (20.24) dá a entender que havia outros discípulos no Cenáculo. Esse fato é confirmado em Lucas 24.33, quando os dois que iam para Emaús, cujos corações foram acalentados pela presença e pelas palavras de Jesus, voltaram para achar os onze, "e os que estavam com eles". Nesse número pode ser incluído uma porção considerável dos 120 que estavam presentes no Pentecoste.

Certamente, o Pentecoste não foi a primeira concessão do Espírito Santo. A mesma bênção que veio sobre Tome, quando viu e creu, vem a todos os que crêem mesmo sem terem visto. Noutras palavras, ao crermos, temos a vida pelo seu nome. Somos regenerados **e** feitos participantes desse mesmo sopro que veio sobre todos os discípulos.

O ESPÍRITO EM ATOS DOS APÓSTOLOS

Atos dos Apóstolos, de início, registra que a obra de Jesus foi continuada pelo Espírito Santo, através dos apóstolos. Eles, no entanto, não predominam no livro dos Atos, mas o Espírito Santo.O Jesus é o assunto principal nos evangelhos e, em comparação, pouco é dito sobre o Espírito Santo. Mas, em Atos, o Espírito Santo é o Consolador, Ajudador e Mestre. Tudo na vida e na pregação dos apóstolos e dos crentes primitivos se centralizava em Jesus como Salvador vivo e Senhor exaltado. O desejo de estender o Evangelho até os confins da Terra era de Cristo (1.8). Mas o poder para realizá-lo era do Espírito Santo, igual ao de Cristo.([2]) Mesmo assim, percorre pelo livro uma nova consciência do Espírito Santo. Provinha, não somente da sua experiência pentecostal inicial, mas da consciência diária da presença, da orientação e da comunhão do Espírito e de muitas manifestações do seu poder. O batismo com o Espírito Santo nunca se tornou em mera lembrança de alguma coisa que ocorrera no passado distante. Era uma realidade sempre presente.([3])

Jesus preparou, através do Espírito Santo os apóstolos. Mas isso não significa que o Espírito não pudesse operar através de outras pessoas, ou que a direção da Igreja fosse entregue aos apóstolos. O Espírito Santo comandaria tudo. Ele usaria a quem desejasse. Muitos discípulos levaram o Evangelho por onde passavam, após a morte de Estêvão, ao passo que os apóstolos permaneceram em Jerusalém (Atos 8.1,4; 11.19-21). Ananias foi enviado para impor as mãos sobre Saulo de Tarso (9.10,17). Tiago, irmão de Jesus, que não era apóstolo, teve sua proposta aprovada no Concilio de Jerusalém, e assumiu a direção da igreja em Jerusalém, no decorrer do tempo (Atos 15.13; Gálatas 2.12).

O livro de Atos demonstra, no entanto, que os apóstolos foram as primeiras testemunhas da Ressurreição e dos ensinos de Jesus. As condições impostas para a seleção de um sucessor de Judas esclarecem isso, pois precisava ser um dos que costumeiramente reuniram com os doze e viajavam com eles durante o ministério terrestre de Jesus, de modo que pudesse ser testemunha dos ensinamentos de Cristo. Tinha, também, de ser testemunha da Ressurreição e da doutrina que Jesus ensinou após esse evento (Atos 1.21-25). Paulo fala de seu apostolado, não pelo fato de ter sido enviado por Cristo "(apóstolo é um enviado com uma comissão), mas por ter sido testemunha, em primeira mão, tanto da Ressurreição como das palavras de Jesus. Ele não recebeu dos homens o Evangelho que pregava, mas do Senhor Jesus (Gálatas 1.11,12,16-19; 2.2,9,10). Na realidade, ele freqüentemente chamava a atenção ao fato de que podia provar o que dizia, citando declarações de Jesus (1 Coríntios 7.10).

Além disso, as visitas dos apóstolos não eram uma supervisão ou uma sanção apostólica, mas um desejo de estabelecer igrejas. Foi assim que Pedro e João ajudaram a Filipe (8.14). Mas não disseram o que ele deveria fazer em seguida. Primeiramente, um anjo, e depois o Espírito Santo deu-lhe orientação (8.26,29). Quando alguns discípulos, cujos nomes não são mencionados, levaram o Evangelho aos gentios em Antioquia, Barnabé foi enviado para ajudá-los. Ele também era apóstolo (14.14), mas a ênfase recai no fato de ser um homem bom e cheio do Espírito Santo e de fé (11.24). Logo, era o Espírito Santo, e não os apóstolos, quem dava a orientação. Por essa razão, temos razões justificáveis para nos referir a este livro como *os Atos do Espírito Santo.*

Desde o princípio, percebe-se a preeminência do Espírito Santo. Não somente as últimas palavras de Jesus foram dadas mediante o Espírito Santo, mas também essas instruções tinham a ver com Ele.

Jesus solicitou que eles não saíssem de Jerusalém (Atos 1.4). O derramamento no dia de Pentecoste jamais teria tido aquele efeito, nem teria atraído tanta atenção, se apenas cinco

ou seis pessoas tivessem permanecido. Jesus queria que a Igreja tivesse um bom começo. Além disso, o livro dos Atos ressalta repetidas vezes a união de um agir "unanimemente", de maneira que o Espírito Santo cumpria a oração de Jesus em João 17. Era importante que os discípulos estivessem juntos num só lugar, a fim de que essa união fosse fomentada e suas bênçãos concretizadas.

A Promessa do Pai

Em seguida, Jesus mandou-lhes esperar a promessa do Pai, identificada com o batismo no Espírito Santo. É assim chamada, porque foi Ele quem providenciou o derramamento prometido, conforme Jesus já lhes ensinara. Ele pediria ao pai e este enviaria o Espírito Santo.

É chamado de batismo para lembrar-lhes a profecia de João Batista, registrada em todos os quatro evangelhos, de que Jesus os batizaria com o Espírito Santo. Embora seja o Pai quem envia o Espírito Santo, o Filho participa nessa obra, conforme já vimos, e é Ele o Batizador. O nome "batismo" é usado, também, para compará-lo com o de João e, ao mesmo tempo, para distingui-lo daquele. João batizava nas águas. Jesus, com o Espírito Santo. O crente deve submeter-se a Jesus, entregar-se a Ele, antes de ser batizado. Mas o contraste entre a água e o Espírito é grande em todos esses textos. O batismo de Jesus nada tem a ver com a água.

O batismo de João era mera preparação para a nova dispensação do Espírito Santo, ao passo que o batismo de Jesus realmente é uma parte dela. Alguns pensam que a expressão "batismo no Espírito Santo" não é usada nas epístolas a respeito dos crentes, e limitam o batismo com o Espírito Santo à própria inauguração da nova dispensação no dia de Pentecoste. Supõem, também, que outras referências em Atos ao batismo com o Espírito Santo sejam meramente uma extensão daquela inauguração, primeiramente aos samaritanos (onde é subentendido em Atos 8.15,16), e depois aos gentios na casa de Cornélio (11.16).([4])

Baseados nisto, alguns entendem que o batismo com o Espírito Santo foi dado uma só vez, e que não houve mais batismos, senão "enchimentos". Supõem que Deus supriu à Igreja com o Espírito Santo de uma só vez. Interpretando desse modo, a Igreja seria a fonte de onde tiramos as reservas do Espírito.([5])

Deus, no entanto, não deu o Espírito Santo no propósito de colocá-lo na Igreja como se Ele estivesse separado do Céu, ou no sentido de doá-lo. Quando recebemos o Espírito Santo, não há falta dele no Céu. Ele está no Céu, na Igreja e em nossos corações ao mesmo tempo. Deus é o Doador, e Jesus, o Batizador. A Igreja não é um reservatório que recebeu uma única doação do Espírito, para todo o sempre. ([6]) Jesus pede ao Pai, à medida que nos apresentamos e este nos concede o Espírito Santo. É importante lembrar que o batismo com o Espírito é imersão num relacionamento com uma pessoa divina, e não em um fluido ou numa influência. É um relacionamento que pode continuar a crescer e expandir-se. Sendo assim, o batismo é apenas um começo, um envolvimento num ato distinto de obediência e de fé, da nossa parte.

Mas o que aconteceu no dia de Pentecoste não foi somente batismo. Muitos outros termos são empregados, pois o Espírito Santo é uma pessoa, e o batismo pode retratar um só aspecto da experiência. A Bíblia emprega freqüentemente uma variedade de figuras de linguagem para ressaltar vários aspectos da experiência e do relacionamento. A Igreja é uma noiva, uma esposa, um corpo, um edifício, um templo, uma vinha, uma videira, uma coluna e uma assembléia de cidadãos. Nenhuma figura de linguagem pode, isoladamente, ressaltar tudo quanto ela é. Os cristãos são filhos, herdeiros, adotados, renascidos, nova criação, servos, amigos, irmãos. Da mesma forma, nenhum termo isolado pode ressaltar todos os

aspectos dos nossos relacionamentos. Logo, nenhum termo isolado pode ressaltar todos os aspectos do que aconteceu no dia de Pentecoste.([7])

Foi, de fato, um batismo, mas a Bíblia também diz que foi um enchimento. "E todos foram cheios do Espírito Santo" (2.4). Foi um derramamento do Espírito sobre eles, conforme profetizou Joel (2.28-32). Foi um recebimento (uma aceitação ativa) de uma dádiva (2.38); um cair sobre (8.16; 10.44; 11.15); um derramamento do dom (10.45); e uma vinda sobre (19.6). Com todos esses termos empregados, é impossível supor que o batismo se refira a algo diferente de enchimento ou plenitude, ou que a experiência pentecostal foi limitada ao dia de Pentecoste. Nem devemos supor que a falta do uso da expressão "batismo no Espírito" nas Epístolas é relevante.

Talvez seja possível, porém, ver no termo *batismo* outra comparação com João Batista. Ele continuava a batizar nas águas, enquanto as pessoas vinham a ele pedir o batismo. Devemos reconhecer que o batismo é algo que acontece aos indivíduos. Embora todos fossem cheios no mesmo momento no dia de Pentecoste, a própria plenitude foi uma experiência individual. Devemos esperar, portanto, que Jesus, tendo em vista a profecia de João Batista, continue a batizar com o Espírito Santo, enquanto os cristãos venham a Ele para recebê-lo.

Esperando

A ordem de Jesus, para que os discípulos não se ausentassem de Jerusalém, foi necessária somente para essa ocasião. Não havia mais necessidade de protelação, depois do dia de Pentecoste. Mas o Pentecoste, com seu simbolismo de colheita, era importante no que o propósito do batismo no Espírito era poder para o serviço, especialmente nas searas deste mundo (1.8).

Foi um período de preparação? Alguns entendem assim. Mas a evidência é que a preparação foi feita durante os 40 dias, pelo próprio Jesus. Ele os ensinou, lidou com Pedro, renovou a comissão deles, e depois ordenou-lhes que não iniciassem o ministério até que fossem revestidos de poder. Esse não era um empreendimento humano. Não deviam empregar sua própria engenhosidade para conquistar novas maneiras de difundir o Evangelho. Deviam ser guiados pelo Espírito Santo que assumiria o comando.

Dedicaram-se às orações e súplicas no período de espera; todos participavam unanimemente. Já estavam unidos uns com os outros em Cristo (1.14). Todos continuavam alegres e (especialmente nas orações da manhã e da tarde) estavam continuamente no Templo, louvando e bendizendo (agradecendo) a Deus (Lucas 24.52). O Espírito Santo já operava na vida deles, mas ainda esperavam pelo batismo, o revestimento de poder (Lucas 24.49).

Além disso, dedicavam-se à Palavra, e o Espírito Santo, que falou por intermédio de Davi, dirigiu-lhes para a profecia sobre Judas (1.16). Quando o Espírito Santo dirige a atenção à Palavra, espera que ela seja correspondida, e, portanto, eles fizeram algo a respeito e escolheram Matias como substituto de Judas. (Alguns argumentam que essa escolha foi precipitada, pois Matias não é mais chamado pelo nome. Mas a maioria dos discípulos também não é mencionada pelo nome em Atos, e Matias, certamente, é incluído como parte dos doze em Atos 6.2).

Vento e Fogo

Não façamos distinção entre as plenitudes do Antigo e do Novo Testamento, nem entre o batismo inicial e "os enchimentos" que se seguem. Embora a experiência pentecostal fosse um avanço singular, nem o livro de Atos nem as epístolas paulinas contêm qualquer

sugestão de que o Espírito Santo fosse diferente do Espírito de Deus que atuou nos santos do Antigo Testamento.([8])

Os sinais que antecederam o derramamento pentecostal fazem uma conexão entre ele e as experiências do Antigo Testamento, bem como com as promessas daquela aliança. O dia de Pentecoste era a festa da colheita dos frutos da terra. Para a Igreja, marcava o dia em que a colheita espiritual, esperada há tanto tempo, começaria. Mas, antes de vir o derramamento do Espírito Santo, dois sinais incomuns estabeleceram maior relação com o simbolismo do Antigo Testamento. Primeiro, vem do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso. Embora não houvesse vento físico, o som encheu a casa. No Antigo Testamento, o vento era um símbolo constante do Espírito Santo. O som de um vento impetuoso, de um vento que traz em si poder, sugere que era mais do que "o respirar do Espírito" na regeneração que traz a nova vida. Mais uma vez, trata-se do poder para o serviço.

Surgiram, então, "línguas repartidas como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles". A palavra "repartidas" significa "distribuídas". Apareceu algo semelhante a uma grande chama sobre os discípulos. Em seguida, desfez-se, e repartiu-se em várias línguas que pousaram sobre as cabeças de cada um deles.

Esse não foi, em nenhum sentido, um batismo de fogo. Nem era julgamento ou purificação, como alguns supõem.([9]) Tratava-se de pessoas cujos corações e mentes tinham sido abertos para os ensinamentos do Jesus ressurreto, pessoas cheias de alegria e de louvor a Deus, pessoas que já tinham sido purificadas, que já atentavam a sua Palavra, que já estavam de comum acordo. O fogo aqui deve ser relacionado, não com o julgamento ou a purificação, mas com o simbolismo do Antigo Testamento.

O Antigo Pacto registra um progressivo desenvolvimento no tocante à adoração. Antes, era realizada diante de um altar, como no caso de Abraão. Depois, Deus ordenou que seu povo edificasse o Tabernáculo no deserto. O fogo desceu do Céu sobre um sacrifício que ali estava, como prova de que Jeová aceitava o novo santuário. Mas isso só aconteceu uma vez. O evento se repete quando Salomão edificou o Templo. Novamente, o fogo desceu e consumiu o sacrifício, como aprovação daquela obra. Mas também aconteceu uma só vez. Os prédios edificados por Zorobabel e Herodes eram reconstruções do mesmo Templo, de modo que o sinal não mais se repetiu.

O Templo estava para ser destruído. (Deus concedera-lhe mais alguns anos de existência, até 70 d.C.) Os cristãos, unidos fraternalmente, eram sacrifícios vivos (Romanos 12.1), além de sacerdotes e pedras vivas para o Templo (1 Pedro 2.5). Este novo edifício tem duplo sentido. O Corpo dos cristãos em união é **o** templo (santuário) para a habitação de Deus, pelo seu Espírito Santo (Efésios 2.21,22; 1 Coríntios 3.16). Além disso, o corpo de cada um, individualmente, é um templo ou santuário do Espírito Santo (1 Coríntios 6.19). A aparência do fogo veio sobre o grupo, para indicar a aceitação, por Deus, do Corpo Místico como um templo. Depois, repartiu-se, como línguas sobre cada cabeça, para demonstrar a aceitação, por Deus, do corpo de cada um deles como um templo do Espírito Santo.

Esses sinais não faziam parte do batismo pentecostal, nem dos dons do Espírito. Não foram repetidos, da mesma forma **que** o fogo veio uma só vez sobre cada santuário nos tempos do Antigo Testamento. Na casa de Cornélio, as línguas de fogo não estavam presentes, embora Pedro tenha identificado a experiência com a promessa de Jesus de que seriam batizados com o Espírito Santo, e o tivesse chamado "o mesmo dom", idêntico com o que os 120 receberam quando o Espírito Santo foi derramado no Pentecoste (Atos 11.15-17). As línguas de fogo mostram que antes de o Espírito Santo ter sido derramado, os crentes foram reconhecidos por Deus como o templo, o corpo de Cristo. A Igreja agora

estava em plena existência, tendo o Cristo glorificado como sua Cabeça. Os membros do Corpo agora estavam prontos para receber a promessa.

Todos Foram Cheios

Em algumas denominações, muitas pessoas supõem que o batismo com o Espírito Santo no dia de Pentecoste e o falar em outras línguas foram limitados aos 12 apóstolos. Mais do que 12 línguas foram faladas, no entanto.([10]) A ênfase do derramamento sobre toda a carne exclui essa limitação. Todos os 120 presentes foram cheios, todos falaram noutras línguas, e o som das línguas foi "publicamente conhecido" (2.6). Pedro também, ao falar perante uma grande multidão em Jerusalém depois da experiência na casa de Cornélio, disse que veio sobre eles o mesmo dom "que a nós, quando havemos crido no Senhor Jesus Cristo". Isso sugere que o Espírito Santo caiu da mesma maneira, não somente sobre os apóstolos e o restante dos 120, mas também sobre os 3.000 que creram, depois de Pedro ter pregado a mensagem no Pentecoste. Fica claro que essa experiência não era para a minoria favorecida.[(11).]

Outras Línguas

Um só sinal fazia parte do batismo pentecostal. Todos os que foram cheios do Espírito Santo começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. Isso quer dizer que faziam uso das suas línguas, dos seus músculos. Falavam. Mas as palavras não brotavam das suas mentes ou do seu pensamento. O Espírito lhes concedia que falassem, e expressavam as palavras com ousadia, em voz alta, e com unção e poder.

Isso é interpretado de várias maneiras. Alguns se detêm no versículo 8 ("Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?") e supõem que todos os discípulos falaram em sua língua materna, aramaico, e que se tratava de um milagre de audição ao invés de fala. Mas os dois versículos anteriores são muito claros. Cada um os ouvia falar na sua própria língua, sem o sotaque galileu.

Outros chegam a um meio-termo, e dizem que os discípulos falavam em línguas desconhecidas, que o Espírito Santo interpretava nos ouvidos de cada um dos ouvintes em sua própria língua. Mas Atos 2.6,7 exclui essa interpretação, também. Os 120 falavam em idiomas que foram compreendidos por pessoas de diversas nações. Esse fato testemunhou a universalidade do dom e da unidade da Igreja.

Outro equívoco é a suposição de que essas línguas eram propícias para a pregação e o ensino do Evangelho, a fim de favorecer sua rápida disseminação. Mas não há evidência de semelhante emprego de línguas. Teria sido útil para Paulo em Listra, onde ele não entendia o idioma, e tinha de pregar e ensinar em grego (Atos 14.11-18).

No dia de Pentecoste, o falar em outras línguas realmente atraiu a multidão, mas o que foi ouvido não consistia em discursos nem pregações. Tratava-se, pois, das grandezas (obras grandiosas, magníficas, sublimes) de Deus. É possível que houvesse exclamações de louvor, dirigidas a Deus. Certamente era adoração, e não pregação. Se fosse pregação, teria levado à salvação de pelo menos alguns (1 Coríntios 1.21). Mas ninguém foi salvo por causa das línguas.

Pelo contrário, as pessoas se maravilhavam (ficaram atônitas) e em suspense (perplexas, sem jeito), totalmente sem compreender de que se tratava (2.12). Entendiam o significado das palavras, mas não o propósito. Ficaram confusas com o que ouviram.

Outros começaram a zombar, dizendo que os que falavam (homens e mulheres) estavam cheios de vinho (não suco de uva, mas de um vinho inebriante, feito de uva doce).

O alvo da zombaria deles era o que ouviam. Há quem fala bastante, e em voz alta, quando bebe. Não devemos, no entanto, supor que havia algum tipo de frenesi que caracterizava a devassidão das bebedeiras pagas. Os 120 mantinham pleno controle das suas faculdades. Sua emoção principal ainda era alegria. E todos pararam de falar, quando os apóstolos se puseram de pé.

A medida que os 120 falavam em línguas, a zombaria aumentava; por isso, Pedro levanta-se e começa a falar (2.15). À proporção que a multidão crescia, ficou mais difícil distinguir cada idioma. É possível, também, que muitos, os quais se ajuntaram à multidão, não estavam perto de quem falava um idioma que lhes era compreensível. Com a confusão, cessaram-se as línguas, uma bênção para os cristãos, um sinal para os incrédulos, mas não realizaram, nem poderiam realizar, a obra do Espírito Santo, a de convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Até esse momento, somente os cristãos haviam recebido a plenitude. O Espírito Santo, que os levou a glorificar a Deus em outras línguas, revelou-lhes as verdades aos seus corações, de modo que sua alegria e emoção brotavam de uma renovada apreciação de Deus e de Cristo.([12])

A obra do Espírito Santo, de convencer o mundo, começou quando Pedro se colocou em pé e falou. O que proferiu não foi um sermão. Ele não o estudou, nem se preparou, nem fez três divisões em sua preleção. "Levantou a voz" traduz o mesmo verbo que é usado em 2.4, quando o Espírito Santo concedia que falassem em línguas. Desta vez, porém, o Espírito Santo usou Pedro em seu próprio idioma, o aramaico, que a multidão entendia. Em outras palavras, em vez de um sermão, era a manifestação do dom de profecia (1 Coríntios 12.10; 14.3). Os 120 glorificavam a Deus a respeito das suas obras. Porém, Pedro falava aos homens para edificação e exortação (Atos 2.40).

A Profecia de Joel é Cumprida

Depois de provar que os 120 não estavam embriagados, Pedro declarou que o que viam e ouviam (2.33) era o cumprimento de Joel 2.28-32. Parte da profecia registra o que aconteceria com os 120. A promessa sobre o derramamento do Espírito Santo cumpria-se diante dos olhos deles. Filhos e filhas de Israel profetizavam, cheios do Espírito Santo e falavam sob sua unção. (Línguas compreensíveis são consideradas equivalentes da profecia).

A citação de Pedro sobre os sinais de sangue, fumaça e trevas perturba alguns. Muitos os interpretam como simbólicos.([13]) Outros supõem que já se cumpriram nas três horas de trevas em que Jesus esteve pendurado na cruz. Parece, no entanto, que os sinais são mencionados como um meio de associar o derramamento pentecostal com o fim dos tempos. Esse dom do Espírito Santo seria as primícias do porvir (Romanos 8.23).

O coração humano irregenerado não tem idéia das coisas que Deus preparou para os que o amam. Mas Ele nos revelou mediante o seu Espírito (1 Coríntios 2.9,10). A alegria, plenamente nossa quando contemplarmos a Jesus, não será novidade. Já a experimentamos, pelo menos em certa quantidade. Todos os que provaram (realmente saborearam) o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, já experimentaram a boa palavra de Deus, e as virtudes (poderes, milagres) do século vindouro (Hebreus 6.4,5).([14]) Joel registra também o juízo e o fim dos tempos. Chegará ao clímax com as multidões no vale da decisão (a decisão de Deus, não a delas).

Baseados nesses fatos, alguns afirmam que a profecia de Joel não se cumpriu no dia de Pentecoste. O profeta, segundo dizem, esperava que o derramamento viesse em conexão com a restauração de Israel e o julgamento no dia do Senhor. Certo escritor declara que Pedro não quis dizer literalmente que "Isto é o que foi dito pelo profeta Joel". Sua intenção

era dizer: "Isto é algo semelhante àquilo". Noutras palavras, o derramamento no dia de Pentecoste era apenas semelhante ao que acontecerá no fim dos tempos.([15])

Pedro, no entanto, realmente disse que "Isto é aquilo". Joel, assim como os demais profetas do Antigo Testamento, não sabia a diferença de tempo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Ele registra tudo no mesmo contexto de livramento e julgamento, assim como fez João Batista. Pedro reconhece que há uma diferença. Mas ele, juntamente com os demais discípulos, não tinha a idéia de que o período de tempo seria tão longo. E Jesus nada lhes contou a respeito (Atos 1.6).

Para Pedro, a era messiânica viria num futuro imediato. Nem se preocupou com o fato de que a totalidade da profecia de Joel, que ele citou, ainda não fora cumprida. Os 120 não sonhavam às 9 horas da manhã. Nem tinham visões, enquanto falavam em línguas (embora isso não seja impossível). É improvável que houvesse algum escravo entre os 120. Mas isso era apenas o começo. O resto viria no tempo certo, inclusive os sinais e juízos profetizados por Joel.

Para ressaltar esse fato, Pedro, sob a inspiração do Espírito Santo, falou do significado da expressão *nos últimos dias* em Joel 2.28.0 derramamento era para "os últimos dias"; logo, os últimos dias começaram com a ascensão de Jesus (Atos 3.19-21). Noutras palavras, a Bíblia reconhece que a Era da Igreja é "os últimos dias". É a última era antes da restauração de Israel e o estabelecimento do reino de Cristo na Terra, a última era antes dele vir em chama de fogo para tomar vingança dos que não conheceram a Deus e rejeitaram o Evangelho (2 Tessalonicenses 1.7-10).

Mesmo depois de muitos anos, os cristãos primitivos ainda alimentavam essa esperança. A exclamação de Paulo no final de suas viagens missionárias foi: "É já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação [inclusive a nossa herança eterna] está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado" (Rm 13.11,12).

Pedro viu, também, que os "últimos dias" trazem a oportunidade para tempos de refrigério. Atos 3.19 pode ser traduzido: "Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para perdão dos vossos pecados, para que venham tempos de refrigério (ou reavivamento) da presença do Senhor, e que Ele envie Jesus Cristo que já vos foi determinado (ou nomeado como vosso Messias)".

A interpretação de Pedro sobre a profecia de Joel demonstra que esperava um cumprimento contínuo da profecia, até o fim dos "últimos dias". Isso significa, também, que o derramamento, segundo Joel, acontecerá até o fim desta era. Enquanto Deus chamar as pessoas à salvação, Ele derramará seu Espírito Santo sobre elas: "Porque a promessa [isto é, a promessa do Antigo Testamento em Joel] vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar" (At 2.39).

Tendo em vista esse fato, e a promessa de Jesus de que os discípulos seriam batizados com o Espírito Santo, a obra de batizar deveria continuar. Atos 2.38 se refere, na realidade, ao conteúdo da promessa como "o dom do Espírito Santo". Fica claro, então, que **o** cumprimento da profecia de Joel não se limita ao dia de Pentecoste ou a qualquer outra ocasião.

Que Faremos?

Quando o Espírito Santo convenceu a muitos, e revelou a culpa deles, perguntaram: "Que faremos?" A resposta de Pedro também fez parte do pronunciamento profético do Espírito Santo na forma de exortação: "Arrependei-vos [mudando de opinião e de atitude básica quanto ao pecado, à justiça e ao juízo], e cada um de vós seja batizado em nome de

[segundo a autoridade de] Jesus Cristo [conforme é expressada em Mateus 28.19], para [por causa de] perdão dos pecados; e recebereis [tomareis] o dom do Espírito Santo" (At 2.38). Tenhamos em mente que o batismo nas águas é um testemunho, uma declaração, do que já aconteceu no íntimo de cada um. Esse batismo não produz e nem transmite o perdão dos pecados. A expressão grega faz um paralelo com o batismo de João, "para o arrependimento", que significa "por causa do arrependimento", conforme demonstra o contexto.

A palavra de Pedro foi, primeiramente, para o arrependimento, significando a mudança da incredulidade para a fé. Porque creram, foram purificados e perdoados. O batismo nas águas declarou a sua identificação com Cristo na sua morte (Romanos 6.3). Logo, o próximo passo era (tomar, de modo real e ativo) o batismo com o Espírito Santo.

Fazendo Discípulos

Desde o dia de Pentecoste, vemos o Espírito Santo operando na Igreja - no ensino, nos milagres, nas plenitudes, nos batismos, mas, acima de tudo, na disseminação do Evangelho e no estabelecimento da Igreja.

A primeira evidência da obra do Espírito Santo foi a capacitação dos apóstolos a fazer discípulos, verdadeiros estudantes, dos 3.000 que se converteram. Esse discipulado foi desenvolvido mediante vários tipos de experiências: conhecimento da doutrina dos apóstolos, comunhão, partir do pão e orações (Atos 2.42).

Parte dessas atividades realizava-se no Templo, pois muitos crentes o freqüentavam diariamente (Atos 2.46), e os apóstolos lá compareciam todos os dias, ensinando e contando as boas novas de Cristo (do Messias) Jesus (3.1,12-26; 5.42). Mas faziam a mesma coisa diariamente, de casa em casa (5.42).

A doutrina dos apóstolos não era apenas teórica, no entanto. O Espírito Santo era realmente quem ensinava. Ele usava o ensinamento da verdade para levá-los à comunhão cada vez mais estreita, não meramente uns com os outros, mas primeiramente com o Pai e o Filho (1 João 1.3,7; 1 Coríntios 1.9). Essa comunhão também era um compartilhar espiritual, uma comunhão no Espírito Santo (2 Coríntios 13.13; Filipenses 2.1). Pode ter sido incluída, ali, a participação da Ceia do Senhor. Mas a ênfase aqui não recai sobre o ritual. O resultado da obra do Espírito Santo foi levar o povo a uma nova união (Atos 4.32). Conforme indica Ezequiel 11.19, um só coração, a união de mente e de propósito, acompanha a nova experiência no Espírito.([16])

Essa comunhão, essa união no Espírito, deu-lhes fé, amor e solicitude uns pelos outros, que os levava a compartilhar seus bens com os que precisavam. (Ver Tiago 2.15,16; 1 João 3.16-18; 4.7,8,11,20). Nesse sentido, "tinham tudo em comum" (Atos 2.44,45). Não se tratava de comunismo. "Comum" simplesmente significa "repartido". Ninguém dizia: "Isso é tudo meu. Você não poderá ter parte nisso". Sempre que viam um irmão passando necessidade, compartilhavam tudo quanto tinham (4.32). Alguns realmente vendiam propriedades e davam o dinheiro da venda aos apóstolos, para distribuição (2.44; 4.37). Mas não eram obrigados a fazer isso (Atos 5.4).

Boa parte desse compartilhar era realizada na comunhão à mesa. Ao partirem o pão, nos seus lares, dividiam a comida com alegria **e** simplicidade de coração, louvando a Deus, **e** gozando do favor com o povo, ou seja, com a maioria da população dos judeus em Jerusalém (Atos 2.46,47). E o Senhor acrescentava à Igreja todos os dias os que iam sendo salvos!

Períodos de oração também marcavam o discipulado deles. Estavam regularmente no Templo, para as orações da manhã e da tarde. Um prolongado tempo era dedicado a oração,

quando enfrentavam a oposição e o perigo (Atos 2.42; 4.24-30; 12.5,12).

Os milagres, sinais que indicam a natureza e o poder de Jesus, **e** maravilhas que mostram a presença de Cristo no meio deles, fortaleciam os crentes. Também fizeram com que o medo, um espírito de temor e reverência, viesse sobre o povo (Atos 2.43). Mas o poder do Espírito Santo, expresso nos milagres, fazia parte da vida espiritual. As pessoas não percebiam que viviam em dois níveis - espiritual e natural. O Espírito Santo envolvia suas vidas por inteiro.

A adoração, a comunhão com Deus, o partir do pão, o evangelismo **e** os milagres, todas essas coisas concretizavam uma experiência unificada no Espírito Santo.([n])

A atuação do Espírito Santo na maioria dos crentes encorajava, assim, sua obra na minoria. As necessidades **e** os perigos que tinham em comum levavam-nos a congregar-se juntos. Era necessário o testemunho no Templo. Também era preciso o testemunho nos grupos que se reuniam nos lares. Desde o início, o Espírito Santo os ajudava a manter o equilíbrio sem incorrer nas formas vazias do ritualismo.

Plenitudes Renovadas

Evidência marcante de supervisão na Igreja pelo Espírito Santo era a concessão dos dons espirituais, com o propósito de satisfazer novas necessidades e de enfrentar novos desafios. O livro de Atos cita alguns exemplos destas bênçãos sobre indivíduos em particular, e sobre a coletividade. Por falta de espaço, Atos cita apenas alguns exemplos do que acontecia freqüentemente. A cura do coxo na Porta Formosa é uma amostra dos muitos sinais e maravilhas realizados pelos apóstolos (Atos 2.43; 3.1-10).

O primeiro exemplo de renovação do poder é o de Pedro diante do Sinédrio que condenara Jesus à morte. Amedrontado, Pedro anteriormente negara o seu Senhor. Dessa vez, colocando-se em pé, cheio do Espírito Santo, deu uma resposta que proclamou a verdade e glorificou a Jesus (Atos 4.8,10-12). A forma do verbo grego indica claramente que essa foi de fato, uma nova plenitude. Ervin supõe que não podia ser assim, porque Pedro já recebera a plenitude.([I8]) Mas a idéia não é que tenha perdido alguma coisa da plenitude anterior. Deus simplesmente aumentou a sua capacidade e derramou sobre ele o Espírito Santo de novo, com toda a sua sabedoria e poder.

A mesma forma do verbo é usada em Atos 13.9, quando Paulo, "cheio do Espírito Santo", enfrentou Elimas, o encantador, e o repreendeu. Paulo não repreendia usualmente as pessoas dessa maneira. Mas a repreensão era do Espírito Santo, de forma especial. O castigo sobre Elimas foi, portanto, a mão de Deus, o poder divino, e passou a ser a obra do Espírito Santo para convencer o procônsul (governador provincial) de Chipre. Não foi o milagre por si só que o convenceu, no entanto. O acontecido simplesmente deu testemunho do ensino e da pregação, ungidos pelo Espírito, que lhe antecederam (13.7,12).

Depois do primeiro testemunho de Pedro diante do Sinédrio, ele e João "foram para os seus", para o Cenáculo, onde se hospedavam e se reuniam. Então, depois de orarem, "moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a Palavra de Deus" (Atos 4.31). Mais uma vez, a forma do verbo indica uma nova plenitude. O Sinédrio lhes ordenara "que absolutamente não falassem, nem ensinassem no nome de Jesus". Uma nova plenitude lhes deu a ousadia, a coragem e a alegre confiança de falar a Palavra claramente. Aqui, também, a terminologia não é o que importa. Plenitudes renovadas, novos enchimentos, novas unções, novas atuações do Espírito, novas manifestações da mão ou do poder de Deus sempre estão disponíveis nas necessidades.

Lutas Internas

Além das perseguições, a Igreja enfrentava lutas internas. Ananias e Safira tentaram obter prestígio na Igreja ilicitamente. Essa foi a primeira manobra política que, às vezes, coloca igrejas nas mãos de pessoas não-espirituais. Realmente, foi Satanás que encheu seus corações para mentirem ao Espírito Santo, que é a mesma coisa que mentirem a Deus (Atos 5.3,4). O discernimento ou conhecimento de Pedro a respeito do que fizeram foi uma manifestação do Espírito Santo.

O julgamento divino contra eles não somente livrou a Igreja do perigo, mas também insuflou o temor a Deus nos crentes e nos incrédulos. Os cristãos foram despertados para uma nova unidade no Espírito. Os demais cidadãos de Jerusalém não ousaram juntar-se com eles sem mais, nem menos. Mas eram somente os insinceros que sentiam esse medo. Os altos padrões de verdade e de honestidade levavam a maioria do povo a ter os apóstolos em grande estima. Demonstravam isso ao trazerem seus enfermos para serem curados. "E a multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais" (Atos 5.13-16).

Cheio do Espírito Santo e de Sabedoria

Outra luta surgiu quando queixas e invejas ameaçavam dividir a Igreja (Atos 6.1). A medida que o número dos crentes aumentava, surgiam também as dificuldades. O fundo para o qual Barnabé fizera sua contribuição era usado para ajudar os necessitados. Duas vezes, Paulo trouxera ofertas para reforçar a tesouraria em épocas viúvas não tinham pensão nem emprego. A Igreja, portanto, usava esse fundo para cuidar delas.

Entre elas, havia as que vieram para Jerusalém, provenientes de outros países, e que somente falavam o grego. Como constituíam a minoria, ficaram sensíveis ao que julgavam menosprezo; talvez fossem tímidas quanto ao reivindicar a sua devida parte. Mas, ao chamarem a atenção por causa disso, quase provocaram uma divisão na Igreja.

Os apóstolos, orientados pelo Espírito Santo, pediram a Igreja que elegessem sete homens para cuidar dos necessitados. Deviam ser de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria (prática). O Espírito Santo atuou maravilhosamente nos corações da maioria que os escolhidos pertenciam, segundo parece, à minoria que falava o grego. Todos, pelo menos, tinham nomes gregos, e a possibilidade de as viúvas que falavam o grego serem negligenciadas foi, portanto, dissipada. Essa evidência de sabedoria do Espírito foi seguida por outro crescimento da Palavra de Deus (ou seja: dos seus efeitos), e por mais uma multiplicação da Igreja (Atos 6.7).

Mais Ministérios

Estêvão e Filipe são exemplos de que essa plenitude do Espírito Santo, da sabedoria e da fé levava a mais um ministério (Atos 6.5,8,10). Os sinais e as maravilhas que operavam entre o povo eram nas mesmas proporções dos que foram operados pelos apóstolos (6.8; 8.5-8). Embora o testemunho de Estêvão o levasse à morte, ele permaneceu cheio do Espírito Santo até o fim, e testificou da glória de Jesus como seu Senhor (7.55,56).([19])

Filipe, por outro lado, foi levado pelo Espírito Santo, não somente para testemunhar na S amaria, mas também para evangelizar um eunuco etíope (8.29,38). Um antigo manuscrito grego diz que o Espírito Santo veio, então, sobre o eunuco, e lhe deu outro motivo para continuar jubiloso o seu caminho.([20]) Ao mesmo tempo, o Espírito Santo arrebatou e conduziu Filipe até a beira-mar. Passando por Cesaréia, fez dessa cidade seu "quartel-general" para **o** prosseguimento de seu ministério. Anos mais tarde, era chamado o evangelista. E não negligenciou a evangelização de sua família. Suas quatro filhas eram

cheias do Espírito Santo e profetizavam (Atos 21.8,9).

Barnabé também foi chamado um homem bom (nobre, digno), cheio do Espírito Santo e de fé. Ele, também, exerceu um ministério ininterrupto. Sendo assim, não só existiam plenitudes específicas para necessidades especiais; havia uma riqueza contínua, um revestimento constante e poderoso do Espírito Santo, que destacava alguns como cheios do Espírito.([21])

Rompendo Barreiras

Inicialmente, o Evangelho propagou-se somente entre os judeus e os prosélitos. Embora o Antigo Testamento prometesse bênçãos e restauração para todas as nações, os judeus desconsideravam esse fato. Preconceitos de longa data levantavam obstáculos entre eles e os samaritanos, de um lado; e os gentios, do outro. Uma das obras mais importantes do Espírito Santo para a propagação do Evangelho foi o rompimento dessas barreiras.

O primeiro passo foi dado como resultado da morte de Estêvão. Ao invés de impedir o testemunho a respeito de Cristo, a perseguição resultante simplesmente espalhou a chama em todas as direções (Atos 8.1). O livro de Atos menciona uma dessas direções como exemplo. Filipe foi para Samaria. Ali, sua pregação e seus milagres convenceram o povo. Muitos foram batizados nas águas para testemunho de sua fé (8.12). Nenhum deles, porém, recebeu **o** batismo com o Espírito Santo. Não houve a experiência de **o** Espírito "descer" sobre eles como no dia de Pentecoste (Atos 8.16,20).

Para os que sustentam que tudo é recebido através do batismo nas águas, este fato apresenta uma dificuldade. Alguns supõem que o Espírito Santo foi recebido e que a deficiência foi corrigida rapidamente. Mas é impossível explicar por que houve essa deficiência nesse caso. Outros supõem que a fé dos samaritanos não era real, ou que não era salvífica até que Pedro e João chegassem e orassem. Filipe, no entanto, era um homem cheio do Espírito e de sabedoria. Ele, com certeza, teria discernimento e sabedoria suficientes para não batizar as pessoas antes que verdadeiramente cressem em Jesus.

Outros sugerem que talvez Filipe não tivesse pregado a eles o Evangelho integral. Porque os samaritanos tinham rivalidade com os judeus, é possível que os preconceitos de Filipe o tenham impedido de contar aos samaritanos a respeito de todos os benefícios que Cristo, como Salvador e Batizador com o Espírito Santo, oferece ao crente. Entretanto, não se pode conceber esta idéia mediante o que achamos em Atos. Os discípulos não seriam capazes de esconder uma parte da mensagem. Disseram: "Não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido" (Atos 4.20). Filipe pregava a Palavra, anunciava a Cristo (8.4,5). Os samaritanos creram no que ele ensinava sobre o reino (soberania) de Deus e do nome (autoridade) de Jesus. Essas coisas estão, muitas vezes, associadas com a promessa do Espírito Santo. Filipe deve ter incluído a exaltação de Jesus ao trono e à promessa do Pai.

O problema parece estar com os próprios samaritanos. Reconheciam que tinham sido enganados, não somente por Simão, o mago, mas também por falsas doutrinas. É possível que, decepcionados, achassem difícil dar o passo seguinte da fé. Quando Jesus deparava com a fé, produzida por sua Palavra. Ele a chamava de grande, e as coisas aconteciam (Mateus 8.10). Quando a fé se colocava acima dos empecilhos e das provações, Jesus a chamava também de grande, e as coisas aconteciam (Mateus 15.28). Mas quando a fé era fraca, Ele não destruía o pouco que havia: Ele a ajudava, às vezes, mediante a imposição de suas mãos.

Quando os apóstolos vieram, impuseram sobre os samantanos as mãos, e eles receberam o batismo com o Espírito Santo (8.15,17). Simão, o mago, ao contemplar isso, recaiu na sua antiga cobiça e ofereceu dinheiro em troca da autoridade de impor suas mãos

nas pessoas para receberem o Espírito Santo.

A repreensão que Pedro fez a Simão, porque este pensava que o dom de Deus pudesse ser comprado por dinheiro, é freqüentemente interpretada no sentido do mago desejar colocar o dom à venda. Mas essa explicação não parece encaixar-se nos fatos, pois os apóstolos nada cobravam, pois reconheciam que vinha da parte de Deus. Parece, pelo contrário, que Simão simplesmente queria restaurar o seu prestígio entre o povo, ao tornar-se um distribuidor autorizado do dom do Espírito Santo. Assim como alguns teólogos modernos[22] entendeu erroneamente o que acontecera, e concluiu apressadamente que a imposição das mãos era necessária para o batismo com o Espírito Santo. Muitos outros trechos demonstram que não há necessidade disso. No Pentecoste e na casa de Cornélio, não houve imposição de mãos. Quando Ananias impôs as mãos em Saulo (o apóstolo Paulo), foi para a cura e não para o batismo com o Espírito Santo [23]

O que Pedro dá a entender é que tudo quanto é necessário para orarmos pelo próximo, é recebermos primeiro para nós mesmos o dom. Simão, ao invés de reconhecer a sua necessidade e pedir ajuda, ofereceu dinheiro para alcançar o dom. Não compreendia esse assunto; não tinha parte nem sorte nele.

Alguma coisa, porém, aconteceu, quando Pedro e João impuseram as mãos sobre os crentes; senão, Simão não compraria algo que surgia da autoridade deles. Simão já vira os milagres de Filipe. O dom da profecia seria exercido no idioma dele, de sorte que o sobrenatural não se destacaria. Permaneceria apenas o que atraiu a atenção da multidão no dia de Pentecoste: O Falar noutras línguas conforme o Espírito lhes concedia que falassem (Atos 2.4,33). As línguas, aqui, não eram a causa do problema. Por isso Lucas nada diz a respeito delas, para chamar a atenção do erro de Simão.

Semelhantemente, Ananias disse que Jesus o enviou, a fim de que Paulo recuperasse a vista e fosse cheio do Espírito Santo (9.17). Mesmo assim, a narrativa que se segue não oferece pormenores a respeito de como Paulo recebeu a plenitude, nem menciona que ele falou noutras línguas. Mas, da mesma forma, nos versículos anteriores que registram as instruções que o Senhor deu a Ananias, Lucas não registra a promessa de que Paulo seria cheio do Espírito Santo (9.11-16). Conforme acontece freqüentemente, Lucas não registra detalhes, principalmente quando algo que aconteceu fica claro noutras passagens. (Por exemplo, ele não menciona o batismo nas águas, quando registra uma conversão). Logo, o que está escrito em Atos 2.4 por certo é aplicável aqui, pois Paulo afirmou posteriormente: "Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós outros" (1 Co 14.18).

Evidência Convincente

Em certa ocasião, a evidência da plenitude do Espírito, ou do batismo com o Espírito Santo, tornou-se de grande valia. Nenhum outro preconceito, nenhuma outra barreira à comunhão nunca foi tão grande como à que existia entre os judeus e os gentios. Embora Jesus tivesse preparado seus discípulos para a divulgação do Evangelho em todas as nações, e dado ordens nesse sentido, eles, segundo parece, entendiam que se tratava apenas dos judeus espalhados entre as nações. O preconceito de Pedro era tão grande, que o Senhor lhe repetiu uma visão três vezes, a fim de torná-lo sensível à voz do Espírito para entrar na casa do centurião romano, Cornélio (Atos 10.16,19).

Pedro sabia que tal fato não seria aceito por seus companheiros, de Jerusalém. O tornar-se cristão nunca remove imediatamente os preconceitos. Então, convidou seis cristãos judeus como testemunhas (10.23; 11,12).

Enquanto ele pregava, o Espírito Santo desceu sobre todos, estando presentes os amigos e os parentes de Cornélio. Os companheiros de Pedro ficaram atônitos, porque o

dom do Espírito Santo era concedido *também* aos gentios (10.45). A evidência que os convenceu foi que "os ouviam falar línguas, e magnificar a Deus".

Pedro não se enganara quanto à recepção dele em Jerusalém. Tão logo retornou, muitos o criticaram, por ele ter entrado na casa de um gentio e sentado à mesa, onde lhe serviram alimentos impuros (11.3). Pedro contou, então, que o Espírito Santo veio sobre os gentios como também sobre eles no princípio. Enfatizou, também, que se tratava do cumprimento da promessa de Jesus, de que batizaria com o Espírito Santo sem acepção de pessoas. Era, na realidade, o dom idêntico ao que eles tinham recebido (11.15-17).([24]) Com isso, os de Jerusalém cessaram suas objeções, e reconheceram que "até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida" (11.18).

Mediante esta evidência, Pedro, então, afirmou: "Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes, que também receberam como nós o Espírito Santo?" (10.47). Alguma coisa demonstrou que aquele acontecimento era idêntico ao que se registrou em Atos 2.4, antes dos cristãos em Jerusalém se darem por satisfeitos. Pedro não disse: "Espero que tenham recebido o derramamento, a experiência transbordante do Pentecoste"; "Os gentios o aceitaram pela fé, de modo que acho que o receberam, creio que receberam". Ele sabia que tinham recebido a plenitude, não porque eles testificavam, mas por causa da manifestação do Espírito Santo através deles. O Espírito Santo ofereceu a evidência: "Falavam em línguas, e magnificavam a Deus" (exatamente como em Atos 2.4,11).

Obviamente, o falar em línguas foi a evidência convincente. E nestes dias em que vivemos, quando tantas pessoas buscam, esperam, crêem, e depois duvidam do recebimento do batismo no Espírito, talvez ainda seja necessária uma evidência maior!

Há, no entanto, outros pormenores na interpretação desse trecho.

Alguns supõem que o fato de o Espírito Santo descer sobre os gentios, enquanto Pedro ainda pregava, significa que a sua experiência de conversão e derramamento do Espírito Santo era idêntica à do Pentecoste. Já notamos, no entanto, que em Jerusalém e Samaria, os que receberam o dom já eram crentes antes de o Espírito Santo ter sido derramado sobre eles. Posto que Pedro identifica o que aconteceu na casa de Cornélio como o dom do Pentecoste, deve haver alguma distinção entre sua conversão e o dom do Espírito Santo.

A solução se acha em Atos 10.36,37. A palavra que Cornélio e seus amigos conheciam a respeito de Jesus tinha sido divulgada por toda a Judéia. *"Vós"* (v.37)é enfático. Isso parece indicar que esses mesmos gentios conheciam os fatos a respeito de Jesus, que incluiriam a promessa do Espírito Santo. A palavra de Deus prometida a Cornélio, por intermédio de Pedro, não era simplesmente o Evangelho, mas as boas-novas "de que todos os que nele [em Cristo] crêem, receberão o perdão dos pecados pelo seu nome" (10.43).

Alguns acreditam que Cornélio não somente conhecia o Evangelho, mas também desejava aceitar a Jesus. Porque o Evangelho era pregado somente aos judeus, é possível que ele tenha desejado converter-se ao Judaísmo, a fim de, posteriormente, tornar-se cristão. Quer seja assim, quer não, fica claro que ele conhecia o Evangelho. Fica claro, ainda, que Deus, através de um anjo, o deixou preparado para aceitar a mensagem que Pedro traria (10.22,30-33). Isso significa, também, que os corações desses ouvintes estavam receptivos para acolher o que Deus preparara para eles. Em uma fração de segundo, creram e foram salvos. Em outro breve momento, receberam o derramamento, que Pedro entendeu ser o batismo com o Espírito Santo. Logo, embora não houvesse um longo período de tempo, tudo indica que foram dois eventos separados.

Pedro, no Concilio de Jerusalém (Atos 15.8), informou que o dom do Espírito Santo

foi a maneira de Deus dar testemunho dos gentios. Isso subentende que já eram convertidos. O batismo com o Espírito Santo testificou que já eram crentes. Atos 15.9 menciona que Deus purificara os seus corações pela fé. Mas o propósito de Pedro, ao mencionar esse fato no fim do seu relato, não era o de indicar a ocasião em que aconteceu, mas para lhe dar ênfase. A questão em pauta em Atos 15.9 era a da necessidade de os gentios guardarem a Lei e serem circuncidados; por isso Pedro não estabelece um relato cronológico dos eventos.

Outros supõem que Atos 10.47 indica que a água era necessária para completar a experiência. Mas os seus corações foram purificados pela fé, e não pela água (Atos 15.9).([25]) O batismo nas águas, aqui referido, era tanto um reconhecimento pela Igreja de que Deus aceitara esses gentios, como um testemunho diante do mundo de que eles realmente se tornaram membros da Igreja. ([26]) Assim, pelo Espírito Santo, a barreira foi rompida. Os gentios eram agora membros da Igreja em pé de igualdade com os judeus.([27])

Alguns problemas, quando estão ligados a preconceitos, tendem, porém, a surgir. A conferência de Jerusalém se tornou necessária, quando os judeus cristãos voltaram a impor restrições aos gentios e à sua salvação. Mas quando Pedro relembrou a obra do Espírito Santo em Cesaréia; Paulo e Barnabé testificaram a respeito do que Deus realizava entre os gentios, e Tiago transmitiu a palavra de sabedoria no Espírito Santo, os crentes concordaram (Atos 15.8,9,12-29). A presença do Espírito Santo no meio deles foi suficiente para a solução de quaisquer problemas, e estavam dispostos a atribuir a Ele o crédito por isso (Atos 15.28). [(28)]

Recebestes vós já o Espírito Santo?

Em Éfeso, falar noutras línguas é mencionado em conexão com certos discípulos que Paulo encontrou ali (Atos 19.1-7).

Embora o livro de Atos quase sempre use a palavra *discípulo* no sentido de um seguidor de Jesus, um cristão, Paulo sentia que, nesse caso, faltava algo. Sem dúvida, esses homens professavam ser seguidores de Jesus. Porém, Paulo lhes perguntou se tinham recebido o Espírito Santo "depois de terem crido".

A maioria das versões bíblicas registra que se deve traduzir: "quando crestes". O grego diz literalmente: "tendo crido, recebestes?" O *crer,* em grego, é um particípio passado; enquanto que *receber* é o verbo principal. Posto que o particípio freqüentemente revela seu relacionamento com o verbo principal, o fato de *crer* estar no tempo passado significa que antecedia o *receber,* "depois de terem crido" (trad. ingl. King James).

Muitos estudiosos da língua grega afirmam, no entanto, que o particípio aoristo freqüentemente indica uma ação que ocorre ao mesmo tempo em que a do verbo principal, especialmente se este também estiver no aoristo, como em 19.2. Dunn vai além, ao declarar que o particípio *aoristo,* que indica ação anterior ao recebimento, só demonstra seu domínio inadequado da gramática grega (inclusive os tradutores da King James).([29])

Dunn chama a atenção às expressões "respondeu e disse", que realmente são idiomáticas e não esclarecem a interpretação de outros trechos. Alguns outros exemplos que ele oferece realmente demonstram que a ação do particípio e do verbo principal ocorrem ao mesmo tempo. Outros exemplos não parecem ser tão conclusivos. Hebreus 7.27 realmente parece dizer: "Isto fez ele, uma vez, tendo oferecido a si mesmo"; isto é: quando se ofereceu a si mesmo. Mateus 27.4: "Pequei, traindo o sangue inocente", parece ser coincidente, mas o uso não é o mesmo que em Atos 19.2.0 pecado é definido como traição. É difícil imaginar que o receber o Espírito Santo é definido como *crer* em Atos 19.2, especialmente porque outros trechos indicam que o recebimento envolve um derramamento específico do Espírito.

Outro trecho usado por Dunn é 1 Coríntios 15.18: "Tendo dormido em Cristo, estão

perdidos". Paulo, no entanto, não afirma que o estar perdido é a mesma coisa que o dormir. Pelo contrário, o dormir seria seguido pela perdição, se Jesus não ressuscitasse. Dunn também entende que Atos 1.8 é ação coincidente: "Recebereis a virtude, tendo vindo sobre vós o Espírito Santo". Em certo sentido, é possível que o poder tenha vindo com o Espírito Santo, que é considerado o poder. Mas o mesmo, no livro de Atos, surge quando há necessidade dele. Logo, é o resultado da vinda do Espírito Santo, ao invés de ser a mesma coisa.

Outro exemplo é Atos 10.33: "Bem fizeste, tendo vindo". "Ter vindo" define aquilo que Cornélio queria dizer por "fazer bem". Mas "tendo crido" define o que Paulo queria dizer por "receber o Espírito"? Além disso, Atos 27.3 está longe de ser tão coincidente como Dunn quer que creiamos. Seria melhor traduzido: "Júlio, tendo tratado Paulo com hospitalidade, lhe permitiu ir ver os amigos". Parece provável que houve hospitalidade antes da permissão de visitar os amigos.

Dunn ignora outros exemplos que são ainda menos coincidentes. Ao falar a respeito de sete irmãos (Mateus 22.25), os saduceus disseram do primeiro: "tendo casado, morreu". Obviamente, o texto não quer dizer que casar-se e morrer são a mesma coisa, nem que aconteceram ao mesmo tempo. Eram eventos distintos entre si, e o casamento antecedeu a morte, provavelmente por algum tempo.

Semelhantemente, Atos 5.10 diz [lit.]: "tendo levado a ela [Safira], sepultaram-na". Mais uma vez, levar para fora não era a mesma ação do enterrar. O enterrar seguiu ao levar para fora, numa simples seqüência histórica. Eram, no mínimo, dois eventos distintos entre si, embora não houvesse um longo período de tempo entre eles.

Outros exemplos se acham em Atos 13.51: "Tendo sacudido contra eles o pó dos seus pés, partiram para Icônio" [lit.]; 16.6: "E passaram pela Frígia e pela província de Galácia, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia" [lit.]; 16.24: "O qual, tendo recebido tal ordem, os lançou no cárcere interior". Nesses casos, e em muitos outros, a ação do particípio antecede a ação do verbo principal.

Sendo assim, embora haja casos em que a ação do particípio aoristo esteja coincidente com aquela de um verbo aoristo, essa não é uma concepção aceitável. A impressão dada por Atos 19.2 é que, visto que esses discípulos alegavam ser crentes, o batismo com o Espírito Santo deveria ter sido o passo seguinte, um passo distinto depois do ato de crer, embora não necessariamente separado deste por um longo período.

A resposta desses discípulos: "Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo". O significado, no entanto, não parece ser que nunca ouviram falar na existência do Espírito Santo. Que judeu piedoso ou gentio interessado poderia ter sido tão ignorante? É mais provável que a expressão seja comparável com João 7.39. Ali, a frase está condensada: "Ainda não era Espírito" [lit.]; significa que a era do Espírito Santo com o derramamento prometido ainda não chegara. Sendo assim, esses discípulos afirmavam que não sabiam da disponibilidade do batismo com o Espírito Santo.([30]) Na realidade, vários manuscritos e versões do Novo Testamento dizem: "Nem ainda ouvimos que alguns já estão recebendo o Espírito Santo".

Paulo, então, descobriu que esses discípulos foram batizados com o batismo de João que era apenas preparatório. Diante disso, foram batizados no nome (no serviço e na adoração) do Senhor Jesus. Depois, "as mãos de Paulo tendo sido impostas sobre eles, veio-lhes o Espírito Santo; e começaram a falar línguas e a profetizar" [lit.].

É melhor entender aqui, também, que a imposição das mãos era um meio de encorajar a fé deles, e que precedia a vinda do Espírito Santo, e era uma ação separada. Em seguida, para enfatizar que esses discípulos tinham recebido a plena experiência do batismo

com o Espírito Santo, Lucas declara que falavam em línguas e profetizavam. (O verbo grego talvez subentenda que falavam assim).

Guiado pelo Espírito

Uma das evidências mais importantes da obra do Espírito Santo, tanto na Igreja como nas vidas dos indivíduos, era a maneira de o Espírito guiá-los. Vários incidentes na vida de Pedro e Filipe já foram mencionados. Mas a orientação do Espírito Santo destaca-se ainda mais nas experiências do apóstolo Paulo.

A palavra dada aos líderes em Antioquia era muito específica (Atos 13.1-4). Esses homens eram profetas e mestres, usados **e** dotados pelo Espírito Santo, homens que edificavam a igreja, tanto espiritual como numericamente. Porque tinham consciência das suas necessidades espirituais, bem cômodas da igreja, costumavam dedicar, juntos, tempo ao jejum e à oração. Sabiam que deviam ministrar ao Senhor (permanecer diante dele em intercessão e na busca da sua presença e poder) para poderem ministrar ao povo.

Numa dessas ocasiões, o Espírito Santo falou (através da palavra profética). Ele ordenou que fossem separados Saulo e Barnabé para a obra que designara. Então, depois de jejuarem **e** orarem, os despediram. O versículo 4 enfatiza que foram enviados pela intervenção do Espírito Santo. O motivo da profecia foi que Paulo e Barnabé já haviam aceitado responsabilidades alusivas à igreja em Antioquia. Não era preciso o Espírito Santo convencê-los a irem; a igreja é que devia deixá-los ir. Os líderes, ao imporem as mãos sobre eles, fortaleceram sua fé e demonstraram que a igreja os apoiaria em oração. Mas não lhes disseram para onde deviam ir. O próprio Espírito Santo ordenou que fossem para Selêucia e, depois, para Chipre.

Posteriormente, Paulo reconheceu que os presbíteros estavam no mesmo nível dos apóstolos. O Espírito Santo os constituiu bispos ("superintendentes", pastores das igrejas locais) para apascentar (pastorear, alimentar) a igreja [assembléia] de Deus. Eles, também, tinham seu ministério e sua vocação dirigidos pelo Espírito Santo. De igual modo, Ele era a fonte dos dons administrativos que necessitavam para dirigirem a igreja (1 Coríntios 12.28).

Constrangido pelo Espírito Santo

Ser dirigido pelo Espírito Santo significa mais do que desfrutar da liberdade, da ousadia e das vitórias que Ele concede. Acima de tudo, não há liberdade para as expressões egoístas ou arbitrárias da nossa própria vontade.([31]) Pelo contrário, os que são chamados e dirigidos pelo Espírito Santo, poderão descobrir que não somente são libertos pelo Espírito, como também se tomam (voluntariamente) seus prisioneiros. Aceitam os limites e restrições que Ele estabelece. Reconhecem que Ele sabe o que faz, e que as restrições são necessárias para os seus propósitos.

Um exemplo notável se acha durante a segunda viagem missionária de Paulo. O Espírito proibiu a Paulo, juntamente com Silas e Timóteo, de falar a Palavra na província romana da Ásia. É provável que também se tratas se de uma expressão verbal profética, posto que o texto grego indica uma ordem direta do Espírito Santo. Imaginemos o impacto que esta ordem teve sobre o apóstolo que dizia: "Ai de mim, se não anunciar o evangelho!" (1 Co 9.16).

Na realidade, Deus deu a Paulo, na sua terceira viagem missionária, um grandioso ministério na província da Ásia. Desta vez, porém, Deus tinha uma outra direção para ele seguir. Mesmo assim, o Espírito Santo não lhe deu orientação certa. De modo que Paulo continuava pelo caminho que estava diante dele. Ao chegarem próximo de Mísia, tornou-se necessária a tomada de uma decisão. A estrada para o norte brevemente chegaria ao fim.

Posto que ainda não havia uma direção do Espírito Santo, Paulo voltou-se para o leste, e pretendia (tomando passos específicos) ir para a Bitínia. Foi então que o Espírito de Jesus [conforme dizem vários manuscritos antigos] orientou-o. Mais uma vez, foi mediante a recusa específica de deixá-los ir naquela direção (Atos 16.6-8).

Paulo, então, voltou seus passos ao oeste, em direção à Europa, somente porque o Espírito Santo o impedia de ir em qualquer outra direção. Em Trôade, encontrava-se no lugar onde o Senhor podia lhe dar outra orientação, mediante a ida para a Macedônia. Os obstáculos do Espírito Santo prepararam Paulo a aceitar isso como a vontade do Senhor. Na Macedônia, Paulo não duvidava que o Senhor o enviara, nem sequer quando foi encarcerado em Filipos (Atos 16.9,25).

Quando ele fez sua última viagem a Jerusalém, foi "constrangido pelo Espírito" (Atos 20.22 - trad. ingl. New International Version). Ir a Jerusalém não era seu desejo pessoal. Queria ir a Roma e, depois, seguir viagem até a Espanha (Romanos 1.10-13; 15.23,24). Mas foi conduzido pelo Espírito Santo a Jerusalém. Esse mesmo verbo é usado a respeito de presos. Posteriormente, Paulo foi a Roma, acorrentado, como prisioneiro do governo romano (embora ele sempre se considerasse um prisioneiro de Cristo). Mas nessa ocasião em pauta, era mesmo um prisioneiro do Espírito Santo que o levou a Jerusalém, a fim de entregar aos cristãos locais uma oferta das igrejas na Macedônia e na Grécia (Romanos 15.25-27).

Isso não queria dizer que Paulo estivesse indisposto a ir, embora o Espírito Santo testemunhasse, de cidade em cidade, que prisões e perseguições o esperavam. Paulo não seria demovido do seu propósito de obedecer a Deus. Antegozava completar com alegria a sua carreira (Atos 20.23,24).

Maiores detalhes de como o Espírito Santo testificava são apresentados no capítulo seguinte de Atos. Em Tiro, enquanto o navio era descarregado, Paulo e seus amigos passaram sete dias com os cristãos locais. Eles, "pelo Espírito", diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém (21.4). Aqui, porém, a palavra grega traduzida "pelo" não é a mesma usada nos trechos anteriores para traduzir a atuação direta do Espírito Santo. Pode significar "uma conseqüência do Espírito", ou "por causa do que o Espírito dissera". O próprio Espírito Santo certamente não proibia Paulo de seguir viagem. ([32]) Ele constrangia Paulo a ir. Ele não contradiz a si mesmo.

Os detalhes do que aconteceu em Cesaréia, o próximo porto onde Paulo desembarcou, esclareceram o cenário (Atos 21.10-14).

O profeta Agabo desceu de Jerusalém, tomou o cinto de Paulo, e usou-o, para transmitir a mensagem do Espírito Santo de que Paulo seria amarrado pelos judeus em Jerusalém e entregue aos gentios. Por causa dessa profecia, todos rogaram que ele não prosseguisse a viagem. Sem dúvida, foi o que aconteceu em Tiro. As pessoas, ao ouvirem a mensagem do Espírito Santo, expressaram seus próprios sentimentos para que Paulo não fosse.

Ele, no entanto, declarou que estava disposto, não somente a ser amarrado, mas até mesmo morrerem Jerusalém, por amor ao nome do Senhor Jesus. Paulo sabia que a vontade de Deus era que ele fosse. Finalmente, disseram: "Faça-se a vontade do Senhor". Isto é: reconheciam que realmente era da vontade de Deus que ele continuasse a viagem.

Era, na realidade, importantíssimo que os cristãos soubessem que era da vontade de Deus que Paulo fosse amarrado. Ainda havia judaizantes que se opunham ao evangelho que ele pregava, e que queriam obrigar os gentios a se tornar judeus antes de se tornarem cristãos. Diziam, com efeito, que os cristãos gentios não eram realmente salvos.

Se Paulo tivesse ido a Jerusalém sem essas advertências, e sem conscientizar as

igrejas sobre o que estava para acontecer, os judaizantes poderiam ter entendido que a prisão dele era um castigo divino. Assim, poderia ter surgido muita confusão nas igrejas. Mas o que realmente aconteceu foi que o Espírito Santo, em tudo isso, testificava de Paulo e do evangelho que ele pregava. Ao mesmo tempo, a própria Igreja foi protegida das forças divisionárias. O Espírito Santo é, na verdade, o Guia e Protetor que a Igreja necessita.

O livro de Atos enfatiza, portanto, que o Espírito Santo, pela própria natureza das coisas, está intimamente ligado com todos os aspectos da vida da Igreja e dos cristãos. Jesus é o Salvador. Jesus é o que batiza, cura. Jesus é o Rei Vindouro. Mas é o Espírito Santo que no-lo revela e opera em nós tudo quanto Ele prometeu que faria. Somos batizados com o Espírito Santo, revestidos pelo poder do Espírito, discipulados pelo Espírito, orientados e refreados pelo Espírito. E nada disso é restrito aos apóstolos ou aos demais líderes. No livro de Atos, cada crente é uma testemunha. Cada crente tem a plenitude. Cada crente tem a alegria do Senhor. Que quadro maravilhoso do que a Igreja deve ser!

O ESPÍRITO NO DIA-A-DIA

O livro de Atos demonstra que Paulo e seus companheiros estavam repletos (continuavam cheios) de alegria e do Espírito Santo (Atos 13.52). As perseguições e as aflições só os faziam avançar com mais alegria. Os convertidos também estavam cheios do mesmo gozo (Atos 16.34). Era uma alegria que vinha, à medida que o Espírito Santo elevava honra e glória a Jesus.

Paulo também glorificava a Jesus. Sua mensagem, seu ministério e sua vida centralizavam-se em Jesus. Ele nunca se esqueceu da visão celestial (Atos 26.19). Falava constantemente a respeito do estar com Cristo. Recusava-se a contentar os judeus com sinais, ou os gregos com sabedoria (filosofia). Simplesmente pregava Cristo crucificado (1 Coríntios 1.22,23; 2.2). Então, seguiam-se os sinais na demonstração do Espírito Santo e do poder (1 Coríntios 2.4). Ou seja: os sinais se seguiam, não para convencer os céticos, mas como resposta à fé daqueles que creram. Um bom exemplo disso é a correspondência do coxo em Listra à pregação de Paulo e à sua ordem (Atos 14.7-10).

Os escritos de Paulo revelam que o Espírito Santo era tão real e pessoal para ele como também Jesus o era. Reconhecia o lugar de destaque que o Espírito Santo ocupava no seu ministério, na Igreja, e na vida dos cristãos. Ele também ensinou sobre o Espírito Santo e seus dons, especialmente em Romanos, 1 Coríntios e Efésios.

Romanos e Gálatas enfatizam o contraste entre a vida no Espírito Santo e a no mérito pessoal sob a Lei, bem como a velha vida do pecado. Coríntios e Efésios destacam a obra do Espírito Santo, tanto nos corações dos crentes como na Igreja. Mas em todas as Epístolas paulinas, fica evidente a obra do Espírito Santo, mesmo em Filemom, que não menciona especificamente o Espírito Santo. Assim acontece com os demais livros do Novo Testamento, inclusive o Apocalipse.

Não Extingais o Espírito

As epístolas aos Tessalonicenses falam apenas de passagem sobre o Espírito Santo. Expressa uma profunda preocupação a respeito dos novos convertidos. Deus havia estabelecido a igreja local por intermédio do Espírito Santo. Mas, por causa da perseguição, Paulo foi obrigado a ir embora. Ele lhes escreve para encorajá-los. Não devem esquecer-se de que o evangelho não veio a eles "somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza" (1 Tessalonicenses 1.5). Como resultado, os crentes se tornaram seguidores (imitadores) dos evangelistas e do Senhor, "recebendo a palavra em muita tribulação [perseguição], com gozo do Espírito Santo" (1.6).

Vemos nisso, que por mais que Atos dedique atenção ao Espírito Santo, nem sempre menciona fatos que são explicados noutras partes do Novo Testamento. Atos narra a oposição em Tessalônica, mas não menciona a obra do Espírito Santo ali. Cita, apenas, a perseguição judaica: "Estes que têm alvoroçado o mundo, chegaram também aqui" (Atos 17.6). Mas, com base no que Paulo diz, fica claro que tinham os mesmos sinais que possuíam os demais apóstolos (Atos 2.43). A alegria e o Espírito Santo também enchiam os tessalonicenses, bem como as outras igrejas.

Paulo, no entanto, precisava conclamar esses novos convertidos a abster-se dos pecados sexuais (1 Tessalonicenses 4.3). Provinham de uma cultura grega que não tinha a mínima idéia da pureza moral ou do que a Bíblia ensina a respeito do casamento (Mateus 19.4-6). Paulo os fez lembrar que "não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação. Portanto, quem despreza [não reconhece] isto não despreza [rejeita] ao homem, mas sim a Deus, que nos deu também o seu Espírito Santo" (4.7,8). A chamada a uma vida

santa, dedicada à vontade de Deus e ao seu caminho, está de acordo com a natureza de Cristo, e também com a natureza santa do Espírito. Ele é o Espírito *Santo.*

E provável que Paulo tivesse isso em mente, quando disse: "Não extingais o Espírito" (1 Ts 5.19). "Extinguir" é uma palavra usada no sentido de apagar um fogo (Marcos 9.44,46,48, onde as chamas do Geena, o lago de fogo, não podem ser apagadas), e das lâmpadas que se apagam (Mateus 25.8, "as nossas lâmpadas se apagam"), ou que são apagadas (Mateus 12.20). É também usada quanto ao suprimir o poder do fogo (Hebreus 11.34, onde provavelmente se refira a Daniel 3.25-28, onde o fogo não foi apagado, mas não teve poder sobre os três hebreus). A alegria que tinham no Espírito Santo, ao servirem a Deus, e esperarem a vinda de Jesus (1 Tessalonicenses 1.9,10), poderia se extinguir, se o Espírito Santo fosse substituído pelo pecado.

O Espírito Santo pode ser extinguido, também, por uma atitude errada, conforme indica o apelo que Paulo faz em seguida: "Não desprezeis as profecias. Examinai tudo. Retende o que é bom". Rejeitavam as profecias, e consideravam-nas inúteis. Está subentendida uma arrogante atitude de desprezo. Possivelmente, alguns dos que alegavam possuir esse dom, não estivessem à altura dos padrões bíblicos de santidade. Ou, talvez, alguns deles tenham falado de seus próprios desejos ou entusiasmo mais do que mediante o Espírito Santo. Tais profecias realmente estariam sem sentido, e poderiam predizer coisas que não seriam cumpridas.

O desprezo e a arrogância, no entanto, não são obras do Espírito Santo.O) A solução não é rejeitar as profecias, como se algumas fossem falsas. Pelo contrário, devem ser submetidas ao teste, rejeitadas as duvidosas e retidas as boas. (Ver Deuteronômio 13.1-4; 18.21,22; 1 Coríntios 14.29).

Vemos em 2 Tessalonicenses a existência de profecias entre eles que precisavam ser analisadas. Alguns penetraram na igreja para perturbar os crentes, ensinando-lhes que não podiam depositar sua esperança em encontrar-se com o Senhor nos ares (1 Tessalonicenses 4.16,17). Alegavam a mudança de opinião de Paulo, o qual agora ensinava que já estavam no Dia do Senhor. Isto significava que nada podiam esperar, senão permanecer na Terra durante os futuros julgamentos. Para reforçar suas idéias, não somente trouxeram relatórios e cartas forjadas, supostamente da parte de Paulo, mas alegavam ter apoio do "espírito" que passava por profecia ou outro dom do Espírito Santo.

Paulo, decididamente, não mudara de opinião. Ele proclamava a verdade que lhe fora confiada por Cristo (Gálatas 1.8,11). Os crentes podiam testar as referidas profecias, os testemunhos, e as cartas à luz da Palavra que eleja lhes transmitira (2 Tessalonicenses 2.5).

Realmente, os crentes podiam desfrutar da salvação, e não amargar a ira que estava para vir sobre a Terra (1 Tessalonicenses 5.9; 2 Tessalonicenses 2.13; compare Apocalipse 16.1). O propósito de Deus para os crentes sempre foi a salvação (inclusive nossa herança em Cristo, e no novo Céu e na nova Terra). Entretanto, duas coisas são necessárias para continuarmos no caminho para a salvação. São a santificação (dedicação, consagração a Deus e à sua obra e vontade) no Espírito Santo e a fé na verdade (o Evangelho). Realmente, ambas se tornam eficazes em nossa vida pela obra do Espírito Santo. As duas também exigem a nossa receptividade.([2])

Recebido pela Fé

Romanos e Gálatas tratam também dos mesmos assuntos. Gálatas, no entanto, foi escrita no fragor da luta de Paulo contra os judaizantes. Romanos foi escrita posteriormente, como um tratado mais generalizado do significado do Evangelho, a fim de preparar os crentes em Roma para a chegada do apóstolo.

Paulo ficou surpreendido com os Gálatas. Como esses novos convertidos podiam ouvir a pessoas que desejavam convencê-los a salvar-se pelos seus próprios esforços? Que valor teria para eles guardarem a Lei e seguir os costumes judaicos de então? Jesus tinha se revelado publicamente entre eles como o Crucificado. Isso era o suficiente para a salvação deles.

Paulo, então, fez uma pergunta que lhes permitia uma resposta conclusiva: "Recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da [que pedia somente] fé?" (Gálatas 3.2; comparar Hebreus 4.2, "a palavra da pregação", e 1 Tessalonicenses2.13:"a palavra da pregação da parte de Deus, que é transmitida por nós").

Obviamente, nada havia de vago ou indefinido no tocante à experiência dos crentes Gálatas. Tinham recebido o Espírito Santo de uma forma gloriosa. Sabiam disso. Paulo também. Ele nunca usaria a experiência deles nessa argumentação, se ela não fosse tão específica quanto as experiências em Atos 2.4; 10.46; e 19.6.([3]) E provável que tenham correspondido à pregação de Paulo, com fé, aceitando a Cristo e também o batismo com o Espírito Santo.

Paulo, então, pergunta: "Sois vós tão insensatos [destituídos de inteligência]? tendo começado [feito um começo] no Espírito, agora sois aperfeiçoados mediante a carne?" Alguns entendem que "começado no Espírito" se refere ao momento de se tornar cristão (o mesmo sentido de "começar" que parece estar em Filipenses 1.6, onde afirma ter Deus começado boa obra em nós, e a completará).([4]) Parece, no entanto, que Paulo se refere ao início de suas vidas cristãs, enquanto estava no meio deles. Ele compara aquele período, cornos esforços atuais deles, carnais e humanos, de aperfeiçoar-se por meio de tentativas de guardar a Lei.

O que se destaca no argumento de Paulo é o fato de que a fé é a chave de nossa participação em toda a obra do Espírito Santo. Deus lhes concede o Espírito (continua dando o Espírito em abundância, isto é, no transbordar pentecostal)? Ele opera milagres

(obras de tremendo poder) entre vocês? Em que base Ele faz isso: nas obras da Lei ou na pregação da fé (ou seja: na base da fé na mensagem ouvida e na obediência a essa mensagem)?(Gl 3.5)

A Lei, ao invés de trazer bênção, traz maldição. Desta, Cristo nos resgatou: "Para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo, e para que pela fé nós recebamos a promessa do Espírito" (3.14). Sendo assim, dois propósitos graciosos da redenção em Cristo unem todos quantos compartilham da fé de Abraão. A bênção que ele desfrutava agora é nossa, bem como o Espírito Santo prometido.([5])

Posto que a bênção de Abraão e a promessa do Espírito Santo estão coordenadas aqui, alguns entendem que Paulo identificava as duas entre si. A bênção dada a Abraão (a justificação pela fé, Gênesis 15.6) e a bênção prometida para todas as nações (Gênesis 12.3) ficam sendo nossas, portanto, mediante o Espírito Santo prometido. Essa é uma provável interpretação.([6]) Mas é preferível entender que o Espírito Santo não somente se coordena com as bênçãos de Abraão, como também forma um clímax, ligado especificamente com Gálatas 3.2. A bênção de Abraão, portanto, é para todas as nações, por meio de Cristo. Logo, tanto os judeus como os gentios que tiverem fé, poderão receber o Espírito Santo. O

Que maravilhosa garantia é essa, esse desejo de Deus para com todas as nações, inclusive os judeus! O batismo com o Espírito Santo, pois, oferece evidência clara, positiva e identificável, de que Deus aceitou os gentios por causa da fé que possuem, e de que não exige que guardem a Lei. Foi exatamente essa a conclusão tirada pela Igreja, como resultado da experiência de Pedro na casa de Cornélio (Atos 10.44-47; 11.15-18). Além disso, Deus derramava o seu Espírito Santo sobre os gentios que agiam pela fé, mas não guardavam a

Lei, e operava milagres em favor deles (Gálatas 3.5). Verdadeiramente, as experiências registradas em Atos, e a doutrina nas Epístolas de Paulo, têm estreito relacionamento entre si.

Aba, Pai

Para ressaltar a mesma verdade de outra forma, Paulo diz que Deus enviou Jesus (como homem) para viver debaixo da Lei, a fim de remir os que estavam debaixo da Lei, para que todos (judeus e gentios) recebessem a adoção de filhos (Gálatas 4.5). Por "adoção", ele quer dizer: entrar nos privilégios e nas responsabilidades da filiação. Ele emprega essa palavra, também, para a filiação de Israel (Romanos 9.4). Gálatas 4.1,2 indica que o filho e herdeiro de uma família rica, nos dias de Paulo, seria tratado como escravo até atingir a maioridade. Então, ele receberia "a adoção", ou seja: todos os direitos, os privilégios, e as responsabilidades que pertenciam a um membro adulto daquela família. "Adoção" era usada, também, no sentido moderno, de modo que os gentios, que não eram "filhos" de Abraão, seriam, pela fé, os verdadeiros herdeiros, os filhos legítimos de Deus. Jesus morreu, não somente para nos salvar do Inferno, mas para nos conceder todas as bênçãos que pertencem ao membro da casa (família) de Deus (Efésios 2.19).

Depois, porque somos filhos, e todas as bênçãos da filiação agora nos pertencem, Deus enviou o Espírito Santo que nos incentiva a clamar: "Aba, Pai" (Gálatas 4.6; Romanos 8.15). A razão por que o Espírito Santo é chamado, nesta passagem, o Espírito do seu Filho, é para nos fazer lembrar as palavras de Jesus em Lucas 24.49. Ali, Ele empregou o mesmo verbo, "enviar", para dizer: "Enviarei sobre vós a promessa do meu Pai".

Esse envio do Espírito é claramente o batismo com o Espírito Santo, conforme explicam Atos 1.4,5; 2.4. Não é estranho que Paulo se refira a isso como a vinda do Espírito Santo aos corações. Ele ainda tem em mente a mesma vinda específica do Espírito já referida em Gálatas 3.2. Além disso, já vimos em Atos a variedade de expressões que a Bíblia usa para a vinda do Espírito Santo na experiência pentecostal.

É de suma importância observar, no entanto, que Paulo declara o fato de sermos filhos, o fundamento para o envio do Espírito Santo. Alguns tentam reinterpretar Gálatas 4.6 de tal maneira que evite uma diferença entre a experiência do novo nascimento e o envio do Espírito Santo. Mas o versículo é claro e simples, que não pode ser interpretado diferente. ([8]) Alguns dão a entender que os "filhos" são também os que ainda não nasceram de novo, mas isso não passa de mais um argumento habilidoso para fugir do real significado. É certo que a filiação deve anteceder o envio do Espírito Santo no cumprimento do Pentecoste.

Que Paulo ainda tinha em mente uma experiência distintiva pela qual as pessoas podem saber se são ou não batizadas com o Espírito Santo, vê-se no versículo seguinte (4.7): "Assim que já não és mais servo, mas filho". Ao afirmar isso, Paulo dá a entender claramente que o fato de ter alguém experimentado o batismo com o Espírito Santo é a confirmação de que ele é realmente um filho e herdeiro, e não um escravo da Lei.

Isso é confirmado pelo próprio Espírito Santo, que nos leva constantemente a clamar: "Aba, Pai". "Clamar", usualmente, significa gritos, brados, do tipo dos que são necessários para chamar a atenção num mercado ou numa praça pública Expressa a intensidade de fervor e de urgência, em que o Espírito Santo dentro de nós nos leva a clamar a Deus como Pai.

A repetição do brado aumenta a seriedade.([9]) Freqüentemente se diz hoje que *Abba* era o equivalente aramaico de "Papai!", como forma familiar de trato. Realmente, é agradável pensar em termos o privilégio da mais íntima comunhão com o Pai, mediante o Espírito Santo. Na realidade, *Abba* é uma palavra aramaica para"0 Pai" ou "Ó Pai!" Era

usada no círculo familiar. Mas, naquela sociedade, os filhos não diziam: "Papai". Com muito respeito, diziam: "Pai". Não é uma familiaridade descuidada ou frouxa, nos clamores incentivados pelo Espírito Santo.

Uma explicação melhor talvez seja que os crentes primitivos ouviram Jesus dirigir-se a Deus em aramaico, usando a palavra *Abba.* Ela passou a ser utilizada nas orações, e foi adotada pelos gregos. Mas podia facilmente se tomar sem significado, especialmente para os que não falavam aramaico. No entanto, o Espírito Santo dirige seus corações a Deus, chamando-o pelo precioso nome de *Abba*, acrescentando a palavra "Pai" em sua própria língua. Ele queria que sentissem ser Deus realmente o Pai deles.

"Abba, Pai" não era, fica claro, algo falado em línguas estranhas, mas o próprio clamor interior do Espírito Santo. Fica subentendido, no entanto, que isso desperta uma resposta no coração do crente, de modo que ele, também, clama a Deus como Pai. Porque esses gritos são genuínos e significantes, dão ao crente garantias adicionais de ser ele um filho e herdeiro.

A Justiça pela Fé

Não somente a abundância do Espírito Santo, que o Pai nos dá, comprova que somos filhos; ela deve, ainda, nos tornar conscientes de que nada precisamos acrescentar às provisões divinas. Os que ensinavam ter os gentios de guardar a Lei, diziam, aparentemente, que somente pela guarda da Lei alguém pode ser justo diante de Deus. Paulo indica que nossa esperança se fixa numa justiça melhor (Gálatas 5.5). A Lei não tem a mínima esperança de alcançar a verdadeira justiça, nem mesmo de ajudar a alcançá-la.

Os gentios, que acreditavam nos judaizantes, confiavam na circuncisão (como sinal da Antiga Aliança) para terem boa posição diante de Deus. Com isso, na realidade, rejeitavam a Cristo e tinham caído da graça. Não precisamos da Lei: "Porque nós, pelo espírito da fé, aguardamos [ansiosamente] a esperança da justiça. Porque em Jesus Cristo nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma; mas sim a fé que opera por caridade" (Gálatas 5.5,6). A fé é a chave. A fé realiza coisas que a Lei não pode fazer, quando ela é operante, eficaz por amor (ou: numa atmosfera de amor). Só podemos esperar, portanto, a justiça que agrada a Deus, pelo Espírito Santo, mediante a fé (ou, pelo Espírito que é recebido pela fé energizada pelo amor).([10])

Andar no Espírito Santo

Paulo sempre toma o cuidado de não enfatizar demasiadamente uma verdade, ao ponto de levar as pessoas a uma direção errada. Os gentios realmente estavam livres da Lei. Mas esse fato precisava ser contrabalançado pelo fato de não estarem livres para a satisfação dos apetites, mas para a vida no Espírito Santo. Não deviam usar sua liberdade para dar ocasião (oportunidade, pretexto) à carne (para deixar os desejos e impulsos da carne assumir o controle). Pelo contrário, deviam servir uns aos outros pelo amor (Gálatas 5.13). Isso importa em ter a mesma auto-disciplina que Jesus revelava ter quando Ele, o Senhor da glória, humilhou-se e ficou em nosso meio "como aquele que serve" (Lucas 22.25-27; Filipenses 2.5-8).

Em alguns trechos, Paulo emprega a palavra *carne* no sentido do corpo físico (2 Coríntios 4.10,11), mas aqui ele quer dizer as tendências malignas dentro de nós que levam à permissividade egoísta e à contenda. Sendo assim, os desejos que provêm da carne, neste sentido, estão diretamente opostos aos desejos que surgem do Espírito Santo (Gálatas 5.17). Nem bastava esses crentes serem batizados com o Espírito Santo. É necessário andar (viver) no Espírito Santo para se ter vitória sobre os desejos e os impulsos da carne.

O problema com os Gálatas era que "mordiam" e "devoravam" uns aos outros (Gálatas 5.15; compare Tiago 4.1). Essas contendas demonstravam que não andavam no Espírito, porque quem anda nele certamente não cumpre a concupiscência (desejos pecaminosos) da carne e da mente. (O grego é enfático). Isso demonstrava, também, que submeter-se à Lei não lhes dava vitória sobre a carne, tampouco. A Lei, na realidade, encorajava os impulsos da carne, de modo que não podiam fazer sequer as coisas boas que queriam realizar, nem podiam produzir a paz que desejavam ter. A única maneira de serem vitoriosos nesse conflito, entre a carne e o espírito, era passar totalmente para o lado do Espírito e deixá-lo dirigir tudo. Isso, também, significa que não estavam debaixo da Lei (a Lei mosaica).

Andar no Espírito e ser guiado pelo Espírito significa, portanto, algo mais do que milagres. Significa vitória sobre os desejos e os impulsos carnais. Significa cultivar o fruto do Espírito, o melhor antídoto às concupiscências carnais.

A bússola, portanto, acha-se em Gálatas 5.16,18. Mas Paulo nunca deixou seus leitores apenas com princípios gerais. Declarou exatamente o que queria dizer sobre as obras da carne que provêm dos impulsos, desejos, ou das concupiscências da carne. Identificou com clareza o fruto que brotaria na vida dos que fossem guiados pelo Espírito. Paulo não pretendia que essa relação (Gálatas 5.19-23) fosse exaustiva. (Note a expressão *tais coisas* nos vv. 21,23). Mas é suficientemente completa para esclarecer o que ele desejava ensinar.

Observemos o fruto do Espírito relacionado com as concupiscências da carne, para verificarmos se estamos no Espírito ou não. Para Paulo, não existe terreno neutro nesses assuntos. As obras da carne não se manifestam, se somos dirigidos pelo Espírito. Se aparecerem tais manifestações, significa que deixamos de viver pelo Espírito, e nos afastamos de sua orientação. Isso não significa que o Espírito nos deixou, mas que estamos dando oportunidade à carne, ao invés de dar oportunidade a Ele. Aqueles, porém, que praticam (continuam fazendo) tais coisas, não herdarão o reino de Deus (Gálatas 5.21).

As Obras da Carne

As obras da carne estão classificadas em quatro grupos. *Primeiro:* adultério, fornicação, impureza e lascívia (atentados irrefreados e deliberados contra toda a decência), relacionados com a imoralidade sexual. Boa parte disso nem sequer era considerada pecado pela sociedade em geral. *Segundo:* idolatria (tanto as imagens como os deuses que representavam) e feitiçaria (inclusive a magia, os encantamentos e o uso de drogas nos rituais religiosos) relacionadas com as religiões de origem humana. *Terceiro:* inimizades (ódio), porfias (contendas, discórdia, brigas, discussões), emulações (inveja daquilo que os outros têm), iras (explosões de raiva, perda da paciência), pelejas (intrigas por motivos mercenários, devoção aos próprios interesses, como na busca de empregos públicos), dissensões (como as que existem entre os partidos políticos), heresias (diferenças de opinião, especialmente as levadas ao ponto de causarem divisões), invejas (expressadas em termos de má vontade e de malícia) e homicídios (resultantes dos motivos citados: ver Mateus 5.21-23; 1 João 3.14,15). Todas essas coisas relacionam-se com os conflitos que surgem dos nossos próprios impulsos e desejos egoístas. *Quarto:* bebedices e glutonarias (com as orgias, farras e pândegas).

São esses os nossos impulsos naturais que guerreiam contra os desejos que o Espírito tem para o nosso bem. A civilização, a educação, a cultura, a criação numa boa família podem revestir essas coisas de uma camada superficial, para deixar o descrente com boa aparência. Usualmente, porém, pouca coisa já basta para fazer essas obras da carne romper a

superfície.

O cristão, ao identificar-se com o Salvador crucificado, realmente crucificou a carne com as suas concupiscências. Mas aquela vitória, que é potencialmente nossa, deve se tornar ativa e real. Nós, como cristãos, vivemos no Espírito no sentido de termos nossa vida mediante o Espírito. Mas também devemos andar no Espírito para as tendências, os impulsos, e os desejos da carne serem realmente purificados na nossa experiência diária (Romanos 8.4,5).

O Fruto do Espírito

Nada demonstra isso mais do que nosso relacionamento uns com os outros. Se cobiçarmos a vangloria (se nos tornarmos jactanciosos, com ambição excessiva), provocamos e invejamos uns aos outros (Gálatas 5.26). Se formos espirituais (vivendo no Espírito, andando no Espírito, vivendo em comunhão ativa com Ele), seremos humildes. Em vez de rebaixarmos nosso próximo, de buscarmos nossa própria vontade, levemos as cargas uns dos outros e sejamos solícitos em restaurar o irmão caído (6.1,2).

Realmente, essa é uma ilustração do fruto do Espírito que começa com o amor e que se resume no amor. É chamado fruto do Espírito, porque brota do Espírito. Não cresce naturalmente do solo da nossa carne humana.([u]) O amor é idêntico ao que Deus demonstrou no Calvário, quando Ele enviou seu Filho para morrer por nós, enquanto ainda éramos pecadores (Romanos 5.8). É descrito em 1 Coríntios 13.4-7 como sofredor (paciente com os que nos provocam e nos lesam), benigno (que paga o mal com o bem), livre de inveja (inclusive a malícia, a má vontade), humilde, sem se encher de sua própria importância, sempre cortês, nunca egoísta nem cobiçoso, nunca irritável nem facilmente provocado, nunca levando em conta os danos que sofre, nem se alegra nas falhas ou nas desgraças alheias. Suporta firme com fé e esperança todas as circunstâncias da vida. Não é de se admirar que nunca fracassará, nunca cessará!

O gozo é algo que o mundo não conhece. Muitos estão numa corrida louca atrás dos prazeres. Alguns acham certa medida de felicidade ou satisfação. Mas nem sequer poderão imaginar a experiência de ter o gozo profundo e ininterrupto que é o fruto do Espírito. Esse gozo brota em nós, à medida que o Espírito Santo torna Jesus e sua obra de salvação cada vez mais real para nosso coração. É expressado num regozijo ativo no Senhor (Filipenses 3.1). Mas está presente, nutrido pelo Espírito, quer sejam alegres as circunstâncias exteriores, quer não. (Ver também Romanos 14.17; 15.13; 1 Tessalonicenses 1.6; Filipenses 1.25).

A paz verdadeira somente vem do Espírito Santo. Inclui um espírito tranqüilo, mas é mais do que isso. É a consciência de que estamos num relacionamento certo com Deus; é um senso de bem-estar espiritual. Inclui a garantia de que podemos confiar em Deus, para suprir todas as nossas necessidades "segundo as suas riquezas em glória, por Cristo Jesus" (Filipenses 4.19 ARA). Além do amor e do gozo, é necessária a ajuda do Espírito para o desenvolvimento do restante do fruto.

Longanimidade é ter paciência com as pessoas que deliberadamente procuram magoar-nos ou causar-nos dano. Os incrédulos talvez façam o possível para nos lesar ou nos deixar irados. Mas o Espírito nos ajuda a agüentar tudo com amor, com o gozo no Senhor. Não há, portanto, tentação para a vingança (Efésios 4.2; Tiago 1.19; Romanos 12.19).

A benignidade é a generosidade que procura ver as pessoas da melhor maneira possível. É compassiva e dá a resposta branda que, segundo disse Salomão, desvia a ira, ou evita explosões de raiva (Provérbios 15.1).

A bondade dá a idéia do desenvolvimento de um caráter bom, reto, fidedigno, sem

deixar de ser generoso e amigável com o próximo. É isso que nos transforma na nobreza de Deus. A melhor maneira de descrevê-lo é sermos semelhantes a Jesus. (Ele incorporou todo o fruto do Espírito em sua vida e seu ministério).

A fé, como fruto do Espírito, é freqüentemente distinguida da que traz a salvação e a que opera milagres.([12]) A fé, tanto no Antigo Testamento como no Novo, inclui a fidelidade e a obediência. Aqui, posto que a palavra é um complemento e parte constituinte do amor, e está contrastada com as obras da carne, a ênfase recai sobre a fidelidade, não somente para com Deus, mas também com o próximo. Mesmo assim, esse fato não a deixa diferente da fé salvífica, pois ela envolve tanto a confiança como a obediência. O fruto do Espírito precisa crescer. A fé também deve crescer e desenvolver-se dentro de nós.

A mansidão não é auto-rebaixamento ou fazer pouco de si mesmo. Pelo contrário, é uma humildade genuína que não se considera importante demais para realizar as tarefas humildes. Não assume ares de grandeza ou imponência no sentido de deixar de ser cortês, atencioso e gentil com todas as pessoas. É modesta, mas bem disposta a dar sua contribuição quando algo precisa ser feito.

A temperança não é apenas moderação. É controle próprio. O verbo correspondente é usado para os atletas que precisam se controlar em tudo, para serem vitoriosos (1 Coríntios 9.25). O Espírito nem sempre remove todos os desejos da carne, e, certamente, nem todos os impulsos e tendências da carne. Mas parte do seu fruto é que Ele nos ajuda a desenvolver o auto-controle que domina esses desejos, impulsos, paixões e apetites.

O auto-controle não aparece automaticamente. O que o Espírito faz é ajudar-nos a disciplinar a nós mesmos. O medo é outra coisa que pode surgir da carne. Mas, conforme disse Paulo a Timóteo: "Deus não nos deu o espírito de temor [covarde]; mas de [tremendo] poder, e de amor, e de moderação [auto-disciplina]" (2 Timóteo 1.7). Não é sentados diante do Sol, ou bebendo a água das chuvas, que nos livraremos desses temores que nos impedem de testemunhar do Senhor ou de praticar a sua vontade. Precisamos saber o que é certo a ser feito, e então fazê-lo. Noutras palavras, precisamos cooperar com o Espírito, ao disciplinarmos a nós mesmos, pois é assim que cresce o fruto do auto-controle.

Essa cooperação com o Espírito é necessária para o crescimento e o desenvolvimento do fruto do Espírito. Alguns supõem que pelo fato de termos vida no Espírito, ou sermos batizados com o Espírito Santo, o fruto aparecerá sozinho. Mas tudo o que cresce sozinho, na maioria dos jardins, é erva daninha. Se o fruto é desejado, deve ser cultivado. Deus faz parte dessa obra (João 15.1). Mas temos a nossa parcela de contribuição.([13])

Pedro, tratando do mesmo fruto do Espírito, nos conclama a aplicar toda a diligência para acrescentar a virtude à nossa fé (2 Pedro 1.5-7). Isso significa que fornecemos, através de nossa fé, virtude (força moral). Ou, melhor, significa que devemos exercer a nossa fé de tal maneira que produzamos todas as demais virtudes de uma só vez: conhecimento, temperança (controle próprio), paciência (perseverança diante das dificuldades), piedade (na adoração e na religião prática), na bondade fraternal e na caridade (o amor que é o fruto do Espírito). Esse é o verdadeiro andar no Espírito, e corresponde com sua orientação, através da obediência e da fé.

Paulo afirma que se essas coisas estão em nós em abundância, não seremos ociosos nem infrutíferos no conhecimento (pessoal) de nosso Senhor Jesus Cristo. Se, porém, tais coisas faltarem em nós, estamos em perigo (2 Pedro 1.8-10). Ele acrescenta que se satisfizermos nossa carne, colheremos dela a corrupção (a destruição eterna), ao passo que se vivermos no Espírito, ceifaremos dele a vida eterna (Gálatas 6.8). Em seguida, Paulo dá uma palavra de encorajamento: "A seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido". Com a ajuda do Espírito, o fruto crescerá e dará uma colheita abundante. E não esperaremos

até o fim, para saborear o fruto. Enquanto cresce e se desenvolve, experimentemos o amor e a alegria que jorra em nós mediante o Espírito. Sintamos a realidade da paz interior, mesmo quando a morte nos ameaça. Apoiemos todo o nosso peso no Espírito Santo e recebamos sua ajuda, quando as coisas desandarem e outros se aproveitarem de nós. Sigamos o caminho da paz, quando outros procuram contendas **e** divisões. Assim, o fruto não será algo secreto e oculto que não evidencia sua presença. Podemos saber se ele está se desenvolvendo em nós. E os que estão ao nosso redor também o saberão (Mateus 12.33).([14])

O Espírito de Santidade

A Epístola aos Romanos tinha em vista a evangelização dos gentios (Romanos 1.13; 15.28). Logo, ressaltava que o cristão está livre da Lei, assim como os Gálatas também. Muitos dos seus ensinamentos, a respeito do Espírito Santo, também formam um paralelo com a Epístola aos Gálatas.

Paulo sempre mantém Jesus Cristo como enfoque central. A primeira referência ao Espírito Santo em Romanos relaciona-se com Cristo (1.4). A expressão é, literalmente, segundo "o Espírito da santificação". Por causa de outra expressão paralela, "segundo a carne" no v. 3, muitos entendem que se trata do espírito humano de Cristo que era sem pecado (Hebreus 4.15).([15]) Ou acham que se trata do seu espírito humano como "o assento da sua natureza divina".([16]) Dessa forma, não acham que o Espírito Santo seja o Agente ativo de sua ressurreição. Pelo contrário, sua impecabilidade deixou a morte impossibilitada de detê-lo (conforme alguns interpretam 1 Timóteo 3.16). Há veracidade nisso, é claro. Mas "o Espírito de santidade" é semelhante a expressões tais como "o Espírito da verdade". Nada há contra a idéia do Espírito Santo como o Agente ativo, por meio do qual Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos.O[7])

Na realidade, não há contraste entre o corpo e o espírito humano de Jesus. Mas, sim, entre sua humildade, durante seu ministério terreno, e sua atual glória no Céu.([18]) Romanos 1.3-5 registra a primeira vinda de Cristo, como o Filho de Davi, o Renovo que brota das raízes de uma árvore abatida, em terra seca (Isaías 11.1; 53.2). Mas aquela existência humilde na Terra já terminou. Já não podemos considerar Cristo (do ponto de vista humano) como um Homem na Terra, com relacionamentos físicos e terrestres (2 Coríntios 5.16). Ele foi declarado o poderoso Filho de Deus, pela Ressurreição dentre os mortos. (Ver Filipenses 2.9). O derramamento no Pentecoste e os ministérios do Espírito também dão testemunho disso.[(19).]

Paulo teve sua experiência pessoal de que Cristo ressuscitou e agora está exaltado no Céu, não somente mediante o aparecimento de Jesus na estrada de Damasco, que fez dele uma testemunha ocular da ressurreição, mas também mediante a graça e o apostolado que ele recebeu. O mesmo tipo de experiência vem a cada crente que é batizado com o Espírito Santo segundo Atos 2.4. Jesus prometeu que pediria ao Pai, e este enviaria o Espírito Santo. Quando recebemos o Espírito Santo com a evidência do falar em línguas, tornamo-nos testemunhas, em primeira mão, de que Jesus realmente está entronizado no Céu, realizando o que Ele prometeu que faria.

"Segundo o Espírito Santo" também pode significar "conforme foi predito pelo Espírito"([20]) ou "na dimensão do Espírito".([21])

Agora, Jesus se manifesta a nós, não na sua existência física, mas no poder do Espírito Santo. É a prova do poder triunfante da Ressurreição do Cristo glorificado à disposição de todo cristão, por meio do Espírito Santo.([22])

Autênticos Judeus

Paulo, ao tratar do Evangelho que é o poder de Deus para a salvação (Romanos 1.16), reconhece que os gentios se afastaram do Criador e que necessitam de boas novas. Mas os judeus também precisam. A circuncisão deles, o sinal do Antigo Concerto, é destituída de significado, por causa do pecado. Deus queria a justiça, e não as formas religiosas (Romanos 2.26). Sendo assim, o autêntico judeu não é o que exteriormente parece ser judeu (pela circuncisão). Mas o que é interiormente, pela circuncisão do coração (uma dedicação a Deus, no íntimo) realizada pelo Espírito Santo. (Ver Gálatas 6.15, onde o que vale é ser uma nova criatura ou criação. Ver também Filipenses 3.3, onde isso é demonstrado pela adoração a Deus no Espírito). "Judeu" (derivado de Judá) significa "homem de louvor", no sentido de quem é louvado pelos seus irmãos (Gênesis 49.8). Mas o louvor do autêntico judeu provém, não dos homens, mas de Deus (Romanos 2.28,29).

Essa obra interior do Espírito Santo é realizada pela graça, mediante a fé (Efésios 2.8). A que traz uma esperança e certeza de compartilhar da glória de Deus (Romanos 5.2). Essa esperança não nos fará passar vergonha por termos esperado assim. Isto é: nunca nos decepcionará. Temos certeza disso, porque o amor de Deus é derramado abundantemente em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (5.5).

O dom do Espírito refere-se ao batismo com o Espírito Santo. O amor de Deus é o que Ele derramou supremamente no Calvário. Mas o derramamento daquele amor não terminou na Cruz. Paulo afirma que o Deus, o qual nos amou ao ponto de enviar seu Filho para morrer por nós, certamente nos ama suficientemente para colocar à nossa disposição tudo quanto necessitamos, para nos levar à glória (Romanos 5.8-10; 8.37-39).([23])

A Lei do Espírito Santo

Em Romanos, capítulos 5 a 7, Paulo contrasta a Lei de Moisés com a graça. O verdadeiro conflito, porém, não é entre a Lei e a graça, mas entre a Lei e o pecado. A Lei não era maligna nem pecaminosa. Era "santa, e justa e boa" (7.12). O pecado, e não a Lei, traz a morte (7.10,11). Na realidade, o pecado demonstrou como é maligno, ao lançar mão de uma coisa boa, a Lei, e usá-la para despertar mais transgressão (7.7,8).

O problema não era a Lei, mas a fraqueza do homem (Romanos 8.2). A Lei era como um espelho que mostrava aos homens as suas falhas, mas não podia ajudá-los a agir melhor. Cristo, ao libertar os homens da Lei, deu-lhes a possibilidade de servir a Deus de uma nova maneira. Servi-Lo pelo Espírito Santo é muito melhor do que o velho sistema de procurar seguir o que estava determinado na Lei (Romanos 7.6).

Essa idéia já prepara, conforme Romanos 8, que fala de uma nova lei, "a lei do Espírito de vida em Cristo Jesus". Essa lei (princípio) liberta o cristão da lei do pecado e da morte. A pessoa debaixo da Lei de Moisés não tinha a possibilidade de viver na justiça que Deus requeria. A Lei somente podia condenar o seu pecado e levá-lo à morte. Sendo assim, as suas ações eram guiadas por uma lei (princípio) de pecado e de morte. Mas o Espírito Santo traz vida em Cristo.

Ao falar da lei do Espírito, Paulo não coloca o Espírito Santo numa classe paralela com a Lei de Moisés. A Bíblia não estabelece outras regras no lugar da que o Espírito nos liberta da Lei. Proibições que digam: "Não toques, não proves, não manuseies" nada são, senão ensinos humanos. Mas nada valem para nos impedir de buscar a satisfação da carne (Colossenses 2.20-23). Isto é: se tudo quanto você possui são proibições, ainda poderá fazer algo que não consta da sua lista, e estar na carne tanto quanto algum bêbado ou adúltero. Mas você não se preocupará com isso, porque não consta da sua lista. Mortificaremos, é lógico, os pecados grosseiros da carne (Colossenses 3.5-9). Mas, acima de tudo, buscaremos as coisas lá de cima, vestir-nos-emos do fruto do Espírito, e deixaremos a palavra de Cristo

habitar em nós na adoração e no louvor (Colossenses 3.1,2,12-17).

Quando o Espírito nos liberta da Lei, Ele não nos escraviza. Simplesmente nos dá a oportunidade de servirmos ao Senhor pela nossa escolha.([24]) Paulo, referindo-se à lei do Espírito, quer falar de um princípio, de algo que guia e controla as nossas ações.([25]) Com o Espírito que nos controla, à medida que nos rendemos a Ele, temos a vitória, ao invés da derrota. Ainda há uma batalha a enfrentar (Efésios 6.**12,**16). Mas recebemos a devida ajuda (Romanos 8.13).

Compartilhando da Vitória de Cristo

O fato da Lei não ter produzido a justiça, não era falha dela, mas da nossa fraqueza humana. Deus sabe disso, e tem compaixão de nós (Salmo 103.13,14), mas nossa fraqueza não serve de desculpa. Deus, portanto, enviou Jesus na semelhança da carne pecaminosa (como homem genuíno, mas sem pecado), como oferta pelo pecado. Como homem, sem usar nenhum dos seus poderes divinos, Jesus derrotou a tentação nas mesmas circunstâncias em que Eva fracassou e todos nós caímos (a concupiscência da carne, dos olhos e a soberba da vida, os mesmos desejos e tendências que caracterizam **o** mundo: 1 João 2.16). Com isso, Ele condenou o pecado na carne, ou seja: Ele demonstrou que pecamos, não porque somos obrigados **a** pecar, mas porque optamos pelo pecado e desconsideramos a ajuda que nos é oferecida, mediante a Palavra e o Espírito Santo. Realmente somos culpados. Mas Ele removeu a nossa culpa por seu sacrifício no Calvário (Romanos 8.3). Ao andarmos no Espírito, compartilhamos dos resultados da sua vitória, e praticamos as coisas boas que a Lei realmente desejava (Romanos 8.4).

Gálatas também ressaltou o andar no Espírito e pelo Espírito. Romanos acrescenta que isso envolve uma disposição mental, a orientação certa dos nossos pensamentos e alvos. A pessoa "segundo a carne" vive na dimensão da carne e vê tudo do ponto de vista dos desejos e impulsos carnais. (Ver Mateus 5.28; 6.19-21,31,32). Mas os que vivem pelo Espírito e no Espírito olham tudo do ponto de vista do Espírito. Ele gosta muito de glorificar a Cristo e dirige nossas aspirações e nossos esforços em direção às coisas celestiais, às coisas de Cristo (Mateus 6.33; Colossenses 3.1,2).

A disposição mental que se fixa na carne leva à morte (Romanos 8.6). De fato, já é a morte no sentido da separação de Deus.([26]) Pela sua própria natureza, é inimizade (hostilidade) contra Deus e não pode submeter-se à lei de Deus (segundo os princípios da vida que agradam a Ele). Mas a disposição mental que o Espírito nos dá, introduz a vida e a paz (inclusive a comunhão com Deus, em contraste com a separação que é causada quando cedemos aos desejos da carne ou, conforme diz Gálatas, às obras da carne).

A partir de Romanos 8.8, Paulo fala diretamente com o cristão. Não estamos na carne (vivendo segundo a carne ou na dimensão da carne com seus desejos), mas no Espírito (na dimensão do Espírito e na orientação e ajuda que Ele oferece). Há uma condição prévia, porém. O Espírito Santo deve estar habitando em nós (continuamente). Aqui, Paulo, obviamente, não está falando do batismo com o Espírito Santo, mas da presença do Espírito que vem na regeneração. A condição prévia, que produz essa disposição mental, segundo o Espírito, é questão de pertencer a Cristo. Se somos dele, temos o Espírito Santo. Se não temos o Espírito Santo, não somos dele.

Se temos o Espírito Santo, portanto, Cristo está em nós, e o corpo está morto por causa do pecado, mas o Espírito é vida por causa da justiça (Romanos 8.10). Muitos entendem que o "espírito" aqui se refere ao espírito humano, argumentando que o conflito entre a carne e o espírito existe somente entre os nascidos de novo.

Sendo assim, o corpo (dos desejos carnais) agora está morto por causa do pecado,

mas nosso espírito humano está com vida por causa da justiça de Cristo ministrada pelo Espírito.([27]) Mas o conflito nos versículos anteriores é entre a carne e o Espírito Santo, e não entre a carne e o espírito humano.([28]) Sendo assim, a morte física está neste corpo (já estamos morrendo) por causa da morte, mas, ao mesmo tempo, o Espírito ministra a vida espiritual dentro de nós por causa da justiça.

A própria razão de ser dos vv. 10 até 13 relaciona-se com a vida ressurreta de Cristo, que é nossa mediante o Espírito Santo. Nosso corpo físico é mortal, sujeito à morte por causa do pecado. Não importa o que fizermos em prol desse corpo; há uma única coisa que ele pode fazer por nós. Somente pode nos afundar na morte. Enquanto o tivermos, poderemos usá-lo para a glória de Deus. Reconhecemos, também, que é o templo do Espírito Santo e, por esse motivo, cuidamos dele e o mantemos moralmente limpo. Não há, porém, razão por que devamos atender os desejos e impulsos carnais e pecaminosos (tais como a inveja, o ódio, a contenda, a ira) que provêm do corpo. De fato, agir assim traz mais do que a morte física.

Paulo (1 Coríntios 9.27) reduzia o seu corpo à servidão (tornando-o seu escravo) e o subjugava (tratava-o com disciplina severa) a fim de que, depois de ter pregado aos outros, ele mesmo não fosse reprovado (desqualificado para receber sua herança eterna, ou réprobo como os falsos mestres que estavam a caminho do Inferno, arrastando outros juntamente com eles). A morte eterna, a perda total da nossa herança, é o resultado do viver na dimensão da carne, conforme já vimos em Gálatas 5.21.

Por outro lado, se o Espírito de Deus, que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, continua a habitar em nós (se mortificamos as ações pecaminosas do corpo), então o mesmo Deus que ressuscitou a Jesus também vivificará (ressuscitará) nossos corpos pelo seu Espírito que em nós habita (8.11,13).

Compartilhando da Herança de Cristo

Conforme Gálatas, viver e andar no Espírito significa ser guiado pelo Espírito Santo. Isso, também, é evidência que somos filhos e herdeiros de Deus. Os que se submetem à Lei estão na escravidão, tornando-se escravos do pecado e da morte. Mas o Espírito Santo que temos recebido não é um espírito de escravidão, que nos impõe medo. Pelo contrário, Ele é o Espírito da adoção (filiação) que nos leva a clamar: "Aba, Pai". Em Gálatas, "Aba, Pai" é a voz interior do Espírito. Aqui, é nossa exclamação, também. Por ela, ou através dela, o Espírito testifica com (ou ao) nosso espírito que somos de fato filhos de Deus.

Paulo fala em experiências reais. O testemunho do Espírito não é algo vago. Quando clamamos a Deus como Pai, sabemos que não estamos apenas pronunciando palavras. O Espírito Santo nos torna conscientes de que Deus realmente é nosso Pai. Com isso sabemos, também, que a nossa filiação é relevante. Não somente somos herdeiros de Deus, como também somos co-herdeiros de Cristo. Logo, não devemos considerar insignificante a nossa herança. Um homem pode ser herdeiro de um milionário e obter somente um valor insignificante. Mas Cristo é o Filho de Deus num sentido especial. Como Herdeiro, Ele reina triunfante na glória. Mas nós somos co-herdeiros dele, participando daquela glória que é a sua herança, tendo direito até mesmo do seu trono (Romanos 8.17,18; Apocalipse 3.21).

Paulo tem o mesmo pensamento, quando fala em nosso homem exterior que perece (está gradativamente morrendo) ao passo que nosso homem interior é renovado dia após dia: "Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente" (2 Coríntios 4.17). Paulo estava disposto a sofrer com Cristo e por amor a Ele, tendo em vista a glória a ser revelada. (Romanos 8.17,18; 2 Coríntios 1.5-7; Filipenses 3.10; Colossenses 1.24).

O dom do Espírito Santo realmente faz parte dessa glória vindoura.([28]) O que recebemos em nossa experiência atual é, na verdade, as primícias do que ainda receberemos (Romanos 8.23). Literalmente, as primícias não somente eram a primeira parte da colheita; eram, também, a garantia e penhor do restante da colheita que ainda viria. Logo, o derramamento do Espírito Santo que temos recebido por enquanto, é apenas um pequeno sinal da experiência no Espírito que faz parte da nossa adoção, dos privilégios da nossa filiação que receberemos no futuro.

A Redenção do Corpo

O problema está em nosso atual corpo mortal. Nossa filiação nos promete algo mais, até mesmo do que a cura do nosso corpo, por maravilhoso que isso seja. Porque a parte que é curada continua a envelhecer e decair, e segue para a morte. A cura divina é, de fato, uma maneira maravilhosa de o Espírito Santo romper o poder do inimigo na enfermidade e na dependência das drogas, mas, naquela filiação, também há uma redenção do nosso corpo. Na ocasião da Ressurreição e do arrebatamento (1 Tessalonicenses 4.16) seremos transformados (1 Coríntios 15.51,52). Nosso atual corpo será absorvido por um novo corpo tão diferente do que temos agora, como o pé de trigo é diferente do simples grão. Será um corpo espiritual, não no sentido de ser etéreo ou irreal, mas em estar adaptado para ser o templo do Espírito Santo. O Espírito Santo opera em nós agora, a despeito da nossa fraqueza e incapacidade. Mas nosso novo corpo será instrumento perfeito para a expressão da vida no Espírito (1 Coríntios 15.43.44).

Alguns pensam que é possível possuir a redenção do corpo agora, mediante o Espírito. Mas, embora ela nos seja garantida, continua sendo uma esperança, e não será parte da nossa experiência até a Segunda Vinda de Jesus (Romanos 8.24,25). De fato, agora mesmo, somos filhos de Deus, mas "ainda não é manifestado o que havemos de ser". Na volta de Cristo é que seremos semelhantes a Ele no seu estado glorificado. (1 João 3.2). Entrementes, gememos em nossa fraqueza com o restante da criação, esperando aquele dia em que receberemos a adoção, a redenção do nosso corpo.

Permanecemos na fraqueza do nosso atual corpo. Mas o Espírito Santo está conosco. Embora nossa experiência com Ele no futuro será maior do que a que desfrutamos agora, Ele ainda está conosco em pessoa, disposto a nos ajudar de uma maneira real e pessoal. Embora Paulo não use, para o Espírito Santo, o nome de Consolador, Paracleto, ele entende que o Espírito Santo é nosso Ajudador. Ele está bem presente para nos ajudar em nossa fraqueza. Freqüentemente, por causa das nossas limitações, não sabemos quais são nossas necessidades. Queremos realizar a vontade de Deus, mas nem sequer sabemos orar conforme deveríamos. Então, o Espírito vem nos socorrer, intercede por nós (em nosso lugar) com gemidos inexprimíveis.

Esses gemidos não são expressos em palavras, nem sequer em língua estranha (embora seja bem possível que o Espírito Santo interceda através desses gemidos inexprimíveis, enquanto falamos em línguas, ou oramos, ou louvamos a Deus). Mas não precisam ser expressos em palavras. O mesmo Deus, o Pai Celestial, que sabe o que está em nosso coração, também entende o que está na mente do Espírito Santo. Há, portanto, perfeita comunicação entre o Pai e o Espírito Santo, sem a necessidade de palavras. Além disso, o Espírito Santo sabe qual é a vontade de Deus, de modo que temos a certeza de que a sua intercessão é de conformidade com a vontade do Pai. Noutras palavras, temos a certeza de que nossas orações são atendidas, pois, conforme afirma Paulo, nada nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Uma Consciência Iluminada

Os capítulos 9 a 11 de Romanos tratam da tristeza de Paulo, por terem os judeus rejeitado a Jesus, pois tinham o espírito de sonolência, em vez do Espírito Santo (11.8). Porque Paulo se voltou aos gentios no seu ministério, alguns pensam que eleja não se importava com os judeus. Mas ele sempre se dirigiu primeiramente aos judeus (até mesmo em Roma: Atos 28.17). Além disso, ele tinha uma profunda e contínua preocupação, conforme sua consciência testemunhava no Espírito Santo (9.1-3).

Isso significa que sua consciência era orientada e iluminada pelo Espírito Santo, que conhece a vontade de Deus.í[29]) Nossa consciência nunca é orientada suficientemente por si mesma. Precisa da Palavra, da iluminação do Espírito Santo para nos ajudar. Paulo sabia que, pela Palavra e pelo Espírito Santo, Deus ainda tinha solicitude pelos judeus; portanto, Paulo também. Logo, o Espírito Santo também deixou-o entender que sua consciência estava certa e sua solicitude também. A preocupação dele era mais do que um sentimento de solidariedade com seu próprio povo. Provinha do amor de Deus.

A Adoração Espiritual

Depois de demonstrar que Deus tinha misericórdia para com os judeus e os gentios que crerem, Paulo transmite um ensinamento prático aos cristãos. Os sacrifícios no templo já não eram necessários. Cristo os cumpriu de uma vez por todas (Hebreus 9.11,12,25-28). Mas isso não significa que podemos relaxar, ou seguir nossa própria vontade. Deus ainda nos conclama a apresentar, não sacrifícios de animais imolados, mas sacrifícios vivos, nossos próprios corpos (Romanos 12.1). Corpos santificados (separados para Deus e dedicados a seu serviço) são os únicos sacrifícios que agora são aceitos por Ele e que são nosso serviço lógico (ou culto espiritual). Conforme diz Pedro, nós, que viemos a Cristo, somos também um sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo (1 Pedro 2.5).([30]) Essa também é obra do Espírito Santo, porque a palavra *espiritual*, aqui, significa: causado pelo Espírito Santo, ou cheio do Espírito Santo, ou correspondente a Ele.

O Uso dos Dons Espirituais

O trecho seguinte (Romanos 12.3-8) nos oferece uma das cinco listas dos dons espirituais que se acham na Bíblia. (Ver também 1 Coríntios 12.8-10; 12,28; 12.29-30; Efésios 4.11). O propósito de Paulo porém, não é oferecer uma lista abrangente, nem descrever os dons. Não havia necessidade. Os cristãos em Roma experimentavam esses dons, da mesma maneira que as demais igrejas. Mas precisavam de orientação a respeito do emprego dos mesmos.

O grande perigo em sermos usados pelo Espírito Santo no ministério de algum dos seus dons é imaginarmos que temos qualidades específicas para sermos usados por Ele. E necessário, portanto, que cada um pense sobriamente (com sensatez) a respeito de si próprio e de sua capacidade, reconhecendo que a medida da fé que cada um tem é distribuída por Deus.

Quando se trata de ministério, não temos o direito de escolher o que gostaríamos de fazer ou qual função desejaríamos exercer na Igreja. "Não me escolhestes a mim, mas Eu vos escolhi a vós", refere-se, não à salvação, mas à escolha dos 12 apóstolos para o ministério. Ninguém tem o direito de resolver, por sua vontade, que será um pastor ou missionário. A mesma regra se aplica às várias funções na Igreja que são constituídas pelos dons espirituais. Ninguém possui, em si mesmo, fé suficiente para profetizar, nem pode desenvolvê-la nem produzi-la. Necessariamente, tem que ser dada por Deus. Toda a glória é

atribuída a Ele, portanto. Nós somos simplesmente membros do corpo de Cristo, trabalhando em conjunto, onde dependemos uns dos outros, mas nem todos têm o mesmo cargo (função).

A palavra *cargo,* aqui, nada tem a ver com o que chamamos de cargos hoje, nem é limitada aos oficiais da igreja. A comparação é simplesmente feita com o corpo humano, em que os órgãos do corpo têm funções diferentes. Os dons representados nesse trecho não se limitam aos cargos nem aos oficiais. Ilustram as variedades de ministérios ou serviços que o Espírito Santo concede através de várias pessoas na igreja. Todo cristão tem certa medida de fé da parte de Deus para um desses dons, ou para outros semelhantes.

Ao invés de exaltar a nós mesmos, reconheçamos que os dons espirituais (carismas) são expressões da livre graça de Deus (seu favor imerecido) que nos é dado. Isso exclui o mínimo conceito de merecermos algum crédito para possuí-los ou usá-los, pois a fé para exercê-los também provém de Deus.([31])

Não somente o dom provém do exercício da fé: deve ser exercido conforme a medida da fé. Essa expressão, às vezes, é entendida no sentido "de conformidade com a fé", sendo que "a fé", por sua vez, é definida como os ensinos do Evangelho (como em Gálatas 1.23). Mas essa é uma exceção ao uso normal da palavra *fé.* É melhor atribuir a ela o mesmo significado que se encontra em Romanos 12.3.0 significado mais comum de "fé" (mesmo quando o grego tem um artigo, "a fé") é uma crença e confiança em Deus, fé esta que é o antônimo da incredulidade que impediu Israel de receber as promessas de Deus, e que impedirá a nós, também (Hebreus 3.19; 4.1,2). Nesse caso, a fé é concedida por Deus, com o poder para ministrar o dom que o Espírito Santo atribui.([32]) A fidelidade também está subentendida. O profeta tem a responsabilidade de levar a efeito o ministério que Deus lhe confia. E, posto que a fé provém de Deus, ele precisa conservá-la "viva, forte, e iluminada por horas de comunhão com Deus".([33])

O que se diz a respeito do profeta exercer seu dom, profetizar (falar em prol de Deus) segundo a medida da fé, pode ser igualmente aplicado a todos os demais dons. Se passarmos da fé que temos para nosso próprio esforço, fracassamos. Se, da maneira de Pedro quando andava sobre as águas, tirarmos nossos olhos do Senhor e considerarmos as circunstâncias difíceis em nosso redor, afundaremos.

A profecia é tratada detalhadamente em 1 Coríntios 12 a 14. O ministério, aqui, refere-se ao trabalho dos diáconos que serviam na área social da Igreja. Precisavam do dom do Espírito para esse trabalho, para que não se tornasse um serviço mecânico, mas um verdadeiro ministério.

O professor precisa dedicar-se ao dom do ensino. Isto inclui o preparo, o estudo, a oração. Mas precisa, também, do dom do Espírito para transmitir o verdadeiro entendimento. A exortação, que inclui o encorajamento profético, precisa do dom do Espírito, a fim de desafiar o coração, a consciência e a vontade. (Ver 1 Coríntios 14.3, onde a exortação é incluída no dom da profecia, mas, aqui, é considerada separadamente.)

Os demais dons não parecem tão sobrenaturais, mas, na realidade, eles são. O *repartir* precisa ser feito com simplicidade (com sinceridade), da maneira de Barnabé, e não de Ananias e Safira (Atos 4.36,37; 5.1-3). Barnabé, conforme você se lembra, era cheio do Espírito Santo, ao passo que Ananias era mentiroso. Alguns contribuem, porque outros o fazem. Alguns cooperam, esperando alguma recompensa. Mas a contribuição que agrada a Deus e que abençoa a Igreja é a que provém da vontade que Deus colocou no coração, e o dom do Espírito, o da contribuição, conserva puros os motivos do coração. A medida que você segue a orientação do Espírito Santo neste particular, Ele o usará para satisfazer necessidades específicas e o capacitará a fazer cada vez mais.

O *presidir* tem a ver com qualquer tipo de administração ou supervisão, ou superintendência. Isso precisa ser feito com diligência, devoção, boa vontade, zelo espiritual e entusiasmo. As habilidades naturais, a perícia humana, a educação e o treinamento específicos podem ser úteis em qualquer cargo desse tipo. Mas nunca são suficientes para a obra de Deus. O dom do Espírito faz a diferença. Exercitar *misericórdia*, ou praticar atos de misericórdia, tais como cuidar dos enfermos ou fazer a faxina deles, levar uma ajuda aos necessitados, ou visitar os que estão presos, talvez pareçam atividades na dimensão natural. Mas nem todos conseguem realizá-las e torná-las uma bênção. Precisam ser feitas com alegria, ou seja: não com compulsão, pela consciência do dever, mas porque o dom do Espírito Santo em nosso coração nos deixa contentes em fazê-las. Não basta possuirmos dons, apenas. O motivo, o amor, o zelo, o estado do coração e da mente da pessoa que exerce os dons, são as virtudes que mais interessavam a Paulo. Ele nos exorta, sem fazer distinções específicas entre os diferentes dons, para que nosso amor seja sem hipocrisia, que aborreçamos o mal e nos apeguemos ao bem, que tenhamos afeto cordial uns com os outros no amor fraternal, que honremos mais ao próximo do que a nós mesmos. Quando forem necessários o cuidado e o zelo, nunca sejamos relutantes ou preguiçosos. Pelo contrário, sejamos fervorosos (ferventes, ardentes, brilhantes) com o Espírito,([34]) servindo ao Senhor (obedecendo-lhe como nosso Mestre).

O Espírito Santo e o Reino

Há poucas referências ao Espírito Santo na Epístola aos Romanos. A que se segue é muito relevante no tocante à natureza do Reino. Paulo tem pouco a dizer sobre o reino de Deus nas suas epístolas, talvez porque o reino (governo, soberania) de Deus esteja ativo em nosso meio, principalmente através do Espírito Santo. Mas a obra do Espírito, ao nos preparar para a eternidade, constitui o centro da atenção.

Muitos interpretam esse versículo (Romanos 14.17) como se o reino de Deus tivesse a ver apenas com as realidades espirituais e não se interessasse também com as coisas materiais.í[35]) A mensagem do versículo, no entanto, relaciona-se com o desejo de Paulo para que mostremos amor ao irmão mais fraco que pode tropeçar por nossa liberdade de comer ou beber coisas que ele se inibe de tocar. Devemos, no entanto, ter o cuidado de não deixar essas coisas tomar-se um motivo de discórdia. O que demonstra estarmos debaixo do governo de Deus ou do seu reino, é que Ele realmente reina em nossa vida, e não o que comemos ou bebemos São a justiça, a paz, e a alegria no Espírito Santo. O comer carne oferecida aos ídolos era um problema da época. Agora, talvez, sejam outras coisas. Mas não é pelo insistirem nossos direitos e em nossas liberdades que demonstramos o reino de Cristo entre nós.

Na realidade, a justiça, a paz e a alegria são todas nossas no Espírito Santo, e através dele. Ele nos ajuda a ficar firmes, pela fé na justiça de Cristo. Ele nos incentiva a ganhar vitórias contra o pecado, e nos capacita a entregar-nos a Deus em obediência e fidelidade. Ele nos dá o poder de viver a nossa salvação na plenitude da paz e do bem-estar espiritual. Ele nos dá gozo que irrompe em regozijo e louvor positivos a Deus, mesmo no meio da perseguição e do sofrimento (Mateus 5.10-13). A força e a alegria provenientes dele fizeram Paulo e Silas cantar louvores a Deus no cárcere interior da prisão de Filipos (Atos 16.25). Paulo, na ocasião em que escreveu aos romanos, esperava chegar a eles em paz (1.10). Não sabia que enfrentaria a prisão, julgamentos diante de tribunais, dois anos de encarceramento em Cesaréia e um naufrágio, antes de chegar a Roma. Antes, já passara por tais coisas (2 Coríntios 11.23-28). Mas ele não entrou em colapso por causa delas. O Espírito Santo revelava a Cristo em e através de todas essas experiências, e ele, então, regozijava-se.([36])

Paulo, portanto, não diz em Romanos 14.17 que a justiça, a paz e a alegria no Espírito Santo são a totalidade do Reino. Ele antegozava a eternidade. Mas, mediante o Espírito Santo, também são a nossa possessão presente. Mediante os dons e o fruto do Espírito, o Reino tem sua presente manifestação na Igreja.

Paulo passa, então, a demonstrar que essa presente manifestação do Reino apenas aumentava seu antegozo de sua esperança futura. Sua oração, tendo em vista as promessas a respeito de Cristo, era: o Deus de esperança "vos encha de todo o gozo e paz em crença, para que abundeis em esperança pela virtude [poder sobrenatural] do Espírito Santo" (15.13). Essa alegria e paz, nesse caso, não é negativa ou oculta, mas é o acompanhamento e expressão poderosos do nosso crer.

Paulo encontrou esse poder e alegria expressados especialmente em conexão com o ministério que Deus lhe concedeu em prol dos gentios. Compara-o com um sacerdócio, onde oferece os novos convertidos como oferta aceitável ao Senhor. Seus inimigos, entre os judeus e judaizantes, diziam que os gentios, os quais não conservavam a Lei, eram impuros (Atos 10.14,15,28,34; 11.3). Mas Paulo os apresentou santificados [consagrados a Deus, tornados santos] pelo Espírito Santo (Romanos 15.16).

O sucesso da sua missão aos gentios não foi o resultado dos seus próprios esforços. Ele, realmente, trabalhou muito, não somente na pregação, mas na fabricação de tendas, com a qual sustentava todo o grupo evangelístico. Mas foi a obra de Cristo, mediante poderosos sinais e milagres e o poder do Espírito Santo, que trouxe os gentios e os tornou obedientes ao Evangelho (Romanos 15.18,19).

Finalmente, Paulo pediu que os romanos se esforçassem com ele em oração, diante do Senhor Jesus Cristo e no amor do (inspirado pelo) Espírito. Não conheciam a Paulo, mas a Jesus. Não tiveram oportunidade de amar o apóstolo, mas este amor podia ser criado pelo Espírito Santo, de modo que pudessem orar com sinceridade (Romanos 15.30).

Cada um dos pedidos de Paulo foi atendido, mas não segundo as previsões e expectativas dele. Foi liberto dos judeus incrédulos que queriam matá-lo, e de mais de 40 homens que fizeram juramento de não comerem nem beberem até o terem matado (Atos 21.31,32; 23.12-24). Na viagem para Roma, houve mais vitórias e libertações. Em Roma, mesmo encarcerado, o Evangelho foi divulgado. Dessa maneira, embora as orações dos romanos fossem inspiradas pelo amor, o Espírito Santo sabia a vontade de Deus melhor do que eles e Paulo. Mas nem por isso ele ficou decepcionado. Simplesmente vivia no Espírito e pelo Espírito. Então, o Espírito Santo tornava Jesus real em sua vida e seu ministério.

O ESPÍRITO NA VIDA CRISTÃ

Desde o início de 1 Coríntios, Paulo chama a atenção aos dons espirituais. Ele agradece a Deus pela graça que lhes foi dada por Jesus Cristo, porque em tudo foram enriquecidos por Ele, especialmente nos dois dons estimados pelos gregos: a palavra (expressões vocais) e o conhecimento (1 Coríntios 1.5). De fato, o testemunho de Cristo foi confirmado neles de tal maneira que não lhes faltava nenhum dom (dom espiritual, *charisma).* Paulo, no entanto, estava igualmente interessado no fruto do Espírito. Ele lembra aos coríntios que Cristo os confirmará (fortalecerá, estabelecerá) até o fim, para que sejam irrepreensíveis "no dia de nosso Senhor Jesus Cristo" (quando chegar esse momento e comparecermos diante do seu tribunal: Romanos 14.10; 2 Coríntios 5.10).

Paulo volta à questão dos dons espirituais nos capítulos 12 a 14. Mas, nos 11 primeiros capítulos, ele dedica a maior parte de sua mensagem aos problemas que surgem pela falta do fruto do Espírito.

O problema principal tinha a ver com divisões e contendas na Igreja, coisas que provinham da carne, e não do Espírito. Os cristãos baseavam-se nas suas preferências pessoais por Paulo, Apoio e Cefas (Pedro) com o intuito de estabelecer partidos quase políticos. Alguns até mesmo se consideravam superiores aos demais, e se entitulavam do partido de Cristo. Com essas divisões, rompiam a comunhão espiritual da igreja e provocavam discórdias.

A preocupação de Paulo no tocante à comunhão e à união do corpo de Cristo percorre toda a Epístola. Estabelece-se a seguinte divisão: *Primeiro,* mostra que advêm da falta de assimilação da significância da Cruz. *Segundo,* prova que ele e Apoio são meros cooperadores do Senhor. São servos que estão a serviço do povo que pertence a Cristo (1 Coríntios 3.22,23).

A falta de assimilação do significado da Cruz surgiu porque ainda olhavam as coisas espirituais do ponto de vista humano. Os coríntios, como gregos que eram, tinham a tradição de buscar e exaltar a sabedoria, resultado de deduções e aplicação de filosofias humanas. Devido ao amor que tinham a essa sabedoria, consideravam a Cruz uma loucura (antes de descobrirem a realidade de Cristo, através da pregação do Evangelho: 1 Coríntios 1.18).

Mas, mesmo aceitando o Cristo da Cruz, ainda não o viam na plenitude do seu significado, como expressão da sabedoria divina e exemplo do amor e da humildade. Nem tinham deixado de lado suas tendências de interpretar tudo à luz do que o homem chama de sabedoria. Para cada membro dos grupos que se formavam na igreja, parecia lógica a sua lealdade a um determinado ensinador. Os que eram leais a Paulo provavelmente pensassem ser justa e sábia a lealdade ao fundador da igreja. Os que se apegavam a Apoio talvez argumentassem que seus conhecimentos bíblicos foram úteis para o crescimento da igreja, e sua eloqüência promovera o avanço da causa (Atos 18.25,27).(') Os partidários de Pedro como seu estandarte provavelmente dissessem que o honravam como o principal apóstolo.

Tudo era razoável e lógico, idêntico ao desejo de Pedro, quando quis construir três tabernáculos no monte da Transfiguração. De repente, uma nuvem fez cessar a revelação, e ouviu-se uma voz: "Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo: escutai-o" (Mateus 17.3-5). Os coríntios precisavam obter uma nova visão de Cristo crucificado, o poder e a sabedoria de Deus (1 Coríntios 1.24).

A Sabedoria de Deus

Para corrigir a dependência que os coríntios tinham da sabedoria humana, Paulo a

contrasta com a de Deus. Ele os faz lembrar que sua pregação "não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração [comprovação convincente] do Espírito e de poder [tremendo]" (1 Coríntios 2.4). O que Paulo os transmitiu não era simplesmente mais um ensino, outra filosofia, ou algumas idéias humanas para discutir. Eles já tiveram bastante dessas coisas quando pagãos. Paulo os levou ao laboratório do Espírito Santo e lhes mostrou o poder de Deus. Ele os encorajou a avançar no mesmo poder, a fim de que sua fé se confirmasse com poder (inclusive com os dons do Espírito Santo).([2])

A obra de Deus era um mistério, por não ter sido revelada em toda a sua plenitude antes da Cruz, e pelos homens não a terem compreendido por sua sabedoria ou seu raciocínio humano. Se tivessem agido diferente, "nunca crucificariam ao Senhor da glória" (1 Coríntios 2.8).

Paulo explica esse fato através de uma paráfrase baseada em Isaías 64.4 (à luz de Isaías 52.15): "As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração [inclusive a mente e a imaginação] do homem, são as que Deus preparou para os que o amam" (1 Coríntios 2.9). As coisas que Deus tem preparado, nesse texto, não são essencialmente as glórias do céu, mas as glórias da Cruz e de tudo quanto ela significa no plano divino. Incluem o que já desfrutamos pelo Espírito.

O significado da Cruz em relação com a vida cristã, no presente, e a celestial, no futuro, não pode ser entendido pela mente natural. Mas nós, como cristãos, não estamos no escuro. Deus nos revelou a totalidade do seu plano, pelo seu Espírito. E claro que agora temos esse plano registrado no Novo Testamento, mas Paulo indica que compartilhamos da mesma revelação pela iluminação e explicação dessas verdades ao nosso coração, através do Espírito Santo.

Tenhamos confiança no que o Espírito nos torna real, pois o Espírito Santo sabe o que Deus tem para nós no seu coração, porque "o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus" (1 Coríntios 2.10). Pense em todas as coisas contraditórias que as filosofias humanas dizem a respeito da natureza de Deus. A mente humana não pode mesmo penetrar as profundezas. Mas o Espírito pode.

Paulo ilustra o que o Espírito faz, comparando-o com o espírito humano. Ninguém sabe o que o homem realmente está pensando, mas o seu próprio espírito sabe o que está acontecendo dentro dele (1 Coríntios 2.11). Assim, ninguém, que observa Deus segundo a sabedoria humana, pode calcular o que está acontecendo na mente do Criador. Mas o Espírito de Deus sabe. Não podemos levar essa analogia muito longe. O relacionamento entre o Espírito Santo e o Deus Pai não é exatamente igual ao que se registra entre nosso espírito e nós mesmos, pois o Espírito Santo é uma pessoa distinta da do Pai. Mas Ele conhece Deus por dentro. Por isso, Ele pode revelar corretamente quais são os pensamentos e propósitos do Senhor. ([3])

O que recebemos, mediante o Espírito Santo, não é como o espírito do mundo. Os grandes pensadores talvez sejam gênios. Mas, em se tratando das coisas que realmente contam, só fazem conjeturas. Não precisamos adivinhar ou imaginar o que está na mente de Deus, porque o Espírito Santo, que recebemos da parte dele, veio "para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus" (1 Coríntios 2.12). Paulo inclui seus leitores nestas palavras. A mesma certeza da verdade que ele recebeu do Espírito Santo está disponível a todo cristão.([4])

Para demonstrar ainda melhor a diferença entre a sabedoria humana e a celestial, Paulo disse que ele falou "não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais" (1 Coríntios 2.13). Isto é: Paulo não usava o tipo de retórica, de lógica, ou de pensamento dedutivo que

caracterizava a sabedoria humana. Não começava do ponto de vista da sabedoria humana para então chegar à sabedoria espiritual, passando do conhecido para o desconhecido. Simplesmente apresentava o que o Espírito Santo ensina, inclusive o que o Espírito Santo traz do Antigo Testamento e dos ensinos de Jesus. (Um exame dos sermões de Paulo no Livro de Atos demonstra o quanto o Espírito Santo empregava o Antigo Testamento. Ver Atos 13.17-42).([5])

A expressão "comparando as coisas espirituais com as espirituais" é de difícil interpretação. Alguns entendem assim: "explicando verdades espirituais a pessoas espirituais". Outros: "comparando dons e revelações espirituais que já possuímos com aqueles que recebemos, e julgando os novos à luz dos antigos". Ainda outros entendem: "ajuntando as verdades espirituais numa forma espiritual". O grego não é conclusivo. Em 1 Coríntios 2.6,7, Paulo diz que falava a sabedoria de Deus entre os perfeitos (maduros), o que parece significar os que são espirituais, cheios do Espírito e por Ele guiados. Os vv. 14 e 15 fazem uma comparação entre o homem natural e o espiritual. Isto se encaixaria com a primeira explicação dada anteriormente. Mas no próprio v. 13 Paulo compara as palavras da sabedoria humana com as que o Espírito Santo ensina. Isto indica a terceira interpretação sobre as verdades espirituais. Talvez seja este um caso em que dois significados são possíveis, porque Paulo tinha as duas em mente.

O que o Espírito Santo ensina, não satisfaz o homem natural (carnal, não espiritual) que se norteia exclusivamente por este mundo. Ele não acolhe os dons do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura (tolice). Ele não tem a mínima capacidade de captar seu verdadeiro significado, porque devem ser discernidas (examinadas e julgadas) segundo a luz que o Espírito Santo concede. *(Discernir* é o mesmo verbo que aparece no v. 15, e traduzido por "examinar", em Atos 17.11, onde os bereanos perscrutavam as Escrituras.)

Em contraste com o homem natural, de mentalidade mundana, "o que é espiritual discerne [examina] bem tudo, e ele de ninguém é discernido [julgado]". Daí, não precisamos submeter o que aprendemos do Espírito Santo à inspeção e ao julgamento dos sábios deste mundo. Com toda a sua sabedoria, não conhecem a mente do Senhor. É possível que queiram nos instruir. Mas são presunçosos, pois acham que vão instruir a Deus. É realmente isso que procuram fazer, quando tentam avaliar a Bíblia como se fosse mera literatura humana, como as peças de teatro de Shakespeare. O cristão, no entanto, tem a mente de Cristo. Isto é: tem a plenitude da revelação de Deus. O Espírito Santo revela a Cristo e nos capacita a ver as coisas espirituais do ponto de vista divino.

No entanto, não devemos limitar 1 Coríntios 2.15 às coisas espirituais ou até mesmo religiosas. "Tudo" pode significar que a pessoa cheia do Espírito Santo, e orientada por Ele, está capacitada para julgar e avaliar tudo. Nisso, a Bíblia não estabelece uma linha demarcatória entre o sagrado e o secular. Deus se ocupa tanto com as maravilhas da natureza e as glórias das estrelas como com o próprio Céu. Ele controla os reinos e as nações, e realiza os seus propósitos no mundo dos homens (sem destruir o livre arbítrio destes) tanto quanto na Igreja. A pessoa dirigida e iluminada pelo Espírito Santo vê tudo por um prisma diferente do que o mundano percebe.

Vivendo como Homens Carnais

O verdadeiro problema dos coríntios não era intelectual. Era moral. Paulo afirma que quando esteve com eles, não lhes pôde falar como a espirituais (verdadeiramente guiados pelo Espírito), mas como a carnais (dominados pelas fraquezas da carne), como a nenês em Cristo (1 Coríntios 3.1). Tinham dons, mas não haviam desenvolvido o fruto ou a maturidade.

A carnalidade deles foi demonstrada através das obras da carne, principalmente na inveja, nas contendas e nas dissensões, de modo que andavam "segundo os homens" (1 Coríntios 3.3). Isto é: viviam, agiam e discutiam como homens carnais, e não como espirituais. Seguiam os desejos da carne e da mente tanto quanto os pagãos em seu derredor. É certo que expressavam suas idéias de forma diferente, pois falavam em mestres e apóstolos. Mas suas atitudes e motivações eram as mesmas. Precisavam reconhecer que havia um dia de juízo para vir (1 Coríntios 3.13). O fogo daquele juízo revelaria o caráter de suas obras e os deixaria sem recompensa.

A gravidade dessas obras da carne é vista à luz do fato de que Deus deseja união no seu santo templo (neste caso, considerado como a igreja local). Paulo dá a entender (1 Coríntios 3.16,17) que realmente sabiam que eram (como um corpo local) o templo (santuário, Santo dos Santos) de Deus, e que o Espírito Santo habitava neles (no Corpo e nos respectivos membros - aqui não se fala somente dos indivíduos). Tendo em vista a santidade do templo de Deus, cheio do Espírito, portanto, Deus forçosamente destrói quem obstruir esse templo. A Igreja, como um corpo, é santa, separada para o seu uso, santificada pelo Espírito Santo. (Ver 2 Pedro 2.9,10,12, onde o juízo eterno é reservado para semelhantes destruidores.)

Não nos esqueçamos, portanto, que a destruição do templo era levada a efeito pela sabedoria humana que não atribuía ao Senhor sua posição certa, mas glorificava aos homens. Tais pensamentos eram sábios, segundo o modo de pensar do mundo. Todo homem de destaque neste mundo faz o possível para obter seguidores. É possível que os que promoviam essas divisões tentassem elevar a si mesmos e à sua própria liderança. Mas não precisamos exaltar a nós mesmos. Pertencemos a Cristo. Já juntos nos lugares celestiais em Cristo "acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro" (Efésios 1.21; 2.6). Nada que possamos fazer poderia nos oferecer uma posição melhor do que essa. Por isso, não nos custa tomar o lugar da humildade e servir uns aos outros em amor, seja onde o Senhor nos colocar.

Mais Obras da Carne

A carnalidade na igreja de Corinto não era limitada às contendas **e** divisões. Paulo tratou primeiro desse aspecto porque causava mais danos. Havia também fornicação (imoralidade sexual) entre eles (1 Coríntios 5.1). Toleravam entre eles um homem envolvido num pecado que até mesmo os pagãos em derredor deles consideravam vergonhoso. Os cristãos nada diziam a esse respeito, por causa dos antecedentes deles e, provavelmente por motivo das falsas doutrinas. Corinto era famosa por sua devassidão e imoralidade. Mas é possível que falsos mestres reivindicassem liberdade em Cristo para fazer tudo quanto sentiam vontade de fazer. Paulo transmitiu a eles a sua sentença: o homem devia ser excluído da comunhão e entregue à Satanás (para a disciplina). A idéia é que alguma doença levasse o homem a arrepender-se, e a pedir a cura e o perdão (Tiago 5.15).

Paulo adverte a igreja contra as obras da carne. Enfatiza, assim como fez em Gálatas, que os que praticam tais coisas não herdarão o reino de Deus. Com os coríntios, no entanto, ele é um pouco mais contundente, ao apontar as transgressões em Corinto, tais como o homossexualismo e a extorsão (1 Coríntios 6.9,10).

Não diz, porém, que a situação dos que cometem esses pecados não tem cura. Pelo contrário, afirma: "E é o que alguns têm sido; mas haveis sido lavados [dos vossos pecados mediante a purificação no sangue de Jesus], mas haveis sido santificados [dedicados a Deus e ao seu serviço], mas haveis sido justificados [inocentados do vosso pecado e culpa, e

libertos do medo do julgamento] em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus" (1 Coríntios 6.11). O que o Senhor fizera em favor deles, podia realizar em benefício do pior dos pecadores.

O Senhor para o Corpo

Paulo faz mais duas colocações nesta conexão. Uma é que o pecado escraviza. Até mesmo coisas que não são pecaminosas em si mesmas podem escravizar-nos. Paulo não pretendia fazer da liberdade cristã uma desculpa para deixar-se escravizar por algo. O outro assunto é que a imoralidade sexual não é natural para o corpo humano. Os pagãos consideravam a imoralidade, como adultério, prostituição e homossexualismo, uma simples expressão dos impulsos naturais. Paulo, porém, negava que essas coisas realmente estão em harmonia com a natureza do nosso corpo (incluindo-se a personalidade humana que vai junto com o corpo). Nosso corpo não é mau em si mesmo. O corpo não se destina à imoralidade mas para Deus, "e o Senhor para o corpo" (1 Coríntios 6.13).

Alguns entendem que a declaração bíblica ("Os manjares são para o ventre e o ventre para os manjares") é um paralelo na dimensão temporária do presente. Assim como o estômago precisa de alimentos, para levar a efeito o que foi determinado a fazer, também o corpo necessita do Senhor, a fim de cumprir o serviço para o qual foi criado. (Ver Filipenses 1.20, onde Paulo é zeloso, a fim de que Cristo seja engrandecido ou glorificado no seu corpo, quer pela vida, quer pela morte.)([7])

O fato de Deus está solícito pelo nosso corpo é demonstrado quando Ele ressuscitou Jesus dentre os mortos, o que significa que também nos ressuscitará pelo seu poder (1 Coríntios 6.14). Sendo assim, o nosso corpo tem um propósito nas intenções de Deus - doutra forma, Ele não teria **o** trabalho de ressuscitá-lo. (Ver 1 Coríntios 15.35).

Tendo em vista o cuidado do Senhor com nosso corpo, não devemos supor que é apenas nosso espírito que é membro de Cristo. Nosso corpo também é integrante do Corpo dele. Como, pois, um cristão pode lançar mão de um corpo que pertence a Cristo, e uni-lo com o de uma prostituta, tornando-o uma só carne com uma pessoa sexualmente imoral (1 Coríntios 6.15)?([8])

O argumento contra a imoralidade é fortalecido ainda mais pelo reconhecimento de que nós, que estamos juntos com o Senhor, somos também um só espírito com Ele. Nosso corpo e nossa personalidade, controlados pelo Espírito Santo, estão unidos com Ele no Espírito. O fato é que nossa união no Espírito **é** mais estreita do que a união entre marido e mulher na vida conjugai.

A imoralidade não **é** somente um pecado contra o Senhor; **é** também contra nosso próprio corpo. Devemos fugir de todo tipo de pecado sexual, porque o corpo de cada cristão é individualmente um templo do Espírito Santo. Logo, esses pecados são totalmente contrários à natureza do corpo de Cristo e à natureza do Espírito Santo que habita em nós. Temos o Espírito Santo da parte de Deus. Logo, o templo, que é o corpo, pertence a Deus, de modo que não somos de nós mesmos. Somos duplamente de Deus, porque fomos comprados por um preço (1 Pedro 1.18,19, "o sangue precioso de Cristo"). Não temos o direito de usar nosso corpo ou nossa vida para a gratificação da carne ou para a exaltação do próprio eu.

Tanto nosso corpo como nosso espírito pertencem ao Senhor. Por isso, nosso objetivo deve ser usar os dois para glorificar a Deus (1 Coríntios 6.20). Isto significa, também, que devemos cuidar do corpo. Mas não devemos usar esse fato como desculpa para atender os impulsos e desejos que provêm da natureza humana. Nem sequer o prazer legítimo deve tornar-se nossa razão para viver. Temos algo mais maravilhoso para fazer, ao

glorificarmos a Deus no serviço **e** no sacrifício.([9])

Também Tenho o Espírito Santo

Os capítulos 7 a 11 de 1 Coríntios lidam com várias questões e problemáticas, com poucas alusões ao Espírito Santo e à sua obra. Depois de pronunciar sua posição sobre o casamento, Paulo diz (literalmente): "Penso que eu também tenho o Espírito de Deus" (7.40). Eleja havia declarado que possuía o Espírito Santo. Alguns afirmam que ele não recebera uma declaração específica de Jesus a respeito do assunto, pois ele tinha convicção disso. Outros entendem que era ironia, pois Paulo tinha o direito de declarar que possuía o Espírito Santo tanto quanto (e mais do que isso) quaisquer dos seus inimigos que se opunham aos seus ensinos.([10])

Ao tratar da liberdade cristã, Paulo nos faz lembrar que o conhecimento apenas incha, ao passo que o amor edifica. O conhecimento [que se refere ao desenvolvido por nosso raciocínio humano, embora comece com verdades espirituais ou lide com elas], pode levar a pessoa a assumir ares de importante. Sem o amor, isso gera orgulho, arrogância e soberba que humilha os outros. O amor, porém, honra a Deus e os homens e promove o bem de todos (1 Coríntios 8.1). Esse amor é dedicado a Deus que nos amou primeiro. Por ele somos conhecidos (reconhecidos) por Deus (1 Coríntios 8.3). O amor que constrói e edifica é, obviamente, o fruto do Espírito.

Outra referência (1 Coríntios 11.4,5) será estudada posteriormente. Ao falar dos costumes nas igrejas, Paulo deixa claro que os homens e as mulheres tinham igual direito de orar e de profetizar (isto é, publicamente, na congregação).([n])

Necessidade de Entendimento

Paulo registra a passagem a respeito dos dons espirituais (1 Coríntios 12-14) dizendo: "Acerca dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes". Com isso, ele não queria dizer que eram ignorantes a respeito. Já dissera que não lhes faltava nenhum dom (1 Coríntios 1.7). Ele desejava que os conhecessem melhor, a fim de que tivessem verdadeiro entendimento sobre os dons e sua finalidade.

Em certo sentido, Paulo não está mudando de assunto. Mesmo nesse exame dos dons espirituais, Ele se ocupa com o fruto do Espírito. O capítulo 12 registra os dons. Não há classificação sistemática, nem descrição detalhada dos dons individuais, nem estudo de sua natureza, ou exemplificação mediante a qual pudéssemos identificá-los melhor. Os dons eram sobrenaturais e da parte de Deus. Paulo nunca questiona os dons que possuíam. Nada havia de errado nos dons em si. Mas estavam sendo empregados erroneamente.([12]) Essa é a razão da ênfase dada ao amor no capítulo 13, e da consideração detalhada de como usar as línguas e a profecia no capítulo 14.

Paulo reconhece que o Espírito Santo está ativo na igreja mediante os dons. Mas seu propósito principal era o de lidar com as divisões e as contendas causadas pela carnalidade e imaturidade deles. Como "nenês em Cristo", a mesma falta de fruto do Espírito que os levou a deixar de "discernir o corpo" nos seus irmãos na fé (1 Coríntios 10.17; 11.21,29,33,34), levou-os a exercer os dons do Espírito sem conhecer a unidade do corpo de Cristo.

Parece que muitos deles pensavam que os dons eram para ser empregados como desejavam. Outros exaltavam um dos dons como se fosse mais importante do que os outros. Ainda outros deixaram de reconhecer a necessidade e a interdependência de todos os dons. Outros estavam na direção oposta, e consideravam desnecessários certos dons.

Isso talvez pareça estranho, hoje, para alguns que persistem "em imaginar que aqueles que desfrutavam desses dons sobrenaturais do Espírito eram modelos da perfeita

santidade e maturidade espiritual".([13]) Deve ser lembrado que o fruto é algo que cresce, precisa ser encorajado, e leva tempo para desenvolver-se. É necessário ter em mente, também, que os Coríntios não tinham a boa formação bíblica e ética que homens tais como o apóstolo Paulo possuíam. Deus sempre começa com as pessoas exatamente onde estão, dá-lhes tudo quanto a sua fé é capaz de receber, e as conduz adiante.

O que Deus concede é sempre uma boa dádiva. Diante do tribunal de Cristo, seremos julgados mediante nossas obras (2 Coríntios 5.10). Agora, porém, a dádiva é o dom gratuito. Não seria dom, se houvesse a necessidade de boas obras como condição prévia para recebê-lo. As pessoas tendem a esquecer-se de que os dons espirituais devem ser recebidos na mesma condição que o dom da salvação e o recebimento do Espírito Santo: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2.8,9). Quando o coxo, na Porta Formosa, foi curado, as pessoas olharam para Pedro e João, atônitas e cheias de temor. Pedro precisava repreendê-las: "Por que olhais tanto para nós, como se por nossa própria virtude ou santidade fizéssemos andar este homem?" (Atos 3.12).([14])

Os dons espirituais, que são pela graça, mediante a fé, encontram-se na palavra grega mais usada para descrevê-los: *charismata*, "dons livre e graciosamente concedidos", palavra esta que se deriva de *charis*, graça, o imerecido favor divino. Os carismas são dons que recebemos sem os merecermos. Dão testemunho da bondade de Deus, e não da virtude de quem os recebem.

Uma falácia que freqüentemente engana as pessoas é a idéia de como Deus abençoa ou usa alguém; isso significa que Ele aprova tudo o que a pessoa faz ou ensina. Mesmo quando parece haver uma "unção", não há garantia disso. Quando Apoio chegou a Éfeso pela primeira vez, não somente era eloqüente em sua pregação; era também "fervoroso de espírito". Tinha o fogo. Mas Priscila e Áquila perceberam que faltava algo. Logo, o levaram (provavelmente para casa, a fim de participar de uma refeição), e lhe explicaram com mais exatidão o caminho de Deus (Atos 18.25,26).

Era, pois, o caminho de Deus a respeito dos dons espirituais, que Paulo, como um pai, desejava explicar com mais exatidão aos coríntios. A esses dons ele dá o nome de "espirituais" em 1 Coríntios 12.1 (a palavra *dom* não se encontra no grego). A palavra, por si mesma, inclui algo dirigido pelo Espírito Santo e expresso através de crentes cheios do poder. Nesta passagem, porém, Paulo limita a palavra ao sentido dos dons gratuitos, ou carismas, que passam a ser mencionados repetidas vezes (12.4,9,28,30,31; 14.1). Todos os escritores cristãos primitivos entendiam que a palavra *espirituais* significava dons espirituais e, portanto, reconheciam que eram dons sobrenaturais, tendo por origem imediata o Espírito Santo.([15])

Uma Variedade de Dons

No capítulo 12 de 1 Coríntios, Paulo apresenta três listas de dons. Na *primeira* (12.8-10) há nove dons, que são provavelmente classes de dons, sendo que cada um pode manifestar-se de várias maneiras. Na *segunda,* (12.28) há oito dons, inclusive as pessoas usadas neste ministério. Três desses dons não são mencionados na primeira lista. Na *terceira,* (12.29,30) há sete dons, com repetições das duas primeiras listas.

Muitos consideram a primeira lista dos nove dons completa e compreensiva. Isso significa que os demais, alistados noutros lugares, devem ser considerados expressões ou explicações dos mesmos (palavra de sabedoria, de conhecimento, fé, dons de curar, operações de [atividades que produzem] milagres, profecia, dom de discernir [distinguir entre] espíritos, variedade de línguas, interpretação das línguas). Certo escritor declara que

"todo acontecimento sobrenatural dentro da Bíblia ou fora dela, com a lógica exceção dos milagres falsos de origem satânica, devem ser incluídos no alcance abrangente dos nove dons espirituais".([16]) Mas nem Paulo fala a respeito desses nove dons: "Esses *são* os dons do Espírito". Ele simplesmente registra: aqui há um dom dado pelo Espírito, e depois, outro, pelo mesmo Espírito, e ainda outro, pelo mesmo Espírito. A ênfase recai no fato de que todos provêm do único Espírito Santo, e não que todos os dons estejam citados nominalmente.

E melhor entender que todas essas relações oferecem amostras dos dons e das vocações do Espírito, amostras estas que são tiradas de um suprimento infinito. Como poderia haver algum limite para a abundância dos seus dons que estão disponíveis à comunhão, à vida, e à obra da Igreja? Paulo parece estar mais interessado pela variedade entre eles do que por qualquer tipo de classificação em categorias. Ele não os cita na mesma ordem nas várias listas. Freqüentemente, menciona tipos ou classes (conforme nós os definimos) diferentes de dons, citando-os lado a lado sem a mínima distinção. Seja qual for a necessidade da Igreja, o Espírito tem algum dom para supri-la.

por meio da combinação dessas listas com as de Romanos 12.6-8 e de Efésios 4.11 é possível, dependendo do modo empregado, apresentar um total de 18 a 20 dons.([17]) Alguns deles coincidem parcialmente entre si; porém, Romanos 12 relaciona a exortação como um dom distintivo. Em 1 Coríntios 14.3 está incluída como uma função profética. Efésios 4.11 apresenta o pastor e o mestre como um só. É provável que haja muitas outras inter-relações.

Honrando a Jesus

Antes de apresentar os dons, Paulo chama a atenção ao fato de que o Espírito Santo sempre glorificará a Jesus (1 Coríntios 12.3). Já notamos que Paulo manteve Cristo no centro do seu ministério. Foi orientado pelo Espírito Santo a proceder assim, porque Ele desejava honrar a Jesus, a Palavra viva. Ele veio para nos revelar Deus e os seus caminhos (João 1.14,18). Agora, Jesus está no Céu, mas o Espírito Santo faz com que Ele seja a Palavra de Deus para nós. Que contraste com o estado anterior dos coríntios, que antes eram levados pelos ídolos mudos, coisas sem valor que não tinham algum sentido nem palavra para eles (12.2)! Essa falta de relevância ulterior é a situação de tudo quanto está fora de Cristo.

A palavra que o Espírito Santo transmite, pode ser testada pelo fato de que Ele sempre reconhece Jesus como o Senhor divino, exaltado acima de todo poderio e autoridade, real ou imaginário, que os homens reconhecem. Ele é Rei dos reis e Senhor dos senhores (1 Coríntios 8.5,6; 15.24,25; Filipenses 2.9-11; Romanos 14.9). Por outro lado, ninguém, que fala pelo Espírito Santo, dirá: Jesus é anátema!" Alguns acham que essa maldição é a expressão de algum espírito demoníaco. Outros pensam que seria falada por falsos mestres os quais, no espírito do Anticristo, faziam diferença entre o homem Jesus e o Cristo espiritual. (Ver 1 João 4.2,3).([18]) Outros acreditam que partia de ouvintes ignorantes ou incultos que não tinham compreendido o ensino de Paulo a respeito de Cristo, feito maldição por nós (Gálatas 3.13).([19])

Não somente o Espírito Santo exalta a Jesus: ninguém pode sinceramente dizer "Jesus é Senhor!" senão pelo Espírito Santo. Qualquer pessoa pode pronunciar as palavras, naturalmente. Mas serão vazias e destituídas de sentido, a não ser que o Espírito Santo pessoalmente faça com que Jesus seja o Senhor divino em nossa vida, quando correspondemos a Ele. ("Senhor" é o título comum que os judeus atribuíam a Deus). Logo, em todo o nosso testemunhar, precisamos da iluminação, da unção e dos dons espirituais. É o Espírito quem dá sabedoria e que aplica a verdade aos corações (Efésios 1.17).

Há, também, encorajamento para nós, aqui. Jamais tenhamos medo de buscar o Espírito Santo e seus dons! Render-nos a Ele nunca nos desencaminhará, porque Ele sempre exaltará a Jesus e honrará o seu senhorio. O exercício dos dons espirituais torna-se uma oportunidade de honrar a Jesus.

Manter Jesus no centro, portanto, ajudar-nos-á a ver a maravilhosa unidade que percorre toda a variedade dos dons espirituais. Essa unidade é vista, também, na maneira de a Trindade cooperar para levar toda a diversidade dos dons a uma bela harmonia de expressão (1 Coríntios 12.4-6).

A variedade é sempre necessária, e os coríntios a possuíam. Mas, por causa das suas divisões e contendas, desviavam-se em todas as direções, de modo que os dons não traziam o proveito e a utilidade que Deus pretendia para eles. Precisavam ver a harmonia e a cooperação da Trindade como a própria fonte dos dons.

Paulo refere-se ao Espírito Santo como o que dirige a operação dos dons em nossa vida (1 Coríntios 12.11). Depois, ele fala do

Senhor (Jesus), que concede autoridade ao Espírito Santo para operar no mundo hoje; e, finalmente, do Deus pai, que é o derradeiro Doador de toda boa dádiva e dom perfeito (Tiago 1.17).

Três termos são aplicados a esses dons, quando Paulo se refere a eles na sua variedade de expressão e de distribuição (1 Coríntios 12.4,5). Há diversidade de dons (carismas), mas o mesmo Espírito, diversidade de ministérios (modos de serviços), mas o mesmo Senhor, diversidade de operações (atividades) mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. (Ver Efésios 3.20; Colossenses 1.29).

Nisso também fica claro que Deus não transfere sua graça e seus dons a um único grande depósito. Não há um reservatório destes dons na Igreja nem no indivíduo. Para cada dom, precisamos olhar de novo para a sua fonte originária. Fica evidente, também, que os vários dons envolvem ministério e serviço voluntários da nossa parte. Deus não nos obriga a corresponder através dessas atividades. Os dons espirituais são necessários para que a Igreja continue a obra de Jesus segundo seu plano para esta dispensação. Mas Ele não nos obriga a entrar nesses ministérios, contrários à nossa vontade. Nem o Espírito Santo nos domina para nos obrigar a exercer esses dons ou carismas. Ele não dá seus dons aos que não os desejam, nem sequer aos que não os procuram com zelo. São demasiadamente valiosos para serem desperdiçados.

Os dons são dados, de fato, com a intenção divina de que todos recebam proveito deles (1 Coríntios 12.7). Isso não significa que todos têm um dom específico, mas há dons (manifestações, revelações, meios pelos quais o Espírito se torna conhecido) que são dados (continuamente) para o que for útil (proveitoso, para crescimento). "Útil" significa algo que ajuda, especialmente na edificação da Igreja, tanto espiritualmente como em número de membros. (O Livro de Atos tem um tema de crescimento numérico e geográfico. Deus quer que o Evangelho seja divulgado em todo o mundo). Pode ser ilustrado pelo mandamento do Senhor: "Negociai até que eu venha" (Lucas 19.13). Ao partirmos para **o** ministério dos seus dons, Ele nos ajuda a crescer na eficiência e na eficácia, assim como fizeram os que usaram devidamente **o** que o Senhor lhes deu, na Parábola das Dez Minas (Lucas 19.15-19).([20])

Dado Conforme o Espírito Deseja

A primeira relação dos dons com a repetição do fato que cada um é dado pelo mesmo Espírito (1 Coríntios 12.8-10) leva ao clímax no versículo 11, que diz: "Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente [individualmente] como quer".

Aqui temos um paralelo com Hebreus 2.4, que fala dos apóstolos que primeiramente ouviram o Senhor, e depois transmitiram a mensagem: "Testificando também Deus com eles, por sinais [sobrenaturais], e milagres, e várias maravilhas [tipos de obras de grande poder] e dons [distribuições separadas] do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade".

É evidente, à luz destes trechos, que o Espírito Santo é soberano ao outorgar os dons. São distribuídos segundo a sua vontade. Buscamos os melhores dons, mas Ele é o único que sabe o que é realmente o melhor em qualquer situação. Fica evidente, também, que os dons permanecem debaixo de sua autoridade. Nunca são nossos no sentido de não precisarmos do Espírito Santo, pela fé, para cada expressão desses dons. Nunca se tornam parte da nossa própria natureza, ao ponto de não perdê-los, de serem tirados de nós.([21]) A Bíblia diz que os dons e a vocação de Deus são permanentes (Deus não muda de opinião a respeito deles), mas aqui há referência a Israel (Romanos 11.28,29). A princípio, parece, no entanto, que os dons e as vocações, uma vez dados, permanecem à nossa disposição. Israel perdeu muito pela incredulidade, e nós também. Mas sempre voltamos, pela fé, e vemos que os dons continuam à nossa disposição.

O Espírito é o mesmo, quer seja chamado o Espírito Santo, o Espírito de Cristo, o Espírito de Jesus, o Espírito da Verdade ou o Espírito de Deus. Assim, a Fonte é a mesma, não importa qual o dom, nem quem está sendo usado. Fica claro, também, que os dons são outorgados por Ele a alguém para um ministério mais ou menos regular em algum dom ou combinação de dons. Por exemplo: a lista dos dons inclui os profetas. Ou Ele pode outorgar os dons para um breve ministério em uma única manifestação do dom numa reunião específica. Sendo assim, as relações incluem a profecia. Vemos, também, que a unidade não importa em uniformidade. Quando a Igreja não alcança a unidade, mediante a operação dos dons espirituais com amor, uma aparência de unidade, às vezes, é obtida pela insistência na uniformidade. Mas a unidade que o Espírito Santo traz é a de um organismo vivo. Retém sua variedade. É capaz de ajustar-se a novas situações e enfrentar novas oportunidades e desafios. Continua a viver e crescer. A uniformidade, às vezes, é obtida por meios humanos. Mas se torna mecânica **e** superficial. Pior do que isso, pode estar morto.C[22]) Isso não significa, naturalmente, que devemos evitar a organização. Nada na natureza é mais organizado do que um organismo vivo. A Bíblia ensina a organização, não por amor a ela em si só, mas a fim de realizar a obra de Deus. Por outro lado, se o que tivermos for organização, não viveremos ou cresceremos em Deus mais do que um automóvel pode fazê-lo, por mais maravilhosa que seja essa máquina.

Um só Corpo com Muitos Membros

Para ilustrar a unidade de operação do Espírito Santo, e para demonstrar que os dons espirituais não devem ser usados fora do relacionamento com o corpo de Cristo, Paulo passa, então, a fazer comparações com o corpo físico: "Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também" (1 Coríntios 12.12).

Isso significa que o propósito da variedade é possibilitar o corpo a funcionar como uma unidade. A variedade, portanto, não visa a vantagem do indivíduo, ao nos dar mais coisas para desfrutarmos. Visa, pelo contrário, a vantagem da Igreja. No caso do Corpo de Cristo, a comparação realmente diz respeito aos dons que são manifestados através dos diferentes membros da Igreja. Logo, os vários dons e ministérios do Espírito são tão importantes e necessários para o corpo de Cristo quanto as partes do corpo natural são para nós como indivíduos. Deus não ofereceu outros meios de realizar seus propósitos atualmente. Quão horrível é deixá-los atrofiar-se pela falta de uso !([23])

A Unidade é a Obra do Espírito

A unidade do corpo de Cristo realmente faz parte da primeira obra do Espírito Santo. Ele não se limita apenas a nos dar vida espiritual, para então nos deixar por conta própria. Ele nos batiza no corpo de Cristo (1 Coríntios 12.13). Ele nos imerge, independentemente de quem somos, juntamente com judeus e gentios, escravos e livres. Depois, Ele faz com que todos nós bebamos (nos dessedentemos) do mesmo Espírito. Mas não para a exaltação de nós mesmos, nem para a rivalidade. O propósito contínuo de Deus é que sirvamos e edifiquemos o Corpo de Cristo.

Esse versículo (12.13) é interpretado de diversas maneiras. Há um grupo que insiste tratar-se de quando Cristo batiza o crente no Espírito Santo. Usualmente identificam esse ato com a regeneração mediante o Espírito, e freqüentemente com o batismo nas águas. Ou, podem dizer que o Pentecoste transmitiu à Igreja um depósito maciço do Espírito, e que recebemos automaticamente a nossa parte, quando somos batizados em água. Outros acham possível haver novos enchimentos no Espírito, mas não batismos, depois da regeneração. Estes declaram que 1 Coríntios 12.13 deve ser traduzido: "Pois todos nós fomos batizados em um só Espírito para formar um só corpo", ou seja: fazem do Espírito o elemento em que fomos batizados na conversão.([24]) O argumento em prol dessa tradução é que "em" um Espírito representa corretamente a palavra grega *en,* que sempre significa "em" quando é usada com a palavra *batizar.*[(25)]

É assim que acontece nos seis casos que comparam o batismo de João, na água, com o batismo de Jesus, no Espírito Santo. Mas, a despeito do fato de que a maioria dos estudiosos tradicionais identifica (1 Coríntios 12.13) com o batismo na água, reconheçamos que o crente já deveria fazer parte do corpo espiritual de Cristo, para que o batismo em água seja um testemunho relevante. Logo, o batismo interior não pode ser identificado com o batismo em água.

Além disso, a palavra *en* freqüentemente tem o significado de "por". Em alguns casos, é usada *com o Espírito Santo* com o significado de "pelo Espírito Santo". Lucas 4.1 a usa a respeito de Jesus sendo levado pelo Espírito Santo para o deserto. Marcos 1.12 confirma enfaticamente que o Espírito realmente era o agente. Lucas 2.27 é semelhante: "E pelo Espírito foi ao templo". Assim também Efésios 3.5: "revelado pelo Espírito".

Embora muitos pensem que a evidência não é conclusiva, ou que a tradução é questão de preferência, o contexto realmente é claro. O exame do trecho oferece uma base sólida para a versão usual (KJV): "por um Espírito

A totalidade do trecho anterior enfatiza a unidade do Corpo pelo fato de que os vários dons são dados pelo mesmo Espírito. O Espírito Santo é o agente na distribuição dos dons. Em 1 Coríntios 12.8,9, a palavra *en* é usada em alternância com a palavra *dia,* que significa "através de". Seja pelo Espírito, seja através do Espírito, é o Espírito Santo que é o agente.([26]) O batismo, em 1 Coríntios 12.13, portanto, é pelo Espírito para transformação interior e, portanto, diferente do batismo por Cristo no Espírito Santo no dia do Pentecoste. Isso se enquadra bem na distinção entre a conversão e o batismo no Espírito Santo que se vê no livro de Atos.

Holdcroft declara que há pelo menos quatro opiniões apresentadas por escritores cristãos. Uma é que "a experiência total que o crente tem no Espírito Santo é seu papel de batizá-lo no corpo de Cristo". Essa limitação, às vezes, ocorre, por falta de conhecimento, e, às vezes deliberadamente. Um segundo grupo acredita que "ser colocado no corpo de Cristo é a única experiência do batismo no Espírito, e embora haja uma plenitude subseqüente do Espírito, não é chamada batismo". Essa é a posição de Merrill Unger, Samuel Ridout,

Kenneth Wuest e de muitos outros. Um terceiro grupo distingue entre o batismo pelo Espírito para dentro do corpo, e o batismo por Cristo para dentro do Espírito, para o serviço. "Essa é a posição de Jasper Huffman, John R. Rice, R. A. Torrey, René Pache e de muitos outros". Um quarto grupo inclui os pentecostais que distinguem entre os dois batismos, sendo que a evidência em prol do segundo batismo é falar noutras línguas. "Tem sido exposta por R. M. Riggs, E. S. Williams, Donald Gee, P. C. Nelson, Myer Pearlman" e muitos outros.

Holdcroft informa que a rejeição do pentecostalismo freqüentemente conduz a uma tendência que acaba negligenciando a obra do Espírito na vida do crente. Logo, "independentemente da questão das línguas, é claro que é de grande importância espiritual desfrutar de um batismo relevante e pessoal no Espírito".([27])

Um só Corpo

Ao voltar para a ênfase principal de 1 Coríntios 12.13, vemos que, apesar de vários membros no Corpo, há um só Espírito e um só Corpo. Se uma pessoa está em Cristo, faz parte do Corpo, mesmo que pense ser membro de algum partido: de Apoio, de Cefas, ou mesmo "de Cristo". É óbvio que qualquer igreja ou denominação que afirma ser a única, está desviada nos seus pensamentos. Mas, mesmo assim, faz parte do Corpo, se seus membros nasceram de novo pelo Espírito.

Paulo compara essa situação com o corpo humano (1 Coríntios 12.14-20). O pé não pode dizer que não faz parte do corpo, porque não é uma parte da mão. Nem o ouvido pode dizer que não é do corpo, porque não faz parte do olho. Se todas as partes do corpo tivessem a mesma função, se consistissem num só olho ou ouvido, não seria um corpo e não conseguiria funcionar. Logo, uma igreja onde todos tivessem o mesmo dom ou ministério seria uma monstruosidade, e não o corpo de Cristo em funcionamento.

Ao conduzir a analogia mais adiante, Paulo enfatiza a interdependência do corpo. Há, de fato, muitos membros, mas um só corpo, sendo que cada membro tem necessidade dos demais. O olho não pode dizer que não precisa da mão, nem a cabeça que não necessita dos pés. Até mesmo as partes do corpo que parecem ser mais fracas ou menos importantes são necessárias. Deus formou e uniu os membros do nosso corpo de tal maneira que trabalham juntos em perfeita harmonia e interdependência. Quando um membro do corpo dói, todo o corpo (de nossa pessoa) sente. Quando um membro é honrado, o corpo se regozija. Idêntica situação é a do corpo de Cristo e dos seus membros individualmente (1 Coríntios 12.27).

Exatamente, para que ninguém deixe de entender a lição, Paulo entra em maiores detalhes a respeito do corpo de Cristo. Assim como Deus formou o corpo humano de tal maneira que houvesse unidade e harmonia, Ele colocou na Igreja primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro lugar doutores, depois milagres (ações de grande poder), depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas (1 Coríntios 12.28).

Alguns entendem que a enumeração aqui segue a ordem do valor, de maneira que os profetas e doutores são mais importantes que os milagres, e os apóstolos os mais importantes de todos.([28]) Mesmo se for assim, ainda devemos nos lembrar que cada membro do Corpo é tanto necessário quanto importante. Mesmo se o último na lista, o dom de línguas, fosse menos importante, não deixaria de ser necessário tanto quanto o ministério dos apóstolos, dos profetas e dos doutores ou mestres. É, de fato, fácil enxergar a importância dos apóstolos; por isso, é necessário dedicar mais atenção a honrar os últimos quatro da relação, que estão agrupados.

O próprio Paulo pergunta: "Porventura são todos apóstolos? são todos profetas? são todos doutores? são todos operadores de milagres? Têm todos o dom de curar? falam todos

diversas línguas? interpretam todos?" Essas perguntas são postuladas de tal maneira que pedem a resposta: "Não!" Deus, deliberadamente, concedeu dons e ministérios a pessoas diferentes. Ele quer que reconheçamos ser necessário precisarmos uns dos outros. A Igreja, como corpo, não deve contentar-se meramente com os primeiros dons. O Espírito Santo quer usar todo membro, e introduzir a variedade que edificará a Igreja na unidade.

Não há aqui, tampouco, intenção de estabelecer distinções entre os clérigos e os leigos, nem entre os ministérios permanentes e temporários. Todos cooperam através da orientação do Espírito Santo, conforme Ele quer. Fica claro que alguns serão regularmente usados nos ministérios específicos. Alguns são profetas, outros são doutores ou mestres. Os verbos usados em 1 Coríntios 12.30 estão no presente contínuo. Alguns continuam a ministrar dons de curar. Outros ministram regularmente ao corpo as variedades de línguas. Alguns regularmente interpretam essas línguas para a congregação. Deve ser notado aqui que, se estes verbos falam dos ministérios regulares ao Corpo, o fato de que as perguntas pedem uma resposta negativa não deve ser enfatizado. A razão de que nem todos têm um ministério no âmbito dos dons de curar, não significa que Deus não possa usá-los, ocasionalmente, para ministrar a cura aos enfermos. O fato de que nem todos têm um ministério de línguas não significa que todos não possam falar em línguas ocasionalmente ou nas suas devoções particulares. Nem exclui as línguas como a evidência física do batismo com o Espírito Santo, conforme Atos 2.4.

Paulo desafia, então, os coríntios a procurar com zelo os melhores dons, a esforçar-se para obter os dons espirituais mais valiosos (carismas). Essa exortação dificilmente se refere à enumeração feita em 1 Coríntios 12.28. Pode referir-se, provavelmente, a quaisquer dons que sejam mais necessários e edificantes na ocasião. Esse mandamento também reenfatiza o fato de que não temos os dons automaticamente, simplesmente porque temos o Espírito Santo. São necessários os passos da fé. Além disso, fica claro aqui que embora tenhamos um dom ou um ministério, não precisamos ser limitados só a ele para sempre. De fato, o Espírito Santo distribui os dons "como Ele quer", mas não desconsidera as necessidades que surgem. E Ele não viola a integridade da nossa personalidade, obrigando-nos a aceitar um dom pelo qual não temos um desejo ardente (1 Coríntios 12.31).

Um Caminho ainda mais Excelente

1 Coríntios 12, conforme já notamos, lida com pessoas que tinham vários dons espirituais, e lhes mostra a melhor maneira de exercê-los. O melhor caminho é apreciar a variedade dos dons e usá-los para promover a unidade do Corpo. Paulo, então, afirma: "E eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente" (1 Coríntios 12.31). Sua intenção é: "Estou para indicar-lhes e explicar-lhes um modo ainda melhor de exercer os dons". Esse é o caminho do amor, que fará tudo o que é exigido no capítulo 12, e ainda mais.

Isso não significa, no entanto, que o amor pode substituir os dons espirituais. Muitos dizem que o amor é um dom do Espírito [(29)] Alguns até dizem que outros dons espirituais não são necessários, se tivermos o dom supremo do amor. O amor, no entanto, nunca é chamado um dom espiritual. O amor de Deus certamente é uma dádiva para nós. O amor de Cristo nos foi dado. A consciência do amor de Cristo também é a obra do Espírito em nosso coração (Romanos 5.5). Mas o amor como um fator motivante em nossa vida é sempre um fruto do Espírito, e não um dom do Espírito. E nunca há um contraste entre o fruto do Espírito e os dons espirituais, no sentido de se poder dizer que quem tem o fruto não precisa dos dons.([30]) A totalidade de 1 Coríntios 12 demonstra que os dons, pela própria natureza do Corpo, são igualmente importantes e necessários para sua vida e ministério.

O contraste aqui é mais entre os dons espirituais sem amor e os dons espirituais com

amor. Não se pensa em degradar o valor dos dons espirituais ou de dizer que o amor é melhor do que os dons espirituais. A finalidade do argumento é simplesmente que, sem o amor, os dons espirituais perdem sua devida eficácia, valor, e recompensa.([31])

Dons sem Amor

Para ressaltar esse fato, Paulo indica sete exemplos, fatores estimados pelos coríntios, apesar de suas dissensões.

As línguas sem o amor surtem menos efeito do que um gongo barulhento de bronze, ou um címbalo que ressoa. Atrai a atenção, mas não contribui para a harmonia da música. A profecia, **o** entendimento dos mistérios (com introspecção sobrenatural), o conhecimento (recebido sobrenaturalmente), e a fé tão grande que remove, não somente um monte, mas "monte após monte", produzirão muito mais do que as línguas. Mas sem amor, a pessoa usada nesses dons não é nada. Pessoalmente, no que diz respeito ao seu lugar no corpo de Cristo, ele é nada, ainda que as pessoas lhe dêem muita atenção, por causa dos seus dons.

Outros podem sacrificar seu dinheiro e suas posses pessoais em prol da obra do Senhor. Podem até entregar seu corpo para ser queimado, como mártires da fé. Muitas pessoas podem ser ajudadas por semelhantes contribuições. Multidões podem ser desafiadas a servir ao Senhor mediante a morte de um mártir. Mas se aqueles que entregam seus bens e sua vida não tiverem o amor sacrificial, **o** amor do Calvário, o amor que se dedica aos que nada merecem, o amor que nada deseja como pagamento, nada lhes aproveitará. Isto é, quando comparecerem diante do tribunal de Cristo, suas obras revelarão ser simples madeira, feno, palha, no que diz respeito ao galardão (1 Coríntios 3.12).

O amor precisa operar em nosso coração até se tornar o motivo controlador de tudo quanto fizermos. Semelhante amor traz consigo, também, a totalidade do fruto do Espírito (conforme demonstra a descrição em 1 Coríntios 13.4-7). Semelhante amor nunca falhará (no sentido de chegar ao fim por ser desnecessário ou por deixar de ser válido).

Em contraste com o amor, as profecias serão aniquiladas (cessarão, um verbo bem diferente de "falhar"). As línguas cessarão (chegarão ao fim, ainda outro verbo). O conhecimento (nesse contexto, provavelmente o dom espiritual da palavra de conhecimento) também cessará. Agora conhecemos somente em parte (de modo imperfeito), e em parte profetizamos (13.9), mas quando vier o que é perfeito (completo, em plena medida), o que é em parte será aniquilado (cessará).

Alguns dizem que Paulo se aludia à Bíblia com a expressão "o que é perfeito", de modo que não precisamos desses dons, pois temos a Bíblia. Superficialmente, talvez haja lógica nisso, pois a profecia e o conhecimento eram necessários à primeira geração dos cristãos que ainda não tinham o Novo Testamento. Essa interpretação, no entanto, não se encaixa na ilustração que Paulo empregou. Durante esta dispensação, nosso entendimento e conhecimento são parciais, e nos são transmitidos indiretamente, como a fraca imagem num espelho. (Os espelhos antigos eram de metal, com polimento imperfeito, que deixavam muito a desejar). Essa situação não mudou de repente, quando a Bíblia foi concluída. A verdade é que, apesar de todos os nossos conhecimentos bíblicos, ainda vemos de modo imperfeito. Doutra forma, não acharíamos tantas diferenças de opinião entre os cristãos cheios do Espírito Santo.

Tudo quanto a Bíblia diz a respeito dos dons espirituais demonstra que todos são necessários nos dias de hoje. Fazem parte do que Deus tem colocado (fixado, estabelecido) como integrantes da Igreja, assim como Ele estabeleceu os vários membros do corpo humano no seu lugar apropriado, para cumprir sua devida função (1 Coríntios 12.18,28). Isso significa que sua finalidade perdura durante a dispensação da Igreja. Mas são

temporários, pois atuarão até o Arrebatamento da Igreja.([32]) Hoje, ainda são necessários, mas quando Cristo voltar, a perfeição será desvendada. Seremos transformados em sua semelhança. Já não seremos limitados por esses corpos decadentes. Com um corpo novo, uma nova maturidade e a presença visível de Cristo conosco, não precisaremos de dons parciais. As coisas que agora nos deixam perplexos já não serão mistério para nós. Será fácil abrirmos mão do nosso presente entendimento parcial e incompleto, quando o vermos conforme Ele é (1 João 3.2).

A idéia, portanto, não é que esses dons cessarão no fim da atual dispensação. Paulo simplesmente diz que não podemos imaginar que acharemos nos dons espirituais o tipo de permanência que achamos na fé, na esperança e no amor.([33]) Sempre continuarão. Mesmo quando a fé se transformar em realidade, no sentido de obediência, sempre será a atitude correta diante de Deus. Mesmo quando a esperança se concretizar, e recebermos a plenitude da nossa herança prometida, permanecerá a esperança no sentido da expectativa do bem que sempre virá. O amor, logicamente, não pode terminar, porque Deus é amor. Quanto mais tivermos de Deus, tanto mais amor teremos. E, posto que Ele é infinito, sempre haverá mais por toda a eternidade. Essas coisas que são permanentes devem, portanto, ser a orientação para o exercício dos dons espirituais. Acima de tudo, devem ser exercidos em amor.

O ESPÍRITO NO MINISTÉRIO DA IGREJA

Tendo em mente o amor, 1 Coríntios 14 transmite orientação prática para o exercício de dois dons espirituais - o das línguas **e** o da profecia - na Igreja. Ao estudarmos este capítulo, veremos repetidas vezes que o amor é a fonte de onde fluem essas instruções. Não devemos limitar somente às línguas e à profecia o que é dito. A maioria das instruções básicas pode ser aplicada a outros dons, também.

Maior é quem Profetiza

Um dos problemas da igreja em Corinto era o exagero do dom de línguas nos seus cultos, quando se reuniam como um corpo. Posto que o falar em línguas é a evidência física do batismo com o Espírito Santo (conforme indicam os exemplos no livro de Atos), é fácil estender a mão, pela fé, para receber o dom de línguas. Porque o coração do indivíduo se dirige a Deus enquanto fala em línguas, e é abençoado e edificado, passa a ficar fácil corresponder em línguas cada vez que sente a atuação do Espírito Santo. Em Corinto, o resultado foi que as línguas eram exercidas freqüentemente nas reuniões em que outros dons eram negligenciados. Às vezes, também, a espontaneidade da sua resposta e o fato de que várias pessoas falavam em línguas ao mesmo tempo, dava a impressão de confusão.

Eram necessárias a correção e a instrução, mas Paulo tomou o cuidado de dar a correção de modo a esclarecer que ainda dava valor aos dons espirituais. Alegrava-se por causa de todos eles, inclusive com o dom de línguas. Não tinha a intenção de ser tão crítico em suas instruções que desencorajasse o uso de todo e qualquer dom.

Por isso ele tornou claro, repetidas vezes, que não procurava inibir o uso das línguas. Declarou especificamente: "Eu quero que todos vós continueis falando línguas estranhas" (1 Coríntios 14.5, onde o verbo grego está no tempo presente contínuo). Paulo não manda calar-se os que falam em línguas. Pelo contrário, manda-os orar, para que possam interpretá-las (1 Coríntios 14.13), o que subentende que haverá línguas estranhas para se interpretar. A pessoa que glorifica em línguas estranhas nada faz de errado. De fato, glorifica (corretamente, de modo recomendável) (1 Coríntios 14.17).

Paulo era grato a Deus por falar em línguas, e mais do que todos os coríntios. Na igreja (na assembléia dos crentes que se reúnem para a instrução e a adoração), porém, diz que preferiria falar cinco palavras com seu entendimento, a fim de que pudesse, pela sua voz, ensinar aos outros, do que dez mil palavras em línguas (1 Coríntios 14.18,19). Mas não deseja com isso excluir as línguas. É parte legítima de sua adoração (1 Coríntios 14.26).

Paulo lhes adverte para que cessassem de proibir o falar em línguas. Segundo parece, alguns não gostavam da confusão causada pelo uso exagerado das línguas. Procuravam solucionar o problema por meio da proibição total do falar em línguas. Mas a experiência era preciosa, e a bênção excelente, para a maioria dos coríntios aceitar essa proibição. Alguns dizem hoje: "Há problemas envolvidos no falar em línguas; vamos evitá-las, portanto". Mas não foi essa a solução de Paulo para si, nem para a Igreja. Até mesmo os limites que Paulo impõe não tinham a intenção de impedir as línguas. Tratava-se, apenas, de dar mais oportunidade, para maior edificação, a outros dons.

A edificação é a chave. Paulo desejava ver os dons manifestados de tal maneira que a Igreja fosse edificada espiritual e numericamente.

Torna-se bem claro, de fato, no decurso do estudo do capítulo, que Paulo sempre tinha profunda solicitude pela salvação das almas (1 Coríntios 14.23-25).

Paulo, no entanto, não começa por fustigar os coríntios pelo seu emprego errôneo das línguas. Pelo contrário, começa com uma nota positiva. Gasta cinco versículos para abordar

o assunto. Então, passa a enfatizar em primeiro lugar, no que se segue, o fato de que as línguas precisam de interpretação (1 Coríntios 14.6-13).

Primeiro (1 Coríntios 14.1), Paulo os conclama a seguir o amor, a esforçar-se pelo amor. Mas isso não significa negligenciar os dons espirituais. Devemos procurar com zelo (ter profunda solicitude e esforçar-se sinceramente) os dons espirituais. Todo membro deve ter o dom ou dons que o capacitarão a atuar no Corpo conforme a vontade do Espírito Santo.

A profecia, no entanto, oferece excelente edificação ao Corpo que todos devem desejá-la. Seu valor é facilmente percebido, quando é contrastada com as línguas. Quando uma pessoa fala numa língua, não está falando aos homens, senão a Deus (1 Coríntios 14.2). Ninguém consegue entendê-la (ninguém aprende nada), porque no Espírito Santo fala em mistérios (verdades secretas que somente Deus conhece). Logo, edifica somente a si mesmo (1 Coríntios 14.4).

Paulo não diz que isso é errado. Cada um de nós precisa ser edificado espiritualmente, e Deus assim o quer. Nem é egoísmo querermos ser edificados, porque isso nos ajudará a edificar os outros. Aqui, porém, Paulo está falando no que é melhor para a congregação quando esta se reúne (1 Coríntios 14.26). É egoísmo tomar o tempo da congregação, a fim de receber edificação para você, quando poderia recebê-la melhor na intimidade das suas Próprias devoções. Posto que Paulo falava em línguas mais do que todos eles, porém, não na congregação, fica evidente que passava tempo a sós com o Senhor, e então falava em línguas fluentemente, [e]nquanto seu coração se elevava com fé e com louvores a Deus.

A profecia, no entanto, faz mais do que edificar o indivíduo. Quando a pessoa profetiza (fala em prol de Deus, mediante o Espírito Santo, numa língua que todos compreendem), fala aos homens (seres humanos, tanto homens como mulheres), e não somente a Deus. Suas palavras trazem edificação (que constrói espiritualmente e desenvolve ou confirma a fé), exortação (que encoraja e desperta, e desafia todos a avançarem em fidelidade e amor), e consolação (que anima, revivifica, e encoraja a esperança **e** a expectativa).

É certo que os princípios de 1 Coríntios 12 demonstram a importância do dom de profecia. Ali é enfatizado que o Espírito Santo quer usar o indivíduo para abençoar e edificar a totalidade do Corpo. Ele quer que cresçamos em Cristo, porque quando todo o Corpo é bem ajustado e ligado, com todos os membros recebendo da Cabeça o que necessita, é que Ele cresce, sendo edificado no amor (Efésios 4.15,16). O amor segundo 1 Coríntios 13 também nos levará a buscar a profecia acima de todos os demais dons espirituais, porque contribui mais à edificação da Igreja. Por essa razão, o que fala à Igreja em profecia é mais importante do que o que fala em línguas. A única exceção é quando' interpreta as' línguas, tornando-as compreensíveis ao povo.

As Línguas Precisam de Interpretação

Alguns entendem que 1 Coríntios 14.5, na parte final, significa que as línguas com interpretação trazem edificação à Igreja, da mesma maneira que a profecia. As línguas com interpretação podem trazer várias formas de edificação, inclusive a revelação (introspecção no significado de verdades espirituais), conhecimento (entendimento espiritual), profecia (uma mensagem para encorajar e exortar), doutrina (ensino, não no sentido de estabelecer novas doutrinas, mas de dar instrução prática ou de esclarecer verdades espirituais).

Por outro lado, as línguas sem interpretação podem ser comparadas

com uma flauta ou uma harpa tocada sem notas nítidas nem uma melodia específica. Para o ouvinte, será mero barulho. Semelhantemente, a trombeta não tem valor para um

exército se suas notas forem incertas (indistintas e irreconhecíveis). Qualquer mensagem ininteligível não passa de palavras perdidas no ar. Não comunica. Paulo a compara com a linguagem dos bárbaros. (Naqueles dias, quem não sabia falar grego era chamado de bárbaro. Os gregos, raras vezes, se davam ao trabalho de aprender outras línguas. Simplesmente mandavam todos aprender o grego, e isso" acabou sendo de grande ajuda na propagação do Evangelho). O fato é que não há comunicação em nenhuma direção. As línguas sem interpretação não oferecem comunicação a outras pessoas. E até mesmo o que fala perde a mensagem que o Espírito Santo talvez queira transmitir.

De novo, Paulo se apressa a acrescentar que não procura apagar o zelo que eles têm pelos dons espirituais. Seu propósito é, pelo contrário, que continuem a abundar (procurem transbordar) para a edificação da Igreja (1 Coríntios 14.12). Noutras palavras, os dons devem ser exercidos com maturidade, ordem, amor e plenitude, que serão evidência do desejo e poder do Espírito Santo em edificar a Igreja.O

A interpretação, portanto, deve ser buscada por todos os que falam em,línguas estranhas, mas não somente para a edificação da Igreja.. Paulo (1 Coríntios 14.14,15) demonstra que, embora o indivíduo seja edificado, quando fala com Deus (1 Coríntios 14.4), recebe maiores benefícios, até mesmo para si mesmo, se houver interpretação. À medida que fala em línguas, é usado pelo Espírito Santo, e seu próprio espírito se une a Deus com louvor, e é edificado e enriquecido. Mas sua mente ou entendimento nada compreende, e, portanto, fica sem fruto (nada produz). Logo, a pessoa deve falar em línguas na igreja com o desejo e expectativa de interpretá-las. A igreja em Corinto não estava à altura desse padrão, pois havia ocasiões em que nenhum intérprete estava presente (conforme fica subentendido em 1 Coríntios 14.28). Mesmo assim, era esse o ideal em prol do qual deviam lutar.

Mais uma vez (1 Coríntios 14.15), Paulo nos faz lembrar de que não pretendia anular o falar noutras línguas. Ele continuaria a orar com o Espírito (mediante o Espírito Santo, ou seja: em línguas). Além disso, oraria através de sua mente e do seu entendimento. Quando o Espírito atuava sobre ele, irrompia em cânticos espirituais. (O grego usualmente significa cantar com acompanhamentos musicais, dando a entender que os músicos também eram dirigidos pelo Espírito Santo). Ele também cantava louvores com a mente e o entendimento.

Percebemos, aqui, que além do que é mencionado em 1 Coríntios 14.6, as línguas podem incluir ações de graças, o bendizer, o louvor ou a adoração. Mas, se não houver interpretação, o indouto (o que não é treinado nas coisas espirituais) não poderá participar, nem acrescentar o seu "amém". O versículo 16 pode significar que quem adora em línguas sem interpretação coloca a igreja na condição de pessoas ignorantes, indoutas, sem formação.

Isso sugere, também, que a adoração na igreja deve ser uníssona, com a participação de todos, unidos de coração, de mente e de alma. Mas isso não deixa subentendido que a adoração em línguas, até mesmo sem interpretação, não tenha algum valor. O que fala em línguas, adora ou dá ações de graças muito bem (correta e recomendavelmente), mas o amor desejaria a edificação dos outros. E o versículo 19 não indica o que alguns alegam: que Paulo procura abafar as línguas na vida cheia do Espírito Santo.([2])

Conforme já notamos, Paulo deve ter exercido o dom de línguas primeiramente em Suas orações pessoais, mas certamente o considerava importante para sua vida espiritual. É possível que alguns coríntios negligenciassem a bênção que esse dom trazia, ao ser usado dessa maneira.

Paulo não era arbitrário, tampouco, nessa limitação de sua própria expressão em línguas na congregação. Tinha o coração de um verdadeiro pastor. Queria alimentar o rebanho. A verdade divina da Palavra é o alimento que a nossa alma necessita (1 Pedro 2.2).

O ensinamento a coloca numa forma que pode ser acolhida e assimilada com proveito e bênção. Se Paulo tomasse todo **o** tempo da congregação com um dom que trazia edificação somente para si, dificilmente teria demonstrado um coração de pastor, nem teria evidenciado o amor, segundo o capítulo 13 de 1 aos Coríntios.

Sede Adultos no Entendimento

Por desejar que os coríntios compartilhassem do mesmo interesse pela mútua edificação, Paulo procura levá-los a aceitar o que ele ensinava (1 Coríntios 14.20). Ele estabeleceu limitações para o uso do dom de línguas na congregação. Mas sabia o quanto gostavam da livre expressão do Espírito Santo. Entendia, também, que alguns deles já o aborreciam. Alguns, talvez, já estivessem zangados, procurando defeito, ou começando a ter malícia ou má vontade. É tão fácil nos sentirmos ofendidos, quando alguém procura dirigir as nossas ações, especialmente se somos felizes e abençoados com as coisas da maneira que estão.

Paulo, portanto, conclama-os a serem homens. Ninguém espera que uma criança compreenda as coisas espirituais. Mas o adulto, maduro em seu pensamento, dispõe-se a compreendê-las. Por outro lado, as crianças não desenvolvem má vontade, nem o hábito de procurar defeitos. São rápidas em perdoar e em esquecer o assunto. No que diz respeito à malícia, portanto, devemos permanecer como crianças, até mesmo como nenês. Mas no nosso pensamento e entendimento, precisamos ser homens. E necessário amadurecimento para recebermos ensinamentos sobre os dons espirituais. Paulo o esperava da parte dos coríntios, e Deus o espera de todos nós.

Línguas como um Sinal

Mais uma vez, Paulo deixa claro que não afirma ser as línguas desnecessárias no culto público. Falar em línguas estranhas é um sinal para os infiéis, e certamente são necessários. Em primeiro lugar, é um sinal de julgamento, conforme as línguas ou idiomas em Isaías 28.11. O profeta advertia os que não prestavam atenção à mensagem de Deus, que enviaria contra eles conquistadores (os assírios) cuja língua pareceria sílabas sem sentido, mas cujas ações deixariam claro que os israelitas estavam separados de Deus, cortados da sua bênção, e debaixo do seu juízo. Assim também hoje as línguas são um sinal para o incrédulo, porque deixam-no consciente de que está separado de Deus e que não consegue compreender a mensagem divina. As línguas são um sinal para os incrédulos também, porque atraem a atenção e deixam-nos saber que alguma coisa sobrenatural está presente. Assim aconteceu no dia de Pentecoste, quando o som das línguas se espalhou e a multidão foi atraída.

Mas as línguas transmitem ao incrédulo um sinal, apenas, e não uma mensagem. Se a igreja falar apenas em línguas estranhas, o efeito inicial passará. Os incrédulos, ou os indoutos (os que não receberam instrução nas coisas espirituais) dirão que os crentes estão loucos (fora de si, dominados pelo entusiasmo descontrolado).

Como no Pentecoste

Muitos fazem distinção entre as línguas em Corinto e as concedidas pelo Espírito Santo no dia de Pentecoste. Algumas versões bíblicas traduzem "falar em línguas" de modo diferente em Atos e em Coríntios. Em Atos, dizem que se trata do falar noutros idiomas. Em Coríntios, afirmam que é o falar em êxtase, com sons estranhos. Não há, porém, evidência de que os coríntios estivessem em êxtase. Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos mesmos. As instruções que Paulo deu no tocante à cortesia, e o amor e as limitações às

línguas não fariam sentido se os que falavam não tivessem pleno controle dos seus sentidos e consciência do que acontecia em redor deles.([3])

A verdade é que o que acontecia em Corinto forma um paralelo com o que aconteceu no dia de Pentecoste. No Pentecoste, a multidão ficou atônita no início, mas ninguém foi Salvo pelas línguas. Passado algum tempo, enquanto os 120 falavam em línguas estranhas, muitos não percebiam algum motivo" para o que os crentes faziam, e diziam que estavam cheios de vinho novo (doce e muito inebriante). Era simplesmente outra maneira de dizerem que pareciam estar fora de si, loucos. Há ocasiões hoje em que os incrédulos ouvem línguas faladas em seus próprios idiomas, contando as obras maravilhosas de Deus como no Pentecoste (Atos 2.11).([4]) Mas Paulo torna claro que nas reuniões* ordinárias, em que não há pessoas que só entendam idiomas estrangeiros, o propósito e o uso das línguas estranhas são bastante restritos.

O dom de profecia, por outro lado, não é um sinal (sobrenatural) para o incrédulo (1 Coríntios 14.22). *Sinal*, aqui, é uma das palavras bíblicas para "milagre". Porque a profecia está no seu próprio idioma, o incrédulo não a considera obviamente sobrenatural. Nem por isso a profecia deixa de ser um sinal para o crente. Ele está em harmonia com o Espírito Santo. Não precisa de línguas para deixá-lo saber que o sobrenatural está presente. Quando o dom de profecia se manifesta, o crente o reconhece como uma obra sobrenatural do Espírito Santo, cheia do seu poder.

Posto que o Espírito Santo opera através da verdade, aplicando-a aos corações na sua obra de repreender e de convencer (João 16.8), o incrédulo consegue entender o que o Espírito está transmitindo. Precisa passar pela sua mente, a fim de alcançar o seu coração. Sendo assim, a profecia, dada no idioma que é compreendido por todos, leva os incrédulos ou os ignorantes ao ponto de se verem à luz do Evangelho e de reconhecerem que a mensagem provém de Deus. Isso os leva a prostrar-se em adoração diante de Deus, prestando-lhe as devidas honras. Ao invés de dizerem que estamos fora de nós mesmos, reconhecem que Deus está verdadeiramente entre nós (1 Coríntios 14.25).

Essa também foi a situação no dia de Pentecoste. Quando Pedro se levantou para falar, não citou seus próprios pensamentos. Ele anunciou conforme o Espírito Santo lhe concedeu que falasse, mas, desta vez, em profecia, e não em línguas. A palavra profética falou aos corações deles, conforme demonstra Atos 2.37,41.

Mediante a comparação com o dia de Pentecoste, vemos que a igreja não gastou todo o seu tempo falando em línguas, mas "perseverava na doutrina [ensino] dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações" (Atos 2.42). A palavra de Deus crescia, e se multiplicava o número dos discípulos (Atos 6.7). Estêvão, "cheio de fé e de poder, fazia prodígios e grandes sinais... E não podiam resistir à sabedoria, e ao espírito com que falava" (Atos 6.8,10). Desde o início, uma variedade de dons espirituais manifestava-se na Igreja.

Paulo reconhecia que é normal essa variedade de expressão. As palavras "que fareis, pois, irmãos?" (1 Coríntios 14.26) demonstram que Paulo desejava que os coríntios percebessem esse fato. A primeira regra para a expressão dos dons espirituais, conforme indica o capítulo 12, é que nenhum dom está destituído de importância, e que nenhum deve ser deixado de lado. "Cada um de vós" significa que todos devem ter algo para contribuir para a edificação do Corpo. Ninguém deve simplesmente acomodar-se no gozo do que recebe. Não está subentendido, tampouco, alguma distinção entre o aspecto natural e sobrenatural no ministério dos cristãos. Tudo provém do suprimento de Cristo (Efésios 4.16), e é ministrado pelo Espírito Santo e através dele.([5])

Quando os crentes se reúnem, pois (usualmente numa casa), um pode ter um salmo (provavelmente um salmo do livro de Salmos) cantado sob a unção do Espírito Santo

(usualmente, com acompanhamento musical). Outro pode trazer uma doutrina (ensino), ou seja: instrução iluminada pelo Espírito, tirada da Palavra de Deus. Outro pode apresentar uma revelação, ou seja: um dos dons de revelação, tal como uma palavra de sabedoria ou de conhecimento.

Ainda outro pode transmitir uma mensagem em línguas, e outro, uma interpretação. Não há uma "ordem do culto" predeterminada nesse quadro de uma reunião cristã, segundo o Novo Testamento.([6])

Regulamentos para a Expressão das Línguas

A fim de deixar espaço à essa variedade de línguas, Paulo oferece quatro diretrizes para orientar o uso deste dom no culto público.

Primeiro, o número deve ser limitado a dois, ou quando muito três (1 Coríntios 14.27). Alguns interpretam isso no sentido de dois ou três em sucessão, para então permitir mais dois ou três posteriormente. Outros dizem que significa dois ou três pela mesma pessoa, permitindo-se, então, mais dois ou três pela próxima. Mas nenhuma dessas idéias está em harmonia com o propósito de permitir maior variedade na manifestação dos dons. Além disso, "por dois" é um uso distributivo da palavra "por". Nesse contexto somente significa duas pessoas, ou no máximo três, falando em línguas em cada ocasião que os crentes se reúnem. Duas já são suficientes, mas se permitem três. De novo, o propósito não é extinguir o Espírito Santo, mas encorajar os crentes a buscar e exercer outros dons espirituais.

Segundo: as línguas devem ser "por sua vez" (dadas por uma pessoa por vez). O amor e a cortesia não permitem que dois ou três falam em línguas de uma só vez, como se concorressem entre si.

Terceiro: alguém deve interpretar. Isto é: deve ser dada uma oportunidade para a interpretação, depois de uma mensagem em línguas estranhas. Se alguém se levanta para dá-la, outra pessoa não deve levantar-se, mas a primeira deve ter licença de interpretar. Alguns entendem que isso significa que uma só pessoa na congregação deve fazer todas as interpretações. Mas essa idéia não se encaixa bem com a ordem a qual diz que cada pessoa deve orar para conseguir interpretar a mensagem em línguas estranhas que ela mesma transmitiu (1 Coríntios 14.13).([7])

Quarto: se nenhum intérprete (ninguém que exerce esse dom) estiver presente, nenhuma mensagem em línguas deve ser pronunciada em voz alta, pois isso não edificaria a igreja. A pessoa ainda poderá exercer o dom, no entanto, corretamente, ao falar quieta e diretamente com Deus (14.28). Isso ainda cumprirá o propósito principal do dom (14.2). A exortação para orarmos, a fim de podermos interpretar (14.13) também deve ser conservada em mente.

A Profecia Deve Ser Julgada

O dom de línguas não é o único que precisa de interpretação. Princípios que ajudarão na edificação do Corpo devem ser procurados para todos os dons.([8]) Paulo indicou que a profecia é maior do que as línguas, porque traz maior edificação. Mas isso não significa que os profetas tenham liberdade de exercer o dom segundo a vontade deles. A profecia, também, precisa de direção e orientação para sua expressão.

Primeiro, entre os profetas, dois ou três podem falar, e então devem deixar os outros julgar. A expressão "por dois", no sentido distributivo, usada para as línguas, não é utilizada para a profecia. O sentido parece ser que duas ou três pessoas, em sucessão, poderão profetizar. Depois, e antes de outras pessoas ministrarem, essas mensagens devem ser

julgadas.»

Segundo: o julgar subentende uma consideração deliberada do que o Espírito Santo está dizendo, de como isso se harmoniza com a Palavra, e o que o Senhor quer que façamos a respeito. A profecia não é mero exercício espiritual. Traz uma mensagem do Senhor. Se profecia após profecia continuar interminavelmente, perderá o efeito e haverá pouca edificação. Sendo assim, nem mesmo o dom de profecia poderá se tornar uma bênção.

Depois de duas ou três mensagens proféticas, pois, os outros precisam julgar (examinar, diferenciar, avaliar). É importante que o julgamento seja feito com a ajuda do Espírito Santo.([9]) É claro que a Bíblia não pretende que fiquemos com a boca aberta, engolindo tudo quanto é dito, sem pensar a respeito. Os bereanos foram mais nobres, porque examinavam nas Escrituras, para constatar se as palavras que Paulo transmitia eram verdadeiras (Atos 17.11). A mesma atitude deve ser aplicada aos dons espirituais.

Às vezes, também, nossas conclusões precisam ser avaliadas. É possível vermos uma profecia à luz dos nossos próprios sentimentos, como em Atos 21.4,12. (Nossos próprios sentimentos podem ser injetados involuntariamente, segundo creio).

Terceiro: se uma pessoa estiver transmitindo uma mensagem profética, e outra se puser em pé, indicando que Deus lhe deu a revelação (por algum dom do Espírito), a primeira deve dar à segunda a oportunidade de falar. O amor, pois, não permitirá que uma só pessoa monopolize o tempo disponível. Então, enquanto as profecias, continuam, uma por vez, várias pessoas podem ser usadas, e todos poderão aprender, ser consolados (encorajados e desafiados) (1 Coríntios 14.31).

Paz, não Confusão

O amor, o fundamento para o exercício dos dons, traz paz e não confusão. Somente poderá fazê-lo, no entanto, à medida que os que ministrarem com os dons reconhecerem que os espíritos dos profetas estão sujeitos aos mesmos. Se o profeta não demonstrar amor, cortesia e consideração pelo próximo, a culpa será dele próprio, e não do Espírito Santo. Vemos, com isso, que o crente cheio do Espírito não precisa ter medo de que fará algo que não é edificante sem querer. Os que exercem os dons espirituais não estão hipnotizados, nem são sonâmbulos. Os profetas e médiuns pagãos são usados por espíritos malignos, e nem sempre conseguem controlar o que fazem. Mas o Novo Testamento nunca considera incontroláveis as línguas ou a profecia, ou qualquer outra manifestação do Espírito.([10]) O Espírito Santo nos respeita como filhos de Deus, que nos faz cooperadores, exercendo os dons com fé, ao nos rendermos a Ele com boa vontade.

Vemos, pois, com isso, que qualquer confusão, que os coríntios experimentavam, era culpa deles, e não de Deus. Notamos, também, que Paulo não lança sobre os presbíteros ou pastores a responsabilidade para a ordem ou a regulamentação dos dons. Conforme disse alguém, procura-se a moderação (a autodisciplina) e não um moderador [título do presidente nacional de certas denominações]! A responsabilidade pela ordem deve ser compartilhada por todos os membros da igreja . Até mesmo o Espírito Santo respeita a nossa integridade, e não nos forçará a obedecer às instruções dadas aqui. Se, por exemplo, houver mais de três mensagens em línguas estranhas, isso não significa que a quarta não foi do Espírito. Ele coloca a responsabilidade sobre nós. Se somente correspondermos às línguas estranhas, Ele só nos concederá este dom, e nos deixará na infância espiritual, se assim desejarmos.

Aqui, também, Paulo não procura submeter os coríntios ao jugo. Nem lhes dá instruções especiais que só eram necessárias para eles. Os mesmos problemas, a mesma necessidade dos dons, da cortesia e do amor, podem ser vistos em todas as igrejas dos santos (os crentes dedicados a Deus). O que Paulo diz aqui (1 Coríntios 14.33) e no versículo 26

tem o propósito de colocar os coríntios em harmonia com as diretrizes que ele concedeu a todas as igrejas.[11]

Isto significa que a pessoa não deve interromper outro ministério no momento em que o Espírito Santo o inspira ou induz a exercer um dom. Nada se perde, ao esperar até que o Espírito providencie a oportunidade de exercer o dom com amor, sem causar confusão ou desordem. Manter-se sob controle somente aprofundará a impressão deixada pelo Espírito, e tornará ainda mais eficaz a expressão do dom.

Enquanto Paulo fala a respeito da desordem, sugere que as interrupções devem ser evitadas. As mulheres (que, às vezes, eram incultas) faziam perguntas indevidas, e assim contribuíam para a confusão. Deviam guardar consigo suas perguntas, e fazê-las aos seus respectivos maridos, em casa. Isso deve ser aplicado tanto a homens como a mulheres nas questões que os costumes consideram impróprias. Mas Paulo não procura, de modo algum, impedir que as mulheres profetizem, falem em línguas, cantem, ou de alguma outra forma, contribuam para a adoração. Esperava que as mulheres orassem e profetizassem, se o Espírito lhes desse esse ministério (1 Coríntios l1.5). A Bíblia não faz distinção entre homens e mulheres nas manifestações espirituais.

Paulo, então, afirma que os que se consideram profetas ou espirituais (cheios do Espírito Santo e por Ele guiados), aceitarão essas diretrizes sobre o uso dos dons (1 Coríntios 14.37). Não se considerarão superiores à Palavra de Deus. Apreciarão a variedade e a harmonia. Submeter-se-ão ao melhor juízo dos outros. Somente os ignorantes rejeitarão essas instruções. Não devem, no entanto, ser envergonhados em público. Podem continuar ignorantes, mas não sem reconhecer o perigo que passam. Deus quer que tudo seja feito com decência e ordem. Mas, conforme diz Donald Gee: "Não a ordem de um cemitério, mas a ordem de uma vida corporativa que desempenha todas as suas operações com facilidade e eficácia, para o bem de todos".([12])

A expressão dos dons, porém, e o desejo de Paulo no tocante a eles, não devem nos levar a esquecer-nos de que seu interesse principal era a pregação do Evangelho que enfatiza a ressurreição de Cristo e a nossa (1 Coríntios 15). Receberemos, através de Cristo, um corpo espiritual, genuíno que é o templo do Espírito Santo, instrumento para a expressão do Espírito. O que possuímos agora é apenas parcial, por causa das nossas limitações atuais. Mas o que é perfeito realmente está para vir. Aguardamos algo ainda melhor do que o que Deus outorgou a Adão, no princípio. Nossa restauração não é somente do que Adão perdeu, mas do que Cristo tem preparado. Ele cuidará da nossa ressurreição e herança, pois Ele é Espírito vivificante (1 Coríntios 15.45). (Isso significa que Ele dá vida na dimensão espiritual em que agora reina.)

O Penhor do Espírito

2 Coríntios também tem essa visão do futuro. Juntamente com Efésios, fala do penhor (primeira prestação) do Espírito, e o liga com o selar pelo Espírito. Depois de enfatizar que Deus nos estabeleceu em Cristo e nos ungiu, Paulo diz que Ele também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações (2 Coríntios 1.*22).* Posteriormente, depois de falar da ocasião em que receberemos nossos novos corpos, diz (2 Coríntios 5.5): "Ora, quem para isto mesmo nos preparou foi Deus, o qual nos deu também o penhor do Espírito".

Efésios 1.12, depois de falar no propósito de Deus e em nossa herança, registra que os crentes 'confiaram em Cristo depois de ouvirem a palavra da verdade, o Evangelho da sua salvação, "Em quem [melhor, "por quem", por Cristo] também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido,

fostes selados com o Espírito Santo da promessa. O qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória" (Efésios 1.13,14). Depois, Efésios 4.30 informa que não devemos entristecer o Espírito Santo de Deus, no qual fomos selados "para o dia da redenção".

Alguns traduzem "penhor" como "sinal", mas "primeira prestação" é preferível. Assim como as primícias são uma parte real da colheita, também a primeira prestação faz parte integrante da herança, e é a garantia do que receberemos posteriormente, em medida maior.([13]) Nossa herança é mais do que uma esperança. Agora, no meio da corrupção, decadência e morte da era presente, desfrutamos do Espírito Santo, e através dele, do começo da nossa herança propriamente dita.([14]) Na realidade, o próprio Espírito Santo é o penhor, embora todos os seus dons e bênçãos sejam indubitavelmente incluídos.

O selo relaciona-se com o pensamento de 1 João 3.2. Embora já sejamos filhos de Deus, ainda não há glória exterior. Temos esses corpos mortais com todas as suas limitações. Ainda possuímos dificuldades, tristezas e problemas que são comuns entre os homens. Mas temos o presente do Espírito, que é o selo de garantia de que somos filhos de Deus e de que a nossa esperança não nos decepcionará (Romanos 5.5). Quando Jesus vier, seremos transformados na sua semelhança e compartilharemos da sua glória e do seu trono. Entrementes, desfrutamos de uma parte real da nossa herança no Espírito Santo.

Certeza mas não Proteção

Alguns entendem que o selo significa proteção, certeza ou segurança. Mas o selo é o reconhecimento presente de que somos do Senhor. Por si só, não significa que não possamos perder a nossa salvação. O grego não subentende aqui, tampouco, o selar ou lacrar que é feito quando alimentos são colocados num vidro ou lata para protegê-los da contaminação. Realmente somos conservados pelo poder de Deus pela fé para a salvação (1 Pedro 1.5), mas isso não é automático. A fé precisa ser sempre ativada.

Jesus, em João 6.27, disse que o Pai colocou nele o seu selo, mas não para protegê-lo. Pelo contrário, o Pai O selou ou designou com **o** Filho de Deus e o Doador da vida eterna. Então, ao acolhermos **o** testemunho sobre Cristo, confirmamos (aplicamos nosso selo) que Deus é verdadeiro (João 3.33).

O selo, nos tempos do Antigo Testamento, era um reconhecimento de que uma transação fora realizada. O selo era colocado em uma escritura, para indicar que o preço fora pago e a transferência feita (Jeremias 32.9,10). O selar pelo Espírito indica, portanto, que somos libertos do poder das trevas e transferidos para o reino do Filho de Deus (Colossenses 1.13).

O selo no Novo Testamento também tem o propósito de designar o dono legítimo, ou a "marca registrada", para indicar que somos dele (Efésios 2.10).([15]) Posto que o selo antigo muitas vezes era a impressão de um quadro, ele pode relacionar-se com o fato de que o Espírito nos aplica a impressão de Cristo, até que Ele seja formado em nós (Gálatas 4.19).([16]) O selo também é uma marca de reconhecimento de que realmente somos filhos, e evidência de que Deus realmente aceitou a nossa fé.

A Ocasião da Selagem

Tendo em vista Efésios 1.13: "Em quem [por Cristo]...tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa", alguns chamam a atenção ao fato de que é Cristo quem nos sela, depois de termos crido. Logo, identificam a selagem com o batismo no Espírito Santo. Neste versículo, Dunn reconhece que o particípio aoristo, passado (forma usada aqui com o verbo "crer", da mesma forma que em Atos 19.2), usualmente significaria

que o crer vem antes do selar.([17]) Mas, da mesma forma que a maioria dos comentaristas diz que o contexto exige que o crer e o selar aconteçam ao mesmo tempo. Isto é: a maioria entende que a selagem se refere à vinda do Espírito na regeneração.([18])

O argumento é que o contexto centraliza sua atenção na vida espiritual, e não no poder para o serviço. Mas em 2 Coríntios 1.21,22, é alistada a unção, que usualmente significa serviço ou ministério. Outros dizem que pertencemos ao Senhor no momento em que somos salvos, e que não podemos fazer com que esse relacionamento com Deus dependa de uma experiência posterior.([19]) Mas esse argumento não é aceitável. O selo não era a causa da propriedade, mas apenas o reconhecimento da propriedade. Sendo assim, o sangue de Cristo é o preço do resgate. Pela fé, cremos, e passamos a ser dele. Depois, o batismo no Espírito Santo vem como o selo, a certeza dada por Jesus de que Deus aceitou a nossa fé.

Alguns entendem que o selo é uma designação invisível.([20]) Mas isso não parece encaixar-se no significado normal de um selo que tinha o propósito de oferecer identificação visível para os outros verem. O selo certamente é algo mais do que o ato de crer.([21]) A maioria dos comentaristas se esquece, também, que o batismo no Espírito Santo era a experiência normal de todos os crentes dos tempos do Novo Testamento. Por isso, Paulo não faz distinção entre os crentes selados e os que não têm este privilégio. Entende que todos os crentes tiveram essa experiência, e que, portanto, estão incluídos.

Até mesmo a selagem dos 144.000 em Apocalipse 7.3 pode envolver o selo do Espírito. É verdade que são selados com uma marca na testa. Mas mesmo no Antigo Testamento, Deus não ordenava um sinal exterior, sem a realidade interior para acompanhá-la. Davi foi ungido com óleo, mas também o Espírito Santo veio sobre ele daquele dia em diante (1 Samuel 16.13).

O penhor, no entanto, fala de uma primeira prestação da nossa herança futura. Logo, deve incluir a contínua atuação e poder do Espírito em nossa vida. Isso é algo importante para conservarmos em mente. Encaixa-se, também, no terceiro capítulo de 2 Coríntios, onde Paulo considera que a vida dos novos convertidos completa as suas epístolas, não escritas com tinta, mas com o Espírito de Deus; não escritas em tábuas de pedra (como no caso da Lei de Moisés, mas nos corações deles: 2 Coríntios 3.2,3).

A Glória de que Participamos

Paulo vê a glória da sua herança, também, não somente no do porvir, mas realizada também em sua vida e seu ministério presentes. Sua chamada não era pela letra que mata (e deixa na condenação)^[22]) mas pelo Espírito que vivifica (2 Coríntios 3.6). Esse ministério era muito mais glorioso do que o que fez brilhar o rosto de Moisés (2 Coríntios 3.7,8).

Moisés colocou um véu sobre seu rosto para não se ver aquela glória. Infelizmente, havia um véu sobre as mentes de muitos judeus, que não lhes deixava ver uma glória maior, a glória no Filho de Deus. O fato é que as profecias a respeito de Cristo eram ocultadas até mesmo aos apóstolos, até que Jesus pessoalmente lhes abriu as mentes e lhes fez o coração arder dentro deles (Lucas 24.27,32,45-49). O Espírito quer fazer o mesmo por nós à medida que faz a Palavra viver. (Ver 2 Timóteo 3.16,17).

Os judeus também, ao se voltarem para Cristo, terão o véu removido de suas mentes. Mas a quem verão não será idêntico ao que Moisés viu, apesar de ser o mesmo. Isso porque o Senhor a quem verão será o Cristo revelado pelo Espírito. Onde estiver o Senhor, pois, o véu será removido e haverá liberdade da escravidão à Lei que colocou o véu sobre as mentes deles. (Ver também João 8.31, 32). Então todos nós, tanto judeus como gentios, com cara descoberta, refletiremos pelo Espírito a glória do Senhor. (2 Coríntios 3.17 não

significa que Cristo e o Espírito são a mesma pessoa, nem que o Senhor (Jeová) do Antigo Testamento e o Espírito são a mesma pessoa. Trata-se simplesmente de o Espírito Santo trazer a nós a glória do Senhor e nos transmite a presença de Cristo).([23])

Ao contemplarmos a glória do Senhor, mesmo como em espelho [de metal, vendo-O imperfeitamente, portanto], somos transformados de glória em glória [de um grau de glória para outro], como pelo Espírito do Senhor (2 Coríntios 3.18). Isto é: Moisés foi o único que viu a glória no Sinai. Depois, somente ele teve a única experiência e precisou pôr véu sobre a glória. Mas, mediante o Espírito, o Cristo glorificado, nosso Mediador à destra de Deus, é continuamente revelado a todos nós (2 Coríntios 5.16), e somos transformados.([24])

O contexto revela, no entanto, que Paulo esperava ser a glória revelada, não no seu rosto (como no caso de Moisés), mas no seu ministério, especialmente na proclamação do Evangelho de Cristo (2 Coríntios 4.1,5).([25]) Esse ministério de Paulo recebeu sua aprovação e sua glória cada vez maior, mediante a fidelidade dos novos convertidos, mediante os seus sofrimentos, o Espírito Santo, e o seu amor (2 Coríntios 6.4-6).

Um só Templo, Um só Corpo

Na sua Epístola aos Efésios, Paulo ora pelos crentes, a fim de que Deus lhes dê o espírito de sabedoria e de revelação no conhecimento dele (Efésios 1.17), não meramente para a satisfação dos seus próprios desejos, mas a fim de que possam ver Cristo como Ele é: o Cabeça da Igreja, ressuscitado e exaltado (Efésios 1.20-23).

Paulo tinha o mesmo desejo, a fim de que as igrejas na Ásia percebessem que a obra do Espírito é manter a unidade do corpo de Cristo. Em Corinto, o problema foi que surgiram facções numa igreja preponderantemente gentia. Em Éfeso e nas igrejas da Ásia, parece que existia um grande número de judeus cristãos entre os novos convertidos gentios. Dessa maneira, a linha divisória era primeiramente entre os judeus e os gentios. Precisavam ser lembrados que a Igreja era única, mediante a morte de Cristo que derribou a parede (a Lei) que fazia separação entre os judeus e os demais povos. Agora, por meio dele (Hebreus 10.20) ambos têm acesso ao Pai em um mesmo Espírito (Efésios 2.18). Agora estamos reunidos, crescendo juntos para formar um só templo "para morada de Deus em Espírito" (Efésios 2.22).

Paulo também lhes faz lembrar que a decisão de os gentios serem co-herdeiros com os judeus fora tomada em tempos passados. O Antigo Testamento deixa muito claro que os gentios compartilhariam da bênção. (Gênesis 12.3, por exemplo). Mas não ficara claro que Deus consideraria tanto os judeus como os gentios sendo pecadores, que os colocaria na mesma categoria, e depois demonstraria sua misericórdia ao deixar os dois grupos entrarem na Igreja na mesma base: pela graça, mediante a fé.

Esse mistério não foi revelado somente a Paulo, mas a todos os santos apóstolos e profetas da Igreja Primitiva, mediante o Espírito (Efésios 3.5). Paulo, no entanto, foi feito o principal proclamador dessas boas novas aos gentios. Através dele, e por meio da conversão dos gentios, a multiforme sabedoria de Deus fica conhecida aos principados e às potestades nos céus. Não foi nenhum pensamento tardio. Foi segundo o eterno propósito que Deus fez em Cristo Jesus nosso Senhor (Efésios 3.10,11). Sendo assim, Deus revela, através da Igreja, o seu eterno propósito.

Tendo isso em mente, Paulo ora a Deus, a fim de que conceda aos crentes um fortalecimento pelo poder do seu Espírito Santo no homem interior (Efésios 3.16). O poder (sobrenatural) não é para os milagres, mas para o maior de todos: o de Cristo habitar nos seus corações pela fé. Ajuda-os, também, a serem arraigados e fundados em amor, para que compreendam a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade do plano de Deus, e

conheçam o amor de Cristo e sejam cheios de toda a plenitude do Senhor. Porque Ele é poderoso para fazer muito mais do que o que pedimos ou pensamos, segundo o poder que opera em nós (Efésios 3.17-20). Que conceito maravilhoso! Não somente Deus quer que tenhamos uma vista panorâmica do seu plano! Ele quer nos dar a sua plenitude, que forçosamente significa sua natureza, santidade, graça e seu amor.

Nós, no entanto, temos nossa parte no esforço para guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz, porque devemos cultivar o fruto do Espírito, especialmente o amor (Efésios 4. 2,3). Essa unidade também é mantida por meio do reconhecimento de que há um só Corpo, e um só Espírito, assim como fomos chamados em uma só esperança da nossa vocação (isto é: a chamada que nos leva a avançar pressurosamente para o alvo em Cristo). Isso importa em honrar um só Senhor (Jesus), em confessar uma só fé (um só Evangelho, um só corpo de crenças), um só batismo (provavelmente não o batismo nas águas, mas o batismo em Cristo pelo Espírito que nos une em um só), um Deus e Pai de todos (Efésios 4.6). A ênfase recai em um só Deus, um só Cristo, um só Espírito Santo e, portanto, um só Corpo. Aqui, o destaque não significa algo que seja exterior. A variedade e a diversidade devem trazer bênçãos e forças ao corpo, e não dividi-lo em facções. A cada um de nós, pois, é dada a graça segundo a medida do dom de Cristo (Efésios 4.7). Isto, naturalmente, inclui dons do Espírito, sem os quais "a igreja não poderá subsistir no mundo".([26])

Dons Dados aos Homens

Paulo, para ilustrar o que quer dizer por graça ministrada pelo dom de Cristo, cita o Salmo 68.18, indicando que os dons recebidos foram dados aos homens (Efésios 4.8). Efésios 4.9,10 são um parêntese. Depois, Paulo afirma que esses dons são apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres (ou pastores-mestres). Isto é: Cristo, ao subir às alturas como nosso Senhor exaltado, levou homens cativos para si mesmo. Depois, Ele os deu à Igreja como dons, a fim de aperfeiçoar (amadurecer) os santos, para que eles (todos os crentes) realizem a obra ministerial e edifiquem **o** corpo de Cristo. Por esse meio, o Corpo chegará à maturidade, tal que os membros já não serão nenês espirituais, conduzidos por qualquer enganador. Pelo contrário, crescerão em Cristo em tudo, e receberão dele o suprimento que os capacitará a ministrar vários dons para a edificação do corpo, tanto espiritual como numericamente (Efésios 4.13-16).

Obviamente, os dons de Cristo, aqui, são os mesmos identificados em Coríntios como os do Espírito. Mas a ênfase recai nos homens e nos ministérios. O destaque principal nesse trecho diz respeito ao que Deus fez no princípio para estabelecer a Igreja. Mas a Bíblia indica uma necessidade contínua de ministérios que estabelecerão a Igreja e levarão os crentes à maturidade. O crescimento do Corpo, e as necessidades dos jovens e dos novos convertidos assim exige.

Renovação pelo Espírito

A chave para o sucesso desse ministério no Espírito é o fruto do Espírito. Paulo conclama os crentes a não andar no caminho dos gentios, com toda a sua impureza e concupiscência. Devem despir-se do antigo modo de vida que lhes parecia natural quando eram gentios. Precisam ser renovados no espírito da sua mente e revestir-se do novo homem que é segundo Deus (à imagem de Deus), criado em verdadeira justiça e santidade (Efésios 4.23).

Trata-se, pois, de abandonar certos pecados que são comuns entre os gentios, tais como a mentira e o furto. Trata-se de não entristecer o Espírito Santo com a amargura, a ira, a cólera, a gritaria [excitada uns contra os outros], a blasfêmia [maledicência, conversa

agressiva] e malícia. O Espírito Santo opera melhor entre nós quando somos benignos, misericordiosos, perdoadores, uns aos outros, assim como Deus, por amor a Cristo, nos perdoou (e graciosamente nos salvou - Efésios 4.32).

Isso significa que devemos andar como filhos da luz, reconhecendo que o fruto do Espírito está em toda a bondade, justiça e verdade (Efésios 5.9). Significa, também, que não ficaremos bêbados com vinho (ou com qualquer dos falsos estimulantes do mundo) em que há excesso (devassidão, dissipação e libertinagem). Pelo contrário, sejamos cheios do Espírito Santo (Efésios 5.18). Esta experiência (conforme indica o grego) não é de uma vez para sempre, mas uma plenitude contínua ou (melhor) enchimentos constantes, conforme sugere o livro de Atos.

Se verdadeiramente recebermos a plenitude do Espírito, esse fato se revelará em nossa adoração à medida que falamos entre nós (uns aos outros) em salmos, hinos e cânticos espirituais: cantando e salmodiando (tocando instrumentos musicais) ao Senhor no [com] nosso coração (Efésios 5.19). Os salmos e hinos provavelmente são tirados do livro dos Salmos (que em Hebraico é chamado *Tehillim*, "Louvores"). Os cânticos espirituais e outros concedidos pelo Espírito Santo (não necessariamente em línguas estranhas, mas dados, assim como a sabedoria e o entendimento, também pelo Espírito).

Nossa obediência à ordem de sermos cheios do Espírito Santo será revelada em nosso amor uns com os outros, especialmente em nosso lar (Efésios 5.21 até 6.9). Isso não será fácil. Lutamos contra o Diabo, e precisamos de toda a armadura de Deus para vencermos. Devemos, no entanto, ficar na defensiva contra ele. Precisamos tomar a espada do Espírito (a Palavra de Deus). A Palavra é, na realidade, a única ferramenta, a única arma, o único instrumento do Espírito Santo. Somos, então, agentes do Espírito, e não seus instrumentos. O instrumento, tal como uma espada ou um martelo, é usado sem nenhum senso de cooperação da parte dele. Arbitrariamente, as pessoas pegam nele e depois, deixam-no no seu lugar. Nós, porém, somos agentes do Espírito, embaixadores de Cristo, cooperadores com o Senhor, amigos aos quais Ele revela a sua vontade e os seus planos. A Palavra, evidenciada através de nós, no entanto, é a ferramenta do Espírito Santo.

Levemos adiante a batalha, também por meio da oração. O escudo da fé apagará todos os dardos inflamados do maligno (que sempre vêm de fora, através dos espíritos malignos). Mas precisamos manter o equilíbrio, "orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito" (Efésios **6.18).**

Ficar Firme num Mesmo Espírito

Aos filipenses, Paulo transmite as boas novas de que, a despeito das suas algemas e de toda a oposição, Cristo é anunciado. Ele se regozija, também, porque sabe que lhe resultaria em salvação (livramento, provavelmente da prisão) pela oração e pelo socorro (apoio perpétuo) do Espírito de Cristo (Filipenses 1.19).

O desejo de Paulo pelos filipenses concentra-se, de novo, na unidade e na eficácia do Corpo. Quer ouvir deles que estão firmes em um mesmo espírito, ânimo, combatendo pela fé do Evangelho (Filipenses 1.27).

O fruto do Espírito é a chave. Se há algum conforto em Cristo, alguma consolação de amor e comunhão no Espírito, alguns entranháveis afetos e compaixões, que a Igreja sinta esse mesmo desejo e demonstre o fruto do Espírito pelo seu amor e consideração uns pelos outros (Filipenses 2.1-4), e pela sua moderação ou auto-controle (Filipenses 4.5).

Os judaizantes eram um problema em Filipos, pois Paulo os advertiu contra a falsa circuncisão [que chama de mutilação, por ser feita com a intenção de se fazer um meio da salvação]. A verdadeira circuncisão e o autêntico Israel de Deus (Gálatas 6.16), porém, são

os que adoram o Senhor em Espírito (Filipenses 3.3). (Ou, conforme dizem alguns manuscritos antigos: "que adoram pelo Espírito".) Em nossa adoração *em* ou *pelo* Espírito, regozijamo-nos e não temos confiança na carne, ou seja: nas coisas que fazemos por conta própria.

Tornando a Palavra Central

Colossenses não menciona especificamente o Espírito Santo tão freqüentemente como Efésios o faz, pois a ênfase recai em Cristo como o Cabeça do Corpo. Paulo vê que todas as coisas estão nele. Mas também são obra do Espírito.

Paulo dá graças a Deus pelo bom testemunho dos colossenses, pelo amor que eles têm no Espírito (que é um fruto do Espírito. Ver Romanos 15.30). No entanto, ele lhes pede que renunciem as mesmas obras da carne mencionadas em outras epístolas (Colossenses 3.8,9). Paulo também lhes solicita que se vistam com as mesmas virtudes produzidas pelo fruto do Espírito. Acima de todos, devem revestir-se da caridade (amor) que é o vínculo da perfeição; ou seja, que une e mantém juntas todas as demais virtudes (Colossenses 3.14).

Ao invés de ordenar que sejam cheios do Espírito, Paulo concede outro mandamento que os convida à adoração espiritual: "A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria". É claro que esta é a obra do Espírito. Porque somos cheios da Palavra, bem como do Espírito Santo, nosso texto áureo será: "ensinando-vos e admoestando-vos [instruindo, advertindo] uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando ao Senhor com graça [ou gratidão] em vosso coração" (Colossenses 3.16). Fica claro que a Palavra e o ensino precisam ter um lugar de destaque. Nossos cânticos devem ter uma mensagem bíblica.

Reacenda o Dom de Deus

Ao escrever a Timóteo, Paulo dedica atenção especial a encorajá-lo no ministério, um dom do Espírito Santo. Deseja que a verdade seja transmitida a gerações futuras, e sabe que a discórdia com os falsos mestres não terminará com a sua morte. De fato, o Espírito falava especificamente que nos últimos tempos (futuros) alguns se afastariam da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e doutrinas de demônios (ensinos provenientes de demônios) (1 Timóteo 4.1). É importante que Timóteo transmita o que ouviu de Paulo a homens fiéis que também ensinariam aos outros (2 Timóteo 2.2).

É exatamente isso que tem em mente em 1 Timóteo 1.18, onde confia a Timóteo a principal instrução ("a fé"), para que ele passe adiante aquele ensinamento, conforme as profecias que houve acerca dele, muito tempo antes, a fim de que "por elas" (inspirado por elas, ou: no cumprimento delas) combatesse o bom combate da fé.

Esse mesmo ministério do ensino está em pauta também, quando Paulo (1 Timóteo 4.12-16) diz: "Ninguém despreze a tua mocidade [o fato de seres jovem]; mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato [na conduta], na caridade [amor], no espírito, na fé, na pureza. Persiste em ler [o Antigo Testamento em voz alta aos outros], exortar [pelo dom do Espírito, mas em relação às Escrituras lidas] e ensinar [as verdades cristãs ao próximo]. Não desprezes o dom [espiritual] que está em ti, o qual te foi dado [acompanhado] por profecia, com a imposição das mãos do presbítero [os presbíteros ou líderes das congregações]. Medita [põe em prática] estas coisas; ocupa-te nelas [viva nelas], para que o teu aproveitamento [progresso] seja manifesto a todos. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem".

Timóteo, segundo parece, precisava desse tipo de encorajamento por causa da

perseguição que se aumentava. Assim, em 2 Timóteo 1.6-8, Paulo continua: "Por cujo motivo [por causa da fé sincera e genuína de Timóteo, v.5] te lembro que despertes [continues reacendendo, avivando até se tomar chama ardente] o dom [espiritual] de Deus que existe em ti [dado, acompanhado] pela imposição das minhas mãos. Porque Deus não nos deu o espírito de temor [covardia], mas de fortaleza, e de amor, e de moderação [auto-disciplina, auto-controle]. Portanto não te envergonhes do testemunho de [a respeito de] nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu; antes participa das aflições do evangelho segundo o poder de Deus".

Finalmente, em 2 Timóteo 1.13,14, Paulo diz: "Conserva o modelo [padrão] das sãs [saudáveis, corretas] palavras que de mim tens ouvido, na fé e na caridade que há em Cristo Jesus [que provêm por meio de Cristo Jesus]. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós".

Alguns usam estas passagens para promover a idéia de que, por meio do profetizar sobre alguém, os dons espirituais poderão ser dados ou transmitidos àquela pessoa. Outros entendem que a imposição das mãos é um meio de outorgar dons espirituais. Não devemos nos esquecer, no entanto, que o Espírito Santo nos concede os dons, conforme sua vontade. Mas essa não é a questão em pauta, aqui. Esses textos são melhor entendidos à luz de Atos 16.2, onde Timóteo é apresentado a Paulo, e se ajunta ao grupo dele, com a aprovação dos irmãos que estavam em Listra e em Icônio. A passagem não oferece mais pormenores, aqui. Mas o que Paulo fala a Timóteo deixa claro que aconteceu algo semelhante ao que sucedeu em Atos 13.2,3. Por que os irmãos gostariam que Timóteo passasse a fazer parte do grupo missionário de Paulo? A única resposta plausível é que houve uma profecia que orientou as igrejas no sentido de apartar a Timóteo para a obra designada pelo Senhor. Então, Paulo e os presbíteros oraram e impuseram as mãos, expressando sua fé e sua aceitação da chamada de Timóteo. "Por profecia" e "com a imposição das mãos do presbítero" ou a imposição das mãos de Paulo (que, sem dúvida, acompanhou a dos presbíteros), simplesmente significa *acompanhado por.* Nem a profecia nem a imposição das mãos são a causa do dom.([27]) Pelo contrário, confirmavam o dom que Deus já outorgara.

O que importa é que Deus depositou (investiu) algo em Timóteo, o qual deve guardá-lo, mediante o Espírito Santo que habita em nós. Em todos esses textos, há também a ênfase ao ensino. Timóteo deve ocupar-se com o ensino e pôr em prática o que aprendeu, para sua salvação e a dos seus ouvintes. Isso sugere que o dom espiritual (carismático) que Paulo menciona repetidas vezes, tinha a ver com o ensino, especialmente a confirmação dos crentes, por meio do ministério do ensino. É verdade que devia pregar a Palavra e fazer a obra de um evangelista (2 Timóteo 4.2,5), mas com longanimidade e doutrina (ensinando ativamente).

Para exercer esse dom, Timóteo precisava manter ardente essa chama. Não podia negligenciá-la. O fato de que profecias foram transmitidas e as mãos impostas sobre ele não bastava. Ele podia ocupar-se noutras coisas, negligenciar o dom, e a chama enfraqueceria. Ou o sofrimento podia impedi-lo de ver o que o poder de Deus seria capaz de realizar. A covardia não provém do Espírito Santo. Mas o poder e o amor, sim. Bem como a auto-disciplina. Tudo isso é necessário, também, para guardar o depósito do Evangelho. Muitos agem assim, mediante o raciocínio humano, ao estabelecerem credos, com excelente apologética, mas fracassam. Não pode ser feito à parte do ministério do Espírito Santo e dos seus dons.([28])

Paulo também relembra a Timóteo a obra do Espírito com relação a Cristo (1 Timóteo 3.16): "Deus se manifestou [revelou] em carne [no Homem Jesus], foi justificado [vindicado] em [pelo] Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios [às nações], crido no

mundo, e recebido acima na glória". Alguns entendem que "justificado em Espírito" significa "comprovado certo, ao entrar no âmbito do Espírito". Mas parece mais provável que se trate da vindicação que foi produzida quando Ele ressuscitou dentre os mortos pelo Espírito.([29]) Há quem ache que esse versículo é **o** fragmento de um hino a respeito de Cristo, concedido pelo Espírito **e** cantado nas igrejas fundadas por Paulo. Seja como for, é um belíssimo resumo do que a religião cristã ensina a respeito dele. (Alguns acham que "visto dos anjos" se refere às boas-vindas dadas pelos seres angelicais depois da sua ascensão. "Recebido acima na glória" refere-se à ocasião em que Ele levará a Igreja ao Céu na sua Segunda Vinda.)

Derramado Abundantemente

Boa parte da instrução dada por Paulo a Tito é semelhante à que Timóteo recebeu. Há, porém, em Tito 3.5-7 uma magnífica declaração em forma compacta do que Cristo tem feito por nós: "Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo **a** sua misericórdia, nos salvou pela lavagem [banho] da regeneração [novo nascimento] e renovação do [pelo] Espírito Santo. Que abundantemente [ricamente] ele derramou sobre nós por Jesus Cristo nosso Salvador; Para que, sendo justificados pela sua graça, sejamos feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna".

Muitos entendem que se trata do batismo nas águas e supõem que aqui Paulo mudou de idéia a respeito da salvação. Mas a ênfase continua sendo a mesma, pois a salvação não é pelas obras. A lavagem, ou o banho, é o novo nascimento. A mesma palavra é usada em Efésios 5.26: "A lavagem da água, pela palavra". Relaciona-se com Romanos 10.8,9, a palavra que está junto de ti, na tua boca e no teu coração, ensinada por Paulo: "Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo". O banho, mesmo o de água, é a Palavra que o Espírito Santo usa, pois Ele é o Espírito da Verdade, não o da água. (Comparar também João 13.10; 15.3).

A *renovação* pelo Espírito Santo provavelmente tem a ver com novos relacionamentos, pois a palavra *regeneração* significa uma vida nova. Pode falar do batismo para dentro do corpo de Cristo, mediante o Espírito (1 Coríntios 12.13). Depois, como pensamento adicional, o Espírito Santo é Aquele a quem Deus derramou ricamente sobre nós, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador. Esse derramamento por Jesus refere-se a Atos 2.33 e Joel 2.28. Mas a referência principal não diz respeito ao dia de Pentecoste, pois tanto Paulo como Tito estão incluídos. Cada um tem seu próprio Pentecoste concedido por Jesus Cristo.([30]) Com isso, fica claro que cada novo convertido pode ter seu Pentecoste pessoal, sua experiência do batismo no Espírito Santo, que pode tratar-se do mesmo derramamento outorgado em Atos 2.4.

O fato de que Paulo passa a dizer: "...sendo justificados pela sua graça, sejamos feitos herdeiros", não afeta essa certeza. Conclui, simplesmente, o pensamento, ao reconhecer que a justificação pela graça (e, logicamente, mediante a fé; Efésios 2.8) é o que nos possibilita a ser herdeiros. De fato, o versículo 7 é uma simples amplificação da expressão "segundo a sua misericórdia nos salvou", no versículo 5.Í[21])

Dons Segundo a Vontade de Deus

Hebreus também fala dos dons do Espírito Santo como parte do testemunho sobrenatural que Deus deu sobre a mensagem da salvação pregada pelos primeiros cristãos (Hebreus 2.4). Mas, ao passo que em 1 Coríntios 12.11 são distribuídos pelo Espírito conforme sua própria vontade, aqui se registra que são distribuídos pela vontade de Deus. Mas isso está em plena harmonia com o que Paulo diz a respeito do Espírito conhecer a

vontade de Deus (Romanos 8.27).

Os crentes também se tornam participantes do Espírito Santo, experiência esta que forma um paralelo com o provar (participar de) as virtudes (poderes sobrenaturais) do século futuro (Hebreus 6.4,5).([22])

O Espírito Santo também testifica que Deus aceitou o sacrifício de Cristo e "aperfeiçoou para sempre os que são santificados"

(Hebreus 10.14,15). Esse fato é confirmado, ainda, pela profecia de Jeremias (Hebreus 10.16; Jeremias 31.33), embora ele não tivesse mencionado diretamente o Espírito Santo. Nesse contexto, o "aperfeiçoar" foi realizado no sacrifício do Calvário. "Para sempre" significa, ou *continuamente,* ou: *por todos os tempos,* e refere-se ao fato de que seu sacrifício foi de uma vez por todas (Hebreus 9.28). "Santificados"é uma forma continuado verbo: "os que estão sendo santificados ou consagrados, dedicados a Deus e o seu serviço".

Embora o Espírito Santo fale a respeito disso, a dedicação a Deus, a separação para Ele, é levada a efeito pela morte de Cristo. (Ver também Hebreus 13.12). Isto está de acordo com a ênfase em Hebreus que ressalta Cristo como o Filho divino e, de modo geral, tem menos a dizer a respeito do Espírito Santo do que as epístolas, tais como Romanos e Coríntios. Coisa semelhante se pode dizer da convicção concedida pelo Espírito que, segundo Hebreus demonstra, é questão de fazer os homens ver seu relacionamento com um Deus vivo.([33]) (Ver 3.12; 9.14; 10.31; 12.22.)

Hebreus, ainda, ao invés de mencionar o autor humano de uma citação do Antigo Testamento, sempre se refere ao Espírito Santo, o Autor divino (3.7; 9.8; **10.15).** Hebreus 9.8 é interessante também, porque demonstra que o Espírito Santo tinha a tipologia em mente, quando inspirava a escrita de trechos do Antigo Testamento. Isto é: no próprio ato de escrever o Antigo Testamento, Ele preparava o caminho para a obra de Cristo e a indicava.

Ciúmes

A Epístola de Tiago menciona o Espírito Santo uma só vez: "O espírito que em nós habita tem ciúmes?" (Tiago 4.5). O contexto trata do fato de que a amizade com o mundo nos torna inimigos de Deus, e da necessidade de submeter-nos a Deus e a sua graça. E possível interpretá-lo no sentido de que Deus anseia com zelo pelo Espírito Santo que em nós habita, desejoso de que lhe concedamos a oportunidade de desenvolver seu fruto e de nos dar os seus dons. É possível, também, interpretá-lo no sentido de que o próprio Espírito Santo anseia por nós e deseja que cooperemos com Ele no seu fruto e nos dons. O efeito é o mesmo, seja qual for dessas interpretações adotada.

Tiago também nos fala de toda boa dádiva vinda do Pai, que "segundo a sua vontade nos gerou pela palavra da verdade" (Tiago 1.17,18). Isso indica que o que Paulo e João atribuem ao Espírito Santo realmente é provindo de Deus Pai. Mas isso é apenas mais uma prova da cooperação entre a Trindade.

Obedecendo à Verdade Mediante o Espírito

As Epístolas de Pedro também mostram o Espírito Santo inspirando a Palavra e a pregação do Evangelho (1 Pedro 1.11,12). Enfatiza que "nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação [não é questão de alguém dar sua própria explicação]. Porque a profecia [a Palavra de Deus] nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados [levados adiante] pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1.20,21).

O Espírito é, também, Aquele pelo qual fomos santificados, ou consagrados a Deus (1 Pedro 1.2). Ele nos capacita a cooperar com essa obra, por meio da purificação de nossa

alma, na obediência à verdade, pelo sincero amor fraternal (1 Pedro 1.22).

Isso pode envolver os sofrimentos de Cristo. Mas, se isso nos traz vitupério, por amor do seu nome, estamos felizes, porque repousa sobre nós o Espírito da glória de Deus (1 Pedro 4.14). Na carne, a auto-preservação é a primeira lei da natureza humana. O mundo enfatiza o egoísmo, os cuidados com nossa própria pessoa, em primeiro lugar. A concorrência leva ao desejo de dominar os outros e agir como tirano. Jesus, porém, estava entre nós como Servo (escravo) de todos (Lucas 22.27; Mateus 20.25-28; 23.11). A única maneira de vencermos nossos impulsos naturais é mediante o poder do Espírito Santo, à medida que Cristo vive em nós e a sua natureza se forma em nós.([34]) Então, o suprimento da graça de Deus nos dará a capacidade, até mesmo de morrermos pelo nosso Senhor. Que contraste entre a morte de Estêvão e a de Herodes Agripa! Estêvão, cheio do Espírito Santo, olhou para **o** céu, viu a glória de Deus, e perdoou seus assassinos (Atos 7.55-60). Herodes, exaltando-se, tomou para si a glória que pertencia a Deus, e morreu em agonia, sob o castigo divino (Atos 12.21-23).

Assim como Paulo, Pedro também enfatiza que Jesus foi vivificado (ressuscitado) pelo Espírito Santo (1 Pedro 3.18). Pelo mesmo Espírito, Ele pregou aos espíritos em prisão (1 Pedro 3.19). Este texto tem sido interpretado no sentido de que, mediante o Espírito Santo, Cristo pregou, através de Noé, para advertir os que agora estão em prisão. Outros entendem que pelo Espírito Ele proclamou, depois da sua morte (ou ressurreição), seu triunfo aos anjos cativos. Temos certeza, no entanto, que esse texto não concede uma segunda chance para a salvação.

O Espírito Agindo Através da Autoridade de Cristo

O Apocalipse é, acima de tudo, uma nova revelação de Jesus Cristo (1.1). Nele, o Espírito Santo revela a Cristo, fala e age em seu nome, mediante a autoridade dele. O que Jesus diz às sete igrejas da Ásia, individualmente, é transformado em mensagem a todas as igrejas, mediante o Espírito Santo (2.7,11,17,29; 3.1,6,13,22; 14.13). Isso significa que o Cristo ressuscitado e glorificado, que agora está à destra do Pai, fala conosco, durante a dispensação da Igreja, mediante o Espírito Santo.([35]) O que João contempla, o vê através do Espírito Santo (1.10; 4.2; 17.3; 21.10).

O relacionamento entre o Espírito Santo e Cristo é esclarecido através da comparação entre a visão dos sete espíritos de Deus diante do trono (1.4; 4.5) e a dos sete espíritos no capítulo 5. No capítulo 4, são sete lâmpadas de fogo que indicam luz, vida e sabedoria. No capítulo 5, são os sete chifres (que indicam autoridade e poder) e os sete olhos (que indicam sabedoria e conhecimento) do

Cordeiro. Mas são enviados a toda a terra (5.6). Os sete chifres e os sete olhos não significam 14 espíritos. Pelo contrário, os sete espíritos podem referir-se ao sétuplo Espírito de Deus revelado em Isaías 11.2. Ou o número *sete* pode, simplesmente, indicar o número da plenitude e da perfeição. Assim sendo, Cristo opera na plenitude do Espírito para trazer ao mundo o seu poder e a sua sabedoria. O Espírito, portanto, age, na presente dispensação, mediante o Cordeiro. Os efeitos do Calvário são plenamente ministrados a nós pelo Espírito Santo.

Finalmente, o Espírito fala à Igreja, a Esposa, dizendo: "Vem". (Apocalipse 22.17). Esse convite deve ser passado adiante aos outros, por todos os que ouvem. Para todo o que tem sede, para o que quer, há suprimento abundante da água da vida. Todos podem vir e tomar livremente e em medida ilimitada. Certamente, isso inclui os derramamentos do Espírito Santo como rios de águas vivas, conforme indicou o próprio Jesus: "Se alguém tem sede, venha a mim, e beba" (João 7.37-39). Assim, o último livro da Bíblia não termina, sem

renovar o convite a todos para desfrutarem, não somente da salvação em Cristo, mas de contínuos derramamentos pentecostais.

O ESPÍRITO NAS DEMONSTRAÇÕES SOBRENATURAIS

O ministério do Espírito Santo na Igreja Primitiva foi realizado numa atmosfera de grande expectativa. Não somente esperavam, diariamente, a bênção e a manifestação dos dons espirituais, mas não se esqueciam, tampouco, que o Pentecoste era uma festa em que se ofereciam as primícias. O Pentecoste não fazia parte da colheita final. Sendo assim, antegozavam a futura volta de Cristo. De dentro da sua própria experiência pentecostal surgiu a senha: *Maranata,* "Nosso Senhor, vem!" Nem sequer o passar do tempo ofuscou a esperança deles. Paulo, perto de sua partida, percebeu que não viveria até contemplar o dia glorioso em que os mortos em Cristo ressuscitariam. Mas nem por isso diminui-se a sua certeza de que Jesus viria (2 Timóteo 1.12; 2.10,13; 4.7,8).

Essa esperança de ver Jesus novamente, tornou os cristãos primitivos mais conscientes do que nunca da necessidade de continuar a sua obra no poder do Espírito Santo. Nessa dispensação, o Espírito Santo é o Único que nos pode ministrar a vida, o poder e a Pessoa de Jesus. Quer Ele seja chamado o Espírito de Deus, de Cristo, da paz, da verdade, do poder, da graça ou da glória, é sempre o mesmo Espírito Santo que torna Jesus real e realiza a sua obra.

Mesmo assim, Ele se distingue de Jesus como *outro* Consolador ou Ajudador, e como Aquele que testifica de Cristo mediante os seus ensinos (João 14.16,26; 16.13,14) e os seus atos poderosos (Atos 2.43; Romanos 15.18,19). Ele também se distingue do Pai, e é enviado tanto pelo Pai como pelo Filho (Gálatas 4.6; João 14.26; 15.26; 16.7). Ele tem sua divindade demonstrada por tudo quanto faz, especialmente pelo fato de conhecer os mistérios de Deus (1 Coríntios 2.10,11), e roga por nós de acordo com a vontade de Deus (Romanos 8.27).

Ele também ajuda no atendimento das orações por meio da direção, tanto dos indivíduos como da Igreja,'segundo a vontade de Deus. Ele dirigiu Filipe a um eunuco etíope, e Pedro à casa de Cornélio, e deu à igreja em Antioquia ordens para enviar Paulo e Barnabé como missionários. Todo cristão deve tudo ao Espírito Santo que rompeu todas as barreiras e ajudou, pelo menos alguns, a vencer seus preconceitos embutidos e a avançar para alcançar o mundo.

Uma Vida Totalmente Dedicada a Deus

Esse desejo de servir a Deus realmente brotou da dedicação ao próprio Criador. Em todo o aspecto da vida cristã, o Espírito nos aponta a Jesus **e** derrama o amor de Deus em nossos corações.([1]) Devemos viver no Espírito e por Ele, se verdadeiramente estamos em Cristo. Logo, nenhum aspecto da nossa vida se passa sem o seu toque. O que Ele fez em favor dos crentes do século I, ao viverem, trabalharem, esperarem **e** sofrerem por Cristo, deseja realizar em nosso favor. Quem sabe, pode haver uns aventais de trabalho e suadouros que Ele deseja usar para ministrar a cura hoje! Mas Ele quer nos tornar um só no Espírito e em Cristo, à medida que nos unirmos em comunhão com Ele.

O Espírito Santo está, na realidade, presente para nos guiar, quer recebamos manifestações especiais dos seus dons e revelações, quer não. Algumas pessoas pensam que não estão no Espírito, a não ser que recebam uma nova revelação, ou nova orientação, todos os dias. Mas quando Paulo foi proibido pelo Espírito de pregar na Ásia, ou seja, em Éfeso, não recebeu outra orientação. Sua fidelidade levou-o a viajar muitos dias, através da Mísia, até a fronteira da Bitínia. Foi então que recebeu outra orientação do Espírito Santo (Atos

16.6,7).

Boa parte da vida dos cristãos primitivos era dedicada a realizar fielmente a obra do Senhor e a cumprir os deveres cotidianos. Mesmo assim, essa existência não era monótona. Os dons do Espírito e a presença de Cristo eram diariamente a porção deles tanto na obra como na adoração. Era, também, uma vida de crescimento na graça e no fruto do Espírito Santo.

O crescimento na graça e o desenvolvimento do fruto do Espírito nos foi possibilitado, mediante Cristo que nos santificou pelo seu sangue (Hebreus 13.12). Essa obra nos foi concedida pelo Espírito Santo, que nos santificou através da nossa separação do mal e da nossa dedicação a Deus, quando Ele nos deu nova vida e nos colocou no corpo de Cristo (1 Coríntios 6.11), que é apenas um dos aspectos da nossa santificação. Paulo pede para que Deus nos santifique em tudo (completamente) (1 Tessalonicenses 5.23). Há, também, um aspecto contínuo de santificação em que devemos cooperar. Devemos nos apresentar a Deus (Romanos 12.1,2), e, pelo Espírito, buscar aquela santidade (dedicação, consagração em relacionamentos certos com Deus e os homens) sem a qual ninguém verá o Senhor (Hebreus 12.14). Essa é uma santidade como a dele, que o Espírito Santo nos ajuda a obter (1 Pedro 1.15,16).

Isto importa em reconhecer e pôr em prática nossa identificação com Cristo em sua morte e ressurreição. Diariamente, devemos nos considerar "como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 6.11). Diariamente, devemos entregar a Deus todas as faculdades do nosso ser, como "instrumentos de justiça" (Romanos 6.13; 1 Pedro 1.5). Pelo Espírito, pois, mortificamos os impulsos da velha vida e ganhamos vitórias, ao vivermos para Jesus (Romanos 8.1,2,14; Gálatas 2.20; Filipenses 2.12,13).

Por um lado, somos transformados de um grau de glória para outro, ao contemplarmos a Jesus, e ao servirmos a Ele (2 Coríntios 3.18). Por outro lado, a mesma dedicação a Deus pode nos causar sofrimentos, em prol de Cristo e do Evangelho. Paulo não somente se considerava crucificado com Cristo, e vivendo uma nova vida em Cristo e por Ele (Gálatas 2.20), mas também estava disposto a "cumprir [quanto a sua parte] na sua carne o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja" (Colossenses 1.24). Isto é: ele ainda não morrera por amor à Igreja, mas até que isso acontecesse, estava disposto a sofrer, a fim de estabelecer o Corpo e trazer cada vez mais salvos para dentro dele.

A totalidade da santificação é a obra do Espírito Santo que mais recebe atenção no Novo Testamento. Toma precedência sobre o testemunhar, o evangelismo, a contribuição e toda outra forma de serviço cristão. Deus quer que sejamos alguém, e não apenas que façamos alguma coisa. Isso porque somente à medida que nos tornamos semelhantes a Jesus, é que o que fazemos pode ser eficaz e dar glória a Ele. Nossa adoração também, ao ser guiada e incentivada pelo Espírito, em todos os aspectos, nos encoraja exatamente nisso.

O Dom do Espírito

Devemos, no entanto, evitar a idéia de que, em nossa vida cristã, nosso objetivo principal seja o nosso aperfeiçoamento. A verdade é que conseguimos mais crescimento, enquanto servimos. O santo (dedicado, consagrado) não é o que passa todo o seu tempo no estudo, na oração e nas devoções, por mais importante que isso seja. Os vasos no tabernáculo não podiam ser usados para outros fins, mas não foi a separação do uso comum que os tornou santos. Não eram santos até serem usados no serviço de Deus. Logo, o santo é aquele que não somente é separado do mal, mas também separado para Deus, santificado e ungido para o uso do Mestre. Isto era simbolizado, no Antigo Testamento, pelo fato de que o sangue era aplicado primeiro, e depois, o óleo sobre o sangue. A purificação, portanto, era

seguida por uma unção simbólica que representava a obra do Espírito na preparação para o serviço. De modo que nós também somos ungidos, assim como o foram os profetas, os reis, e os sacerdotes da antigüidade (2 Coríntios 1.21; 1 João 2.20).([2])

Os meios e o poder para o serviço provêm através dos dons espirituais. Mas é necessário fazer distinção entre os dons e o dom do Espírito. O batismo com o Espírito Santo era necessário antes de os primeiros discípulos saírem de Jerusalém ou até mesmo cumprirem a Grande Comissão. Precisavam de poder, e o próprio nome do Espírito Santo tem ligação com força.([3]) Ele se manifesta como o Dom e o Poder. Ele mesmo é as primícias da grande colheita, e veio para iniciar a tarefa que trará alguns de cada raça, língua, povo e nação para estar junto do trono (Apocalipse 5.9). O mesmo batismo foi experimentado por outros, em pelo menos quatro ocasiões, registradas em Atos, conforme já vimos, bem como por alguns, posteriormente, de conformidade com Tito 3.5.

No dia de Pentecoste o recebimento do dom do Espírito foi marcado pela evidência física (ou exterior, posto que não era totalmente física) do falar em outras línguas (idiomas diferentes), conforme o Espírito concedia que falassem. Baseado no fato em que as línguas são a evidência oferecida, e especialmente no motivo em que as línguas foram a evidência convincente na casa de Cornélio *("Porque* os ouviam falar línguas", Atos 10.46), há um argumento a favor da consideração das línguas como evidência física (ou exterior) do batismo com o Espírito Santo.([4])

Conforme muitos reconhecem, é difícil comprovar, pelo livro de Atos, que o falar em outras línguas não é a evidência do batismo com o Espírito Santo.([5]) A maioria dos que desconsideram as línguas como a evidência do batismo apela para as Epístolas, procurando provas teológicas para seu ponto de vista.([6]) Mas as Epístolas não estão tão divorciadas assim das experiências de Paulo e das pessoas para quem as escrevia. Considerá-las totalmente teológicas, para contrastar com o livro de Atos, não se encaixa com os fatos. Mesmo quando as Epístolas oferecem verdades proposicionais, tais como a justificação pela fé, relaciona-se com a experiência anterior de Abraão (Romanos 4). Conforme já vimos, boa parte do que Paulo diz a respeito do Espírito Santo nas suas

Epístolas forma um paralelo com as experiências no livro de Atos.

O argumento contra as línguas como evidência baseia-se na pergunta: "Falam todos diversas línguas?" (1 Coríntios 12.30). Já vimos que esse é um argumento muito fraco, mormente porque o verbo está no presente contínuo: "Todos continuam falando em línguas?" que significa: todos têm um ministério perante a igreja de falar em línguas?

O valor das línguas como um sinal, na edificação pessoal, nos ensina a corresponder ao Espírito Santo, de modo singelo e com a fé de uma criança. O próprio fato de que não sabemos o que dizemos nos ajuda a corresponder ao Espírito, sem imiscuir nossas próprias idéias e vontades, porque falamos conforme o Espírito nos concede que pronunciemos. Usualmente, não há algum registro em nosso cérebro, quanto ao que devemos dizer. Pelo contrário, nossas mentes estão cheias de louvor, e simplesmente (mas de modo ativo) entregamos nossos órgãos vocais, nossa boca e língua, ao Espírito Santo e falamos o que Ele concede.([7]) (Alguns dizem que o Senhor lhes deu poucas palavras, antes de serem pronunciadas por eles. Quando obedeciam e falavam o que lhes vinha à mente, o Espírito Santo lhes concedia a capacidade e a liberdade de falar em línguas).

No livro de Atos, também, as línguas se manifestavam quando o dom do Espírito era recebido. Pode haver, ou não, um intervalo de tempo entre o crer para a salvação e o receber o Dom. A pessoa deve exercer a sua fé e receber o Dom tão logo se torne crente. Mas nenhum intervalo é indicado em Atos entre o receber o dom do Espírito e o receber a evidência do falar em línguas. Donald Gee fala da experiência de seu batismo com o

Espírito Santo "pela fé" e, posteriormente, depois de duas semanas, da nova plenitude em sua alma, ao "começar a pronunciar palavras em uma nova língua".([8]) Muitos outros têm testificado de uma experiência semelhante. Na minha própria experiência, o Espírito Santo tornou Jesus tão real que não tive consciência de estar falando em línguas. (Embora outras pessoas dissessem que eu falava). Na noite seguinte, simplesmente disse ao Senhor que se havia liberdade no dom de línguas, eu queria possuí-la. Imediatamente, as línguas se derramaram em abundância. Talvez seja essa uma questão de "o vento sopra onde quer". Temos a certeza, no entanto, que quando falamos em línguas recebemos o Dom, a respeito do qual a Bíblia fala. Sendo assim, ela é nossa bússola, e devemos julgar pela mesma a nossa experiência.

Isso não quer dizer que as línguas devam ser procuradas. Nossa atenção deve fixar-se no poderoso Batizador, no próprio Senhor Jesus Cristo. A fé que faz cumprir a sua promessa é a chave para sermos batizados com o Espírito Santo. Posto que o Batismo é para o serviço, a consagração e dedicação a Deus, sempre são a atitude certa (Romanos 6.13; 12.1). Mas não podemos programar a maneira de Ele chegar até nós. Toda ocasião mencionada no livro de Atos era diferente uma da outra. Às vezes, Ele veio a despeito do que fazemos, o mesmo caso de "o vento sopra onde quer" (João 3.8). Ele pode vir mansamente, com o mínimo sussurro. Pode vir como o som de um vento impetuoso. Estejamos dispostos a deixá-lo vir conforme Ele deseja.

Deve ser reconhecido, também, que falar em línguas é apenas a evidência do batismo com o Espírito Santo. Outras evidências se seguirão, à medida que o Espírito transborda para todos os aspectos da vida (João 7.37,39; Atos 4.8). Podemos esperar, também, que haja profunda reverência a Deus (Atos 2.43; Hebreus 12.28); uma dedicação e consagração mais intensa ao Senhor e à sua Palavra (Atos 2.42); um amor sempre maior e mais ativo a Cristo, à Bíblia, e aos perdidos (Marcos 16.20).

De fato, sempre deve ser levado em consideração que o batismo com o Espírito Santo não é uma experiência final. Assim como o próprio Pentecoste era apenas o início da colheita, e trouxe os homens para a comunhão da adoração, do ensino e do serviço, também o batismo com o Espírito Santo é apenas a porta de entrada para um relacionamento crescente com o Espírito e com os outros

crentes. Leva a uma vida de serviço em que os dons do Espírito fornecem poder e sabedoria para a propagação do Evangelho e **o** crescimento da Igreja. Esse fato é evidenciado pela divulgação rápida do Evangelho em muitas áreas do mundo atual. Novas plenitudes e diretrizes para o serviço devem ser esperadas, à medida que surgem novas necessidades, e à medida que Deus, na sua vontade soberana, leva a efeito o seu plano.

Dons Generosos do Espírito Santo

O ministério do Espírito Santo e dos seus atos era a porção da Igreja Primitiva em farta generosidade (conforme o grego indica em Gálatas 3.5; Filipenses 1.19).([10]) A abundância dos dons e a maneira de se encaixarem nas necessidades do Corpo demonstram que a atuação de Deus é: "Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor" (Zacarias 4.6).(")

Não há, porém, alguma ordem especial pela qual a Bíblia relaciona os dons. Romanos 12.6-8 começa com a *profecia.* 1 Coríntios 12.8-10 inicia com *a. palavra da sabedoria.* As outras três relações começam com *apóstolos.* Alguns classificam os dons de acordo com a natureza deles, tais como: dons de revelação, de poder e de expressão vocal. Outros distinguem entre dons itinerantes, tais como apóstolos, mestres e evangelistas; e dons locais, tais como pastores, governos e socorros. Ou dividem-nos segundo a sua função:

proclamação, ensino, serviço e administração.([12]) Todas essas divisões são legítimas, mas não há maneira de evitar a coincidência que aparece em qualquer sistema de classificação.

Alguns distinguem entre dons públicos e particulares, ou entre funcionais e oficiais. Mas, usualmente, desconhecem que cada cristão tem seu próprio dom ou ofício à sua disposição.([13])

Outros distinguem entre dons extraordinários que são carismáticos, totalmente sobrenaturais, e que supõem (erroneamente) estarem além do controle do indivíduo (tais como a profecia, os milagres,

as curas e as línguas) e os chamados de comuns, não-carismáticos, que envolvem as capacidades humanas (tais como mestres, o ministério, o governar, o administrar, os socorros, a contribuição e o demonstrar misericórdia). Alguns vão mais longe nessa distinção, e sugerem que os apóstolos e profetas eram convenientes para estabelecer ou lançar os alicerces da Igreja (Efésios 2.20), não são necessários hoje.([14]) Mas Efésios 4.7-11 deixa claro que os apóstolos, profetas, evangelistas e pastores-mestres eram todos necessários no restabelecimento da Igreja. Paulo não fazia distinção entre eles. Parece claro, também, que cada um desses ministérios envolve dons sobrenaturais. (Alguns acham que os profetas em Efésios 2.20 pertenciam ao Antigo Testamento. Mas Efésios 3.5 e 4.11 indicam distintivamente os profetas do Novo Testamento).

A Bíblia não distingue, tampouco, entre os dons que são "mais sobrenaturais" e "menos sobrenaturais". Todos fazem parte da obra do Espírito Santo através da Igreja. A declaração de Harold Horton de que todos os dons são "cem por cento milagrosos" com "nenhum elemento do que é natural"([15]) é levada a extremos por alguns. Ele mesmo diz, posteriormente, que a expressão do dom "pode variar de acordo com o ofício, ou até mesmo com a personalidade da pessoa através de quem é dado".([16])

Surge, aqui, um problema quando alguns dizem que dons tais como a *profecia* ou a *palavra da sabedoria* são totalmente sobrenaturais e devem ser manifestados de um modo independente e sobrenatural que indica essa natureza milagrosa deles. Não acham que esses dons têm algo a ver com o ensino ou a pregação. Paulo contrasta o que a sabedoria humana ensina com o que o Espírito doutrina, e indica que é o Espírito quem concede a sabedoria e o conhecimento para o pregador ou ensinador. O comentário de Donald Gee é apropriado: "Se nosso conceito do que é *sobrenatural* nos impede de ver os dons espirituais nos ministérios da pregação e do ensino, então fica claro que é necessário corrigir nosso modo de entender o significado de *sobrenatural.* Talvez, no caso de alguns, trata-se de confundir o *espetacular* com o *sobre natural".* ([17]) Na realidade, os dons estão relacionados entre si, e cada um deles envolve uma variedade de manifestações, ou modos de expressão.

Três Grupos de Dons

Para maior conveniência, os dons são classificados em três grupos.

Primeiro: dons para o estabelecimento da igreja e para levá-la a uma maturidade em que todos os membros poderão receber seus próprios dons e contribuir para a edificação do corpo local (Efésios 4.11-16). Trata-se dos apóstolos, profetas, evangelistas e pastores-mestres que são escolhidos pelo Senhor, levados cativos por Ele, e dados como dons à Igreja. Em cada ministério, está envolvido algo mais do que uma manifestação ocasional do dom do Espírito. Assim como os primeiros apóstolos, esses são homens maduros e treinados, que não foram enviados até obterem experiência com o grande Mestre (Jesus, e depois o Espírito Santo que também é Mestre, o Espírito da Verdade). O ministério deles não era limitado a uma só igreja local. Mais cedo ou mais tarde, mudavam-se, porque tinham sido dados à Igreja.

Segundo: dons de edificação da igreja, através dos membros locais. Essas são manifestações dos dons espirituais que são dados à medida que são necessários e conforme o Espírito Santo deseja. Podem ser exercidos por qualquer membro da congregação. Mesmo assim, em alguns casos, nas congregações, um ministério pode desenvolver-se no contexto de algum dom, de modo que, nesse sentido, alguns possam ser chamados profetas, intérpretes ou operadores de milagres (1 Coríntios 12.29; 14.28). Mas isso não significa que "possuem" o dom no sentido de residir neles. São dons do Espírito, sendo que cada um é entregue conforme Ele deseja. É importante, também, que todos esses dons sejam ministrados no contexto da igreja. Há neles uma espontaneidade.([18]) Não devem, porém, ser exercidos segundo os próprios sentimentos da pessoa, mas segundo a orientação da Palavra (1 Coríntios 14), e os ditames da cortesia e do amor. Esses dons não tornam, tampouco, a pessoa independente da ajuda dos outros. Todas as Epístolas de Paulo demonstram o quanto ele dependia do apoio e das orações dos membros das igrejas.

Terceiro: dons para o serviço e para alcançar os de fora. Estes incluem a administração, o governo, o ministério, a contribuição, os socorros, a misericórdia e a exortação. Outros também entram nesse grupo, por coincidirem parcialmente com os que já foram mencionados. A profecia, a fé, os milagres e as curas certamente contribuem para o alcance missionário.

Apóstolos, Embaixadores de Cristo

Jesus é o supremo Sumo Sacerdote e Apóstolo (Hebreus 3.1; João 5.36; 20.21). A palavra *apóstolo* era usada, no entanto, para qualquer mensageiro nomeado e comissionado a algum propósito. Epafrodito foi um mensageiro (apóstolo) nomeado pela igreja em Filipos e enviado a Paulo (Filipenses 2.25). Os companheiros de Paulo eram os mensageiros (apóstolos) enviados pelas igrejas e por elas comissionados (2 Coríntios 8.23).

Os doze, apenas, eram apóstolos específicos. Depois de uma noite em oração, Jesus os escolheu do meio de um grupo de discípulos e os chamou apóstolos (Lucas 6.13). Pedro reconheceu que os doze tinham um ministério e supervisão especiais (Atos 1.20,25,26), provavelmente tendo em mente a promessa de que eles futuramente julgariam (governariam) as 12 tribos de Israel (Mateus 19.28). Sendo assim, nenhum apóstolo foi escolhido, depois de Matias, para estar entre os doze. Nem foram nomeados substitutos, quando estes foram martirizados. Na Nova Jerusalém há apenas 12 alicerces, com os nomes dos 12 apóstolos inscritos neles (Apocalipse 21.14). Os doze, portanto, eram um grupo limitado, e realizavam uma função especial na pregação, no ensino e no estabelecimento da Igreja, além de testificar da ressurreição de Cristo, com poder. Ninguém mais pode ser um apóstolo no sentido em que eles foram.

Havia outros apóstolos, no entanto. Jesus também enviou 70 deles. Trata-se de um grupo totalmente diverso dos doze (Lucas 10.1). Mas Jesus, ao enviá-los, usou exatamente a mesma palavra que empregara para os doze (em Lucas 9.2), *apostello*, de onde se deriva *apóstolo.* Ele deu aos 70 a mesma comissão, e voltaram com os mesmos resultados.

Paulo e Barnabé também são chamados apóstolos (Atos 14.4,14). Paulo considera Andrônico e Júnias apóstolos de destaque que o antecederam (Romanos 16.7). Mas também se refere a todos os demais como apóstolos que atuaram antes dele (Gálatas 1.17). Ao falar das aparições de Cristo, menciona que Jesus foi visto por Cefas, pelos doze, por 500, por Tiago, o irmão do Senhor, por todos os apóstolos, "e por derradeiro de todos" apareceu também a ele, "como a um abortivo" (1 Coríntios 15.5-8). Parece, portanto, que o restante dos que são chamados "apóstolos", no Novo Testamento, também pertencia a um grupo limitado, do qual Paulo era o último.

Isso é confirmado pelas qualificações estabelecidas para a escolha do substituto de Judas (Atos 1.21,22). O apóstolo precisava ser uma testemunha *em primeira mão,* tanto da Ressurreição como dos seus ensinos ou ditos. Foi por isso que Paulo achava, constantemente, necessário defender o seu apostolado. Diz aos coríntios: "Não sou eu apóstolo? Não sou livre? Não vi eu a Jesus Cristo Senhor nosso?" (1 Coríntios 9.1). Depois, afirma que eles são o selo, os resultados, a confirmação, do seu apostolado. Ele também escreveu aos Gálatas que recebeu a mensagem do Evangelho, não dos homens, não dos demais apóstolos, mas de Jesus (Gálatas 1.1,11,12,16,17). Sendo assim, foi uma testemunha em primeira mão, tanto da Ressurreição de Jesus, como dos seus ensinos.

Paulo também cumpriu as funções de um apóstolo. Depois do Pentecoste, os apóstolos realizaram muitos sinais e maravilhas (Atos 2.43; 5.12), e com grande poder testemunharam da Ressurreição de Jesus (Atos 4.33; 5.32). Ensinavam o povo (2.42), e afirmavam que o ministério da Palavra era sua principal responsabilidade (Atos 6.4; 8.25). Paulo sempre relaciona seu apostolado com a proclamação da ressurreição de Cristo, a pregação e o ensino, e os sinais de um apóstolo "com toda a paciência, por sinais, prodígios e maravilhas" (2 Coríntios 12.12; 1 Coríntios 15.9; 1 Timóteo 1.1; 2.7; 2 Timóteo 1.1,11).

Mas, a despeito dessas limitações quanto ao cargo de apóstolo, há uma continuação do ministério apostólico indicada pelo Espírito Santo (Atos 5.32). Vemos, também, que Deus colocou na Igreja apóstolos, profetas, doutores (professores), milagres, socorros, governos, variedades de línguas (1 Coríntios 12.28). A mesma expressão é usada para esses dons que também é utilizada para as várias partes do corpo humano em 1 Coríntios 12.18. Noutras palavras, assim como os olhos, os ouvidos, as mãos e os pés são necessários para o funcionamento do corpo, também esses dons do ministério, pela própria natureza da Igreja, são necessários para seu perfeito funciona-mento.O[9])

O ministério apostólico, pois, é uma obra do edificar igrejas, exercido com os milagres que são a obra do Espírito Santo. Os apóstolos estabeleceram igrejas, dirigidas pelos presbíteros (bispos ou superintendentes, oficiais administrativos eleitos pelos crentes) e diáconos (ajudadores, também eleitos pelas congregações). Semelhante ministério continua no decurso da História da Igreja, e ainda é necessário nos dias de hoje. Falsos apóstolos surgem (Apocalipse 2.2), mas precisam ser testados pelos seus ensinos (Gálatas 1.8) e por sua vida. Os verdadeiros apóstolos edificavam a Igreja. Nenhum deles suscitou um grupo para lhe seguir.

Profetas, os que Falam em Nome de Deus

Jesus era o grande Profeta, o que havia de vir, segundo o Antigo Testamento (Atos 3.22; Mateus 21.11; João 6.14; 7.40; Deuteronômio 18.15).

O profeta, no Antigo Testamento, era um porta-voz de Deus, cheio do Espírito Santo, orientado para o que devia fazer e dizer. (Comparar Miquéias 3.8; Amos 3.8; Êxodo 7.1; 4.15,16).

A palavra, no Novo Testamento, também se refere a quem fala em nome de Deus, ao proclamar a revelação recebida diretamente do Senhor. Juntamente com os apóstolos, revelavam verdades que eram mistérios no Antigo Testamento, mas que agora são reveladas pelo Espírito Santo (Efésios 3.5), e, assim, ajudaram a estabelecer os alicerces da Igreja (Efésios 2.20). Isso subentende que foram usados para transmitir verdades que seriam incluídas no Novo Testamento.

Mas, assim como nos tempos do Antigo Testamento, havia muitos profetas que desafiavam o povo e o orientavam na adoração, mas não escreviam livros, também aconteceu no Novo Testamento. Muitos trouxeram iluminação e aplicação das verdades

recebidas. Um bom exemplo é o de Silas e de Judas que levaram à Antioquia a decisão do Concilio de Jerusalém: "Depois Judas **e** Silas que também eram profetas, exortaram [encorajavam e desafiavam] **e** confirmaram [fortaleceram] os irmãos com muitas palavras" (Atos 15.32). Isso se encaixa muito bem na natureza da profecia conforme **a** vimos em 1 Coríntios 14.3.

Alguns profetas também eram usados para predizer o futuro, como Agabo em duas ocasiões (Atos 11.28; 21.11). Ele saiu de sua casa na Judéia para levar as mensagens de Deus. Em conseqüência da primeira, foi levantada uma oferta para ajudar a igreja em Jerusalém durante uma fome prevista e acontecida. Na segunda, a igreja foi avisada a respeito da prisão do apóstolo Paulo. Em nenhuma delas estava envolvida alguma nova doutrina. Nem foram dadas instruções quanto ao que a igreja devia fazer. Isto era assunto dos membros, mediante o Espírito Santo. Nunca houve algo semelhante à adivinhação, no ministério desses profetas.

Os que são usados regularmente pelo Espírito no exercício do dom de profecia na congregação, também são chamados profetas (1 Coríntios 14.29,32,37). A Bíblia adverte contra os falsos profetas que alegam ser usados pelo Espírito Santo, mas devem ser submetidos aprova (1 João4.1).

Evangelistas, Proclamadores de Boas Novas

O evangelista é o pregador do Evangelho, o proclamador das boas novas. Jesus foi ungido para pregar o Evangelho, e era conhecido pela sua mensagem de boas novas aos pobres (Lucas 4.18; 7.22).

A palavra *evangelista* é usada somente em duas passagens do Novo Testamento. Filipe ficou conhecido como evangelista (Atos 21.8). Depois, Paulo conclamou Timóteo a fazer a obra de um evangelista (2 Timóteo 4.5). Mas o verbo correspondente, com seu substantivo, é usado muitas vezes no sentido de trazer boas novas, de declarar o cumprimento das promessas (Atos 13.32), de pregar o Evangelho da graça de Deus, o Evangelho da paz, ou de simplesmente pregar a Cristo. O Evangelho são as boas novas a respeito de Jesus Cristo, que veio, não para condenar o mundo, mas para salvá-lo (João 3.17).

Ao usar Filipe como exemplo, vemos que o ministério de evangelista o levava a pessoas que não conheciam o Senhor, conforme aconteceu em Samaria, onde os milagres trouxeram alegria e o povo creu em sua pregação e foi salvo (Atos 8.6-8,12). Depois, foi levado pelo Espírito Santo ao eunuco etíope, a quem pregou (evangelizou, trouxe as boas novas) a respeito de Jesus (Atos 8.35). Portanto, tanto o evangelismo em massa como o pessoal são obra do evangelista.

Observa-se aqui uma distinção entre o evangelista e o profeta que freqüentemente não é notada. O primeiro não ia às igrejas, mas

aos pecadores. O segundo, no entanto, dirigia-se às congregações. No caso de Judas e Silas, sua obra era despertar, animar e fortalecer os crentes. Portanto, os profetas eram usados no reavivamento. É claro que havia combinações entre esses ministérios. Muitas vezes, o evangelismo é muito mais fácil, quando a igreja local é despertada, reavivada e fortalecida. Paulo informa que alguns são profetas e outros, evangelistas.

A Bíblia também nos adverte a respeito dos evangelistas. Há os que pregam outro evangelho e devem ser desconsiderados, pois são réus da condenação eterna (Gálatas 1.8,9).

Bons Alimentos dos Pastores-Mestres

Embora alguns entendam que pastores e mestres são ministérios distintos em Efésios 4.11, estão unidos entre si. A repetição das palavras *uns* e *outros* indica que apenas quatro ministérios são contemplados, e que os pastores também são mestres.

Pastor, aqui, não é usado no sentido moderno da palavra. (Nossos pastores ficam mais perto do ancião-presbítero-bispo do Novo Testamento, o oficial administrador da igreja local, "apto para ensinar": 1 Timóteo 3.2).

A palavra *pastor,* em todas as passagens do Novo Testamento, alude-se ao apascentador de ovelhas. A mesma palavra grega se refere a Jesus como o grande Pastor das ovelhas (Hebreus 13.20), nosso Bom Pastor (João 10.2,11,14,16; 1 Pedro 2.25). O pastor oriental levava seu rebanho para a comida e a água (Salmos 23.2). A própria palavra *pastor* em Hebraico significa *alimentador.* A principal preocupação do pastor, segundo o uso do termo aqui, não é, portanto, dirigir os negócios da igreja, mas ensinar os membros. O bom alimento, naturalmente, é a Palavra de Deus. E a tarefa do pastor-mestre é explicá-la e torná-la mais fácil para o povo compreender, assimilar e aplicar. Vivemos em um mundo em evolução, quando novos problemas, novas perguntas e novas circunstâncias precisam da ajuda de um mestre para indicar os princípios da Palavra de Deus e demonstrar como se relacionam com nossa vida diária. Esta é a obra do mestre que tem o dom do Espírito Santo e é dedicado a Cristo.([20])

Jesus é, também, o Grande Mestre. O Espírito Santo se destaca como o Ensinador, tanto quanto Ele é o Espírito de Poder e de Profecia, ou talvez ainda mais (João 14.17,26). É verdade que o Espírito Santo nos ensina diretamente (2 Coríntios 3.3; João 6.45; 1 João 2.20,27; Jeremias 31.34). Não precisamos da autoridade humana para obter a certeza da nossa salvação, nem necessitamos de alguém para nos ensinar sobre o Senhor, de uma maneira mais eficiente e pessoal. O Espírito Santo e a Palavra bastam para isso.([21])- Mas mestres com o dom do Espírito, dados por Cristo à Igreja, podem ressaltar verdades negligenciadas, e ajudar a treinar e a inspirar outros para também se tornarem mestres. Deus quer que todos se tornem mestres, para que ensinem a Palavra aos outros. Mas, primeiramente, precisamos de mestres que nos alimentem com o leite e a carne da Palavra (Hebreus 5.12-14).

Apoio é um exemplo de mestre que "regava" o que Paulo plantara em Corinto, e que ajudava as pessoas a crescer espiritualmente, mediante seu ensino que trazia refrigério (Atos 18.27; 1 Coríntios 3.6). O seu ensino deve ter vindo com "os rios de água viva", com o poderoso transbordar do Espírito Santo (João 7.38).([22]) Lembre-se, também, que Apoio tinha um espírito apto para aprender (Atos 18.26).

Infelizmente, há os que "aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade" (2 Timóteo 3.7), líderes cegos dos cegos (Mateus 15.14), falsos mestres que negam o Senhor que os comprou (2 Pedro 2.1). A estes, Deus não poupará. Os cristãos, que amam e honram a Jesus, podem desfrutar da união no Espírito e na fé, mesmo se discordarem entre si em alguns aspectos, ou até mesmo nos seus métodos de interpretar a Bíblia. Amamos os pecadores, mesmo os que negam o Senhor, quando os atraímos de volta para Deus. Mas isso é diferente da comunhão no Espírito que desfrutamos com os crentes, comunhão esta que cresce à medida que mantemos um espírito apto para aprender.

Dons para Trazer Edificação à Igreja Local

Conforme foi indicado, os dons relacionados em 1 Coríntios 12.8-10 devem ser exercidos um por vez, em várias ocasiões e por diversas pessoas, conforme o Espírito Santo deseja. Deve ser notado, ainda, que cada um desses dons é dirigido às necessidades da Igreja, mais do que aos anseios do que é usado pelo Espírito para ministrar o dom.

Uma Palavra de Sabedoria

Trata-se de uma palavra (uma proclamação, uma declaração) de sabedoria dada para satisfazer a necessidade de alguma ocasião ou de algum problema específico. Não depende da capacidade humana nem da sabedoria natural, pois é uma revelação do conselho divino.([22]) Mediante esse dom, a percepção sobrenatural, tanto da necessidade como da Palavra de Deus, traz a aplicação prática daquela Palavra à necessidade ou ao problema do momento.

Porque é *uma palavra* de sabedoria, fica claro que é concedida apenas o suficiente para aquela necessidade. Esse dom não nos enaltece para um novo nível de sabedoria, nem nos torna impossibilitados de cometer enganos. Simplesmente nos permite usufruir dos depósitos ilimitados de Deus (Romanos 11.33). As vezes, este dom transmite uma palavra de sabedoria para orientar a Igreja, assim como em Atos 6.2-4; 15.13-21. É possível, também, que cumpra a promessa dada por Jesus, que daria "boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem" (Lucas 21.15). A prova de que Jesus falava em um dom sobrenatural (a palavra de sabedoria) é comprovada, quando proibiu a premeditação do que diriam nas sinagogas ou diante dos tribunais (Lucas 21.13,14). Isso certamente foi cumprido pelos apóstolos e por Estêvão (Atos 4.8-14,19-21,6.9,10).

Uma Palavra de Conhecimento

A sabedoria relaciona-se com o conhecimento. Logo, o dom (proclamação, declaração) de conhecimento tem estreito relacionamento com o dom da palavra de sabedoria. Perscrutando as Escrituras, vemos que muita coisa é dita a respeito da "iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (2 Coríntios 4.6), e do perfume celestial do conhecimento que Deus nos dá de Cristo (2 Coríntios 2.14).

A oração de Paulo pelos Efésios é: "Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação..." (Efésios 1.17-23). Pelos colossenses, Paulo também ora: "que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual; para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda a boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus" (Colossenses 1.9,10). Tiago conclama à demonstração do conhecimento através de boas obras em bom trato (modo de vida louvável) (Tiago 3.13).

Há grande ênfase no conhecimento da verdade, ou seja: **a** verdade revelada no Evangelho (1 Timóteo 2.4; Hebreus 10.26). O conhecimento também inclui as exigências segundo o Evangelho e a sua aplicação (1 Pedro 3.7; 2 Pedro 1.5,8). Paulo diz que os judeus tinham um zelo por Deus, mas não segundo o conhecimento (Romanos 10.2). Os que possuem o conhecimento das exigências de Deus não tropeçam por causa dos escrúpulos dos que são fracos na fé, nem levam os outros a tropeçar (1 Coríntios 8.1,8,10, comparar Romanos 14.1-18).

O conhecimento, portanto, tem a ver com o conhecimento de Deus, de Cristo, do Evangelho e da aplicação do Evangelho ao viver cristão. Paulo diz, ainda: "Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos *conhecer* o que nos é dado gratuitamente por Deus. As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina" (1 Coríntios 2.12,13).

Tudo isso se encaixa com a promessa de Cristo de que o Espírito da Verdade testificaria dele, ensinaria todas as coisas, e guiaria em toda a verdade (João 15.26; 14.26;

16.13). Há só uma conclusão possível. Uma palavra de conhecimento vem como uma declaração da verdade do Evangelho ou como a aplicação dela. É um dom que traz a iluminação sobrenatural do Evangelho, especialmente no ministério do ensino e da pregação.([24]) Deus concedeu, sem dúvida, conhecimento de fatos, através de visões e de várias outras maneiras, mas não há absolutamente alguma indicação na Bíblia de que o dom da palavra do conhecimento visa trazer revelações sobre onde achar objetos perdidos ou qual o pecado ou enfermidade de uma pessoa. Pelo contrário, oferece profundo conhecimento das Escrituras.

Um exemplo disso pode ser visto na casa de Cornélio. Os discípulos, que estavam com Pedro, ficaram atônitos, quando ouviram os gentios falar em línguas conforme o Espírito lhes concedia que falassem. Pedro, porém, viu que se tratava do selo da aprovação divina sobre a fé dos gentios, e proferia uma palavra de conhecimento naquela ocasião, e depois, no Concilio de Jerusalém (Atos 10.47,48; 15.7-11).

A Fé

A fé, como um dom, é obviamente diferente da salvífica e da fidelidade que é o fruto do Espírito. Alguns entendem que se trata da fé que move montanhas, ou do tipo da que foi demonstrada pelos heróis da fé em Hebreus 11.([25]) Mas assim como uma palavra de sabedoria é dada à Igreja para satisfazer a necessidade de um item específico de sabedoria, também este dom pode ser a transmissão de fé ao Corpo. O Espírito Santo pode usar um cântico, uma oração, um testemunho, ou a pregação como um canal para comunicar a fé ou erguer o nível da fé na Igreja. Essa comunicação da fé fez de Paulo um ministro capaz do Novo Testamento (novo concerto) (2

Coríntios 3.4-6). Capacitou-o a ajudar outros a receber o Espírito mediante a pregação da fé (Gálatas 3.2,5). Certamente, também, foi manifestada na oração uníssona que produziu um novo derramamento do Espírito em Jerusalém (Atos 4.31). Possivelmente, também tem sido expressada na forma de poder para levar a efeito outros tipos de ministério.

Dons de Curas

No grego, as palavras *dons* e *curas* estão no plural. Alguns entendem que isso significa que há uma variedade de formas desse dom.([26]) Entre os que pensam assim, há quem entenda que certas pessoas têm um dom de curar um tipo de doença ou enfermidade, ao passo que outros curam outro tipo. Filipe, por exemplo, foi especialmente usado para curar os paralíticos e os coxos (Atos 8.7). Outros, ainda, entendem que Deus dá a uma pessoa um dom na forma de um suprimento de curas numa ocasião específica, ao passo que outro suprimento é dado em outra ocasião, talvez a outra pessoa, mais provavelmente no ministério do evangelista.([27]) A cura do coxo na porta Formosa é considerada um exemplo disso (Atos 3.6,7).

Ainda outros entendem que toda cura é um dom especial([28]), isto é, o dom é para o enfermo que tem a necessidade. Logo, segundo esse ponto de vista, o Espírito Santo não torna os homens curadores. Pelo contrário, Ele providencia um novo ministério de cura para cada necessidade, à medida que ela surge na Igreja. Por exemplo, a virtude (poder) que fluiu para dentro do corpo da mulher com o fluxo de sangue trouxe para ela um gracioso dom de cura (Mateus 9.20-22). Atos 3.6 diz, literalmente: "O que tenho, isso te dou". *Isso* está no singular e indica um dom específico dado a Pedro para este dar ao coxo. Não parece significar que tinha um reservatório de dons de curas dentro de si mesmo, mas um novo dom para cada enfermo a quem ministrava.

Não há evidência de que os apóstolos conseguiam curar sempre

quando se sentiam dispostos, mediante algum poder residente de cura. Nem consideravam a cura o seu ministério principal. Lemos a respeito de milagres extraordinários pelas mãos de Paulo em Éfeso (Atos 9.11). Isso dá a entender que, em conexão com o estabelecimento das sete igrejas na Ásia, através do ministério de Paulo em Éfeso, foram realizados milagres incomuns que não aconteciam em todos os lugares. Sendo assim, Paulo não possuía em si mesmo nenhum dom automático que o tornasse um curador. Em Éfeso, Deus usou lenços (suadouros) e aventais (de serviço) tirados de Paulo, enquanto fazia tendas. Os milagres realizavam-se, à medida que esses objetos se tornaram instrumentos para os enfermos expressarem a sua fé. Não é fácil para um doente mostrar a sua fé, e Jesus freqüentemente fazia algo para encorajar a expressão ativa da fé. Em certa ocasião, até mesmo a sombra de Pedro foi um desses meios (Atos 5.15,16). Mas as maneiras empregadas sempre variavam entre si, e nunca lhes era permitido tornar-se em formas ou cerimônia. Deviam depositar sua fé no Senhor, e não nos meios usados para ajudá-los.

Isso nada tem a ver diretamente com os dons de curas. A ênfase em 1 Coríntios 12.9 recai na expressão desse dom, através dos vários membros individuais do Corpo. Não precisamos procurar um evangelista. (A obra dele visa primeiramente os pecadores). Talvez, nem sempre seja possível chamar os presbíteros (Tiago 5.14,15). Mas os dons de curas estão disponíveis a todos os membros da Igreja para ministrarem aos enfermos.

Operações de Maravilhas

Aqui, os dois substantivos em grego estão no plural e, de novo, a idéia é que muitas variedades de milagres ou atos de poder estão disponíveis. *Maravilhas* é o plural da palavra *virtude* [ou poder] em Atos 1.8, e significa atos de grande poder sobrenatural que vão além de qualquer coisa realizada pelo homem. São intervenções divinas que se distinguem das curas.

Palma afirma que *operações* é usada quase exclusivamente para a atividade de Deus (Mateus 14.2; Marcos 6.14; Gálatas 3.5; Filipenses 3.21) ou de Satanás (2 Tessalonicenses 2.7,9; Efésios 2.2). Sugere, portanto, que esse dom é especialmente operativo em conexão com o conflito entre Deus e Satanás. Esses atos de poder, que levam Satanás à derrota, podem incluir o castigo da cegueira imposto a Elimas (Atos 13.9-11) e a expulsão de demônios.([29])

Alguns entendem que esse dom envolve a ressuscitação dos mortos ou os milagres na natureza inanimada, tais como acalmar a tempestade e andar sobre as águas.([30]) Mas Donald Gee informa que faltam milagres sobre a natureza inanimada, tanto em Atos como nas Epístolas. Paulo sofreu quatro naufrágios. A descrição daquele em Malta demonstra que a providência divina conduziu todos à terra firme, mas a nado, e não mediante um milagre (2 Coríntios 11.25-27; Atos 27.43; 28.5). Há, apenas, dois registros de ressurreição de mortos (Atos 9.40; 20.10). Nos outros casos, foi-lhes indicado o consolo da ressurreição e da volta de nosso Senhor (1 Tessalonicenses 4.13-18).([31])

Tanto os dons de curas como os de operações de milagres demonstram-nos, e ao mundo em nosso derredor, que Jesus realmente é o Vitorioso. Na Cruz, o preço foi pago e a condenação de Satanás foi confirmada. Mas os resultados finais de tudo isso só serão vistos quando formos transformados e recebermos nosso corpo imortal e incorruptível, e Satanás for lançado no lago do fogo e o último inimigo, a morte, destruída (1 Coríntios 15.51-54; 15.26; Apocalipse 20.10-14). Entrementes, há dons espirituais a nossa disposição, para nos conceder um antegozo disso em curas e milagres, não conforme as exigências que fazemos, mas conforme o Espírito Santo deseja (1 Coríntios 12.11).

A Profecia

A natureza desse dom já foi estudada em conexão com 1 Coríntios 14 e com o profeta. Tudo quanto precisa ser enfatizado

aqui é que o dom estava à disposição de qualquer membro da congregação, e não apenas dos que tinham o ministério profético. De fato, por causa da edificação que a Igreja recebe através desse dom, todos são encorajados a buscá-lo. A profecia relaciona-se, também, com a iluminação dos mistérios do Evangelho. Além disso, pode haver uma variedade de expressões do dom.([32]) Mas, na maioria dos casos, parece ser dirigido ao corpo dos crentes reunidos. O sermão de Pedro, conforme já foi indicado, foi um cumprimento da promessa de Joel a respeito do dom de profecia. Mas Pedro classificou as línguas, também, como parte daquele cumprimento e, conforme indica 1 Coríntios 14, elas precisam de interpretação, para edificarem. Tendo em vista, porém, a natureza do sermão de Pedro, é possível que durante a pregação em outras ocasiões em Atos, o dom de profecia tenha estado em operação. O pregador precisa mesmo preparar-se, mas ainda poderá haver ocasiões em que o Espírito Santo lhe dará alguma coisa a mais do que aquilo que tem nas suas anotações. Se a experiência dos profetas do Antigo Testamento serve como orientação, vemos que Deus freqüentemente lidava com eles, enquanto estavam a sós com Ele, e depois os enviava para profetizar, para falar em nome dele. Através da profecia, o Espírito Santo toca nos pontos sensíveis, revela o que está oculto, e produz a convicção e a adoração, bem como o encorajamento e o estímulo à ação.C[3])

Os Discernimentos de Espíritos

Mais uma vez, os plurais indicam uma variedade de formas em que este dom pode manifestar-se. Envolve um "distinguir entre" espíritos. Posto que é mencionado imediatamente depois do dom de profecia, sugere-se que está envolvido no julgar mencionado em 1 Coríntios 14.29.([34]) O fato é que a palavra *discernimento* significa formar um juízo e se relaciona com a palavra usada para julgar profecias. Envolve uma percepção que é dada de modo sobrenatural, para diferenciar entre os espíritos, bons e maus, genuínos ou falsos, a fim de chegarmos a uma conclusão.

João diz que não devemos crer em todos espíritos, mas prová-los (1 João 4.1). Às vezes, um dom do Espírito é necessário para fazer isso. A Bíblia, na realidade, fala em três espíritos: o de Deus, o do homem e o do Diabo (com os maus espíritos ou demônios com ele associados). Na operação deste dom na congregação, parece que o espírito do homem talvez cause mais problemas. Mesmo com as melhores intenções, é possível que algumas pessoas tenham a impressão de que seus próprios sentimentos são a voz do Espírito Santo. Ou, por causa do zelo excessivo ou da ignorância espiritual de como a pessoa se rende ao Espírito Santo, seu espírito possa intrometer-se.([35])

Como os demais dons, este não ergue o indivíduo a um nível mais alto de capacidade. Nem oferece a alguém o poder de olhar as pessoas e dizer de que espírito são. É um dom apropriado para uma ocasião específica. Alguns exemplos podem ser achados, possivelmente, em Atos 5.3; 8.20-23; 13.10; 16.16-18.

Línguas, Tipos ou Famílias de Idiomas

A natureza desse dom também já foi descrita em conexão com

1 Coríntios 14. Faz parte da rica variedade de dons que operam através da multidão dos crentes, mediante o mesmo Espírito Santo. O Novo Testamento indica que era comum e considerado desejável.([36])

Os paralelos entre Atos e 1 Coríntios 14 indicam que o dom, aqui, tem a mesma forma revelada pela evidência em Atos; mas o propósito em 1 Coríntios 12 é como um dom manifestado na igreja e que necessita de interpretação para trazer edificação.

É freqüentemente chamado "linguagem extática inarticulada" por pessoas que não tiveram a experiência; mas não é assim que Paulo considera o dom. Por ele falamos com Deus. Envolve comunicação. Por ele falamos mistérios, que para Paulo sempre significa verdades espirituais (1 Coríntios 14.2). A palavra grega significa idiomas, e não meras sílabas sem sentido. ([37])

Se as línguas estranhas parecerem sílabas sem sentido, era assim que o idioma dos assírios soava para os hebreus (Isaías 28.11.13). Para os que não conhecem o hebraico, esse idioma também soaria como sílabas sem sentido. *Nosso Pai,* em hebraico, é pronunciado "a-vei-nu". "Não temerei o mal" é "lo ei-ra ra". Posto que as línguas são freqüentemente um meio de adoração e louvor, pode-se observar exclamações e repetições em muitas passagens bíblicas. Salmo 150.2: "Louvai-0 pelos seus atos poderosos", é pronunciado: "ha-le-lu-hu bi-g'vu-ro-tav". Depois, "ha-le-lu-hu" é repetido muitas vezes nos versículos que se seguem.

Não importa como as línguas soam, e nem se são idiomas de homens ou de anjos; elas significam idiomas tanto em Atos como em Coríntios. Quando falamos em línguas estranhas, o nosso espírito ora, pois ele é o meio pelo qual o dom opera e, assim, entrega a Deus nosso espírito e nossa vontade, e não apenas nossa língua e nossos órgãos vocais para a operação do dom (1 Coríntios 14.14).([38]) O resultado é a linguagem, conforme o Espírito determina que falemos.

A Interpretação das Línguas

A interpretação é usualmente considerada a transmissão do significado ou do conteúdo essencial da expressão vocal em línguas([39]) O significado básico da palavra é *tradução.* O verbo correspondente é usado para *tradução* em João 1.42; 9.7; **e** Hebreus 7.2. Mas pode significar ou tradução ou interpretação. ([40]) Mas mesmo quando significa tradução, não se trata necessariamente de palavra por palavra. A tarefa do tradutor é dar às palavras bom sentido **e** boa gramática. Por exemplo: Salmos 23.1 consiste em apenas quatro palavras em hebraico, mas em português usamos nove.

O dom, é lógico, não subentende nenhum conhecimento do idioma por parte do intérprete. É recebido diretamente do Espírito Santo, e vem à medida que prestamos atenção ao Senhor mais do que às línguas estranhas. Além disso, o dom pode chegar de várias maneiras, "ou por visão, ou por solicitude espiritual, ou por sugestão, exatamente conforme o Senhor determinar".([41]) Um passo de fé pode ser exigido, também, porque o Espírito Santo freqüentemente oferece apenas poucas palavras para a interpretação. Em seguida, depois de terem sido pronunciadas pela fé, o restante vem conforme o Espírito capacita a falar.([42])

Administração (Governos)

O plural parece indicar uma variedade de expressões do dom para cumprir as necessidades de uma posição de liderança ou de administração (1 Coríntios 12.28). Outros usos dessa palavra fora do Novo Testamento subentendem transmitir conselhos sábios. Um substantivo estreitamente correlato significa o timoneiro ou piloto do navio (Atos 27.11). Parece que subentende dirigir os negócios de uma congregação, bem como liderar espiritualmente.

Provavelmente, esse era o dom do Espírito especialmente para o principal administrador, chamado o ancião ou presbítero, em comparação com os chefes das

sinagogas, e chamado bispo ou superintendente na língua grega. Tratava-se de um oficial eleito que devia ser escolhido, não por politicagem nem pela influência de poder, mas mediante a sabedoria do Espírito dada à Igreja. Então, ele era equipado com os dons do Espírito e dependeria deles, e não apenas da sua capacidade de líder.

O plural também pode indicar que o dom estava à disposição de outros cargos que envolviam liderança ou administração.

Socorros, Atos Úteis

O plural indica, de novo, uma variedade de atos úteis que podem ser inspirados por esse dom. O verbo correspondente significa tomar o partido de alguém, vir socorrer alguém. É usado para o socorro aos fracos (Atos 20.35), e para dedicar-nos à bondade (1 Timóteo 6.2).

A palavra era usada, às vezes, nos antigos tempos como um termo técnico bancário: "contador-mor".([43]) Esse conceito se encaixava no trabalho para o qual os sete foram escolhidos em Atos 6.2,3. Ali, a palavra *mesas* significa bancas de dinheiro, e se refere a um fundo de caixa que Paulo reforçou duas vezes com as ofertas que trouxe. Ele sempre cuidava para que as finanças fossem manipuladas com cuidado, e de conformidade com as instruções das igrejas. Não há algo de "anti-espiritual" nas questões do dinheiro na obra da igreja. Isto indica, também, que os diáconos, que eram "cheios do Espírito Santo e de sabedoria" (Atos 6.3), exerciam essa responsabilidade, e o Espírito fornecia-lhes os dons que necessitavam para o seu trabalho. Eles também ministravam a ajuda da igreja aos pobres, aos fracos e aos doentes. Logo, **o** significado comum de ações úteis também se aplica ao cargo deles, conforme o vemos na Igreja Primitiva.

Ministério, Serviço, Diaconato

Romanos 12.7 usa a palavra *ministério* ou *serviço*, provavelmente referindo-se ao ministério diaconal. A mesma palavra grega é usada tanto para o ministério da Palavra como para o dos sete diáconos em Atos 6.2,4. Freqüentemente era usada para o preparo de uma refeição, e também para os vários tipos de serviço espiritual, tal como o ministério da reconciliação (2 Coríntios 5.18). Outro uso comum era o de auxílio, ou o de distribuição de auxílio aos pobres. Isso também se encaixa no exercício do diácono. Logo, o significado, aqui, do dom do ministério é mais provavelmente o dom do Espírito que capacita o diácono a cumprir sua tarefa com poder e sabedoria. Naturalmente, não **é** limitado aos diáconos.

Exortação

Embora 1 Coríntios 14.3 inclua esse dom dentro do de profecia,

Romanos 12.8 relaciona-o como um dom distintivo. Abrange as idéias de conclamar, desafiar ou fazer um apelo. É possível, também, que o verbo tenha a idéia de conciliar, encorajar amizade, levar a efeito a unidade do Espírito.

A exortação específica de perseverar até o fim e de conservar diante de nós a esperança da vinda de Cristo é outro aspecto importante desse dom. Nossa esperança é um elemento vital em nossa vida cristã, **e** embora o estudo das Escrituras seja importante para mantê-la (Romanos 15.4), o dom do Espírito pode encorajar-nos à luz dessa esperança, e pode fazê-la viver.

Contribuir, Repartir

Trata-se de dar uma parte daquilo que possuímos, compartilhar com outros, especialmente conceder aos necessitados (Efésios 4.28). Conforme indica Efésios, não se

trata primeiramente de um dom do Espírito para ajudar os ricos a distribuir as suas riquezas. Os pobres são conclamados a trabalhar com as mãos, a fim de poderem compartilhar com os necessitados. Era esse o dom ou ministério do Espírito em que todos participaram imediatamente após o Pentecoste (Atos 2.44,45; 4.34,37). Devia ser feito com singeleza, sinceridade e generosidade. Barnabé foi um dos melhores exemplos, ao passo que Ananias e Safira demonstraram o contrário.

Presidir, Dirigir, Cuidar, Dar Ajuda

Embora "presidir" seja usado a respeito do exercer a supervisão sobre alguma coisa, também é utilizado no sentido de exercer solicitude, de cuidar das pessoas, de prestar ajuda. Mais uma vez, liderar não significa dominar os outros, nem de ser tirano, mas servir.C[4]) Não se pensa, aqui, em governar no sentido de dirigir a obra do Espírito ou de destruir a espontaneidade da adoração. Esse dom, pelo contrário, ajuda nossos líderes a cuidar das nossas almas **e** leva a igreja a ser solícita na mútua ajuda, sob a liderança que Deus nos deu.

Exercer Misericórdia

Esse último dom na lista de Paulo (Romanos 12.8) tem a ver com o ministério da prática de atos de misericórdia, da ajuda ao próximo de modo gracioso e compassivo. Envolve o cuidado pessoal dos necessitados, dos enfermos, dos famintos, dos nus (daqueles que têm insuficiência de roupas) e dos encarcerados. É um dos dons mais importantes, conforme Jesus declarou (Mateus 25.31-46).

Podemos também incluir o ministério exercido por Dorcas (Atos 9.36-39). Mas, percorrendo as Escrituras, vemos o cego clamando a Jesus, pedindo um ato de misericórdia para que ele enxergasse (Marcos 10.47,51). O rico, no Hades, pediu que Lázaro fosse enviado, numa missão de misericórdia, para levar uma gota de água e refrigerar a sua língua (Lucas 16.24). O samaritano evidenciou atos de misericórdia ao homem que caiu entre salteadores (Lucas 10.37). Mas a mesma palavra é freqüentemente usada a respeito da misericórdia de Deus ao dar salvação, bênçãos **e** ministério (Romanos 11.30; 1 Pedro 2.10; 2 Coríntios 4.1). O Senhor, portanto, é rico em misericórdia (Efésios 2.4). Esse dom, portanto, pode ministrar a misericórdia e ajuda de Deus aos necessitados, quer a necessidade deles seja física, financeira, mental ou espiritual.

Esse dom deve ser transmitido com alegria, bom ânimo e graça. Cumprir esses atos de misericórdia por mero senso de dever, ou na esperança de obter uma recompensa, ou como uma expressão de bondade humana, não bastará. De fato, a eficácia de um ato de misericórdia freqüentemente depende mais da maneira de ser feito do que exatamente o quê ou quanto é feito. É necessário o dom do Espírito para ter um ministério desse tipo. Mesmo assim, esse dom, juntamente com o de repartir, é acessível a todos nós e, de fato, é útil para todos nós. Bom seria se todo cristão lesse Mateus 25.31-46. Não importa o modo de interpretação dessa passagem: **os** princípios estão sempre ali. Embora a nossa salvação não dependa de obras, se ela for real, entrará em ação. O Espírito, que glorifica a Jesus, nos ajudará a fazer todas essas coisas.

Todos os Dons são Necessários

No decorrer da História eclesiástica tem havido dependência em demasia dos recursos humanos. Enquanto houver meios financeiros, equipamentos, mão de obra, materiais e perícias técnicas à disposição, os empreendimentos são promovidos com todas as expectativas do sucesso. Mas, freqüentemente fracassam, a despeito de tudo. Por outro lado, alguns têm começado com quase nada, mas com muita confiança em Deus e uma

dependência dos dons e da ajuda do Espírito Santo, e o impossível tem sido realizado.

E algo maravilhoso aprender a usar os recursos humanos disponíveis, mas na dependência total do Espírito Santo. Os dons do Espírito são o meio primário de Deus edificar a Igreja tanto espiritual como numericamente. Nada mais consegue fazer isso.

Imagine um Rolls Royce, um Cadillac, ou um outro automóvel de luxo, com toda a parte externa, os estofamentos, as almofadas, a pintura, e talvez algumas jóias ou ouro como enfeite. Suponha, porém, que ao invés de ter motor, possuísse pedais para os ocupantes fazê-lo andar pelas próprias forças deles. E ridículo? Mas assim também é, aos olhos de Deus, a igreja que tem tanto potencial humano, belos prédios e equipamentos, organização e planejamento perfeitos, mas sem os dons do Espírito!

Assim como é para nós o dom do Espírito, o batismo com o Espírito Santo, também todos os dons nos são designados. Porque não reivindicá-los, exercê-los, depender deles? São os meios que Deus providenciou, a fim de que avancemos de acordo com o que nos foi dado por Cristo Jesus nosso Senhor. O Espírito Santo, que gosta de honrar e revelar a Jesus, ministrará o seu poder a nós e por nosso intermédio. Ele não nos decepcionará. Todos os dons, pois, glorificarão a Jesus e nos prepararão para sua vinda. Então, já não serão necessários. Mas até então, eles o são.

CONTRACAPA

"Este volume é literalmente um comentário sobre o Espírito Santo... Nele, você achará excelência exegética, firmeza doutrinária e aplicação prática. Mais do que isso, encontrará o toque inspiracional que tornará muito deleitoso consultá-lo, quer nas pesquisas, quer na leitura devocional." (Thos. F. Zimmerman, ex-superintendente Geral das Assembléias de Deus nos E.U.A.). Escrito sob um prisma evangélico e uma perspectiva pentecostal, este livro conduz o leitor a passear pela Bíblia, livro por livro, e concede uma nova visão sobre o que as Escrituras ensinam acerca do Espírito Santo. E o resultado de uma vida dedicada ao estudo da Palavra de Deus por um dos mais respeitados eruditos pentecostais dos nossos dias, e tornar-se-á um texto permanente de consulta neste campo doutrinário. O autor descreve sobre o Espírito Santo na atualidade, no Pentateuco, na História de Israel, nos livros proféticos, na vida e no ministério de Cristo, no livro de Atos, na vida cristã, no ministério da Igreja e nas demonstrações sobrenaturais.

Dr. Stanley M. Horton, *neto de Elmer Fisher, (um dos líderes do Avivamento Pentecostal registrado em Los Angeles no ano de 1906), professor do Central Bible College por 30 anos, titular das disciplinas* Bibliologia *e* Teologia *no Seminário Teológico das Assembléias de Deus em Springfield, Missouri, comentador da revista de professor de adultos da Escola Dominical, autor dos livros* Conhecendo toda Verdade, O Livro de Atos, Sempre Pronto, Está Ficando Tarde *e* Seja Bem-vindo, Jesus!